

MARVEL

VIÚVA NEGRA VERMELHO ETERNO



MARGARET STOHL

novo século®

VIÚVA

VERMELHO ETERNO

MARGARET STOHL

NEGRA

MARVEL
marvel.com
© 2017 MARVEL

novo século*
São Paulo, 2017

Black Widow: Forever red

© 2017 Marvel

All rights reserved. Published by Marvel Press, an imprint of Disney Book Group. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system, without written permission from the publisher. For information address Marvel Press, 1101 Flower Street, Glendale, California 91201.



marvel.com

© 2017 MARVEL

Equipe Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL EDITORIAL

Vitor Donofrio

João Paulo Putini

Nair Ferraz

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Rebeca Lacerda

Renata de Mello do Vale

Giovanna Petrólio

TRADUÇÃO

Caio Pereira

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Vitor Donofrio

PREPARAÇÃO

Maria Marta Cursino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Alessandro Taini

Russ Gray

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO REVISÃO

Vitor Donofrio

Monica Reis

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stohl, Margaret

Viúva Negra: Vermelho eterno

Margaret Stohl; [tradução Caio Pereira].

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

Título original: Black Widow: Forever Red

ISBN: 978-85-428-1243-5

1. Ficção americana i. Título ii. Pereira, Caio

17-0296 CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção americana 813.6

Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Este aqui vai para
Kate Hailey Peterson,
Que bota pra quebrar.
Criadora de mundos,
Romanoff em espírito.

ATO I

“O amor é para as crianças.”

| Natasha Romanoff

*Oito anos atrás
Em algum lugar
da Ucrânia*



1 NATASHA

Nos arredores de Odessa, Ucrânia.

Perto do mar Negro

NATASHA ROMANOFF ODIAVA PIROGUE – mas mais que isso, odiava mentiras.

Mentir não a incomodava. Mentir era uma necessidade, uma ferramenta de trabalho. Odiava que mentissem para ela, mesmo tendo sido criada assim.

Tudo que Ivan dizia era mentira.

Ivan Somodorov. Ivan, o Estranho. Não pensava nele fazia muito tempo, até esta noite.

Anos.

E agora, para Natasha, apoiada na lateral de um enferrujado armazém ucraniano, à beira de uma doca industrial cercada de água, até mesmo a lua parecia não passar de mais uma das mentiras de Ivan.

Bem-vinda ao lar, Natasha.

Era aquela lua em formato de pirogue que a fazia relembrar tudo isso.

Ela escalou um pouco mais enquanto se lembrava daquelas palavras, mas nem mesmo Natasha Romanoff, antes filha da Mãe Rússia e agora a mais nova agente da S.H.I.E.L.D., podia escapar de Ivan Somodorov. Assim como

também não podia escapar dos *snipers* posicionados em cada um dos telhados ao seu redor, ou do arame farpado da cerca que a circundava.

– Está vendo a lua? – perguntara Ivan, certo dia, quando ela era mais nova. – Está vendo aquele pírogo clarinho, pendurado tão baixo no céu, pesado a ponto de parecer querer cair de volta na panela de água fervente com sal do fogão do seu *baba*?

Natasha fizera que sim com a cabeça, apesar de, como órfã de guerra, lembrar-se muito pouco de seu *baba* – isto é, mais precisamente, de seus pais.

– Com uma lua dessas, seus alvos podem ver você tão facilmente quanto você pode vê-los. Não é uma noite boa para caçar, para matar. Nem para desaparecer.

Ela lembrava-se de Ivan.

Foi Ivan quem a ensinara a disparar um rifle *sniper* russo e a nunca usar nada além de uma pistola alemã, de preferência uma HK ou uma Glock, independentemente do que Natasha achava dos alemães. Foi ele quem a ensinara como trocar o barril de uma arma em segundos e como modificar o gatilho para que quebrasse feito vidro; como encobrir rastros, como esconder-se do SVR, do FSB e do FSO – e todas as organizações legítimas em que se ramificara a KGB quando deixara de ser a KGB. Esses órgãos eram os chefes dos chefes de Natasha, os grupos para os quais ela e Ivan trabalhavam, mas nunca juntos. Os grupos aos quais eles haviam prometido obedecer, mas que haviam quebrado suas promessas. Os grupos cujos nomes podiam ser mencionados nas manchetes da *Gazeta*, ao contrário do dela.

Ao contrário da Sala Vermelha. Ao contrário da equipe de Ivan e, principalmente, de suas favoritas, *Devushki Ivana*. As garotas do Ivan.

Natasha respirou fundo e girou, saltando de um lado a outro sob a luz do luar, subindo ainda mais pela parede daquele decrepito armazém. A

cobertura de metal espesso castigava suas mãos. Era um milagre ela ainda conseguir agarrar-se ali.

Um milagre e anos de treinamento.

Natasha fechou os olhos e firmou as mãos. A bem da verdade, ela nem precisava do traje aderente que vestia.

Mesmo que eu quisesse me soltar, não fui treinada para isso.

– Vou te ensinar mais do que como matar – Ivan dissera. – Vou fazer de você uma arma em si. Você será tão automática e fria quanto uma Kalashnikov, mas duas vezes mais perigosa. Somente então te ensinarei como tirar uma vida... como, quando e onde.

– E por quê? – Natasha perguntara.

Ela era jovem na época, senão teria evitado a pergunta. A menina Natasha era toda ouvidos e sombras e ângulos. Abandonada e indefesa, durante mais da metade do tempo sentia-se como um coelhinho se debatendo dentro de uma armadilha sobre a neve.

Ivan caíra no riso.

– Não por que, minha Natasha. Nunca o porquê. Os porquês são para os guitarristas e os americanos. – Ele então sorria. – Todos nós temos hora para morrer e, quando for a minha, quando te mandarem meter uma bala na minha cabeça, certifique-se de que não o faça sob uma lua pirogue.

A menina assentira, mas não sabia dizer se ele falava sério ou não.

– É tudo o que peço. Uma morte rápida. Morte de soldado. Não me envergonhe.

Essa era sua frase favorita. Dissera-a talvez umas mil vezes.

E agora, vendo a lua em formato de pirogue, Natasha resolveu que seria essa a frase que ela repetiria para ele naquela noite. Quando ela finalmente o matasse, exatamente como ele previra.

Ele não é um mártir, ela se lembrou. Não somos santos. Quando morremos, ninguém sofre. É o único jeito de terminar, para todos nós.

Ainda que houvesse mais de cem luas cheias no céu naquela noite, Natasha se recusaria a sentir pena ou tristeza por Ivan Somodorov. Não queria sentir nada, por ninguém, muito menos por ele.

Porque ele não sentia nada por você.

Natasha jogou as pernas para o alto e equilibrou-se num duto de ar, na lateral do armazém. Agora pôde obter uma visão total do edifício, o que a fez ficar desapontada. Já tinha visto canis abandonados da FSB em melhores condições que aquilo.

Não. Latrinas.

Ela estendeu a mão e agarrou outra luminária como se fosse uma alça, erguendo o corpo – mas o aparato soltou-se da parede e caiu com muito ruído lá embaixo, na doca.

Ela congelou.

Der'mo.

– Vy slyshite-to?

Abaixo, um gorducho segurança da doca foi checar a causa do barulho, com a arma ainda pendurada nas costas. Dois outros guardas o seguiram.

Destreinados. Não são do Ivan. A não ser que ele esteja dando bobeira.

Natasha sussurrou um palavrão e pressionou o corpo pendurado contra a parede enferrujada que estava sob as sombras do beiral do telhado de lata. Feixes de luz de lanterna varreram todo o armazém, centímetros abaixo dela. Ela prendeu a respiração.

Vocês não ouviram nada, mudak. É só esse armazém velho caindo aos pedaços.

Os seguranças se dispersaram.

Natasha acalmou-se, jogou-se para cima do beiral e rolou para uma claraboia muito suja. Seus movimentos agora eram instintivos, tão automáticos quanto respirar ou piscar ou o bater de seu coração. Lentamente, ela pôs o rosto contra o vidro trincado – assimilando a visão obtida durante os poucos segundos em que podia arriscar se expor. Abaixo,

tudo era escuridão, e apenas dois vultos moviam-se por entre as sombras no espaço central entre os contêineres.

Dois vultos. Um grande, um pequeno.

Dava para ver uma criança. Uma menina. Ruiva. Olhos escuros. Pela aparência, devia ter uns oito ou dez anos de idade. Eram todas iguais para Natasha. Tirando suas companheiras do Programa, a única criança que conhecera fora ela mesma – e desta ela nunca gostara muito.

A menina desviou o rosto de Ivan, que estava entre ela e a janela, e então Natasha pôde ver que a garota chorava. Agarrada a uma boneca bailarina. *Daquelas de cabeça de cerâmica*, pensou Natasha. *Do tipo que vendem na rua, em frente ao Teatro Bolshoi*. Ela tivera uma dessas, algumas vidas atrás.

Era assim que eu olhava para você, Ivan?

Pois agora, afastando-se da menina e da boneca ao dar um passo na direção da luz da lua, revelou-se então seu antigo comandante – e novo alvo.

Ivan Somodorov.

A pessoa que quase pude chamar de pai.

Natasha avançou por sobre a claraboia para olhar melhor. O que ele estava fazendo? Colocando alguma coisa na cabeça da menina. Eletrodos, talvez? Sem dúvida. Nas têmporas. Mais fios nos braços, mãos e até nas pernas gorduchinhas. Na outra ponta dos fios havia uma caixa achatada de metal, do tamanho de uma cabine telefônica, parafusada no piso de concreto, remendada e soldada na superfície, aparentemente montada com peças de muitas outras máquinas inferiores. Dela brotava uma bagunça de fios, como cordões umbilicais grosseiramente entrelaçados, que se curvavam e soltavam fagulhas para todos os lados. Os fios levavam para mais caixas e depois para mais fios, como se fossem uma parte anatômica fundamental de um organismo bem maior – de que não se via o fim.

Um experimento. Então os relatórios não estavam mentindo.

Ela é um dos projetos de Ivan. Mais uma Devushka Ivana.

Natasha ficou observando. Não se retraiu, não desviou o olhar. A cena lhe era familiar demais – embora ela tivesse sido acorrentada a um radiador em vez de presa a uma cadeira, e Ivan ainda não gostasse de eletrodos na época. Em todo caso, não fazia diferença. Ela daria um basta naquilo tudo.

Após assimilar o que acabara de presenciar, rolou de costas e levou o punho à boca.

– Alvo confirmado. Diga a MI6 que o rastreador funcionou. Informação quente.

– Vou mandar uma cesta de frutas à rainha. Nossa, você está vendo Ivan, o Estranho? Aqui em Londres, a gente o chama de Frankenstein. – A voz de Coulson crepitava do comunicador ao ouvido de Natasha. – Sujeitos humanos... é com isso mesmo que ele está trabalhando?

Natasha olhou pela claraboia.

– Pelo visto, sim.

– Ele está vivo – disse Coulson, tentando mandar bem em sua imitação de cientista maluco.

Natasha olhou para a lua em forma de pirogue. A vista era ainda melhor dali, deitada de costas no topo do armazém.

– Não por muito tempo. Vou entrar.



2 NATASHA

Armazém nas docas de Odessa, Ucrânia
Perto do mar Negro

NO INSTANTE EM QUE NATASHA ROMANOFF ANCOROU o mosquetão na armação de aço da claraboia aberta, sua mente ficou sobrecarregada. Modo de batalha. A adrenalina a acelerou, e Natasha entrou no clima, fazendo tudo do jeito como ela fazia qualquer coisa – rápida e firme, sem desculpas, sem arrependimento. Não sentiu nada ao desparafusar os painéis de vidro da claraboia do armazém nem ao deslocá-los silenciosamente da estrutura de metal que os mantinha no lugar. Sentia apenas que estava entrando.

Enquanto ela soltava o mosquetão e lentamente descia de rapel para dentro do armazém, sua mente repassou primeiro os movimentos óbvios de Ivan, depois os movimentos lógicos e, em seguida, os menos lógicos. Ela conhecia todos. Era como uma partida rápida de xadrez – que quando acabava, Natasha quase sempre era a vencedora.

Como uma Kalashnikov, pensou. Como uma Romanoff.

Isso é o que eu sou. É o que eu faço.

Seus olhos percorreram o interior do armazém, estudando o ambiente. *Então você tem cinco capangas no perímetro tentando fingir que não estão esperando por*

mim... Onde achou esses idiotas, Ivan?

Natasha desceu mais um metro para ver melhor seu alvo.

Sei que você me ouviu subindo os últimos metros de telhado até a claraboia. Foi você quem me ensinou essa tática. Qual é a sua?

Ela girou 180 graus, até poder ver o rosto da garotinha. *E quanto à menina? Parece assustada de verdade. Criança. Vulnerabilidade. Certo.*

Natasha girou um pouco mais, contando quantas pessoas via enquanto se virava. *Cabos grossos saindo das paredes, cheiro pesado de ozônio e uma quantidade assustadora de eletricidade. Certo. Vamos tentar não explodir o lugar.*

Era hora de fazer os cálculos de ataque.

O Capanga Um está há uma hora grudado em Ivan, mas fora da luz. *Aparentemente é o único capanga armado.*

Ela pareceu surpresa.

Ele está sem coldre? Essa rapaziada não tem medo de estourar as próprias bolas? Isso quer dizer que mandaram me capturar, não atirar. Natasha fez cara de tédio. *Desejo a todos boa sorte.*

O Capanga Um não será o primeiro a atacar. *Ele vai querer dar um golpe baixo, vindo por trás – se precisar –, enquanto dou conta do Dois e do Três, que virão das sete e das nove horas assim que eu chegar ao chão.*

O Quatro, pelo visto, será o mais rápido.

Os olhos treinados de Natasha encontraram o último soldado nas sombras.

O Cinco parece preguiçoso – *deve estar armado, talvez com uma faca. Com certeza com uma faca.*

Quando o Capanga Um vir os outros quatro derrubados, *vai perceber que já era, entrará em pânico e sacará a arma – olha só para ele, já está suando –, então terei que dar cabo dele. Não tem por que eu acabar levando um tiro.*

Ela tornou a olhar para o teto acima dela. Os snipers são só por garantia. Caso contrário, já teriam me atacado. Está claro que Ivan quer bater um

papo.

Natasha afrouxou a mão no cabo e continuou descendo até seu alvo. Estava mais perto agora. Dava para ver o brilho da careca de Ivan. Ele costumava raspar a cabeça todo dia, para manter o brilho. Pelo jeito, ainda mantinha o hábito. Por que será que ele estava suando?

Por que sabe que estou prestes a ir pra cima dele?

Natasha Romanoff relaxou as mãos e deslizou para o piso do armazém, tão silenciosa quanto uma aranha – mas não o bastante para enganar Ivan Somodorov.

– Pequena Natashka – disse Ivan, sem tirar os olhos da garotinha. – Hoje é noite de lua pirogue. Se quer ser tão óbvia, da próxima vez toque a campainha. – Uma tatuagem de arame farpado circundava o pescoço dele, lembrança de tempos passados numa prisão russa. – Você me envergonha.

Natasha observou o restante do que podia ver dele: jaqueta de couro barata e correntes, que, somadas à camisa suja de gola V, faziam-no parecer um mafioso.

Ela suspirou.

– Toc-toc, Ivan. Quem bate? É a S.H.I.E.L.D.

Sem expressão, o homem a fitou.

– Não entendi.

Natasha socou a cara dele o mais forte que pôde. Enquanto ele voava para trás, ela esfregou o punho.

– Foi mal. Esqueci que você não tem senso de humor.

A garotinha começou a gritar, mas Natasha não ouvia nada além de seu coração martelando em seus ouvidos. Não estava mais pensando. Não era hora de pensar. Ela era apenas puro movimento e reflexo. Ação e reação. Adrenalina. Memória muscular – e a musculatura de Natasha Romanoff tinha uma memória quase perfeita.

Os Capangas Dois, Três, Quatro e Cinco agiram exatamente como ela antevira, exceto que, com um floreio ninja, o Cinco sacou nunchakus em vez de uma faca.

– Está de brincadeira? – Ela parecia quase impressionada. – Mas aprecio a criatividade.

Ao falar, ela disparou seu ferrão de viúva e, com um raio de eletricidade, pôs o ninja para voar – não muito à ninja.

O Capanga Um atirou, mas não antes de Natasha estilhaçar o braço dele com o pé esquerdo. A bala foi para o lado, e o atirador, para o chão.

Não havia ninguém no mundo melhor que Natasha Romanoff em cálculos estratégicos de batalha.

Ivan Somodorov jogou-se na cadeira ao lado da menina e acoplou os eletrodos na própria cabeça. A máquina faiscou entre eles. Ele sorriu para sua antiga protegida, pondo a mão na alavanca da máquina.

– Você demorou demais. Fiquei esperando por semanas. Minha Natashka.

Natasha encarou-o, tentando aferir se ele mentia e o que ele queria dizer com aquilo, caso contrário. *Os capangas eram só distração. A verdadeira partida acabou de começar.*

Ivan estava indignado.

– Você vem atrás de mim numa noite de lua pirogue? E nem se lembra de desligar as câmeras de segurança primeiro? Não te ensinei nada?

– Quisera eu que não.

Afastando do rosto uma mecha revolta de seu cabelo ruivo, Natasha aproximou-se dele.

– E como você cresceu desde aqueles dias em que eu te ensinava tudo na Sala Vermelha... – O olhar do homem faria qualquer um tremer, mas Natasha nem vacilava. – Naquela época, você parecia uma *ptenets* perdida, caída fora do ninho.

Natasha ignorou-o. Não podia tirar os olhos da máquina que havia entre ele e a garota. O aparelho ostentava em si a sigla “O.P.U.S.”, em letras militares russas. Aquela tecnologia era o motivo de sua presença ali, embora a S.H.I.E.L.D. não lhe tivesse explicitado os detalhes. Não fazia muito tempo que Natasha havia se juntado à agência norte-americana, então não lhe falavam muita coisa. Tudo o que ela sabia era que estava ali para meter três balas em seu velho Yoda e empacotar aquela máquina.

– O que é essa coisa? Parece item de museu. Bem que andam dizendo por aí que Ivan, o Estranho, anda com uma pegada mais esquisita que a de costume.

Ele acenou para o O.P.U.S.

– Tecnologia da Sala Vermelha. Algo com que venho brincando desde que nossa gloriosa união do povo entrou em colapso. O Programa já teve dias melhores, sabe? Mas isso não quer dizer que não possamos pegar algumas partes e ganhar um dinheiro.

– Certo. Até onde eu sei, você não sabia nem fazer ligação direta num Yugo.

– Quem ia querer um Yugo? Estou com um Prius agora. – Ele deu de ombros. – Peguei uns físicos que foram da Sala Vermelha aqui e ali. – Ele abriu um sorriso maldoso. – Dinossauros como eu, lutando contra a extinção.

Natasha estava impassível. Ela apenas direcionou o rosto para a menina de olhos escancarados.

– E a menina? Por que está aqui?

Ivan deu de ombros.

– Isso importa? Mais uma pobre *ptenets* abandonada. – O sorriso dele ganhou ares sombrios. – Lembra-se de alguma coisa?

Natasha Romanoff apertou mais os dedos contra a arma.

– Também fui assim? Não desejada?

– Não. Você era uma pedra no meu sapato.

– Resposta errada.

Natasha esmagou-o com os dois punhos, mais uma vez liberando a picada do ferrão da viúva. Ivan contorceu-se sob a surpresa da descarga elétrica, jogando a cabeça para trás e desabando na cadeira.

Ivan ergueu o rosto. Tinha agora o olhar de um ensandecido.

– Rubro eterno. É assim que chamam o seu tipo. Você pode até ficar se gabando, mas não é mais americana do que eu.

– Não sou nada como você, Ivan.

Dizendo isso, ela apontou a arma para ele. Mas sua mão hesitou.

Atire logo. Ele merece.

Você devia ter feito isso há muito tempo.

A boca de Ivan curvou-se num sorriso maligno.

– Você é uma bomba-relógio. – O rosto dele ainda estava pálido do choque. – É só uma questão de tempo. Você não vai conseguir cortar o fio, *ptenets*. Não vai conseguir fugir de mim nem da Mãe Rússia. – Ele cuspiu o sangue que tinha na boca. – Só espero estar por perto quando você explodir.

Natasha, contudo, parara de ouvi-lo. Estava tudo errado. Algo ali não fazia sentido.

O que ele está esperando? Qual é a dele?

Natasha fitou os soldados que bloqueavam a saída do lugar. Enquanto isso, Ivan foi em busca da alavanca da máquina, posicionada entre ele e a garotinha.

É um sinal. Vai começar. Vai acontecer alguma coisa.

Natasha ouviu os primeiros disparos no instante em que ele puxou a alavanca. Ela catapultou-se para a frente, e a linha de fogo a acompanhou, incitando-a a ir na direção de Ivan, o Estranho, e de sua ainda mais estranha caixa de aço. Foram todos cobertos pelos disparos – Natasha, a garota e Ivan.

Este gritava, mas era tarde demais. Uma chuva de balas engolfou a máquina, que explodiu numa bola de fogo e fumaça negra. Ivan saiu voando por causa do impacto.

Natasha esquivou-se de alguns dos disparos, mergulhando para longe de Ivan, indo ao encontro da menina.

– Vou tirar você daqui! – gritou, estendendo os braços para libertar a garota da cadeira.

A menina gritava a cada novo tiro, debatendo braços e pernas por instinto, os olhos escancarados de medo.

Natasha libertou-a, e, por um momento, a menina ficou junto dela.

Apenas por um momento.

Antes que Natasha pudesse pôr a garota no chão, um imenso pulso elétrico brotou da máquina, fluindo pela fiação até os eletrodos, e ergueu o corpo da menina quase em pleno ar. Como ainda estava grudada na garota, Natasha foi erguida também.

Por meio segundo, Natasha Romanoff e a ruivinha desconhecida ficaram congeladas num mesmo globo de luz branca azulada.

Era isso o que ele queria. Fui direto para a armadilha.

Falhei no cálculo de batalha. Fim de jogo: zero.

Começou a doer demais pensar em qualquer coisa além da dor.

Pregos, pensou ela. Parecem pregos envenenados.

Rasgando cada parte da minha mente e do meu corpo.

Jamais fora tão exposta. Um jorro de imagens deflagrou-se em sua mente, rápido demais para que ela conseguisse processar. Seu cérebro queimava, e a dor era arrebatadora. Ela se contorcia de dor. Mas logo a luz azul se foi, e tudo o mais ardia em chamas ao redor dela. Todo o armazém pegava fogo.

Houve uma segunda explosão – muito maior que a primeira. Depois outra. E mais outra.

Natasha entendeu que a máquina O.P.U.S. não era apenas um equipamento, mas, sim, uma associação de geradores. Pelo padrão de ignição, ela julgou que quase todos os contêineres do armazém deviam constituir uma ou outra parte, tudo conectado por fios, o que significava que a onda da explosão seria maior do que ela esperava.

Muito, muito maior.

Assim como a área de destruição.

Ivan gritou, caindo no chão, com as mãos na cabeça. Uma fumaça negra desprendia-se dos eletrodos fritos na testa dele.

Morto?

A garotinha deu um berro. Natasha não hesitou.

Ela agarrou a menina e rolou por debaixo de um armário de armas, livrando-se do que restava dos eletrodos, e pôs as mãos sobre os ouvidos da criança, enquanto armário, armazém e o mundo todo giravam ao redor das duas.



3 NATASHA

Ruínas do armazém nas docas, Ucrânia
Perto do mar Negro

QUANDO TUDO TEVE FIM, Natasha chutou longe o armário e rolou de lado, ainda abraçada à garota. Seus ouvidos zumbiam. Sua visão clareou, e ela pôde assimilar o que havia restado do cenário. Chamas espalhavam-se de contêiner em contêiner. Todos os soldados estavam tombados. Os estilhaços das explosões haviam dado conta dos que ela não enfrentara.

Em todo o caso, nada disso importava mais.

Natasha olhou para a menina, deitada no piso de concreto, apagada. Sirenes berraram em todo canto assim que ela ergueu criança dentre os destroços.

A garota piscou algumas vezes e abriu os olhos.

– Está tudo bem – disse Natasha, sustentando-a nos braços e cambaleando para a porta do armazém.

Ela preferiu passar a menina para cima do ombro, ignorando as chamas que as cercavam. As chamas e as cinzas e os corpos.

– Não olhe.

Mais uma vez, Natasha xingou Coulson por envolvê-la numa missão com uma criança.

Os olhos da garota refletiam somente a sensação de perda e de medo. Ela agarrava a boneca bailarina, agora escurecida, pelo pescoço.

– *Sestra* – disse.

Irmã. Ela estendeu a mãozinha e tocou uma mecha do cabelo da Viúva Negra. Ruivo como o dela.

– Não exatamente – respondeu Natasha.

De súbito, ela quase largou a menina, pois teve uma sensação esquisita, uma espécie de calor incômodo, que lhe desabrochou dentro do peito. *Simpatia. Familiaridade. Um tipo de conexão.* Não era algo que ela costumava vivenciar, não era algo que ela sabia como sentir, como entender. E Natasha Romanoff não gostava de sentimentos que não compreendia. Não gostava de sentimentos, ponto final.

Mas sabia como era ser uma criança com aquele olhar.

Natasha baixou a voz e falou em russo, diretamente no ouvido da menina:

– Você está a salvo agora. Não sei quem é a sua família, mas prometo que vou encontrar um pessoal legal que vai te levar de volta à sua casa.

Hesitando, ela afagou o cabelo da garotinha, que ainda carregava no ombro.

– *Mamotchka* – disse a menina, com tristeza.

– Sua mãe? Ele te tirou da sua mãe?

Natasha sentiu grande pesar. Não sabia se a menina tinha familiares ou algum lugar ao qual pudesse retornar e chamar de lar. Conhecendo Ivan Somodorov como ela conhecia, as chances positivas de qualquer uma das duas opções eram quase nulas.

A menina, contudo, apenas fez que sim com a cabeça e fechou os olhos, encostando o rosto no ombro da Viúva Negra. A boneca bailarina caiu no

chão no momento em que a menina apagou, exausta. Natasha ainda podia sentir a outra mãozinha dela enrolada em seus cabelos.

Enquanto Natasha retirava a menina do armazém em chamas, patrulhas de apoio da S.H.I.E.L.D. invadiram o local feito um enxame de abelhas. A agente já conhecia o esquema. Em questão de minutos, Ivan, ou o que restara dele, pertenceria à S.H.I.E.L.D. O mesmo valia para aquela sua tecnologia, a O.P.U.S. sei lá o quê. O restante estaria estritamente relacionado à limpeza, o que não tinha nada a ver com ela. Até mesmo os agentes tinham agentes para cuidar dessa chatice.

Felizmente. Ela aguentara o suficiente de Ivan Somodorov. Não queria ver a cara dele nunca mais. Natasha Romanoff passara toda uma vida dedicando toda uma vida para conseguir se ver livre daquele homem. Ela então largou a menina nos braços de um médico, que a envolveu num cobertor. Para Natasha, o caso estava encerrado.

A menina começou a chorar, estendendo os braços em direção à sua salvadora ruiva. Natasha olhou para ela. A menina não parava. Natasha deu-lhe as costas. A menina continuou a chorar. Natasha voltou, frustrada.

– *Kak tebya zovut, devochka?* – ela agachou perante a menina e perguntou, em russo. *Qual é seu nome, menina?*

– Ava – disse a garota, fungando o narizinho. A voz dela saiu entrecortada.

Natasha assentiu.

– *Slushay, Ava. Perestan' plakat', kak mladenets. Ty uzhe bol'shaya devochka* – ela respondeu.

Traduzido grosseiramente, significa algo como: *Escute, Ava. Não tem por que chorar. Você já é uma mocinha.*

Ela tentou não se sentir mal por ter dito isso. Afinal, já lhe tinham dito a mesma coisa, não? Naquele fatídico dia, em Stalingrado, tantos anos antes,

quando seus pais morreram e ela fora levada pela KGB, indo parar depois na Sala Vermelha.

E depois com Ivan.

A menina a encarava com lágrimas silenciosas rolando pelo rosto.

Natasha respirou fundo e tentou de novo:

– *Amerikantsy otvezu tebya domoy. Oni naydut tvoyumamu. Ya obeshchayu.*

Ela não fazia ideia se o que dizia era verdade, mas disse mesmo assim. *Vão te levar pra casa. Vão encontrar sua mãe. Eu prometo.* Era o que a menina precisava ouvir, ela concluía.

– *Obeshaesh?* – questionou a garotinha. *Promete?*

– Pode acreditar em mim, Ava. Sou igual a você. Está vendo? – Natasha puxou uma mecha de seus cabelos ruivos. – *Ya kak i ty* – ela repetiu. *Sou igual a você.*

A menina tentou recuperar o fôlego, mas não conseguiu. As lágrimas não paravam de rolar.

Natasha suspirou e levantou-se, tomando a carteira de um soldado que passava, sem que ele percebesse. Ela sacou uma nota de cinco euros e deixou o restante cair no chão, depois arrancou uma caneta de um oficial sênior que transitava por ali. O homem se virou e olhou para ela, confuso.

O agente Coulson suspirou.

– Precisa de ajuda, Romanoff?

Natasha nem olhou para ele ao rasgar a nota em duas e rabiscar algo numa das metades.

– Não, Coulson, eu é que vou te ajudar. Fiz questão de deixar as câmeras de segurança funcionando. – Ela o encarou. – Tem um belo de um vídeo, seja lá o que for aquilo.

Coulson estendeu a mão.

– Ótimo. Mas quero minha caneta de volta. É uma edição limitada de 1935, uma Montblanc de olho de tigre...

Natasha fez cara de tédio e meteu a caneta de volta na mão dele.

– É uma BIC. Talvez queira pesquisar a respeito.

– Você faz as coisas do seu jeito; eu faço do meu. – Ele tomou a caneta. –

Por falar nisso, você fez um bom trabalho aqui. Segundo as informações do seu arquivo, você também foi da Sala Vermelha. Isso tudo deve ter sido bem pessoal para você. Difícil para o emocional.

– Não foi – ela retrucou, tentando passar por ele.

Coulson sorriu.

– Bom, melhor assim, então, visto que boa parte da estrutura deste lugar desabou em cima do seu amigo Ivan.

– Ele não é meu amigo – Natasha disse automaticamente. – Não tenho amigos.

– Não me diga – Coulson rebateu, dando-lhe as costas. – A propósito, você não tem amigos? Difícil para o emocional também.

Natasha olhou feio para ele.

– Só para constar, pare de fuçar no meu arquivo.

Ele nem respondeu.

Ela passou por dois médicos da S.H.I.E.L.D. até estar mais uma vez ajoelhada diante da garotinha. Falando rapidamente em russo, ela depositou metade da nota rasgada na mão da menina.

– Olha, se você precisar de mim, vá à sua embaixada e entregue isso a eles. Vou ficar com a outra metade, para me lembrar de você.

Ava fez que sim com a cabeça. Natasha sussurrou no ouvido dela, ainda em russo.

– Se você me chamar, eu venho, *sestrenka*. Prometo, irmãzinha. – E afastou-se. – Se eu consegui, Ava, você também consegue – ela disse por fim, apontando para os cabelos ruivos mais uma vez. – Beleza? Somos iguais.

Tot zhe samoye. Iguais.

Dizendo isso, Natasha foi embora.



Ava olhou para o papel que tinha nas mãos. Nele havia duas palavras escritas e um rude desenho de uma ampulheta dentro de um círculo.



O símbolo dela.

– Vou me lembrar, *moya starshaya sestra* – disse, lentamente, a garotinha.

Irmãzona.

Então os olhos dela se fecharam, e fogo e caos e morte e ruído desapareceram.

Assim como a mulher dos cabelos ruivos.

*Oito anos depois
de Odessa*

*Em algum lugar da
América do Norte*

S.H.I.E.L.D. – CASO 121A415

REF: INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

DE: AGENTE PHILLIP COULSON

PARA: DIRETOR EX-OFFICIO NICK FURY

ASSUNTO: INQUÉRITO ESPECIAL

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

CODINOMES DA S.H.I.E.L.D. PARA O CASO: REGISTRO VERMELHO,
O.P.U.S., SCHRODINGER, ODESSA, VIÚVA RUIVA, TEMPESTADE
INVERNAL

AUTORIZAÇÃO: Inquérito segue Ordem Executiva OVAL14AEE32, exclusiva do Presidente/Acesso do Congresso negado/Nota: o seguinte resumo inclui excertos de arquivos, registros, correspondências, transcrições, audiências e descobertas resultantes do Inquérito Especial da ASN S231X3P.

Resultados da autópsia dos restos do morto [pelo médico legista da S.H.I.E.L.D.] foram lacrados. Designação para Medalha Presidencial da Liberdade [citação confidencial] pendente.



4 ALEX

*Casa de Dante Cruz
Montclair, Nova Jersey*

— **PAPAI NO-EL! PAPAI NO-EL!** — berrava um grupo de crianças para o bom velhinho como se ele fosse uma *boy band* inteira.

O bom e velho Papai Noel, pensou Alex Manor. *Justin Bieber e o Natal. One Direction e o Polo Norte.* A ponta de seu chapéu de Papai Noel comprado na farmácia pendia sobre um dos olhos.

– Mas que lixo é esse? Não dá para tocar a música da rena? Do nariz brilhante? Será que dá? – soprou Dante Cruz, melhor amigo de Alex, de debaixo de seus chifres de rena de mentira. – Velho, que galera chata.

Alex, um suado adolescente de dezessete anos, com o rosto vermelho, parecia prestes a desmaiar. Já Dante – com o mesmo suadouro e a mesma idade – parecia estar curtindo muito. Os dois amigos enfrentavam-se por cima de uma pensa mesa de pingue-pongue, no que parecia ser a queda de braço do século, ou pelo menos da semana, ou, menos ainda, da festa da irmãzinha de Dante. A contenda começara como tudo sempre começava entre eles – primeiro como piada, depois como desafio, depois como aposta

– e rapidamente evoluíra para uma luta até a morte – a morte da velha mesa de pingue-pongue.

Alex Manor não tinha botão de desligar, pelo menos não quando dominado por adrenalina. Dante Cruz tinha mais autocontrole, mas era igualmente competitivo. Juntos, eram o equivalente a um fósforo aceso e uma banana de dinamite que haviam decidido tornar-se amigos – ou irmãos.

– Já chega? – perguntou Alex, fitando Dante por cima do punho.

– Ué, não está aguentando a pressão, Noel? – sorriu Dante.

Seu rosto moreno e corado brilhava com todo aquele esforço, e seu riso era contagiante. Criado em uma família porto-riquenha bem unida, Dante adotara Alex no dia em que este aparecera no clube de esgrima, dois anos antes. Talvez por seu pai ser policial, Dante sabia reconhecer um bom parceiro quando via um. E, definitivamente, por seu pai ser capitão de polícia, nunca havia festas na casa dos Cruz – nem mesmo essa versão festiva para menores –, a não ser que os pais estivessem fora da cidade.

– Pressão? Que pressão? – questionou Alex, rangendo os dentes.

Alex era tão belo quanto Dante, mesmo com mechas do cabelo escuro penduradas sobre os olhos, ainda mais escuros. Bem mais alto que seu compacto amigo, o esguio Alex não tinha nada de coroinha, mas também não fazia o tipo maloqueiro. E, se havia algo de desajustado nele, uma aspereza ou intranquilidade que parecia assombrá-lo de dentro para fora – algo que o deixava com olheiras e com o reflexo assustadiço de um filhote de lobo enjaulado –, o próprio Alex seria o último a saber do que se tratava e de como resolver a questão. Alex Manor estava bem na beirada do abismo, mas a salvo, pelo menos por hora.

Bem na beirada, tanto na vida quanto na queda de braço.

O braço de Alex inchou-se sob a camiseta gasta e, quanto mais ele o forçava contra o braço de Dante, mais sua tatuagem aparecia de debaixo da barra do tecido. Era circular, vermelha e preta, e o desenho no interior do

círculo tinha a forma de uma ampulheta. Não havia ninguém na escola que não soubesse o que significava aquela tatuagem: era o símbolo da Viúva Negra, que havia se tornado uma heroína para jovens em todo o mundo, assim como o Homem de Ferro, o Hulk e o Capitão América. Era uma tatuagem bacana, todo mundo dizia, e Alex também achava isso, mesmo que sua mãe não concordasse. O importante era que ele curtia, afinal. O que Alex jamais contara a ninguém, porém, era que ele não fazia ideia de como conseguira a tal tatuagem. Ficara tão assustado quando acordou um dia com ela que teve um surto agudo de pânico e não conseguiu dormir por uma semana. *Só mais um motivo para não beber e não fugir da escola, pensou. Mas era de se esperar que eu me lembrasse de uma coisa como essa.*

Alex franziu o cenho e fez mais força.

– Cara, eu tô muito louco – disse Dante.

– De energético? Numa festinha de pirralho? – Alex rangia os dentes, fazendo força contra o braço de Dante. – Essa é sua estratégia de combate? Mais cafeína?

Alex inclinou-se contra o amigo.

– Melhor do que mais batatinha – respondeu Dante, ficando com o rosto ainda mais vermelho.

Alex de fato tinha um apetite sem fim por guloseimas, e ele não conseguia evitar o riso quando o amigo o lembrava disso – o que Dante estivera justamente apenas esperando a oportunidade de fazer. Ele então avançou, forçando o braço de Alex a quase tocar a mesa.

Nesse momento, Alex contra-atacou, repassando mentalmente suas opções de vitória enquanto jogava mais e mais seu peso contra o oponente. *O Dante é como um disco riscado. E agora está sem equilíbrio, ou seja, está quase na hora. Espere um pouco... ainda não... deixe-o avançar um pouco mais. Quase lá. Quase. Três. Dois. Um...*

Alex encostou o braço de Dante no topo da mesa, fazendo-o desabar entre eles. Dante caiu de costas numa bagunça de redes e compensado pintado, e Alex ficou de pé num pulo, erguendo os braços no alto.

– Vence o Papai Noel! O Natal foi salvo mais uma vez! E a galera vibra!

Com essa deixa, a plateia loucamente cafeinada, bêbada de energético e malucona de açúcar – todos alunos do oitavo e do nono ano – pirou ainda mais.

Dante resmungou de desgosto.

Alex ignorou-o.

– Obrigado, alunos da escola Montclair, muito obrigado – Alex agradeceu, acenando para seus fervorosos fãs, alguns reais, outros imaginários, como um futuro Tony Stark. – Estão todos fora da minha lista negra. – A galera vibrou. – Bebida na faixa para todos!

– Na faixa, não, na poça – disse Dante, do chão, coberto de copinhos de plástico vermelho, ao lado da mesa de comida. – Ou vai ver é só impressão minha, já que estou deitado aqui nessa molhadeira.

– É, em termos técnicos... – disse Alex, sorrindo, fuçando nas muitas embalagens de pizza em busca de uma fatia restante.

Assim que encontrou uma – *pepperoni* –, mergulhou a ponta do pedaço no molho das asinhas de frango apimentadas. Como de costume, quanto mais algo lhe fazia mal, mais ele gostava, e naquele momento a pizza era sua melhor opção.

Dante resmungou.

– Tá zoando! Você me dá nojo.

Alex deu de ombros.

– Tô nem aí.

Ele ainda estava de boca cheia quando um barulho distante chamou sua atenção. Ele então contemplou a escuridão do jardim, olhando para além das fileiras de luzinhas coloridas penduradas no telhado e do bando de

renas que puxava um trenó falso pelo gramado. Parecia o som de um galho partindo ou, quem sabe, de um animal.

– Ouviu isso?

Por um segundo, parecia que tinha alguma coisa se mexendo nas sombras do cercado mais ao fundo da casa. Alex estreitou os olhos. *Tem alguma coisa lá atrás.*

– Você tem um cachorro agora, D?

– Tenho, chama-se minha irmã – disse Dante, dando uma piscadinha. Ele ainda estava deitado no chão. – Por quê?

Alex franziu o cenho.

– Nada. Acho que ouvi um cachorro de rua.

– Não, não. Não é de rua, ela é nossa mesmo – Dante brincou, sorrindo.

A irmã de Dante, Sofi – uma bela garota que vestia uma camiseta do Thor –, foi até o irmão e o cutucou nas costelas com sua sandália plataforma.

– Você me chamou de cachorro? Fala sério! Quem é que comia ração em troca de dinheiro, Dante Cruz?

– Você fazia isso? – Alex já estava rindo.

Dante rolou de lado.

– Eu tinha oito anos!

Sofi viu a mesa de pingue-pongue quebrada.

– O papai vai surtar. Ele ainda está bravo porque você destruiu todos os ancinhos dele com aquela sua brincadeira idiota – disse a menina, inconformada.

– Ancinhos? Está falando das espadas medievais? – Dante retrucou, insultado. – E o nome é RPG em *Live Action*, sua peste. É um esporte. – Ele agarrou a irmã pelo tornozelo. – Vá lá encher o saco dos seus amiguinhos elfos, vai...

– Cala a boca, Rudolph. – Sofi pegou uma garrafa de refrigerante de cima da mesa de cartas e serviu-se de um copo. – Por que você anda com o

meu irmão, Alex?

Alex limpou as mãos engorduradas na calça jeans.

– Caridade. Pena. Porque sou gente boa – ele brincou.

Dante resmungou.

– Diga isso à mesa quebrada.

– Ok, sou um pouco... competitivo.

Alex ficou envergonhado. Procurava esforçar-se, mas não conseguia se conter – não quando seus instintos o dominavam.

– Um pouco? Se eu sou o cão, você é o pit bull, cara – disse Dante, erguendo-se nos cotovelos.

Sofi acenou com o copo para os meninos.

– Pelo menos vocês têm um ao outro. Não vejo como qualquer outra pessoa poderia querer andar com vocês. Ah, espera aí... ninguém quer.

Dizendo isso, a menina jogou o refrigerante do copo no rosto do irmão. Dante avançou para o tornozelo dela, mas ela fugiu.

Alex percebeu a luz da varanda da casa ao lado piscar por um segundo, como se algo tivesse acabado de passar por ela. Ele, contudo, não deu bola. *Isso é paranoia sua. Deve ser só o Papai Noel com suas renas voadoras.*

Ainda assim, ele não conseguia tirar os olhos das sombras próximas à cerca-viva. *E se houver mesmo alguma coisa lá fora?*

Na outra ponta do jardim, bem além das sombras, uma mão protegida por uma luva negra colocou a cerca-viva de volta ao lugar onde estava. Risos distantes ecoavam por cima de uma música sazonal que tocava baixinho – sons vindos da festa de outra pessoa.

Eram sons de estranhos se divertindo, de uma festa ocorrendo como deveria, pelo menos para as pessoas comuns, cotidianas.

Mas não para todas.

Um rosto mergulhou de volta nas sombras, deixando para trás o mundo de cercas-vivas e jardins e copinhos vermelhos. Alex Manor estava certo:

havia alguma coisa lá fora, ainda que tivesse mais a ver com o destino do que com renas voadoras.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA, AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: O menino. Vamos começar pelo menino.

ROMANOFF: Sim, senhor.

DD: Parece que, se retomarmos esta montanha de papelada que a S.H.I.E.L.D. forneceu tão cuidadosamente, concluiremos que ele não teve nada a ver com isso.

ROMANOFF: Pelo visto, não.

DD: Era esse o caso?

ROMANOFF: [pausa] Isso é informação confidencial, senhor.

DD: E esta é uma audiência confidencial do DD para MES, agente, não é?

ROMANOFF: [afasta-se do microfone]

DD: Agente Romanoff? Gostaria de lembrá-la de que está sob juramento.

ROMANOFF: Olha, chega de enrolação, senhor. Eu sei o que eu fiz e sei por que fui responsabilizada. Se quer saber onde é que as coisas começaram a dar errado, tudo começou comigo e com Ava. É isso o que queria ouvir?

DD: O que quero ouvir, agente, é o porquê.

ROMANOFF: Isso é tão... americano.

DD: Estou esperando.



5 AVA

*Porão da YWCA de Fort Greene.
Brooklyn, Nova York*

QUANDO AVA ORLOVA ABRIA OS OLHOS PELA MANHÃ, tudo o que ouvia era O lago dos cisnes. Quando ela era bebê, a mãe sempre cantarolava Tchaikovsky ao ninar a filha – e, mais tarde, com Ava um pouco mais crescida, quando a colocava para dormir, à noite.

Isso era tudo o que havia restado de sua mãe. Ava não sabia o que tinha acontecido com ela nem com seu pai. Sabia apenas que haviam partido e que ela, na época em que deixara Odessa, muitos anos antes, não tinha mais motivo algum para ficar.

Ava sentia o chão duro debaixo de seu colchão fino e grumoso, que definitivamente não tinha nada de cisne. O frio irradiava-se, e a menina então puxou o saco de dormir (que roubara do abrigo para sem-teto de Auburn) até os ombros, tremendo.

Exceto por um gato magrelo de barriga igualmente magrela – Sasha –, Ava estava sozinha em seu indefinível cômodo.

E, possivelmente, no mundo.

Uma única lâmpada pendia no teto do quarto – se é que se podia chamar aquele cômodo de quarto. A altura das janelinhas dava a primeira pista de que aquele quarto improvisado era, na verdade, um porão. A segunda pista era composta pela poça d'água sempre presente no piso de concreto, pelos papéis reciclados colados nas paredes e pelos sacos de latas e garrafas velhas espalhados por ali.

Parecia uma cela de prisão, mas Ava não era uma prisioneira. Não tecnicamente, já que ela não estava dentro de nada que se parecesse com uma cadeia. Pelo menos, não mais. Quando a S.H.I.E.L.D. a trouxera para este país, levaram-na para três lugares: um jogo de beisebol (para que vivenciasse o que era a América do Norte), uma loja de departamentos (para que ela comprasse roupas norte-americanas baratas) e ao 7B (uma instalação militar descontinuada que ainda assim tinha cara de cadeia). Este último, quase um esconderijo secreto, não tinha nome, então Ava pensava nele como 7B – a inscrição que via na porta de aço reforçado do quarto. Por cinco anos vivera ali, e seus únicos companheiros foram uma entediante rotação de tutores e seguranças, um televisor antigo que não saía do canal do governo e um suprimento infinito de macarrão com queijo de micro-ondas.

Nunca mais.

Ava estava sozinha fazia três anos agora, e ela jamais olhara para trás, desde seu aniversário de catorze anos, quando escapara do 7B apenas com o que conseguira roubar e enfiar numa mochila velha. Ava não considerara muito tal ato como roubo – estava mais para sobrevivência. Além disso, ela passara anos furtando pequenas quantias de dinheiro das jaquetas dos seguranças daquele local, constatando depois que tinha mais do que o bastante para comprar uma passagem de ida para Nova York, onde pulou de abrigo em abrigo até encontrar um lugar no qual pudesse ir e vir conforme quisesse. O benefício de morar num frio porão da YWCA, uma associação

de moças cristãs, era que ninguém notava quando ela saía nem se preocupava com quando ela voltava. Liberdade e independência eram as vantagens de ser uma fugitiva.

Agora Ava estava com dezessete anos e quase tão magra quanto a gata Sasha, que já morava no porão quando ela se mudou para lá. Os cabelos de Ava tinham a mesma cor de canela de quando era menina e vivia em Odessa, mas as duchas frias nos banheiros públicos do andar de cima davam pouco tempo para coisas como condicionador. E pente. Por isso, ela vivia com seus ruivos cachos soltos e enrolados em nós selvagens. Ava faria de tudo por um banho quente – não que tivesse tomado muitos desde que deixara a custódia da S.H.I.E.L.D. (Não que tivesse tomado muitos antes disso também, pois não dava para contar com água quente na Ucrânia muito mais do que na YWCA de Fort Greene.)

Sasha miou. Ava rolou de lado. Ela tirou um caderno antigo de debaixo do colchão e puxou um lápis de dentro da espiral, então começou a desenhar rapidamente, sem tirar os olhos da folha. Ela desenvolvera o hábito de desenhar o que havia sonhado no instante em que acordava, quando era possível, isto é, caso tivesse cama, papel e um pedaço de carvão ou um lápis – o que nem sempre tinha.

A gata mordiscou uma das pontas da folha, e Ava puxou o papel sem nem olhar. Ela já tinha um esboço do rapaz que vira em seu último sonho. Era o mesmo rapaz de sempre, o de olhos negros e tatuagem no braço. *Menino da tatuagem*. Era assim que Ava o chamava, pelo menos para Sasha, e às vezes para Oksana, quando falava dele. Ela nunca havia mostrado os esboços a Oksana, embora esta fosse a única amiga que Ava fizera no país. Não sabia como explicar o fato de sonhar tanto com uma pessoa que ela apenas sentia que conhecia, mas, de qualquer modo, depois da partida de Ava, Oksana ficara no abrigo de Auburn, então a amiga quase nunca a via desenhando de manhã.

A mão de Ava traçou uma curva na folha, e detalhes em grafite tomaram forma. A curva do nariz, as linhas largas do queixo pronunciado, as maçãs do rosto; os olhos negros e amplos, o modo com que os cabelos encaracolavam em ondas revoltas, quase escondendo o rosto dele.

Ela o desenhou nos fundos de um jardim cheio de gente, olhando diretamente para ela.

Meu Alexei.

Alexei Manorovsky.

Era esse o nome dele, pelo menos em russo, que continuava a ser o idioma falado nos sonhos de Ava. Ela ouvia alguém chamá-lo de Alex, mas ela considerava esse nome esquisito e curto, como se faltasse alguma coisa. Em seu último sonho, ela o vira de braços erguidos, comemorando a vitória em alguma brincadeira. Parecia que ele estava se divertindo com os amigos, e ficar assistindo a tudo fez Ava se sentir ainda mais sozinha.

Você não precisa de amigos, Ava. Precisa do seu cérebro. Precisa ficar forte como um touro e afiada como uma navalha. Prometa que vai fazer isso.

As últimas palavras sussurradas por sua mãe invadiram a mente de Ava, enquanto ela encarava o desenho na folha. Como uma das mais importantes físicas quânticas do Leste Europeu, a Dra. Orlova aprendera do modo mais difícil a lutar por tudo o que conquistara.

Outra voz então se intrometeu nas lembranças de Ava, embora ela tentasse ignorá-la, como sempre fazia.

Se eu consigo, Ava, você também consegue... Somos iguais.

Tot zhe samoye. Iguais.

Foi o que aquela mulher de preto lhe dissera antes de desaparecer. Mas Ava não era igual a ninguém – principalmente àquela mulher –, e ela sabia disso agora. Era sozinha, e para sempre seria. Tinha de manter-se forte e afiada.

Porque minha mãe estava certa.

Com um suspiro, ela acrescentou um detalhe final ao desenho – o gorro de Papai Noel do rapaz.

– Feliz Natal, Sasha.

A gata miou em resposta, cutucando timidamente o papel com a patinha.

Ava coçou o queixo de Sasha com uma das mãos e folheou o caderno com a outra. Aquele era o único registro de seus sonhos malucos, algo que vinha fazendo há anos. Se ela mesma não tivesse desenhado tudo aquilo, não acreditaria no que via. Alexei estava em quase todas as páginas. Lutando esgrima, no *kickboxing*, andando de moto com um amigo; olhando pela janela da sala de aula, brincando com um cãozinho de olhos castanhos. Ava esfregou o carvão com o dedo, borrando as suaves linhas de seus desenhos.

Quem é você, Alexei Manorovsky?

Por que só vejo você nos meus sonhos?

E o que você tem a ver comigo?

Sem responder às perguntas, ela virou a página. Lá estava o seu lar. Odessa e, antes disso, Moscou, e tudo o que se lembrava dos dois lugares.

O rosto da mãe por cima do colarinho do jaleco.

Maçãs assadas.

Sua boa e velha boneca bailarina, a da cabeça de cerâmica. Karolina. A boneca fora um presente dos pais, perdido havia muito tempo.

Aqueles eram os raros momentos resguardados de sua infância – as muitas contas espalhadas de um colar partido e desfeito.

Ela queria poder se lembrar de mais.

Ava passou para mais um desenho, para lembranças mais sombrias.

O armazém em Odessa onde perdera tudo, anos antes.

O careca com o arame farpado desenhado em volta do pescoço – o monstro que tirara tudo o que ela tinha. Ava sempre o desenhava com vagos olhos negros, como os de um demônio.

Porque ele era um.

Ela não conseguia se recordar de muita coisa, mas se lembrava dos olhos negros que a provocavam. *Ninguém vai vir te salvar, ptenets. Ninguém te quer. Ninguém se importa.*

Nem mesmo sua preciosa mamotchka.

Ava virou mais páginas, forçando sua mente a seguir adiante, para outras coisas.

Como as palavras-fantasma.

Além dos esboços, Ava também rabiscara estranhas palavras por todas as margens das páginas. Algumas apareciam repetidas vezes, como se fossem as únicas peças remanescentes de um quebra-cabeça. Ela não sabia o que significavam, apenas que evocavam seus sonhos, suas lembranças, seu passado. Sua cabeça até doía ao ver os arranjos familiares das letras, tamanha a frequência com que ela as analisava.

KRASNAYA KOMNATA.

O.P.U.S.

LUXPORT.

Era sempre a mesma coisa. Ava não se lembrava de nada sobre as palavras, a não ser que tinham vagamente a ver com a noite em que a S.H.I.E.L.D. a encontrara nas docas, em Odessa. Lembrava-se de muito pouco além disso, nada que fizesse sentido. E, além dessas quatro palavras, havia ainda mais uma coisa.

Um pedacinho de papel sem sentido.

Sasha arranhou a beirada da folha do caderno.

Lá estava ele, na última página, onde ela o havia guardado quando parara de carregá-lo dentro do bolso. Era a única coisa que tinha lhe restado de sua vida na Ucrânia, além de uma ou duas fotos meio apagadas: uma nota de euro velha e rasgada ao meio, com duas palavras rabiscadas e uma imagem, o desenho de uma ampulheta.

VIÚVA NEGRA.

O sinal que evocava Natasha Romanoff. A mulher de preto que lhe assombrava os sonhos antes mesmo do Menino da Tatuagem.

A pessoa que a salvara do maluco que assassinara sua mãe – apenas para deixá-la largada sob custódia, trancafiada e esquecida, mais uma indesejada refugiada vinda do outro lado do oceano.

Fora a Viúva Negra que lhe dera esta vida, este privilégio, de não ter casa nem mãe, de viver sozinha. Sempre uma estranha numa terra estranha.

Ava sabia que consideravam Natasha Romanoff uma heroína. Ela e os amigos superpoderosos dela deviam cuidar da humanidade. Natasha Romanoff devia cuidar de *Ava*.

Se você chamar, eu venho, sestrenka. Prometo, irmãzinha.

Ava chamara. Ava, agarrada à nota velha com o desenho da ampulheta, procurara por Natasha. Mas Natasha Romanoff nunca viera por ela.

Natasha Romanoff era uma Vingadora, e Os Vingadores eram melhores que todos os outros. Pelo menos era assim que o mundo pensava. Somente Ava sabia que nada disso era verdade.

A Viúva Negra jamais seria uma heroína para Ava Orlova.

Ela era apenas uma decepção.

Mais uma.

Sasha saltou do caderno e foi aninhar-se em seu posto de costume: os ombros de Ava.

As pessoas decepcionam umas às outras, até mesmo os heróis. Essa lição, Ava nunca esqueceu. *Forte como um touro e afiada como uma navalha.* Agora ela era assim.

Sua mãe teria se orgulhado.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então você sabia que havia um problema mesmo antes de fazer contato com o alvo?

ROMANOFF: Não, senhor. Não sabia.

DD: Mas ela estava tendo aqueles sonhos. Estava recriando lembranças. Estava claramente sintomática.

ROMANOFF: Não sou terapeuta, senhor.

DD: [risos] Jura?

ROMANOFF: Depois que o alvo desapareceu do escritório da S.H.I.E.L.D., não tínhamos como saber como ela estava, muito menos sobre seus sintomas. Não sabíamos nem onde ela estava.

DD: Está me dizendo que uma instalação administrada por *espíões* não conseguiu segurar uma garota?

ROMANOFF: Você que está dizendo, senhor.

DD: E o garoto?

ROMANOFF: Como eu disse...

DD: Eu sei, eu sei. É confidencial. Muito engraçado.

ROMANOFF: Não tem nada de engraçado nessa situação, senhor.

DD: Isto não se trata de uma audiência, agente, se você não me disser alguma coisa.

ROMANOFF: Você não vai gostar.

DD: Eu raramente gosto.



6 ALEX

*Casa de Alex Manor
Montclair, Nova Jersey*

NA MANHÃ SEGUINTE, alguém batia na porta antes mesmo de o alarme do despertador tocar. O antigo rádio relógio então tocou uma música velha, “Ninguém ama o Hulk”, dos Traits. O aparelho berrava na escrivaninha ao lado da cama de Alex, mas o garoto nem se mexeu com o barulho.

Na verdade, ele continuou roncando.

Alex ficara acordado até tarde fazendo as malas para a viagem, motivo pelo qual seu quarto agora apresentava o visual assolado por um tornado, com roupas jogadas por todo lado (limpas e sujas, como se precisassem ficar separadas), pilhas de gibis e colecionáveis amontoados em todas as estantes (mas não nas embalagens originais – Alex não queria ser desse tipo) e um pôster um tanto incomum do Homem de Ferro pendurado num canto. (Não parecia um problema para Alex ver o rosto de Taylor Swift colado no corpo de Tony Stark. Taylor Stark era a piada mais recorrente de Dante.)

No outro lado do quarto, uma fileira de medalhas de esgrima pendia do varão da cortina, que começou a balançar quando as batidas na porta ficaram mais audíveis que o rádio.

– Alex! Desliga isso. Você já está atrasado para o ônibus!

A voz da mãe era pior do que mil alarmes tocando de uma vez. Era capaz de acabar com um sonho na mesma hora.

Alex resmungou.

– Mas também estou adiantado para o ônibus de amanhã. Pensa nisso.

A brincadeira só gerou mais batidas na porta. Ele então abriu um dos olhos e fuçou em seus lençóis.

Achei.

Ele tirou dali uma maçã comida pela metade e a arremessou no rádio, que continuava tocando sobre a escrivaninha. O aparelho explodiu em pedacinhos – mas pelo menos a música cessou. O garoto tinha melhor mira que discernimento.

Alex sentou-se.

– Para de gritar. Para o seu governo, eu já estou vestido.

O garoto saiu da cama só de cueca, tremendo de frio assim que pôs os pés no chão gelado. A sensação trouxe de volta o pesadelo daquela noite – estava perdido numa floresta, no inverno, afundando mais na neve a cada passo que dava, até estar imerso até a cintura no gelo branco, com apenas árvores nuas e um céu alvo ao seu redor.

E daí a neve cobriu a minha cabeça e não deu mais para respirar...

Nem parecia sonho. Foi tão real que parecia mais uma lembrança. Seus pés estavam praticamente dormentes de tanto frio.

– Não estou ouvindo você se mexer – gritou a voz de detrás da porta, interrompendo-o.

Alex pôs-se em movimento.

A mãe parou o filho na porta de entrada da casa, arrancando os fones dos ouvidos dele. Alex reparou em como a mãe estava vestida: calça jeans e um moletom estampado com uma gatinha dançando hula-hula.

– Blusa nova?

Não era, e o modo com que ele perguntou tinha entregado a brincadeira.

A Sra. Manor fez cara de poucos amigos. Ela era agente de viagem e tinha blusas de diversas partes do mundo com exóticas estampas de gato. Na que usava agora, estava escrito “RAIA MIAU-NA KEA, HAWAII”.

Não podia ser diferente.

A mãe de Alex acreditava piamente que todo mundo precisava muito de alguma coisa, e, pelo visto, no caso dela, eram gatos e viagens – de preferência gatos *em* viagens. Stanley, seu gato malhado, ia a todo lugar com ela.

– Não esqueceu nada? – ela perguntou, convencida, mostrando ao garoto uma passagem de ônibus.

– Nadinha. – Alex meteu a passagem no bolso e pegou a mala da esgrima no cantinho perto do armário, porque também havia se esquecido dela. – Valeu, mãe.

– O ônibus sai logo depois da aula. Você vai direto para a Estação Penn. Fique junto da equipe. Não se afaste dos treinadores. Se tiver algum problema, vou estar na casa do seu avô.

A Sra. Manor parecia estressada. Pelos cálculos de Alex, isso possivelmente tinha algo a ver com o campeonato anterior, quando a equipe toda foi pega brincando nos caça-níqueis de Atlantic City.

Alex sorriu.

– Que problema? É a Copa da América do Norte, mãe. Não uma zona de guerra.

Ela apenas sacudiu a cabeça.

– Você é um ímã de problemas, Alexander Manor. Tá no sangue. Todo lugar em que você coloca os pés vira uma zona de guerra.

– Mas não... – Alex checou a passagem. – ... Filly.

Pelo jeito, ele estava a caminho da Filadélfia. Tratou então de registrar uma ideia na cabeça. *Sanduíche de carne.*

O garoto abraçou a mãe da melhor forma que pôde, com a mochila nas costas e arrastando a mala.

– Vou me comportar. Nada de problemas. Nada de guerra. Nem uma briguinha.

– Sem brigar, sem morder – disse ela. – Sem cartão preto, desta vez. Por favor. Nem mesmo vermelho.

– Prometo.

– Não prometa. Acho que nós dois sabemos que isso só nos trará decepção. – Ela soltou um suspiro. – Melhor pegar leve na promessa.

– Que tal: não vou ser preso? Acho que isso eu posso prometer. – Alex beijou a mãe no rosto. – Volto no domingo. *Não* limpe o meu quarto antes de eu voltar. Vou perceber se você jogar alguma coisa fora.

A Sra. Manor deu de ombros, imperturbável.

– E eu já disse que vou ligar para o Acumuladores. Se eles resolverem nos visitar, não vou fazer nada para impedir.

– E eu já disse que é uma coleção. Não pode jogar nada fora. Taylor Stark. Jabba, the Hutt. Nem um único Vingador. – Alex sorriu, maroto, e a mãe deu de ombros, sorrindo também. – Promete?

Ela respondeu enfiando na boca dele a rosquinha matinal de sempre.

Quando Alex chegou à calçada, o sorriso de sua mãe esvaneceu. Por um momento, a Sra. Marilyn Manor pareceu ser feita de aço. Quando Alex virou a esquina, ela pegou o celular e digitou alguns números. Depois foi um pouco adiante na varanda para escanear a rua com o olhar, como se procurasse por algo. Seus olhos dispararam de carro em carro, de cerca em cerca, de telhado em telhado. Se havia algo por ali, ela pareceu não enxergar.

Tremendo mesmo usando moletom, a Sra. Manor guardou o celular no bolso.

Atrás de uma chaminé nas redondezas, alguém que usava luvas pretas baixou um par de binóculos. Não havia dúvida. Marilyn Manor estava preocupada com o problema certo, mas estava procurando no lugar errado.

Havia alguém de olho na família Manor. Esse era o *problema* do momento. E se atrair problemas estava mesmo ou não no sangue de Alex Manor, como suspeitava sua mãe, não fazia diferença. Havia muito mais com que se preocupar agora do que com um bando de adolescentes soltos em Atlantic City.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então estávamos de olho no garoto?

COULSON: Não, senhor. Que eu soubesse, não.

DD: Nem a S.H.I.E.L.D., agente Coulson?

COULSON: Digamos que, seja lá o que estava acontecendo com Alex Manor, ou como preferir chamá-lo, isso não estava ao meu alcance.

DD: Estava ao alcance de quem?

COULSON: No meu, não. É tudo que eu sei.

DD: E a garota? Ava Orlova. Quando a encontrou pela primeira vez?

COULSON: Em Odessa, acho. Quando Ivan Somodorov queria colocá-la no micro-ondas. Do restante você já sabe. A refém resgatada. E depois Filly.

DD: Ah, o que nos leva a Filly.

COULSON: Nada daquilo foi culpa dela.

DD: Porque ela era uma adolescente comum? Difícil de acreditar.

COULSON: Ava Orlova nunca foi uma adolescente comum. Se fosse, não estaríamos tendo esta conversa, certo?

DD: Responda você, agente.



7 AVA

YWCA de Fort Greene.
Brooklyn, Nova York

– PROSYPAZYA, AVA! ACORDA!

O toque de uma espada de esgrima no peito trouxe Ava de volta à realidade. Quando abriu os olhos, seu devaneio mais recente esvaneceu.

O Menino da Tatuagem disse adeus à mãe, uma mulher de olhar estranho, endurecido. Mas há outra coisa. Uma pessoa. Vendo tudo do outro lado da rua.

Uma pessoa armada.

A lâmina da espada a atingiu mais uma vez, e Ava flagrou-se automaticamente chutando a parte inferior da perna estendida de seu adversário – que foi derrubado chão abaixo. O coração de Ava martelava no peito.

Isso é novidade.

Ava fez uma cara esquisita para sua amiga Oksana, que estava deitada de costas no tablado de madeira.

– Foi mal. Não sei por que fiz isso.

– Não interessa *por quê...* mas *onde* você aprendeu a fazer isso!

Oksana Davis estava rindo – Ava podia enxergar o rosto da amiga, os olhos castanhos brilhantes e sua pele morena, por detrás da rede da máscara. Ela estava surpresa.

– Em lugar nenhum. Aconteceu naturalmente, eu acho.

Ava tirou a máscara. Sabia que não tinha dado uma explicação muito boa, mas era a verdade. Nos últimos dias, todo tipo de coisas andavam *acontecendo naturalmente* com Ava, e ela não sabia explicar nenhuma delas.

– Nossa, suas aulas tão começando a dar muito resultado – disse Oksana, sentando-se.

A associação cristã começara a dar aulas básicas de esgrima dois anos antes, e Ava e Oksana faziam de tudo para não perder nenhuma. Permitiam-lhes que usassem o equipamento sempre que quisessem, então acabavam passando muito tempo por lá. Quase todas as tardes, para ser mais exato, quando as aulas para crianças ou para aposentados não estavam acontecendo na sala.

As duas amigas se apegaram rapidamente ao esporte. Nenhuma delas jamais sentira pertencer a algum lugar no mundo e, aos poucos, foram criando o hábito de, juntas, não tentar pertencer a nada. Quando se conheceram no abrigo Auburn, em Fort Greene, Ava mal falava – embora Oksana também falasse russo. Sua mãe, falecida, fora bailarina. O pai, motorista de táxi. Para Ava e Oksana, cada conversa que tinham era como um rápido vislumbre de um lar. Ainda que Oksana jamais tivesse visitado o país, o russo era o idioma materno de sua mãe.

Tudo isso acabou levando-as à esgrima, algo que Ava começara na Ucrânia, na escola, quando tinha seis anos de idade. Oksana deixara que Ava a arrastasse para a primeira aula do esporte na associação e, desde então, era quem tinha vantagem, graças a seus membros infinitamente longos. Embora Ava fosse rápida, forte e às vezes totalmente destemida, era uns bons cinco centímetros mais baixa que sua esbelta amiga.

Então como é que eu ganhei a luta hoje?, pensou Ava. Ela nem mesmo se lembrava de ter planejado aquele ataque. E encontrava-se ainda tão desorientada pelo que vira em seu devaneio que estava totalmente despreparada para defender-se.

– Golpe de sorte – disse Oksana, sorrindo. – Além disso, você estava pensando no seu namorado dos sonhos. O Menino da Tatuagem te inspira.

Oksana tirou a máscara. Metade dos cachinhos castanhos de seus cabelos escapou da echarpe que ela usava enrolada no pescoço, como sempre.

– Não estava, não. – Ava pôde sentir seu rosto ficando vermelho. – Digo, ele não me inspira.

A garota sentou-se contra a parede e abriu o zíper da jaqueta de seu traje emprestado, em que constava, impresso em letras apagadas, o nome de outra pessoa.

– Você sabe que é péssima em mentir. É uma das suas melhores qualidades. – Oksana sentou-se ao lado da amiga. – Então, me diga. O que o Menino da Tatuagem está fazendo hoje?

Ava baixou o rosto. Seus sonhos e devaneios tinham quase virado piada entre elas, como se o Menino da Tatuagem fosse um amigo imaginário em comum.

– Tem alguma coisa errada. E os sonhos estão mudando. – Ela olhou para a amiga. – Estão virando pesadelos.

– Conte mais.

Ava desviou o rosto.

– Sei lá. Não tem importância. Não é real.

Oksana percebeu a hesitação da amiga.

– Estamos na América, Ava. Tem gente voando por aí em armaduras de ferro. Outros escalam prédios como se fossem aranhas. Alguns esmagam

idades com punhos verdes gigantes ou com martelos de outro mundo. Como é que dá para saber o que é real ou não, *myshka*?

Ava sabia que era fácil demais fantasiar ser salva por um super-herói, principalmente quando se estava preso no tipo de vida que elas levavam. Ela apenas deu de ombros.

– Acha que essas pessoas são heróis, Sana? – Ava perguntou à amiga.

– Claro que sim. Você não?

Ava não respondeu. Queria contar a Oksana sobre a Viúva Negra tanto quanto queria contar-lhe tudo sobre os sonhos que tinha e mostrar-lhe os esboços que fazia. Mas há partes da gente que simplesmente não dá para dividir, nem mesmo com nosso único amigo. Porque algumas partes da gente não fazem sentido nem para nós.

Nem mesmo num mundo em que havia gente voando em armaduras de ferro por aí.

Alexei é real?

Talvez.

Possivelmente.

Era possível também que ela o tivesse inventado. Ava, contudo, sabia que não tinha inventado a Viúva Negra, e esta – a mulher de preto, como costumava pensar nela – também aparecia em seus sonhos. Claro, elas tinham se conhecido pessoalmente, então talvez a coisa toda fosse algum tipo de bobagem psicológica, como lembranças traumáticas revividas na segurança da terra dos sonhos ou algo assim.

Mas não Alexei.

Ele não estava em Odessa naquela noite, estava?

Como se aproveitando a deixa, as palavras-fantasma flutuaram de volta à mente dela, as mesmas que a acompanhavam fazia oito anos.

O.P.U.S.

LUXPORT.

KRASNAYA KOMNATA.

Quando estava com dez anos, Ava, de fininho, conseguira acessar o notebook de seu tutor para pesquisar O.P.U.S. Até onde conseguiu informar-se, porém, ou tratava-se de um tipo de composição musical clássica ou de um personagem de desenho animado. LUXPORT era o nome de uma grande empresa de exportação ucraniana, mais entediante do que aparentemente criminosa. KRASNAYA KOMNATA, essa expressão ela não entendia nem um pouco.

Krasnaya Komnata.

Sala Vermelha.

Era essa a tradução literal. Mas e daí? Qual sala vermelha estaria relacionada a Ava, ou à mãe dela? Vermelha como a bandeira da Rússia? Vermelha como o sangue russo?

Talvez fosse vermelha como as chamas que se ergueram quando o armazém explodiu. Quem sabe a mente dela só estivesse lembrando-se daquela noite, tentando encontrar algum sentido no que aconteceu. Talvez a sala existisse apenas em sua memória.

Vermelho o quê?

Oksana cutucou a amiga com a espada.

– Por falar em viajar, temos que sair bem cedo amanhã. Tipo seis da manhã.

Ava tentou juntar as palavras que sua amiga falara.

– Seis? O primeiro ônibus? E como vamos pagar uma passagem de ônibus até Filly?

Oksana sorriu.

– Quem foi que falou de ônibus? – Ela deixou que a espada caísse ruidosamente no chão. – Chamei um táxi pra gente.

Ava pareceu surpresa.

– Seu pai vai nos levar até a Filadélfia?

Oksana deu de ombros.

– Assim que Nana disse que já era hora de começarmos a competir, meu pai concordou. Ele não queria jogar um balde de água fria nos nossos sonhos. – Oksana abriu um sorriso maroto e corrigiu-se: – Bom, os *meus* sonhos. A gente sabe muito bem quais são os seus.

Ava empurrou a amiga.

– Pelo menos não sonho com a Nana.

Nana era a treinadora voluntária de esgrima, uma armênia espevitada que dava aulas de graça nas quintas-feiras. Perto dessas três, todas as outras crianças da aula já tinham aprendido a falar palavrão em russo.

– Você sabe que a gente tem que se inscrever para participar de campeonatos.

Isso foi o melhor que Ava pôde pensar em responder. Naquele momento, um campeonato de esgrima era o pensamento mais distante em sua mente. Durante o dia todo, ela sentiu-se inquieta, e agora um enjoo começava a aparecer em seu estômago.

É a arma do sonho. Não consigo parar de pensar nela.

– E se eu dissesse que as inscrições continuam abertas? E que Nana me disse que queria que a gente fosse? – Oksana perguntou, sorrindo.

– Acho que eu diria que não temos equipamento – Ava respondeu, ainda distraída.

Talvez seja um mau presságio, pensou. Talvez sejam coisas ruins se aproximando.

Oksana olhou ao redor.

– Daí eu diria que a gente pode usar essas coisas.

– E eu diria: ótimo, já que essas luvas não cheiram como se tivesse alguma coisa morta dentro delas.

Ava tirou as luvas e as largou no chão.

Oksana sorriu.

– Meu Deus, Ava. Vai amarelar? *Ty trushish*? Isso é possível?

– Não vou amarelar – retrucou Ava, livrando-se da jaqueta três tamanhos maior que o dela.

– Logo você? Ava Orlova, que não tem medo de nada – declarou Oksana, chocada.

Ava deu de ombros.

– Não estou com medo de uma espadinha de metal com ponta de borracha, se é isso o que quer saber. Sou russa.

Sobrevivi a um maluco em Odessa, a uma explosão e à Viúva Negra também.

Ava nunca falava sobre essa noite, não com Oksana. Nem sobre o armazém ou Odessa. Mas isso não significava que ela não pensasse em tudo isso.

Quando tudo caiu aos pedaços.

– As espadas de campeonato não têm ponta de borracha, lembra? – disse Oksana, finalmente.

– Que seja.

– Tá bom – Oksana desistiu. – Não temos que ir.

As duas ficaram sentadas lado a lado, em silêncio. Não havia mais o que dizer. Ava sabia quanto Oksana queria ir ao campeonato. A amiga quase nunca falava com o pai, a não ser que precisasse muito, como se ele tivesse algo a ver com a morte da mãe dela ou com o fato de ela ser só.

Mas ela não é. Temos uma à outra.

Ava podia sentir que a amiga a observava.

– Tá bom – disse, lentamente.

Ela afugentou a sensação que pairava sobre si. Maus presságios não existem. Além disso, tudo de ruim que podia acontecer já havia acontecido, e os garotos dos sonhos nunca morrem. Pelo que Ava sabia, eles nem mesmo são reais.

– Tá bom. Você venceu. Vamos, sim.

Oksana ergueu o punho, sorrindo, e Ava correspondeu o cumprimento dando um soquinho nele. Oksana então encostou a cabeça no ombro suado de Ava e começou a catalogar a coleção aleatória de equipamentos usados de esgrima da sala.

Entre as espadas gastas, as máscaras fedidas, as jaquetas grandes demais e as calças com zíper quebrado, Ava esqueceu-se completamente da arma, das palavras-fantasma e da mulher de preto. Parou de pensar em por que e como seus pais desapareceram – ou em quem fora o responsável. Parou de pensar também sobre garotos que não eram reais e heróis que não eram heroicos.

Quando as meninas foram tomar um banho – gelado, como sempre –, tudo estava de volta ao normal, se é que morar no porão de uma associação cristã como – e com – uma gata de rua podia ser considerado normal. Era tão normal quanto tudo mais que Ava havia vivido.

O jorro de água frio como gelo era quase de amortecer a mente.

Mas trazia clareza, pelo menos.

Era por isso que Ava jamais se incomodava com o frio – dependia dele, na verdade. O frio afastava suas lembranças e fazia sua mente sofrer menos, o que era importante, pois a única coisa a que Ava não podia se dar o luxo era sentir.

Já tinha que lidar com sentimentos demais.

Já sabia que teria de ser sua própria heroína.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: E você não teve contato algum com o alvo antes de abordá-lo?

ROMANOFF: Não, senhor. Após refletir, concluí que o melhor seria... seria cortar relações.

DD: Por quê?

ROMANOFF: Como?

DD: Por que cortar relações? Pelo que ouvi, você salvou o alvo de um armazém em chamas. Vocês falam a mesma língua, e você se identificou com ela por também ser órfã de guerra, quase como uma irmã.

ROMANOFF: Eu não diria isso.

DD: E o que você diria? Fica difícil acreditar, agente Romanoff, que depois de ter salvado a vida dela e a trazido para este país, você nunca mais tenha falado com a criança.

ROMANOFF: Não faço muito o tipo irmã mais velha, senhor.

DD: E, no entanto, não viu problema em envolvê-la em operações de campo? Quando você mesma sabia que estaria colocando a vida da criança em risco?

ROMANOFF: Sim, senhor.

DD: Então? Isso não te preocupou?

ROMANOFF: Como eu disse, não faço muito o tipo irmã mais velha.

DD: Sim, isso está ficando cada vez mais evidente.



8 ALEX

*Centro de Convenções da Filadélfia – Centro de Filly.
A Cidade do Amor Fraternal*

– **VOCÊ É MALUCO** – disse Dante, sacudindo a cabeça. – E estamos atrasados.

Alex, contudo, não saía da calçada em frente ao centro de convenções.

– Estou falando sério. Tem alguém seguindo a gente. Uma mulher. Estou morrendo de medo. Eu já a tinha visto na Penn Station e acho que acabei de vê-la de novo.

Com os olhos, o menino escaneava a rua cheia de gente, de um lado ao outro. Enquanto fazia isso, tirou do bolso metade de um sanduíche de carne, desembulhando-o do papel gorduroso que o envolvia. Alex sempre tinha vontade de comer quando ficava estressado – guloseimas, se possível. Ele então deu uma mordida no sanduíche.

– Vai ver é da CIA.

– Esse é o mesmo lanche de ontem à noite? Não responda. Você tem algum problema. – Dante pareceu um pouco enojado. – De qualquer maneira, não vou perder o check-in. Nem mesmo por uma agente gostosa da CIA.

– Eu não disse que ela é gostosa.

Alex escaneou a rua mais uma vez. Tinha certeza de que a mulher estava por ali. Dante olhou ironicamente para o amigo.

– Então por que está preocupado?

Alex devolveu o olhar.

– Você é um idiota, sabia?

Dante fez cara de tédio.

– Ok, beleza, pode ficar aí sozinho, Sr. Sanduíche. – Ele pegou a mala e saiu andando. – E você ainda acha que *eu* sou o idiota.

Alex seguiu o amigo para dentro do edifício. Na jaqueta deles estava escrito MONTCLAIR NJ ALIANÇA DE ESGRIMA, mas eles não estavam mais em Nova Jersey. O centro de convenções estava apinhado de atletas com trajes similares, representantes de mais de cem clubes como o deles. As fileiras de pistas de esgrima pareciam calçadas de metal, e havia tantas delas que ocupavam o salão inteiro. As paredes estavam cobertas de flâmulas e pôsteres, bandeiras e brochuras, e uma fila de vendedores circundava o perímetro todo do imenso salão. Aquele era o circuito da Copa da América do Norte (CAM), como informava o letreiro digital. E um campeonato da CAM não era pouca coisa.

Causa quase tanto nervosismo quanto ser seguido pela CIA, pensou Alex.

Os meninos foram passando pela multidão até o local onde um amontoado de garotos e uma pilha ainda maior de malas jaziam num desorganizado círculo. Acima deles – presa com fita adesiva –, uma placa meio torta da aliança de Montclair fora pregada na parede.

Alex franziu o cenho quando avistou seus colegas de equipe.

– O que o Jurek está fazendo aqui? Ele não estava no trem com a gente.

– Ouvi dizer que ele perdeu o trem por dois pontinhos.

Eles sempre faziam essa piada. Jeff Jurek, o capitão da equipe da Aliança de Montclair, nunca se contentava só em contar seus resultados: ele tinha também que saber os dos outros e dizer quão perto estivera de fazer muito

melhor. De acordo com ele, sempre que perdia algo que merecia na vida era por *dois pontinhos*.

– Ah, velho. Se ele forçar todo mundo a chamá-lo de capitão de novo, ele vai ver só – Alex reclamou.

Jurek idolatrava o Capitão América, algo que não era tão incomum, já que a maioria dos jovens do ensino médio adorava um ou outro super-herói – ou pelo menos se identificava com um. Nesse caso, contudo, todo mundo conseguia captar a ironia que havia no fato de o capitão da equipe de esgrima e o capitão super-herói não terem nada em comum.

– Cadê os vilões quando se precisa deles?

– Só fique longe daquele babaca. É sério, Sr. Cartão Preto. – Dante sacudiu a cabeça. – Não vale a pena.

– Eu sei – disse Alex. – É que...

– Eu sei – Dante disse, suspirando.

Sem dizer mais nada, os amigos juntaram-se aos outros, todos em diversos estágios de preparação para a esgrima. Demorava um pouco para preparar-se para qualquer campeonato, especialmente por causa de todo o equipamento de proteção. Não se podia pôr os pés na pista sem que se estivesse usando cada parte desse equipamento, segundo regulamentos da Associação de Esgrima dos Estados Unidos. A não ser que a pessoa quisesse acabar como o russo que, no Mundial, levava uma espadada no cérebro e morreu. Agora havia protetores de axila feitos de Kevlar e jaquetas mais grossas, confeccionadas com o mesmo material, e até roupa de baixo com a sigla EUA bordada, além de um estêncil com as estrelas e as faixas da bandeira. Assim, mesmo antes de participar da primeira luta, o atleta já começava a suar feito um porco.

– Dá uma olhada – disse Dante, apontando para o outro lado. O menino sempre terminava de se vestir primeiro, o que ele dizia ser resultado de ter crescido com tantos irmãos e irmãs. Não havia tantos pares de meias

limpos, então era preciso ser rápido. – Manor e Cruz. Fama e glória. Do jeito que a gente gosta.

Alex ergueu os olhos. No letreiro digital, Alex Manor aparecia em primeiro lugar no ranking da categoria dos juniores. Dante Cruz era o segundo. Era sempre assim, ambos no topo da lista. A principal competição dos amigos ocorria sempre entre os dois – o que não tornava a parada menos dura.

– Toca aí – disse Alex, erguendo o punho.

– Só que devia ser Cruz primeiro, depois Manor – apontou Dante, cumprimentando o amigo.

– Claro que sim – disse Alex.

– Depois de hoje, vai ser.

– Vai sonhando.

Alex pegou a máscara e um punhado de espadas com sua mão livre. Nas costas de sua jaqueta estava escrito MANOR, mas o garoto era tão alto e esguio que, mesmo sem isso, seria impossível não reconhecê-lo no ginásio.

– Ah, é? Não estou sonhando agora. *En garde*, babaca. – Dante ergueu sua espada. – Vamos nessa.

– Beleza, Cruz. Mas nada de chorar, desta vez.

Alex dirigiu-se para a pista mais próxima, a qual metade da equipe deles já usava para disputas de aquecimento.

No momento em que se virou, no entanto, sentiu uma espada cutucá-lo nas costas. Por instinto, Alex deu um pulo para trás, com os músculos tensos e o coração martelando. Deu até para ouvir seus dentes rangendo.

Jeff Jurek riu-se, abanando sua espada.

– Não faz isso – Alex disse automaticamente.

A coisa que ele mais odiava era ser acertado por uma espada, mesmo que por brincadeira. Havia algo nele que o fazia responder a qualquer ataque

como se fosse letal. Seu corpo não fora programado para ter esse discernimento, embora seu cérebro devesse ter.

Tente de novo, babaca. Duvido.

– Vá correr, *Srta. Boas Maneiras*. Depois pode ir aquecer. – Jurek apontou sua espada para a pista.

O cara tinha todos os clichês dos três estados reunidos numa só pessoa, desde as francas meias brancas compridas até as grossas correntes de ouro. A personalidade difícil de Jurek também contribuíra para sua elevação despótica ao posto de capitão. Ninguém queria ser seu assistente, e até mesmo ali o restante dos garotos fingia não enxergá-lo.

Alex afastou a espada de Jurek, fazendo careta para o apelido pelo qual fora chamado.

– Tô de boa – disse. – Vou correr mais tarde. Dante e eu vamos disputar um pouco primeiro.

– Tô de boa...? – repetiu Jurek, erguendo a voz para intimidar, dizendo cada palavra como se estivesse brincando, apesar de Alex saber que não era brincadeira.

– Tô de boa, *capitão* – Alex emendou, revirando os olhos.

Jurek cutucou a perna de Alex com a espada.

– Anda, aquecimento.

Alex retraiu-se.

– Já falei para não fazer isso.

Strike dois.

– Ele vai. Eu também. Dá um tempo aí, Jurek. – Dante tentou puxar Alex dali, como se soubesse o que estava para acontecer em seguida. E sabia mesmo.

Jurek sorriu.

– Todo mundo correndo. Até a *Srta. Boas Maneiras*.

– Apelido pra lá de original, hein? Você inventou sozinho? Você podia usá-lo o tempo todo.

Alex sentiu que perdia paciência com o cara, embora tentasse evitar. Ele já podia até ouvir a voz de sua mãe, no fundinho da mente, reprimindo-o.

O pavio curto estoura na nossa própria cara, Alex.

– E você podia chegar na hora. – Jurek cutucou Alex no braço.

Alex segurou a espada. Já chega. Ele não aguentava mais.

Strike três.

– Tenta me obrigar.

Alex não conseguia impedir que as palavras saíssem. Pior ainda, não conseguiu impedir que sua mão puxasse a espada o mais forte que pôde – desequilibrando Jurek e sua arma.

Dante já sacudia a cabeça, inconformado, mas era tarde demais.

Jurek tornou a atacar Alex.

Agora.

Alex deixou sua mente entrar em sobrecarga – era o que a adrenalina fazia com ele. Acontecia durante todos os combates, mesmo quando enfrentava Dante. Alex não sabia muito bem explicar o que sentia quando entrava nesse estado. Era quase como jogar videogame, só que Alex era a pessoa que jogava com o controle e o personagem que recebia os comandos na tela. Tudo ao mesmo tempo.

Ele vai começar com os punhos, mas vai usar o corpo também. Vai tentar me acertar na cabeça. O cara é uma grande cabeçada ambulante. Não sabe fazer outra coisa.

Alex então agarrou o punho de Jurek em pleno movimento, rápido feito relâmpago.

Como eu pensei.

Alex abriu um sorriso. Já sabia como tudo aquilo terminaria, baseado na posição de Jurek (baixo centro de gravidade), na altura (desvantagem de quinze centímetros) e no peso dele (treze quilos mais lento). E mais: no seu

jeito de pensar (raiva, instinto, falta geral de estratégia) e em quem ele idolatrava (força bruta em vez de vantagem estratégica), bem como em suas inseguranças (tamanho, inferioridade) e no seu comportamento tipificado (favorecendo o lado direito).

Cada embate era um novo problema, e cada oponente requeria uma nova fórmula. Alex sabia que seu trabalho tinha de ser disciplinado e meticuloso – mesmo que usasse o tipo de cálculo que acabava por deixar alguém machucado ou sangrando.

O que de fato acontecia.

No momento em que se colocava em movimento, Alex ficava metódico, eficiente. Assim, como um soldado treinado, esquivou-se e, com um chute, desequilibrou e derrubou Jurek.

É quase fácil demais, pensou ele.

Quase.

Assim que Alex e Jurek caíram no chão, brigando, uma buzina soou e os dois foram apartados. Alex tentou recuperar o fôlego, mas o ar parecia ter se esvaído totalmente de seus pulmões. Levara muitas cabeçadas.

Como o previsto também.

Jurek tinha o lábio inchado e um olho roxo. Só quando se deu conta disso que Alex entendeu o tamanho do problema em que havia se metido.

Droga.

Problema.

De novo.

Alex tentou soltar-se das mãos dos dois oficiais corpulentos que o seguravam. Um treinador calvo e um atleta sênior do clube continham Jurek pelos braços.

Lá vem.

Alex não entendia por que fazia metade das coisas que fazia. Às vezes tinha a sensação de que passava boa parte da vida no piloto automático,

como se estivesse à procura de uma espécie de combate sem fim. Fosse o que fosse, Alex só sabia que não conseguia parar nem se arrepender – pelo menos não até que chegasse a uma situação como essa. E isso sempre acontecia. Mais um cartão preto de que Alex Manor não precisava. Mais um motivo para ficar de castigo, de lado.

Minha mãe vai me matar.

Alex olhou para os oficiais e começou o discurso de sempre.

– Vocês não entendem. Eu não fiz nada. Foi ele que começou tudo.

Dizia isso fazia tanto tempo que nem se lembrava de quando havia sido a primeira vez.

Só queria saber por quê.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então havia sido identificado um problema de irritabilidade no garoto desde o início.

ROMANOFF: Não foi isso que eu disse. Ele não era um anjo, mas também não era um criminoso. Não como...

DD: Como o resto de vocês?

ROMANOFF: Depende de para quem você pergunta, senhor.

DD: Existe uma hipótese de que você pretendia reunir os dois menores. Em prol da missão.

ROMANOFF: Não, senhor.

DD: Então não arquitetou o encontro?

ROMANOFF: Era um campeonato de esgrima. Não faço parte da associação.

DD: Você já foi chamada de muita coisa, agente Romanoff. Eu não me surpreenderia se fizesse.

ROMANOFF: Não fui eu.

DD: Foi a primeira vez que você presenciou as habilidades de combate de Alex Manor?

ROMANOFF: Sim. Foi... de surpreender. Cheguei a contatar a S.H.I.E.L.D., para ver se ele era um de vocês.

DD: E aí?

ROMANOFF: Você sabe que não.

DD: Devo insistir que eu só sei o que me dizem, agente.

ROMANOFF: E estou dizendo. Era só um garoto.



9 AVA

*Centro de Convenções da Filadélfia – Centro de Filly.
A Cidade do Amor Fraternal*

– **NÃO É NADA DE MAIS.** Tem só, tipo, o quê? Umas três mil pessoas aqui? Quatro? – disse Oksana, fingindo não ligar.

– Seria melhor estar na Grand Central na hora do rush – falou Ava, visivelmente tensa. – Ou na Times Square.

Lado a lado, as meninas estancaram na porta do centro de convenções, imobilizadas perante a multidão de atletas, todos de traje branco. Como os demais, elas também estavam vestidas dos pés à cabeça com sua versão emprestada, de tamanho errado, do traje branco que constava no regulamento. Aparecer já usando as roupas de esgrima tinha sido ideia de Oksana, para que elas pudessem se misturar na multidão mais facilmente.

Menos porão da associação, mais atleta.

Mas agora isso já não importava, porque nem Ava nem Oksana conseguiam forçar-se a pôr os pés para dentro do ginásio.

– Acho que não foi uma ideia muito boa – disse Ava.

Na noite anterior, ela não havia sonhado com nada – o que não era muito comum. Ela não entendera o significado disso, mas estava preocupada.

– Ou foi uma ótima ideia – respondeu Oksana. – Nunca vamos saber se não entrarmos. Anda.

Ninguém se mexeu.

Oksana respirou fundo.

– Tá bom. Sabe quando tem uma pessoa que você tem vontade de atravessar com a espada?

– Tem um monte – disse Ava, sorrindo, apesar da sensação esquisita que tinha no estômago.

– Finja que todo mundo que você vir hoje é essa pessoa. – Oksana pegou a mão de Ava e apertou. Era hora de agir. – Está na hora de começar a lutar pelo que a gente quer.

– Ou pelo menos de entrar no prédio.

Oksana estava certa. Estava na hora.

As meninas deixaram a multidão empurrá-las porta adentro – para seu primeiro campeonato. Ava nunca tinha visto nada igual. Ficou embasbacada com tantos uniformes e bandeiras e rostos e palavras. Viu jaquetas de clubes vindos de lugares de que apenas ouvira falar no cansativo zumbido do canal do governo, em seus tempos de 7B, quando achava que jamais seria livre para ir a qualquer lugar. Alguns nomes ainda lhe eram estranhos. Chicago. Alamo. Chevy Chase. Bowling Green. Mas as escolas mais famosas ela conhecia, e destas emergia um atleta por vez, para o aquecimento. Columbia. Harvard. Princeton. Stanford. Ava reconhecia os nomes estampados nas blusas daqueles jovens americanos arrumadinhos, que pegavam metrô para ir aos cantinhos badalados do Brooklyn e comprar uma bola de sorvete por cinco dólares ou picles caseiro em potinhos.

Ava sabia que jamais poria os pés numa escola dessas. Provavelmente nunca mais voltaria a frequentar uma escola. Tentava não se importar. Escola não é para todos. Ela, por exemplo, era filha de uma física quântica, e vejam só como essa história tinha terminado bem.

Quando viu, porém, uma dupla de meninas com tranças perfeitas passando, Ava soube que não se tratava apenas das escolas. Eram os quartos e as banheiras e as piscinas e as lavanderias. Os cãezinhos em coleiras e a grama cortadinha. Ava não tinha nada que fazer ali naquele ginásio, com aquele tipo de gente. Eles respiravam um ar diferente do dela.

– Inscrição. E checagem de armas. – A voz de Oksana pareceu vir de um lugar muito distante. – Foi o que Nana mandou a gente fazer assim que chegássemos. Mas vamos ficar sem luva até o último minuto possível, por favor. Tão fedendo xixi de gato.

Ava nem escutava. Estava ocupada demais observando.

Alienígenas. Essas pessoas podiam facilmente ser de outro planeta.

Foi quando uma das meninas de trança olhou para trás e riu. A garota aproximou o rosto da amiga e sussurrou alguma coisa, e a outra se virou para inspecionar Ava também. As duas usavam blusas com um desenho enorme de uma baleia.

Por que baleia? Gente rica tem alguma coisa com baleias?

Quanto mais as alienígenas olhavam para ela, mais Ava sabia o que viam. A gasta jaqueta extragrande, com um pedacinho de fita com o nome dela escrito nas costas. As calças largas que ela tinha de prender com alfinetes na cintura, com o suspensório pendurado. Os cachinhos de seus cabelos, que ela mesma cortara com uma tesoura emprestada. Os tênis furados, que mal cumpriam o papel de tênis, muito menos de sapatos de esgrima.

Ava tocou um de seus cachos, sentindo seu rosto ficar vermelho.

Der'mo.

E então...

Vão se ferrar.

Ela não tinha escolha a não ser sentir-se uma intrusa, mas não precisava se achar uma coitada. Não tinha que se deixar atingir por isso. Era mais durona agora.

Forte e afiada, Ava. Lembre-se.

Com os olhos, Ava acompanhou as meninas, que seguiram ao redor do ginásio até uma pista onde um grupo de meninos fazia aquecimento.

Um deles chamou a atenção dela.

Era mais alto que os demais, e seus cabelos castanhos pendiam em ondas revoltas, caindo sobre o rosto dele quando ele ria.

– Não chegue nem perto das luvas. Eu repito. As luvas, não – disse Oksana, rindo, mas Ava quase não escutava o que a amiga dizia.

Tinha um pulsar nos ouvidos, e o sangue lhe inundava o cérebro.

Tem alguma coisa tão familiar nele...

Ava congelou.

Oksana a cutucou no braço.

– *Privet? Oi! Ty slyshish'?* Está me ouvindo? Terra chamando Ava.

Ava não conseguia responder. Estava ocupada demais olhando para o menino na pista distante, do outro lado do ginásio lotado.

Assim que pôde ver o rosto dele, ela soube. Reconhecera-o.

Era impossível, mas tudo o que tinha a ver com esse menino sempre fora.

Porque era ele. *Ele.*

Alexei Manorovsky.

Menino da Tatuagem.

O menino dos sonhos.

Ava teve certeza. Tinha de ser ele. Ele estava ali, logo ali, na frente dela. Do outro lado do ginásio, conversando com um amigo.

– Oksana. – Ava mal conseguia pronunciar as palavras. – Lá.

Não dava para tirar os olhos dele.

Ele está aqui. Agora. E eu estou acordada.

Isso é real. Está acontecendo mesmo.

– Que foi? – Oksana parecia confusa. – Você está bem?

– É ele. Alexei – Ava sussurrou.

As paredes dobravam-se e contraíam-se em torno dela. Por um momento, Ava achou que fosse desmaiar.

Oksana ficou mais tranquila.

– Está falando do Menino da Tatuagem? – Ela sacudiu a cabeça, desanimada, fazendo graça. E sacudiu a amiga pelo braço. – Ele é invisível? Só você consegue ver? Ou ele está te contatando mentalmente? Você sente o cheiro dele, igual nos filmes de vampiro?

– Oksana. Não estou brincando. Veja você mesma.

Ava fuçou na mochila e pegou o seu caderninho velho, enterrado entre roupas de esgrima e garrafas de água. Como a maioria das pessoas que conhecera nos abrigos por onde passara, Ava carregava consigo quase tudo o que possuía – o que não era muita coisa.

Ela foi virando as páginas do caderno até encontrar um esboço de Alex, um dos mais fidedignos – um dos muitos.

– Olha. – Ava mostrou o retrato de carvão borrado para a amiga. – Viu? É a mesma pessoa.

– Quê? – Oksana analisou o desenho. – Ei. Você é uma ótima artista. Por que nunca me mostrou essas coisas? – E, voltando-se para Ava, ela perguntou: – Posso ficar com esse? Ou quem sabe... Você poderia desenhar o Thor para mim!

Ava irritou-se.

– Não estou falando do desenho. Olha aquele garoto ali. Aquele. De cabelo bagunçado.

Ava apontou para Alexei, e Oksana procurou avistá-lo no lado oposto do ginásio, na pista mais distante. A menina então franziu o cenho e tornou a olhar para o esboço.

Ava ficou aguardando que ela comparasse as imagens.

– Não estou louca, né? Sana?

Oksana não respondeu.

Mas era ele, e Ava tinha certeza. Pela primeira vez na vida, ela estava olhando para o verdadeiro Alexei Manorovsky, ou Alex Manor, ou seja lá qual fosse o nome dele.

O garoto durão lá na frente – com seus cabelos longos e bagunçados e seu visual de roqueiro – era inconfundível. Tinha o mesmo sorriso maroto e os olhos pretos com que Ava sempre sonhava. Ela estudava todos os detalhes familiares com olhar de artista. Ele era alto, esbelto e tinha corpo de nadador ou mergulhador. Os braços longos pareciam ainda mais compridos com a espada na mão, como estava agora. Tudo no corpo dele, desde as costas largas e arqueadas até a jaqueta branca um pouco folgada, que de algum modo cobria e ao mesmo tempo revelava quão poderoso ele era, tudo isso junto parecia pertencer a um guerreiro.

E então o Menino da Tatuagem entrou em ação.

Ele estendeu a mão e arrancou a espada de um garoto bravo, corado, jogando-o longe.

O garoto soltou um palavrão e contra-atacou.

– Ai. Meu. Deus.

Depois disso, até mesmo Oksana, que não estava sem palavras, que nunca ficava sem palavras, não soube o que dizer.

Num único movimento fluido, Alexei lançou-se pela pista, estendendo-se como se tivesse sido impulsionado por uma mola e arremessado para longe. Estava sem a espada e não parecia tanto que queria machucar – mas, sim, matar.

Pelo menos foi o que pareceu a todos: um espetáculo predatório e belo, se é que isso é possível. Como se algo assim fosse destinado a acontecer, e Alexei também fosse algo destinado a existir – principalmente quando envolvido nesse tipo de combate.

Ele é mesmo um lutador.

Ava agarrou Oksana pela mão.

– Eu sei que não estou maluca.

Agora que o viam, isso estava fora de cogitação. Alexei estava sendo retirado da briga por dois homens robustos, ambos com cara de que queriam muito expulsá-lo do campeonato.

Oksana parecia bastante intrigada, olhando do desenho para o menino que estava logo à sua frente.

– Incrível. Você acha mesmo que...?

Ava fez que sim. Não conseguia falar. Ficaram então as duas olhando para o garoto.

– Não era imaginação.

Ava não podia acreditar.

– Uau. – Oksana estava boquiaberta. – Sem dúvida não era imaginação.

– Né? – Ava olhou para a amiga. – Você tem certeza de que está vendo ele também, né? Ele é totalmente de verdade?

– Definitivamente de verdade. Muito, muito de verdade. E muito, muito...

Foi então que, nesse exato momento, Alex virou-se para elas. Estava furioso, envergonhado e chateado – e, pela primeira vez, as meninas puderam vê-lo perfeitamente. E o mais embaraçoso: Ava quase teve certeza de que ele podia vê-las também.

E de que ele era lindo.

Oksana, agarrada no braço da amiga, fez o sinal da cruz.

– Muito.

– Não pode ser coincidência – disse Ava, sem tirar os olhos dele.

– Que mais pode ser?

Ava não sabia o que responder, então nem tentou dizer nada. Finalmente, conseguiu desviar os olhos de Alexei.

– Eu vou até lá – ela disse, respirando fundo. – Tenho que ir, né?

Seu coração martelava dentro do peito como se tentasse sair dali.

– Não olhe agora, mas acho que você foi descoberta – disse Oksana, apertando o braço de Ava.

Ava deixou que seus olhos voltassem para a direção dele. Alexei devia ter visto que ela o observava, pois ele estava parado bem no meio do centro de convenções, olhando de volta para ela, com aqueles selvagens olhos negros e os cabelos ainda mais revoltos. Os homens que o seguravam não estavam mais por ali.

O rosado nas bochechas de Ava passou para o vermelho, e ela reparou que quase não respirava. Ela então se permitiu olhar para ele – olhar diretamente para ele.

Alexei sorriu para ela, meio sem jeito.

É agora. A hora é agora. Estou aqui, e a hora é agora.

Ava forçou-se a respirar.

Podia até senti-lo. Sentia os olhos dele explorando-a e sentia também a pressão do empuxo que exerciam um sobre o outro. Sabia o que ele estava fazendo. Estava analisando-a por completo, do mesmo modo que ela fazia quando esperava na aula dois esgrimistas terminarem uma disputa, sabendo que ela enfrentaria o vencedor. Analisava os pontos fortes, as fraquezas, os padrões de movimento e o ritmo. Como Nana gostava de dizer, havia um tipo de observação que, em si, era a abertura para a interação. Era isso que ele estava fazendo, e Ava podia sentir. O que isso significava ou o porquê disso era outra história.

Ela não fazia ideia.

Será que acontece com ele também? Os sonhos? Ele me conhece?

Ava sentia-se tão esquisita. Química e fisiologicamente esquisita. Como se houvesse algum tipo de ímã maluco atraindo os dois, uma sensação que obviamente os sonhos sempre causavam, pelo menos nela. Por que outro motivo ela imaginaria Alexis até o ponto de ele estar realmente ali, na frente dela?

Não sabia o que estava acontecendo, não exatamente, mas reparou que, quanto mais tempo passava no mesmo recinto que o garoto, menos ela parecia se importar.

Ava nem notara que seus pés de fato começaram a se mover até que Oksana a agarrou pelo braço.

– Não, não. Não pode fazer isso.

– Por que não?

Como se o encanto tivesse sido quebrado, Ava virou-se para a amiga.

– Você vai parecer uma idiota. O que vai fazer, mostrar o desenho para ele? Tipo “oi, gato, eu juro que não sou uma serial killer, uma lunática, ou algo assim”. Você vai assustar o cara.

Oksana tinha razão. Ava fez uma careta.

– Não vou me jogar em cima dele. Só quero falar com ele. Quero entender essa história toda.

– Essa história de vejo-você-toda-vez-que-fecho-os-olhos? É, não tem nada de esquisito nisso – disse Oksana, desalentada. – Bem, não faço ideia do que está acontecendo aqui, só sei que você precisa pegar leve. As regras de sempre continuam valendo.

Ava sabia que a amiga tinha razão.

– Tá... O que eu tenho que fazer?

– Você precisa de um plano. – Oksana deu uma avaliada em Ava. – E dar uma arrumada no cabelo, talvez.

Ava hesitou.

Talvez o plano seja este.

Talvez eu tenha levado dezessete anos para chegar aqui e, agora que cheguei, talvez esteja aqui por um motivo.

Talvez o destino seja isso.

Um aviso soou.

Oksana tirou um punhado de espadas gastas e curvadas da velha mala que trouxera.

– De qualquer modo, isso vai ter que esperar. Não passei todas aquelas horas no carro com o meu pai para não competir. Ele foi em direção às tendas. As inscrições vão se encerrar em dez minutos. Temos que checar nossas armas.

Ava sabia disso. Ainda que o campeonato fosse aberto ao público, todo esgrimista presente tinha que se registrar – mesmo se viesse de alguma universidade ou associação cristã.

Ela olhou mais uma vez para o outro lado do ginásio, ainda em dúvida. O garoto que se parecia com Alexei agora conversava seriamente com um amigo, que também parecia familiar. Observando-o, a menina teve que pôr a mão na perna, para impedir que tremelicasse.

É tudo real. Ele é real.

Tudo estava tão confuso. Ava não sabia o que estava para ocorrer, mas sabia que uma parte daquilo vinha acontecendo já fazia tanto tempo que seria preciso mais do que uma única pessoa para impedir.

Forte como um touro. Seja forte como um touro.

Você tem que pensar. Tem que resolver o que fazer.

Infelizmente, não era assim tão fácil. Havia gente demais em todo canto para onde ela olhava, todos fazendo muito barulho. Seu coração martelava, e ela começava a entrar em pânico. Onde estaria a clareza de um banho gelado quando a gente mais precisa?

Pode não ter chuveiro, mas pelo menos...

Ava olhou para Oksana.

– Vou procurar o vestiário. Só preciso de um minuto. Te encontro na checagem das armas.

Oksana fez que sim com a cabeça e segurou a amiga pelos ombros.

– Respira, *myshka*.

– Respirando – disse Ava. – E eu não sou um rato.

Myshka era como Oksana a chamava desde que se conheceram, no beco lotado de ratos atrás do abrigo.

Só mesmo um rato se esconderia no vestiário enquanto o mundo inteiro se abre na frente dele.

E eu não sou um rato.

– Veremos – disse Oksana, desaparecendo no meio da multidão.

Ava pegou suas espadas lentamente.

Não sou.

Ela tomou a direção do garoto e forçou-se a começar a andar.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: E a amiga?

ROMANOFF: Oksana Davis.

DD: Russa?

ROMANOFF: Cidadã norte-americana.

DD: Diga-me, o nome dela, russo e norte-americano, a fizeram hesitar?
Considerando a sua história.

ROMANOFF: Todo nome me faz hesitar. Considerando a minha história, senhor.

DD: Pensou em checar essa amiga?

ROMANOFF: Não.

DD: O pai? A mãe falecida? Irmãos adotivos? Como ela vivia?

ROMANOFF: Eu não planejava passar por uma audiência de inquérito de MES na época, senhor. E não achei que ela importasse.

DD: Todo mundo importa, agente Romanoff...

ROMANOFF: Fico emocionada, senhor.

DD: Principalmente quando começam a voar balas.

ROMANOFF: E a culpa?

DD: Pior ainda.

ROMANOFF: E quando as balas param?

DD: Aqui estamos nós.



10 ALEX

*Centro de Convenções da Filadélfia – Centro de Filly.
A Cidade do Amor Fraternal*

– A GENTE CONHECE AQUELA GAROTA?

Alex não podia deixar de reparar na menina de cabelos cor de canela que, do outro lado do ginásio, ficara olhando para ele. Mesmo num centro de convenções com milhares de pessoas, ela se destacava.

– Que garota? Uma garota que não é da nossa escola, da escola da Sofi ou do clube? – Dante suspirou, dando um laço no cadarço de seu novo tênis de marca. – Provavelmente não.

Mas não podia ter sido só a imaginação de Alex. Havia uma garota, e ela ficara olhando para ele. Por quê? Alex olhou para baixo e deparou-se com o cartão preto que garantia que ele não participasse de nenhuma disputa naquele dia. Na verdade, ele tinha poucos minutos para juntar suas coisas e deixar o ginásio. Normalmente ele não conseguiria pensar em outra coisa que não fosse isso. Agora, contudo, nada era tão interessante quanto a garota impressionante que estava na pista mais distante dele.

Alex não conseguia parar de olhar. Nem tinha reparado que estava sorrindo.

Dante deu-lhe um empurrão.

– Cara. Para de encarar. Pega leve. Pra variar.

Alex resmungou.

– Não estou encarando. Ela que está olhando. Olhando para mim.

– E daí? Ela é... Uau! Com certeza não está na oitava série – disse Dante, olhando também, mas logo tornou a baixar os olhos. – Já disse, cara: pega leve.

Um aviso soou novamente. O aviso final.

– Tenho que ir. – Dante deu um soquinho de leve no braço do amigo. – Uma pena o cartão preto. Quem sabe da próxima vez você me escute quando eu disser para ignorar o Capitão Cueca.

Alex nem escutava. A garota estava sem dúvida alguma olhando para ele, e quando seus olhos se encontraram pelo mais breve dos momentos, os dela brilharam, reconhecendo-o. Foi como se uma corrente elétrica os conectasse, e ele sentiu o rosto corar no mesmo instante.

– Quem é ela?

– Uma esgrimista, oras. Deve competir no juniores feminino, que começa junto com o nosso evento. – Dante abriu um sorriso maroto e corrigiu: – Digo, que começa junto com o *meu* evento.

– Não conta para minha mãe que levei cartão preto – Alex logo pediu.

– Não posso contar para o meu pai também. O nobre capitão Guillermo Cruz já acha que você ainda vai me levar para o mau caminho. Não posso dar a satisfação de ele ficar sabendo que você já foi sozinho.

– Eu? Para o mau caminho?

Dante riu.

– Tenho que ir para a minha pista. – Ele ajeitou a máscara na cabeça e pegou uma garrafa de água, um cordão elétrico a mais e três espadas. – Me deseja boa sorte?

Voltando o olhar para a menina do outro lado do ginásio, Alex tomou uma decisão.

– Ah, tá. Melhor você desejar boa sorte para *mim* – disse.

Dante viu para onde o amigo olhava e assoviou.

– Vai precisar de mais do que sorte, compadre. Que gatinha ia reparar em você? – ele brincou, erguendo o punho, mas Alex não fez nada.

Não na frente dela.

Quando ele havia alcançado o meio do ginásio, a menina dos cabelos cor de canela já estava em movimento, carregando um punhado de espadas.

Não apenas em movimento. Na verdade, ela estava indo bem na direção dele.

Alex tentou recobrar a postura.

Pega leve.

É só uma garota.

Enquanto caminhava para encontrá-la, a intensa corrente elétrica – a carga magnética que os unia – começou a ferver, atizando algo dentro dele. Algo que ele jamais sentira.

Seja lá quem for, não é só uma garota.

– Oi.

Sorrindo, Alex evitou por pouco esbarrar num galão de água com propaganda da Gatorade e derrubar o suporte que o sustentava.

Lá se foi meu pegar leve.

– Oi.

A menina sorriu de volta e parou diante dele, hesitante. Os cachos revoltos de seus cabelos esvoaçavam ao redor do rosto dela como chamas vermelhas e douradas, e seus olhos castanhos tinham algo de sombrio e selvagem.

Ela tem algo de especial... mas o quê?

Era linda, mas tinha algo a mais.

Tinha que ter.

Havia um quê nebuloso na expressão dela, um tom saudoso e triste que despertava a simpatia de Alex. O sorriso podia até ser frágil, mas havia uma força nos olhos dela. O modo com que faiscavam... Ele sentia que havia ali alguma coisa sempre mantida sob controle, algo que poderia explodir a qualquer momento – e ele então imediatamente entendeu. Ela era tão familiar para ele quanto se ver no espelho.

Era poderosa, mesmo que ninguém – nem mesmo ela – soubesse quanto.

E devia ser ótima na esgrima.

Alex não se surpreendia com o fato de saber tudo isso. Estava ocupado demais pensando em como fazer para saber ainda mais – o mais rápido possível.

Por que ela estava olhando para mim? Sou tão sortudo assim?

– Oi – ele repetiu, sem saber o que mais dizer, principalmente porque o que ele realmente queria dizer não podia ser dito.

Quem é você? O que quer de mim? Por que tem olhos tão tristes?

Quer fugir comigo?

– Oi – ela repetiu também.

Estavam agora face a face, no meio do ginásio. Ao redor, espadas tilintavam e esgrimistas pulavam para a frente e para trás nas pistas de metal – aproveitando ao máximo os últimos minutos do aquecimento.

Que silêncio mais incômodo! Alex repreendeu-se por achar que com ela seria ao menos um pouco diferente do que geralmente era com as garotas da idade dele. Apesar de toda a confiança que tinha no esporte, era um garoto tímido. Quando se tratava de falar com as garotas, sentia-se como se tentasse entender um país diferente, ou até mesmo um planeta diferente.

Os dois ficaram ali parados por um tempo.

Finalmente, a menina resolveu falar.

– Então, com certeza isso vai parecer esquisito, mas você acha que me conhece de algum lugar?

Alex nunca a tinha visto na vida – tinha certeza disso. Entretanto, ela parecia quase familiar – só que de um modo que ele não sabia explicar.

– Claro. – Preferiu mentir. – Conheço.

– Jura? – Ela pendeu levemente o rosto, olhando bem nos olhos dele. – Sabe do que eu estou falando?

Não faço ideia.

Alex sentia o peso do olhar da garota percorrer seu corpo todo, até a sola do tênis. Ele procurou não pensar em quanto estava suando – e nem estava usando a jaqueta de esgrima, amarrada na cintura.

Quando ela olhava para ele, o restante do ginásio virava somente um borrão, como num efeito de câmera, tipo olhar debaixo d'água.

Que loucura.

Quanto mais ele ficava ali, mais parecia que ela esperava que ele dissesse alguma coisa, então ele disse.

– A gente se conheceu no campeonato nacional, né? Você foi a Atlantic City?

– Não – disse a menina, sacudindo a cabeça. – Não é isso.

Ele não teve certeza, mas achou que ela tinha ficado quase decepcionada.

– Você é de Nova Jersey? – ele tentou de novo.

– Brooklyn. Antes disso, Ucrânia. E Moscou.

Ela olhou para ele de um jeito esquisito. Alex ficou ainda mais confuso.

– Qual é o seu clube? – Alex perguntou, passando a mão pelos cabelos bagunçados. Aquela conversa estava indo pior do que ele imaginara.

Ou torcera.

– Não tenho clube – disse ela, com um suspiro.

– Ah, é independente. Que legal.

– Superlegal – ela disse, rindo.

Aliviado, Alex sorriu.

– É, deu pra ver. Esse pessoal *hipster* do Brooklyn – ele brincou, acenando para os três piercings que adornavam uma das orelhas dela.

– Esta sou eu. – Ela riu de novo. – E você é da Mountain Clear, né?

– Isso. Quase isso. Montclair. – disse Alex. *Espera aí.* – Como você sabe disso?

Surpresa, a garota apontou para o logo estampado na calça dele.

– Eu sei ler.

Alex abriu um sorriso forçado.

– Ah, é.

Manor, seu idiota.

Um aviso soou.

A menina deu de ombros e ajeitou o feixe de espadas no braço.

– Melhor eu ir, as inscrições vão se encerrar e vou acabar perdendo.

– É melhor.

Antes de ir, ela ainda perguntou:

– Você não sabe mesmo quem eu sou?

Meu Deus, como eu queria.

E quero muito.

Alex fingiu pensar um pouco.

– Claro que sim. Acho que foi na autoescola. É isso. A gente deve ter feito aula junto. Com o Sr. Marty? Um cara gordão.

– Não sei dirigir. Mas continue tentando – ela disse, juntando as espadas no peito. – Tenho que ir.

– Eu vou. Continuar tentando, digo. Boa sorte.

– Pra você também.

– Ah, pra mim agora é um pouco tarde pra isso.

Alex apontou para a camiseta velha que vestia e para a jaqueta enrolada na cintura. Não estava equipado, o que, para um esgrimista, só podia

significar duas coisas: que fora eliminado ou que não ia competir.

– Não vai competir? – A menina pareceu intrigada. – Está machucado... ferido?

– Só no orgulho. Cartão preto – disse Alex. – Sou o Sr. Cartão Preto. Sempre acontece comigo.

Ela escancarou os olhos.

– Ah. Acho que vi o que aconteceu. Nunca levei um.

– E eu nunca não levei.

– É mesmo?

– É.

Ela riu.

– Bom, então, eu te vejo por aí – disse ele.

– A gente se vê, Alex.

A menina deu um sorriso e saiu andando.

Não vá. Volte.

Droga.

Você é péssimo nisso, Manor.

Dante não vai te perdoar nunca por essa.

Por um momento, Alex ficou ali, congelado. Então, de súbito, se virou e gritou para ela, sem se importar com a multidão no centro de convenções.

– Espere! Qual é o seu nome?

– Ava – ela disse, andando de costas. – Ava Orlova. Depois me diga se você começar a se lembrar de mais coisa.

Ela se foi, e ele sentiu como se ela tivesse levado consigo todo o ar do ginásio.

Ava Orlova.

Ela achava que o conhecia, mas Alex nunca a tinha visto na vida. Ele, porém, queria que tivesse.

Alex então soltou sua jaqueta da cintura e olhou. Estava no avesso – não teria como a garota ter lido qualquer palavra ali.

E, no entanto, de algum modo, ela sabia o nome dele mesmo assim.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Dante Cruz é filho de um policial do estado de Nova Jersey. Está correto?

ROMANOFF: Sim, senhor.

DD: E amigo do garoto. Melhor amigo.

ROMANOFF: [concorda]

DD: E é um dos nossos?

ROMANOFF: Como?

DD: Este relatório afirma que Dante Cruz e/ou o capitão Guillermo Cruz foram liberados como possíveis candidatos a agentes de vigilância em campo, para ficar de olho no garoto conhecido como Alex Manor.

ROMANOFF: Não, senhor. Creio que não.

DD: Esse Dante Cruz era da S.H.I.E.L.D.?

ROMANOFF: Esse Dante Cruz não era nada que precisasse de atenção, senhor.

DD: Por que não?

ROMANOFF: Eu teria suspeitado. São apenas garotos. Gostam de RPG. E esgrima. E... super-heróis e gibis. E... super-heróis.

DD: Ora, mas que ironia.



11 AVA

*Saguão do Centro de Convenções na Filadélfia.
A Cidade do Amor Fraternal*

NA FILA DA MESA DE INSCRIÇÕES, Ava procurava acalmar-se. Seu estômago revirava. A cabeça martelava. Quanto mais ela esperava, só piorava. Estava torcendo para não vomitar.

Você não é assim, Ava Orlova.

Trate de voltar para a realidade, myshka.

Ava deu um passo à frente na fila.

Ele não sabe quem você é. Ele não tem os mesmos sonhos.

E daí?

Ava observava fixamente a cabeça da menina na frente dela. Mais tranças perfeitas. Mais uma alienígena. *De onde é que elas tiram todas essas roupas com desenho de baleia?* A garota da vez falava ao celular sobre um lugar chamado Vale da Índia. Ava ficou imaginando que índia seria essa e por que ela tinha um vale só para ela.

Nada, contudo, conseguia distraí-la por muito tempo de sua pulsação acelerada.

Agora você sabe que ele existe. Sabe que ele está aqui.

Você também está.

Isso tem que significar alguma coisa!

Não é isso que importa?

Além do mais, por que importava o fato de ela estar sempre sozinha nos sonhos? O que mais ela esperava – que as noites dele fossem tão magicamente frequentadas por ela quanto as dela eram frequentadas por ele?

Quem ligava para isso?

Talvez os sonhos só tenham servido para que a gente se encontrasse.

Tipo sorte. Ou destino.

Vai ver eu não preciso mais deles.

Vai ver essa história toda tenha servido só para hoje.

Ava estava quase chegando à mesa de inscrições, mas sua mente continuava a milhares de quilômetros de distância dali. E o martelar em sua cabeça parecia que ia dividir seu crânio em dois.

Como seria se eu não tivesse esses sonhos?

Como seria não sentir uma conexão como essa com ninguém, talvez só com a Oksana?

Será que tem como ser ainda mais sozinha do que já sou?

Ela tentou se lembrar do rosto da mãe, mas tudo o que lhe veio à memória foram sombras. Os olhos pretos e intensos dela. As costelas duras debaixo do jaleco, que Ava podia sentir quando a abraçava.

Forte como um touro e afiada como uma navalha.

– Beleza, Alexei Manorovsky – disse ela, apenas para si mesma. – Vamos nessa.

– Vamos aonde? – perguntou uma voz muito calma.

Ava levou um susto. Não reparara que já ocupava o primeiro lugar da fila, onde, de detrás da mesa, uma atlética oriental de óculos de aviador e boné da associação de esgrima olhava para ela.

Chamava-se Jasmine Yu. Pelo menos era o que dizia o distintivo dela.

Ava respirou fundo.

Jasmine tornou a falar.

– Estava falando comigo?

– Não – disse Ava, entregando à moça um formulário de inscrição. – Perdão, Srta. Yu.

– Inscrição na hora? Bom, vamos te colocar no computador. Você chegou bem na hora mesmo. – Jasmine digitou algumas palavras no computador e franziu o cenho. – Engraçado. Temos um probleminha aqui.

Já era de se esperar, Ava pensou, mas apenas disse:

– Não entendi.

– Consta aqui que sua certidão de nascimento não está registrada em nossos arquivos.

Claro que não. Ava imaginou se Oksana tinha uma certidão e concluiu que a amiga devia ter. Sendo assim, tentou parecer imperturbável.

– Deve ter algum erro aí. – E, fazendo sua melhor imitação de adolescente empoderada, acrescentou: – Minha mãe deve ter se confundido. De novo. Ela sempre faz isso.

Jasmine assentiu, do modo mais simpático.

– Mas eu realmente não posso te inscrever sem a certidão. – Ela devolveu o formulário para Ava. – Um dos seus pais está aqui? Ou você pode ligar para um dos dois?

Claro que não.

Ava fingiu pensar um pouco.

– Estão no trabalho. Mas você pode falar com a minha treinadora.

– Perfeito. Os formulários estão todos no escritório. Pode vir aqui? – Jasmine acenou. – Aqui, atrás da mesa.

A moça colocou uma plaquinha onde estava ainda há pouco.
INSCRIÇÕES ENCERRADAS.

– Siga em frente. Por aqui. Vai ser um minutinho.

Jasmine atrapalhou-se com uma porta, que finalmente conseguiu abrir com um empurrão. Quando o fez, Ava notou que a moça não tinha chave alguma nas mãos. Somente depois de cruzar a porta sinalizada como permitida apenas para funcionários, a garota soube que havia algo de errado ali.

Não estavam num escritório. Estavam numa espécie de escadaria industrial muito escura, que parecia percorrer toda a altura do centro de convenções.

A porta fechou com tudo atrás delas.

Ava entrou em pânico.

Isso não está certo. Isso não está legal...

Seus instintos entraram em ação.

Ela quis fugir, mas Jasmine a agarrou pelo braço.

– A porta está trancada, mocinha. Você não vai a lugar nenhum.

Ava encarou-a, incrédula. Mesmo sob a manga da jaqueta de Kevlar, seu braço latejava como se houvesse chamas entre os fortes dedos da atendente.

Cada célula do corpo de Ava começou a arder. Ela tentou se libertar, mas não conseguiu.

– Você é maluca, por acaso? Me solta!

– Ainda não, Ava. A gente precisa conversar.

Jasmine segurava o braço de Ava tão duramente quanto o tom que passara a adotar em sua fala. A pele da garota começou a queimar, causando-lhe uma dor lancinante.

– Ah, é? Eu só vou falar é com o policial que te colocar na cadeia – disse Ava, forçando-se a acalmar.

Tenho que pensar.

Tenho que sair daqui.

Jasmine suspirou.

– Vamos tomar um ar puro, o que você acha?

Ela foi puxando Ava escadaria acima, trazendo-a junto de si, subindo os degraus lentamente. Segurava o braço da garota com força descomunal.

A cabeça de Ava doía com tanta intensidade que ela achou que ia perder a consciência.

Para cima? Não faz sentido. A saída não é para cima.

Jasmine era surpreendentemente forte, e Ava sabia que estava em apuros. Ela gritou, mas o som ecoou inutilmente pela escadaria abandonada.

A essa altura, Ava compreendera que Jasmine Yu não era nenhuma agente da associação de esgrima. Policial, talvez. Ou... pior. Estava toda de preto – calças, blusa justa, botas, tudo preto. Não havia mais pistas que pudessem entregar sua identidade.

Jasmine – se é que esse era mesmo o nome dela – empurrou Ava ainda mais para o alto.

Ava tentou vê-la melhor mais uma vez. Com mais detalhes. Pelo que dava para enxergar, até o cabelo de sua raptora era todo preto, com uma severa e geométrica franja que ia até o queixo e brotava de debaixo do quepe e dos caros óculos de aviador. Parecia alguma famosa, como a protagonista de um filme de James Bond.

Provavelmente não uma das mocinhas.

Jasmine passou a empurrar a garota tão rápido escada acima que Ava sentia como se os seus pés nem tocassem o chão.

Uma porta apareceu à frente delas. Uma triste porta de metal enferrujado, cercada por um retângulo fino de luz. Deviam ter chegado à cobertura.

Jasmine Yu abriu a porta com um chute, usando da força de uma de suas botas, e empurrou Ava para a luz.

A garota emergiu na cobertura. A mulher ficou para trás, entre Ava e a única rota de fuga existente no lugar.

Ava respirou aliviada quando a dor que sentia no braço esvaneceu.

O céu estava muito limpo e azul, e tudo o que havia ao redor das duas eram somente a luz fria do sol invernal e uma vista panorâmica da Filadélfia. Ava foi chegando perto da baixa murada que cercava a cobertura. Dava para ver o tráfego fluido, lento e descompromissado lá embaixo.

Sem saída.

Sua cabeça não mais martelava, mas zumbia um ruído estático. Ela respirou fundo para se acalmar, olhou para o horizonte – onde os prédios encontravam a linha do oceano – e ergueu a voz.

– Quem é você?

– Você sabe quem eu sou, *sestra*.

As palavras penderam no ar, graves e sombrias.

Não era a resposta que Ava esperava. Era, em quase todos os sentidos, o oposto.

Havia apenas uma pessoa no mundo que um dia a chamara assim.

Mas não pode ser...

Ava ficou em silêncio.

Tudo foi lenta e aleatoriamente retornando para ela, como todas as cinzas que haviam caído no incêndio que consumira aquele armazém ucraniano.

A explosão.

A mulher de preto me derrubando no chão.

O cabelo ruivo.

As chamas intensas.

O sangue.

O rosto do homem-demônio em chamas.

– *Eto ty* – disse Ava, retomando o russo.

É você.

Ava virou-se para ver a mulher que a levava até ali – devagar, finalmente.

A mulher cujo nome nunca fora, de fato, Jasmine Yu.

– Creio que sim – respondeu ela.

Ela não parecia muito familiar, mas, quando se tratava da S.H.I.E.L.D., Ava aprendera a não confiar no que via.

A mulher baixou os óculos de aviador e tirou o quepe, então clicou uma vez na credencial da associação de esgrima, pendurada em seu pescoço.

Um pontinho luminoso ao lado do nome impresso, Jasmine Yu, passou do verde para o vermelho. O rosto de Jasmine Yu – ou o que Ava julgava ser o rosto dela – tremelicou com uma espécie de falha digital e apagou.

Você.

A credencial não era nem um pouco uma credencial, mas algo como uma interface holográfica remota. Tecnologia da S.H.I.E.L.D. Em seus tempos no 7B, Ava ouvira rumores sobre o potencial da instituição na área da holografia.

Claro que é você. Eu devia ter desconfiado.

O rosto que lhe devolveia o olhar – o rosto verdadeiro da mulher – era inequívoco.

Atrás da máscara projetada estavam os requintados e frios olhos de Natasha Romanoff, agente da S.H.I.E.L.D., a infame Viúva Negra em pessoa.

Natasha Romanoff.

Vingadora. Agente. Assassina.

Ainda que Ava não a visse desde pequena, jamais conseguiria esquecer aquele rosto. Ele fora marcado em sua memória com o poder do fogo, da morte e do desastre. Ava lembrava-se dele como um rosto que podia fazer paredes ruírem – porque de fato o fizera.

Era um rosto terrivelmente belo.

Não era um rosto a ser confundido ou desprezado, muito menos esquecido, nem mesmo por uma garotinha. Não havia nada parecido em nenhum canto do mundo.

Natasha Romanoff tinha um rosto que era pura contradição, com curvas macias e linhas firmes, traços tanto marcantes quanto suaves. Seus olhos eram tão frios e obscuros quanto seus lábios eram carnudos. Por mais irônico que fosse, seu rosto tinha quase o formato de um coração, com maçãs tão pronunciadas que pareciam até projetar sombra própria. *Coração, não*, corrigiu-se Ava. *Coração negro*.

Natasha ficou ali, em silêncio.

– O que era aquilo, seu iRosto? – Ava perguntou, finalmente, desviando o olhar.

– Algo assim – Natasha respondeu, indiferente. – Sabe como dizem: se alguma coisa existe, a S.H.I.E.L.D. deve ter um aplicativo ou aparelho que consegue fazer igual, certo?

Ninguém achou graça.

Ava não queria dar à sua raptora – *porque era disso que se tratava, não?* – a satisfação de saber quão chocada ela estava. Por isso, foi dura nas palavras.

– Você não veio.

– Não – Natasha disse, baixinho.

Ela ajustou os óculos nos olhos e baixou o quepe, mesmo não tendo ninguém por perto que pudesse vê-la. Natasha continuou mostrando seu rosto verdadeiro, mas Ava não precisava ser espiã para perceber que aquela era uma mulher que preferia esconder-se nas sombras.

Ava sentou-se no asfalto quentinho, de costas para a murada. Um minuto inteiro passou, e então ela tornou a falar.

– Você disse que viria, mas não veio. Só me entregou para a S.H.I.E.L.D. e me deixou apodrecendo com os norte-americanos.

– Em alguns lugares do mundo, isso se chama *crescer*.

– Eu escrevi para você. Fui até a embaixada ucraniana e tentei mostrar o seu desenho idiota de ampulheta. Não deram nem bola. Riram da minha cara.

– Eu sei. Quem você acha que mandou que fizessem isso?

Natasha não parecia se sentir nem um pouco culpada.

– Mas eu não conhecia ninguém. Estava sozinha. Ninguém se importava. Era mais fácil ter me deixado aqui para morrer.

– Você não morreu, morreu?

– Se eu morri? Não. Mas você não ajudou em nada. Agora eu sei que só posso contar comigo mesma.

– Exatamente – disse Natasha, dando de ombros. – Não precisa me agradecer por isso.

Ava não respondeu.

Natasha sentou-se ao lado da menina.

– Essas coisas de gente russa... – Ela amparou as costas na murada. – Sei que você está brava. Fique brava quanto quiser. Mas não importa como você se sente. O que importa é que temos que tirar você daqui. Pode ser?

– Por que eu faria o que você manda?

– Porque você pode confiar em mim.

– Você pirou? É justamente em você que eu *não* posso confiar. Você me *ensinou* a não confiar em você.

– Não. Ensinei a não confiar em *ninguém* – disse Natasha. – E isso é algo que todo mundo tem que aprender. Principalmente as meninas.

Natasha falava tudo isso com a mesma teimosia que Ava sentia latejar dentro dela.

– Então é para eu agradecer pelo aprendizado e tocar a vida?

– As coisas mudaram. Agora você precisa me escutar. Não tem escolha.

– Estamos na América. Aqui eu tenho escolha, *sestra*.

– Não tem, não. – Natasha franziu o cenho, e, por um átimo de segundo, uma expressão que demonstrava humanidade demais para a infame Viúva Negra passou por seu rosto. – Não desde as seis e quinze da manhã de hoje,

quando a alfândega apontou um passageiro que chegou num voo de Manila, a caminho de Newark, passando pela Cidade do Panamá.

– Panamá o quê? Por quê?

Natasha suspirou.

– O Panamá é o aeroporto principal do cartel moderno. Esse país faz muitos negócios para lavar dinheiro de crimes.

Ava ficou confusa.

– E o que tudo isso tem a ver comigo?

– Esse passageiro tinha, pelo visto, mais de duzentos cigarros russos Belomorkanal com ele, o que, como você não deve saber, é o limite legal para importados no Panamá. – Natasha parecia incrédula. – Que nojo.

– Cigarros?

Nada daquilo fazia sentido para Ava.

– Não apenas cigarros. Belomorkanal é uma marca antiga de Moscou, de onde partiu o voo desse passageiro. – Natasha olhou Ava bem nos olhos. – Após ele viajar três horas de trem de Odessa.

Ava congelou.

– Essa menção da alfândega acionou, digamos, um aviso não tão oficial. O que levou certa pessoa de certa rede anônima de amigos secretos a checar um número não publicado. O que resultou numa única transmissão por uma conexão segura. – Natasha deu de ombros. – E aqui estou eu.

– Não entendi nada – disse Ava, mal podendo respirar.

– Ivan Somodorov não morreu, Ava. Não foi para o inferno, que é o lugar dele. Ele está em Nova Jersey.

As palavras caíram entre as duas com um baque surdo e pesado. Ava sentiu como se alguém tivesse lhe dado um tapa no rosto. Achava que tinha esquecido aquele nome, mas se enganara. Claro que não esquecera. Apenas queria ter esquecido.

Ivan Somodorov.

Ava deixou o rosto cair entre as mãos.

A voz de Natasha soou muito grave e séria quando ela se levantou de onde estava sentada, ao lado da menina.

– Ele podia ter sumido deste mundo, mas não. Continua por aí. E o seu nome, Ava, fica sendo mencionado em tudo o que tem a ver com Somodorov, agora mais do que nunca. Pelo visto, ele ainda tem algo a resolver com você, Ava. Creio que vem procurando por você há oito anos. E não vai parar até encontrá-la.

Ava tentava pensar, mas percebeu que mal podia falar.

Por que Ivan Somodorov está me procurando?

Ivan Somodorov não se esqueceu de mim.

Ivan Somodorov vai ser o meu fim.

Meu demônio.

– E aí? – Ava disse, finalmente.

Quando se levantou, a garota sentiu o asfalto quente da cobertura debaixo de seus pés. Era tudo o que podia sentir.

– E aí que o retorno do seu amigo Ivan muda tudo.

Ao dizer disso, Natasha puxou uma sacola que estava escondida num canto da cobertura.

Armas, pelo visto.

Ava forçou-se a chegar mais perto de Natasha, apesar de suas pernas estarem tremendo.

– Não precisa fingir que se importa.

A cabeça de Ava martelava mais uma vez, mas ela não pretendia deixar que Natasha soubesse disso.

– Eu não disse que me importo – Natasha retrucou, ajoelhada junto da sacola. Ela então baixou a voz e disse, quase num sussurro: – Ele vai vir atrás de nós, e é por isso que estou aqui. E é por isso que temos que ir embora. Sua amiga, Oksana, sua treinadora, Nana, e o rapaz, Alex...

– Alexei – Ava corrigiu automaticamente. – Manorovsky.

Natasha Romanoff sabe de Oksana? E de Nana? E até do menino com quem eu sonho? Sabe de cada detalhe de toda a minha vida?

Essa ideia era tanto excitante quanto aterrorizante – embora, em todo o caso, Ava se odiasse por se importar.

Natasha sorriu ao ouvir o nome russo de Alex Manor.

– Alexei e Oksana não merecem morrer. Não merecem conhecer Ivan Somodorov. Nenhum adolescente sem noção merece ser jogado no meio disso tudo.

– E eu mereço?

– Alguns não têm chance de escolher, Ava. – As palavras de Natasha emanavam tristeza, mas isso não mudava a verdade que transmitiam. – Crianças estão sumindo de orfanatos ucranianos de novo. Acho que não acabou... Ivan e os experimentos científicos malucos da Sala Vermelha. Ainda não.

Ava sentiu um calafrio. Quando tentava se lembrar de Odessa, era quase como caminhar sobre uma pilha instável de cacos de vidro.

Eletrodos em chamas. Uma corda cortando meus punhos e tornozelos. Agulhas furando a minha pele.

O monstro dos olhos negros.

– Sala Vermelha? – Ava se apressou em perguntar. – Que é isso?

– *Krasnaya Komnata?*

Ao terminar de pronunciar a versão em russo, em frente à menina, Natasha levantou-se, como se não estivesse dizendo nada de importante, mas Ava reconheceu aquela palavra entre as que via em seus sonhos. Ainda a faziam estremecer.

Natasha olhou para Ava.

– Era para essas pessoas que Ivan trabalhava. A Sala Vermelha é também onde pessoas inocentes de Moscou são criadas para se tornar espãs sem

coração, como eu. Se você quiser voltar a falar da história de não ter escolha...

Claro que não, pensou Ava.

E, num piscar de olhos, estou de volta ao 7B.

Como sempre.

Natasha olhou para ela.

– Se eu consigo passar por isso, você também consegue – disse ela com confiança, quase sorrindo. – Somos iguais, lembra?

Ava se lembrava. Lembrava-se exatamente dessas palavras, ditas em russo por sua salvadora.

Aquilo foi o fim. Alguma coisa dentro da menina explodiu. Ela não aguentava mais, nem por um segundo.

Ava então, com toda a força, meteu um soco na cara da Viúva Negra.

Pela primeira vez, Natasha Romanoff foi pega de surpresa.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Por falar em órfãos russos, você nasceu em Stalingrado?

ROMANOFF: Exato.

DD: É surpreendente saber tanto assim sobre você. Não há muitas informações no seu arquivo, agente. Até sua data de nascimento é falsa.

ROMANOFF: É, não sou muito de aniversários.

DD: E o que significa essa nota de referência que diz Ver Rogers, Steve e Barnes, James?

ROMANOFF: [indiferente] Não me deixam ler meu próprio arquivo, senhor. Acho que não tenho permissão para esse nível de acesso.

DD: Vou resumir. Quando seus pais morreram, Moscou te enviou direto para a escola de espões. A Sala Vermelha. O orgulho da SVR. Você é um ou outro órfão de sorte do Estado.

ROMANOFF: É, muita sorte mesmo. Dá para dizer que ganhei na loteria do orfanato, senhor.

DD: Foi lá que conheceu Ivan Somodorov?

ROMANOFF: Foi lá que ele me conheceu. Pensando agora, eu não tinha muito o que opinar na época.

DD: Quanto ele tinha quando você tentou matá-lo? Tente lembrar-se bem.

ROMANOFF: O nome disso é karma, senhor.



12 NATASHA

*Cobertura do Centro de Convenções da Filadélfia.
A Cidade do Amor Fraternal*

NATASHA ROMANOFF AINDA RECUAVA por conta do gancho de esquerda que levara de Ava quando a porta da cobertura abriu-se com um estrondo. Uma figura projetou-se para fora rolando, mas pousando de pé.

Os instintos de Natasha entraram em ação como numa explosão, e ela logo assumiu posição de ataque. Punhos erguidos, centro de gravidade abaixado, pernas dobradas. Como um predador pronto para dar o bote. Por reflexo, ela olhou para trás, para Ava, que estava a alguns metros dela.

Só não posso deixar a menina se machucar...

Contudo, para sua surpresa, a menina parecia estar totalmente preparada. Na verdade, Ava assumira a mesma posição de ataque de Natasha. A garota era como um reflexo da agente da S.H.I.E.L.D. Seus instintos eram idênticos. Punhos erguidos, centro de gravidade abaixado. Posição *systema* – todos os combatentes da Sala Vermelha eram treinados nas artes marciais clássicas da Rússia. O que era muito estranho, porém, pensou Natasha, era que apenas uma delas havia sido treinada lá.

Curioso.

Fala sério. Não é algo como Krav Magá. Mesmo que o Serviço Secreto também o utilize, como uma órfã imigrante da Ucrânia poderia conhecer?

Era como ter uma sombra – e Natasha Romanoff não estava acostumada a ter uma sombra. A surpresa foi tão grande que ela quase se esqueceu de que estava sob ataque.

– Ava!

Uma voz de homem.

Natasha voltou o rosto para o possível atacante, que agora estava bem diante das duas. Ava foi quase tão rápida quanto ela na execução do mesmo movimento.

Entretanto, a possível ameaça, no fim das contas, não era ameaça coisa nenhuma.

– Veja só... Um cãozinho. Acho que está perdido – disse Natasha, suspirando, relaxando sua postura de ataque.

Ela o reconheceu de imediato, não somente por ser o menino com quem Ava flertara no campeonato.

– Alex? Está fazendo o que aqui? – Ava perguntou, parecendo totalmente chocada.

– Isso aqui é tipo uma aula de autodefesa? – perguntou Alex, confuso, olhando de uma russa para a outra.

– Não – disse Ava.

– Sim – retrucou Natasha.

As duas se olharam.

– Não acredito – falou lentamente o rapaz. – Que tal a gente voltar lá para baixo e conversar com o pessoal da associação sobre isso?

Natasha reparou que o menino – Alex – não baixara os punhos. Não ainda.

Ótimo. Não somente um cãozinho. Um cãozinho projeto de Vingador.

Era só o que me faltava num dia como hoje.

– Alex – disse Ava, endireitando-se. – Está tudo bem. Juro. Não precisa me salvar.

– Oun – zombou Natasha. – Que *gracinha*.

A última palavra saiu num tom bastante meloso.

– Perguntei à sua amiga aonde você tinha ido e ela ficou toda paranoica comigo. Disse que você nem estava inscrita no campeonato.

– Eu... esqueci. Viemos conversar. A gente está... contando as novidades.

– Você se *esqueceu* de se inscrever no campeonato nacional. Quem é que faz uma coisa dessas?

– Ela faz – disse Natasha, com uma careta.

Então o garoto não é nada bobo. Isso não vai ajudar nem um pouco.

– Que conversa é tão importante que te faz perder a chance de participar do campeonato nacional?

Ava olhou feio para ele.

– Não está sendo um pouco hipócrita, Sr. Cartão Preto?

Ele fez que não.

– Bom, muito bom trabalho, detetive – interrompeu Natasha, parecendo aborrecida. – Você já verificou. Ela está bem, pode ir agora.

Ava olhou para Natasha, depois para Alex.

– Estou bem, sim – Ava confirmou. – Mesmo. E em geral, eu mesma me salvo.

Ou eu salvo, pensou Natasha. Ava olhou feio para ela, como se soubesse o que a agente estava pensando.

Alex, no entanto, continuou de punhos erguidos.

Natasha reparou que ele avaliava a situação, pensando no que fazer a respeito.

Projeto de Vingador. Não é nada bobo. Teimoso feito um camelo. E preocupado com Ava.

Interessante.

Natasha sacudiu a cabeça, em reprimenda.

– Não se atreva.

– A quê? – perguntou Alex, dando uns passos à frente.

– Seja lá o que você pretende, saiba que sou muito boa com tiro incapacitante. Tendão direito. Não mata, mas você preferiria morrer.

– Não ligo muito.

– Acho que você não entendeu – Natasha insistiu. – Não foi uma hipótese.

– Distância e velocidade. Impulso e ângulo de impacto – disse Alex, olhando diretamente nos olhos da agente.

– O que tem?

– Você tem que pensar nisso. Você sabe. Antes.

– Antes do quê?

– Disso.

O garoto agachou, rolou e avançou contra Natasha. Ela não esperava que ele fosse capaz de se mover tão rapidamente.

Entretanto, sendo ela Natasha Romanoff, foi ainda *mais* rápida e atacou primeiro – ou estava prestes a. No momento antes do impacto, ela sentiu os músculos de seu maxilar e de seu ombro tensos, e o seu centro de gravidade mudando – então percebeu, admirada, que Alex a interpretava perfeitamente. Tão perfeitamente quanto ela o interpretava. Passo a passo, os dois equiparavam-se, esquivando-se dos golpes, desviando dos chutes. Ninguém acertava ninguém.

Natasha estava se segurando – é claro que estava se segurando. Não queria dar fim no amiguinho de Ava.

Ainda assim, não contava com nada disso.

Alex parecia pressentir exatamente *o que* ela ia fazer e antecipar *como* ela ia fazer, do mesmo modo que ela fazia com ele.

Finalmente, ele agarrou um dos punhos dela com a mão. Os dois se olharam, igualmente surpresos.

Natasha empurrou-o.

Ele é bom. Muito bom. Que interessante.

Alex soltou a mão dela e girou, golpeando com a perna. A agente evitou o golpe sem dificuldade, antecipando-o.

– *Ty suma soshla* – murmurou.

Você é maluco!

– Seja lá que língua é essa, eu não compreendo – disse ele.

Alex não parecia ter medo de Natasha, o que, para ela, era intrigante.

E irritante.

Ela baixou as mãos.

– Não tenho tempo para brincadeiras, *Alexei*.

Ava interrompeu.

– Jura? Porque eu também não tenho tempo para nada disso – a garota acrescentou.

Agora era ela que parecia irritada.

– Deixa a Ava em paz – Alex disse a Natasha. – Sei que você veio atrás de mim.

Natasha riu. Ava não achou graça nenhuma.

– Não pode estar falando sério. Você? Por que ela viria atrás de você? – Ava parecia ofendida.

– Por que a CIA vai atrás das pessoas? – Alex estudava Natasha. – Eu te vi. Hoje de manhã. Você estava me seguindo.

– Não fica se achando. Eu estava seguindo ela – corrigiu Natasha, acenando para Ava.

– Não acredito – Alex repetiu. – E vou falar só mais uma vez. Deixe-a em paz.

– Ah, francamente. Não sou da CIA. Não me ofenda – declarou Natasha, sarcástica. – Além disso, não negocio com crianças. Então sai fora, moleque, se não quiser se machucar.

– Eu? – Alex parecia surpreso.

– É, conta para ele – disse Natasha.

Ava irritou-se.

– Eu me referia a vocês dois, na verdade. Não quero que ninguém me salve. Não sou uma garotinha indefesa com um alvo enorme desenhado na testa. Eu sei me virar.

Você não faz ideia, pensou Natasha, do tamanho desse alvo.

– Não foi isso o que eu quis dizer – Alex insistiu.

Porém – quase como se o universo tivesse algo a acrescentar àquela discussão –, uma fração de segundo depois que Ava terminou de falar, um tiro foi disparado na cobertura.

A bala não acertou a têmpora direita de Ava por menos de um centímetro.

A segunda bala arrancou a mochila das costas dela.

A terceira passou zumbindo perto da cabeça de Alex Manor, rasgando uma mecha de seu cabelo castanho ondulado. A mecha flutuou até o chão com lentidão quase surreal, como uma folha caindo ao sabor de uma leve brisa.

Nada mais naquele momento foi assim tão lento.

Natasha Romanoff se voltou para a direção de onde haviam sido feitos os disparos, estreitando os olhos para calcular a trajetória das balas...

Uma hora.

Último andar.

Atrás do cruzamento.

Desvio de uns quarenta graus no ângulo.

... então mergulhou à frente, derrubando Ava o mais forte que pôde, até ficarem as duas deitadas, prensadas no asfalto da cobertura.

Alex deitou-se ao lado delas, um segundo depois.

– Mas o que...

Mais três disparos deram a resposta.

– *Sniper* – Natasha sussurrou, agarrando a sacola que tirara do esconderijo pouco antes de o tiroteio ter início. Ela chegava a sentir seu cérebro acelerar. – Parece que ele removeu o silenciador por causa do alcance, então está a pelo menos um ou dois prédios daqui. – Ela olhou para cima, recalculando os números em sua mente. – Ele tem quanto, uns quarenta metros à frente? E está acertando a meia polegada do alvo? Ponto cinco minutos de arco? Ou ponto três?

– Isso é ruim? – perguntou Ava.

Natasha não estava nada animada.

– Ruim para nós. É uma situação em que é difícil de atirar. Então deve ser um atirador militar muito bem treinado. Profissional, dos mais caros. Russo, eu diria... com uma Orsis T-5000, eu acho, pelo barulho.

– Estão *atirando* na gente? – Alex estava em choque. – Num *campeonato de esgrima*?

– Na gente, não – Ava disse, baixinho. – Em mim.

Seus olhos encontraram os de Natasha.

– Ele está aqui, né? – A menina falava como se quase não conseguisse respirar.

Natasha sacudiu a cabeça, em negativa.

– Duvido. Pelo menos não em pessoa. – Ela olhou para trás, para a linha do horizonte, acima da murada. – Mas esse cara deve trabalhar para ele. O perfil bate.

Agora você acredita, garota? Tudo é real o bastante para você?

Ivan Somodorov não se esqueceu de nenhum de nós.

Ivan não perdoa. Ivan não esquece.

Natasha tirou os óculos escuros e os jogou para o alto. Uma série de disparos rasgou o ar em rápida sucessão, estilhaçando as lentes.

Ela soltou um suspiro.

– Correção. *Esses* caras, no plural. Pelo visto tem pelo menos três contra nós.

– E trabalham para quem? Quem é *ele*? – perguntou Alex, cada vez mais bravo.

Natasha ignorou-o e pôs-se a examinar o buraco feito por uma bala na superfície da murada de cimento.

– Olha lá. Parabéns, Ava. Eles sacaram armas maiores. Agora estão usando .338 Lapua Magnuns.

– Ou seja? – perguntou Ava.

– Moscou só usa Lapua para alvos de valor alto. Você está podendo. Essas balas não são baratas... Ah, e a Lapua consegue atravessar cinco camadas de armadura militar, então não coloquem os bracinhos para fora da janela, criança.

– Alguém pode me explicar alguma coisa? *Snipers*? Alvo de valor alto? Do que vocês tão falando?

Outro disparo soou, e Alex baixou-se ainda mais, espremendo o rosto contra o asfalto.

– Não há tempo para explicações. Eu já disse: saia daqui, garoto. Você não tem nada a ver com isso. E não vai querer ter.

Natasha estudou uma fileira de janelas de um edifício comercial no fim do quarteirão. Da sacola, ela retirou duas armas – uma pistola automática de visual compacto e uma submetralhadora – e rastejou até a murada da cobertura.

– Fique aí.

Ava assentiu, agachada junto ao chão. Natasha passou por ela feito uma cobra.

Ótimo. Talvez esteja assustada, mas não demonstra.

Pelo canto dos olhos, Natasha viu Alex fechando os punhos instintivamente, embora não houvesse em quem aplicá-los.

Te entendo, garoto.

Ela sabia quão frustrado ele se sentia – motivo pelo qual ela quase nunca ficava sem uma arma. Ou três: um rifle, de preferência um CZ 805, para os tiroteios de verdade; a submetralhadora, uma PP-2000, para disparos mais discretos, e a pistola HK P30, para tudo. Tcheca, russa, alemã respectivamente. A pistola era sempre alemã, mesmo quando trocava a HK pela Glock. Exatamente como Ivan ensinara.

Razão pela qual ela pretendia usá-la contra ele, assim que o encontrasse.

Natasha levou a mão por sobre o ombro, arrancou a submetralhadora do coldre das costas e, num movimento fluido, rolou para a beirada da cobertura.

Boa noite, lua.

Sem mais uma palavra, Natasha Romanoff começou a atirar contra o céu.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: De acordo com sua árvore genealógica, você descende da linhagem do último czar da Rússia.

ROMANOFF: Toda linhagem de família russa acaba num czar. É o único jeito de a pessoa que pesquisa a árvore ser paga, senhor.

DD: Toda família russa tem uma fortuna de bilhões perdida?

ROMANOFF: Muitas. É tipo um conto de fadas russo.

DD: Então a resposta é sim ou não, agente?

ROMANOFF: Por acaso estamos de brincadeira aqui, senhor?

DD: É tudo uma questão de motivação, agente. Alguns membros da nossa força-tarefa acreditam que o interesse de Ivan Somodorov por você ia além da Sala Vermelha... e além da física.

ROMANOFF: Acha que ele me perseguia por causa do meu ouro russo? Isso é o melhor que você pode imaginar?

DD: Ouro é ouro, agente.

ROMANOFF: Para um capitalista pode ser, senhor. Mas não tanto para um físico.

DD: Tony Stark não parece ver problemas nisso.

ROMANOFF: Se eu ganhasse uma moeda de ouro czarista para tudo aquilo em que Tony Stark não vê problema...

DD: Nós todos estaríamos em Boca, agente.



13 AVA

*Ruas da Filadélfia – Centro da Filadélfia.
A Cidade do Amor Fraternal*

O TIROTEIO NÃO PARAVA. As balas choviam sobre a cobertura, errando os alvos por milímetros.

Ivan trouxe as armas maiores. Ivan me quer de volta, pensava Ava, sentindo as palmas das mãos frias e suadas. Até mesmo o nome dele a fazia sentir náusea.

Ninguém vai vir te salvar, ptenets. Ninguém liga. Ava procurou afastar aquela voz de sua mente.

– *Der'mo* – murmurou a Viúva Negra, sacudindo a cabeça. – Estão só brincando com a gente. Erraram feio o alvo muitas vezes seguidas...

– Você não disse que é difícil de acertar? – Ava questionou, baixinho.

– Para esses caras, não. Só estão nos mantendo ocupados, e isso significa que tem mais alguém a caminho daqui. Não querem nos matar, querem nos capturar. Pelo visto, somos valiosos demais para morrer. – Ela acenou com a cabeça para Ava. – Pelo menos, alguns de nós.

– Como sabe disso? – perguntou Alex.

– Porque não estamos mortos – disse Natasha, curta e grossa. – Mas temos que dar o fora.

– Está falando sério? – desacreditou Alex.

– Totalmente. – Natasha empurrou Ava na direção da porta. – Agora vai. Entra.

Ava sentiu o coração martelar quando disparou a correr. A menina então mergulhou para detrás das paredes de cimento que circundavam a escadaria. Alex foi logo depois. Não queria sair de perto das duas, mesmo com Natasha querendo livrar-se dele.

Ele vai sumir, pensou Ava. Todo mundo some. Todo mundo. Minha mãe, meu pai e até Natasha Romanoff.

É a única certeza do meu mundo.

Que todos somem e não há nada que eu possa fazer para evitar.

Quando olhou para trás, Ava viu que Natasha Romanoff não estava no encalço deles. Em vez disso, descarregava suas armas na direção dos *snipers* invisíveis. Ela foi se esconder atrás da parede somente quando esvaziou os pentes.

Soltando um palavrão, ela finalmente largou as armas.

De costas, ela tirou a pistola do cós da calça e emergiu da parede para continuar a atirar nos inimigos que ninguém via.

Isso não pode estar acontecendo, pensou Ava. E quantas armas essa mulher consegue carregar na calça?

Natasha gritou algo para eles.

– Quando eu der o sinal, façam exatamente o que eu disser. Vou estar logo atrás. Se acabarem comigo, volte para o 7B e dê um tempo por lá. Sacou, Ava?

– E quanto a ele? – Ava perguntou, pensando em Alex.

Natasha acenou com a arma, como se não ligasse, e, por um momento, Ava achou que podia quase ouvir o que a agente pensava. *E quanto a ele? Não é*

problema meu.

Alex deu de ombros.

– Entendido.

– Beleza. – Natasha desviou de mais uma saraivada de balas. – Vou aceitar isso como um sim. Agora, quando eu mandar, desçam as escadas e vão para o centro de convenções.

– Peraí! Quer que a gente volte para o campeonato? Enquanto tem gente tentando matar a Ava? Isso é loucura! – Alex protestou, parecendo muito confuso.

Natasha revirou os olhos.

– Prefere ficar aqui fora?

A parede explodiu acima deles, fazendo chover gesso em sua cabeça.

– Tem razão – Alex concordou.

– Agora!

Natasha Romanoff correu para a escadaria e abriu a porta com tudo. Os jovens mergulharam lá dentro, enquanto ela disparava contra o céu. Mais tiros vieram.

Ava foi a primeira a concluir a descida, cambaleando pelo sombrio corredor interno até retornar às luzes fortes do saguão do centro de convenções. A música tranquila que soava por todo o recinto a distraiu um pouco – até que Alex chegou correndo, e a menina lembrou-se do porquê de tanta pressa.

No momento seguinte apareceu Natasha. Ela parou apenas para enfiar cada arma de fogo numa alça, coldre ou cós, que parecia projetado perfeitamente para camuflar suas armas.

– Vamos – ela sibilou. – Fiquem de cabeça baixa e de costas para a entrada principal.

Caminhavam lentamente, no que parecia mais uma exagerada marcha. Então passaram pela imensa fileira de portas que davam para o Saguão H, o

apinhado espaço onde ocorria o campeonato. Os três foram traçando seu percurso, caminhando por entre as pistas nas quais os atletas ainda travavam as primeiras disputas.

Ava sentiu um calafrio quando ouviu as portas pelas quais tinham acabado de passar abrindo-se mais uma vez. A voz de Natasha veio um segundo depois, grave e extremamente séria.

– Você – disse ela a Alex. – Também está em perigo agora. Não pode parar, ou vão pegá-lo para chegar até nós.

– Entendido, não vou parar.

Natasha nem hesitava.

– Nossos amigos entraram. Blusões pretos. Mochilas pretas. Uns vinte metros atrás. Não importa o que aconteça, não virem para trás. Não importa o que vejam, não parem.

Dizendo isso, ela puxou o quepe mais para baixo, sobre o rosto.

– Não seria melhor correr? – Ava perguntou, de olhos grudados no chão.

Natasha fez que não quase imperceptivelmente.

– Não. Vocês estão com as mesmas roupas que todo mundo por aqui, certo? Esses uniformes de esgrima pra lá de *estilosos*... – Ela olhou para os dois lados e acrescentou: – Dividam-se e misturem-se com a multidão. Não atraíam atenção. Passem pelo saguão todo e cheguem até a saída mais distante, a que fica perto do rio. Encontro vocês na rua.

Alex fez que sim. Ava não disse nada.

Natasha levou a mão à pistola escondida no cós da calça e separou-se dos jovens sem nem avisar.

Ava sentiu a adrenalina percorrer seu corpo todo. Tudo parecia muito desesperador e perigoso. Quem garantia que tudo aquilo não era uma armadilha? Arquitetada para que ela pensasse que a Vingadora estava do lado dela, somente para que baixasse a guarda?

E mesmo que a gente consiga sair daqui, e depois?

Ava nem queria pensar nisso.

Tinha de confiar na Viúva Negra, pelo menos por hora.

Afinal, não tinha escolha, mesmo que só acreditasse no barulho que faziam as armas apontadas em sua direção. Não havia outro jeito.

Ava foi interrompida por um grito familiar e virou-se a tempo de ver, numa das pistas, de relance, Oksana chocando-se contra um oponente.

Subitamente, a ideia de competir com espadas de ponta de borracha pareceu muito menos intimidante do que parecera antes. As espadas naquele saguão eram todas falsas, enquanto as armas eram muito reais.

E se a gente não conseguir sair daqui? Ava imaginou balas sendo disparadas, pessoas correndo. O caos e o rebuliço de toda aquela gente tentando alcançar as saídas.

Sangue vermelho espirrado nas roupas de Kevlar, pingando das bandeiras nacionais...

Ao pensar nisso, a menina estremeceu. E, quase involuntariamente, olhou para trás, para a pista de metal. Oksana erguera os braços, comemorando a vitória, e tirou a máscara.

Tudo parecia sem sentido...

No entanto, ela teve uma ideia. A máscara.

Fique de cabeça baixa. Misture-se. Não foi isso que Natasha dissera?

Ava desviou-se para a multidão de espectadores que torcia perto da pista de Oksana, então passou a mão numa máscara largada no chão do ginásio e arrancou a fita com seu nome que estava grudada em suas costas.

Sem diminuir o passo, deslizou a máscara por sobre a cabeça. Quando alcançou a pista seguinte, sacou uma espada qualquer de uma bolsa que descansava numa cadeira retrátil.

Do outro lado do ginásio, Alex aproveitou a deixa e vestiu a jaqueta branca por cima da camiseta. De uma das mesas das lojinhas, pegou um boné da associação quando passou.

Mais para o canto, Natasha Romanoff uniu-se casualmente a uma equipe de paramédicos que erguia um garoto ferido do chão – bastou que ela pegasse com as mãos uma das pernas enfaixadas dele.

Enquanto os homens de preto espalhavam-se por todo o saguão, em busca de seus alvos, esgrimistas continuavam disputando, buzinas continuavam soando e a plateia continuava torcendo.

Para Ava, aquela fora a mais longa caminhada de sua vida, mas finalmente tinha acabado.

Conseguiram.

Natasha foi a última a sair.

– Ainda não estamos a salvo. Não parem. – Ela acenou para Alex e Ava, que apertaram o passo para acompanhá-la. – Temos que chegar ao rio. Vamos.

– O rio? Por que o rio? – Alex perguntou, olhando-a de lado.

– Nossa carona está lá – disse Natasha. – Bom lugar para parar. – A agente ergueu o punho, onde brilhava algo que lembrava vagamente um relógio digital preto. – Se conseguirmos chegar.

Beleza. Para o rio, pensou Ava.

O grupo seguiu na direção da margem do rio Delaware, que brilhava ao longe, a cerca de oito quadras deles. Ava sentia que não conseguia fazer o pavimento mover-se rápido o bastante sob seus pés.

Sete...

Seis...

Cinco...

Uma picape preta apareceu na esquina, cantando pneus.

Um homem de equipamento de proteção escuro começou a atirar neles com uma metralhadora, pela janela aberta da picape, que girou e voltou à linha reta.

Natasha rolou para detrás de um furgão estacionado. Ava e Alex foram proteger-se num carro logo atrás.

Natasha parecia não ter medo de nada – sempre calma, tranquila –, apesar de haver armas automáticas apontadas para ela. Ela gritou ordens para os jovens.

– Vou lá bater um papinho com nosso amigo. Acho que ele quer me dizer alguma coisa. Vocês dois continuem andando até chegar à margem do rio.

Dito isso, ela partiu, deixando Alex e Ava para trás.

O rapaz olhou para a menina.

– Sabe, sua amiga da CIA é bem da pesada. Estou quase ficando com pena do atirador.

Ava não sorriu de volta.

– Ela não é da CIA.

Alex ficou perplexo.

– Ah, sei. E aquelas armas são todas de mentira.

Ava respirou fundo.

Está tudo errado. Ele não devia estar aqui, não devia estar comigo. Mesmo que eu queira que ele fique, mais do que tudo.

Ava tinha de deixar que Alex fosse embora. Tinha de livrar-se dele. Ela respirou fundo mais uma vez.

– Você tem razão. Ela vai dar conta daqui pra frente. – Ela tentava parecer bem convincente. – E nada disso é problema seu. Nada disso. Se eu fosse você, iria para casa, Alex.

– Tá. Beleza. – Alex hesitava. – Por que você também não vai, então?

– Talvez eu vá – disse Ava.

Contudo, ela ficou ali mesmo. E ele também.

Ao longe, Ava via que Natasha enfrentava a picape em um tiroteio, atraindo o inimigo para si e levando-o para longe dos jovens.

Natasha avistou os dois parados.

– Estão esperando o quê? – ela berrou na direção deles.

Mas Ava nem se mexeu. Não conseguia. Ela flagrou-se olhando fixamente para o para-choque à sua frente.

Congelada.

Devíamos sair correndo daqui. Ir para casa. Nós dois.

Só acontecem coisas ruins quando estou perto dela, comigo e com qualquer um.

Vai ver é por isso que a chamam de Viúva Negra.

O atirador deve tê-los visto, porque começou a atirar na direção deles. Vapor saía do buraco feito por uma bala na traseira do carro, logo acima da cabeça de Ava.

– Ava! – disse Alex, agarrando-a e puxando dali.

Os dois saíram de detrás do carro e começaram a andar, do modo como Natasha lhes indicara antes. De cabeça baixa. Sem olhar para trás.

Conforme os dois foram seguindo pela rua, Alex manteve a voz baixa e falou, com firmeza:

– Estou com uma impressão esquisita de que não devo te deixar sozinha, Ava. Não desse jeito.

– Você tem sempre esse negócio de impressão esquisita?

– Só quando tem armas na jogada. – Alex não largava a mão da garota. – Não sou bobo. Sei que você está com problemas... E sei que aquela policial não é sua amiga.

– Hã... Bom, ela não é policial também.

– Seja lá quem ela for e o que for isso que está acontecendo, é coisa demais para uma pessoa só. Tipo, eu posso ajudar. – Ele a encarou. – Se você quiser.

Claro que quero. Eu passaria todas as noites com você, sabia?

Mas Ava não disse nada.

O barulho dos disparos que atingiam a calçada logo atrás deles ecoou longe, como se para marcar presença, e os dois então apertaram o passo.

Alex segurava com força a mão de Ava.

– Você não tem que enfrentar tudo isso sozinha.

Tarde demais – não tem outro jeito.

Estavam a poucas quadras do rio.

Ava não sabia o que dizer. O que poderia dizer? Que ninguém poderia ajudar, que ninguém nunca tinha ajudado? Que ela sempre soubera que esse dia chegaria? Que sabia que Ivan voltaria para terminar o que começara?

Não posso confiar em ninguém, Alexei Manorovsky. Nem em você.

Ocorreu-lhe, porém, que Alex ainda estava de mãos dadas com ela. Ainda estava fugindo dos tiros junto com ela. Ainda estava bem ao lado dela. Não partira, não a soltara. *E olha que ele mal me conhece.*

Alex era diferente. Era bom, e inocente. Ainda acreditava em heróis, assim como Oksana. Ava observara-o por tempo suficiente – toda noite – para saber disso.

E, pela primeira vez desde a época do 7B, ela teve dúvidas quanto a se realmente se virava melhor sozinha. Por um momento, não soube dizer se algum dia conseguira.

– Ava. É sério. Você quer que eu fique?

Ava viu nos olhos dele a mesma energia desenfreada – o guerreiro Alex – que vira quando ele levou o cartão preto.

Quase podia ouvir os pensamentos dele.

É só pedir, que eu enfrento o mundo todo com você...

Estou pronto pra briga, é só me falar...

Ava queria deixar. Mas Alexei Manorovsky não devia nem ter entrado nessa história, para começo de conversa. Ele não era culpado por ela ter sonhado tanto com ele a ponto de tudo virar realidade, mas foi o que aconteceu. Contudo, era sonho dela – não dele.

Sonhos, ela corrigiu-se. Porque foram tantos... E porque eu o conheço há tanto tempo, Alexei. Mesmo que você não me conheça.

Um pensamento ocorreu-lhe muito subitamente, pela segunda vez naquele dia.

Talvez isso seja o destino.

Talvez eu não possa impedir que aconteça.

Não posso me impedir de sonhar. E não posso deixar minhas lembranças de lado.

Quando Alex tornou a perguntar, ela se permitiu concordar.

– Sim.

Não posso enfrentar tudo sozinha. E não quero.

– Por favor, fique – ela disse, apertando a mão dele.

Mal as palavras tinham acabado de sair da boca de Ava, Alex se levantou e saiu correndo, puxando-a em direção ao rio, como se soubesse desde o início o que ela ia responder.

Ava e Alex estavam a cerca de meio quarteirão do rio quando Ava olhou para trás e viu que Natasha continuava disparando contra o homem da picape preta. Ao longe, ouviram sirenes, e Ava então soube que tudo acabaria em questão de minutos, de um jeito ou de outro.

Mas o que...

Ava ouviu pneus cantando e olhou para a frente. Alex gritava.

Uma segunda picape fez a curva e colidiu contra um carro estacionado a apenas alguns metros de onde estavam.

– Saiam daqui! – Natasha gritou para os dois.

O carro estacionado explodiu numa bola de fogo, e os jovens puseram-se a correr ainda mais, fugindo o mais rápido que podiam.

Ava ouviu passos atrás deles.

Tiros.

Ela apertou ainda mais forte a mão de Alex, correndo junto dele.

Não...

Agora não...

Desse jeito não...

Os dois passaram correndo pela última faixa de asfalto que os separava do rio, parando somente na beirada da ponte. Muitos metros abaixo, as águas agitavam-se.

Bem perto deles, uma saraivada de tiros atingiu o chão. Destroços voaram pelo ar, e cada um escapou para um lado.

– O rio. Agora! – Alex não pensou duas vezes. – Anda!

Ele se jogou por cima do corrimão e desapareceu atrás do beiral da ponte.

Ava hesitou – então pulou por cima da barricada sem dizer nada.

Não vou morrer...

Não vou deixar Ivan Somodorov me matar...

Ainda não chegou o meu fim.

Ao cair, Ava estendeu os braços e agarrou a grade atrás de si. Em vez de descer para as águas congelantes, ela ancorou uma das mãos na grade e deu impulso, num único e fluido movimento, girando para conter a queda e chutando, como se fosse atacar, as pilastras abaixo.

Ela girou para a frente, pousou com os dois pés na areia molhada, coberta por poucos centímetros de água, e ficou de pé.

Alex, que estava pendurado na ponte pelas duas mãos, acima de Ava, jogou as pernas para o lado.

Ele respirou fundo e quicou da ponte algumas vezes, procurando apoio com as mãos ao cair – até que finalmente conseguiu pousar na água, ao lado de Ava.

De um jeito ou de outro...

... estavam a salvo.

Ava ainda estava ofegante quando sorriu e ergueu o punho para ele.

– Isso... foi... incrível.

Alex deu um soquinho no punho dela, concordando com a cabeça, tentando recuperar o fôlego.

– Não estamos mortos, então sim... foi mais incrível do que achei que seria.

– Nem um pouco... mortos – Ava completou, respirando fundo mais uma vez.

Ele jogou a cabeça para trás, sorvendo profundamente um monte de oxigênio.

– Você sempre faz esse tipo de coisa?

– Nunca tinha feito – respondeu Ava, esticando as costas.

Na verdade, jamais fizera nada parecido com aquilo. Em relação a comportamentos de risco, Ava limitava-se a pular catracas no metrô e a roubar o pessoal da S.H.I.E.L.D.

Por que agora, então? Tem alguma coisa mudando em mim?

– Nem eu – disse Alex. – Nada desse tipo, digo. – Ele abriu um sorriso. – Minha mãe ia surtar se soubesse.

Os dois olharam para cima, para a ponte – no instante em que Natasha Romanoff prensava a cabeça do segundo atirador contra a grade de metal.

O corpo inconsciente do homem tombou para o chão, e Natasha ficou de pé. Ela se debruçou sobre o parapeito e viu Ava e Alex.

– Muito bom o pouso, hein? – ela gritou para Ava, parecendo surpresa. – Até um juiz russo teria que te dar nota dez.

Ava não compreendia a expressão no rosto da agente. Foi somente então que ela se deu conta da altura da ponte de que tinha saltado.

Segundo seus cálculos, os dois haviam pulado de uma altura de mais de sete metros.

Eu acabei com a Oksana no treino, levei tiros de sniper na cobertura de um prédio e pulei de uma ponte sem me machucar.

Ava assistiu à Viúva Negra realizar um salto quase idêntico ao seu, pulando por cima da viga de concreto e pousando logo abaixo, na areia.

O que está acontecendo comigo?

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Vamos falar da escola favorita de Moscou para treinar superespões e agentes dormentes.

ROMANOFF: A Sala Vermelha? Está tudo no meu arquivo, senhor.

DD: E o programa Viúva Negra? O *Top Gun* para as meninas da Sala Vermelha?

ROMANOFF: Você já sabe de tudo isso.

DD: Eu sei que as Viúvas Negras foram idealizadas para disfarces. Por isso Moscou deu-lhes histórias falsas e manipulou suas lembranças.

ROMANOFF: Está falando de lavagem cerebral? Pode chamar exatamente assim.

DD: E quanto aos seus instrutores? Foram treinados para apagar e implantar lembranças? Para apertar um botão na sua cabeça quando precisavam de uma bailarina e outro quando precisavam... do quê? De uma bailarina assassina?

ROMANOFF: Eu era qualquer coisa que me mandassem ser.

DD: Você deixava que eles escolhessem.

ROMANOFF: Eu estava servindo o meu país.

DD: Como Ivan Somodorov.

ROMANOFF: Ivan Somodorov só serve Ivan Somodorov.

DD: E quanto a você? Era patriota?

ROMANOFF: Patriota e uma bailarina assassina.



14 NATASHA

Rio Delaware.

A Cidade do Amor Fraternal

SIRENES PREENCHIAM O AR, ECOANDO PELO PAVIMENTO ACIMA DELES.

Nas margens do rio, escondidos e a salvo debaixo da ponte, os três fugitivos do centro de convenções pareciam estar seguros.

Pelo menos por enquanto.

No instante em que alcançou Ava e Alex, Natasha constatou, pela expressão deles, que a euforia da fuga estava rapidamente passando para o choque. Ela já esperava por isso – dos dois, na verdade. Estava era surpresa por terem segurado as pontas por tanto tempo.

Gente tentando te matar. É perturbador. Mas você se acostuma.

Eu me acostumei.

– Primeiro estavam na cobertura, depois, no centro de convenções, e agora, nas ruas. – Alex sacudiu a cabeça. – Seja lá quem contratou esses caras, está valendo a pena cada centavo.

– É, enfim... – Natasha limpou a testa com a manga da camisa. – Mercenários russos. Esse pessoal tem orgulho do trabalho que faz. Por falar nisso, tive uma conversinha com nosso atirador da picape preta.

– Ele trabalha para o Ivan? – Ava perguntou.

Natasha fez que sim.

– São da força policial militar pessoal de Ivan Somodorov. E, atenção para *spoilers*, tem muito mais de onde veio esse.

– Esse cara tem um departamento de polícia só para ele? – Alex perguntou, incrédulo.

– Dedicado inteiramente a Ava, pelo visto. – Natasha olhou para a menina e pôs o braço sobre os ombros dela, meio sem jeito. – Bem-vinda ao lar, *sestra*.

Ava livrou-se do abraço, mas, desta vez, não tentou meter nenhum gancho de direita, então Natasha achou que estavam fazendo algum progresso.

– Peraí... tem *mais* de onde veio esse? Mais quantos? – perguntou Alex.

– Faz diferença? – disse Natasha, dando de ombros.

Ela sabia que não fazia. *Basta uma única bala para matar uma pessoa*, ptenets. Ivan lhe ensinara isso antes mesmo do alfabeto russo.

– Quanto tempo vão levar para chegar aqui? – Ava perguntou, baixinho.

– De acordo com meu amigo tagarela, não vai demorar nada.

– Tá bom. Alguém pode finalmente me explicar o que está acontecendo aqui? O que esse tal de Ivan quer com a Ava? E que tipo de policial é você exatamente?

– Como? – Natasha ficou pasma.

– Melhor ainda: como é que a gente sabe que você não trabalha com eles?

– Como assim? – perguntou Natasha. – Com esses atiradores do Ivan?

Pela primeira vez no dia, ela caiu no riso. Sentia pena do garoto, mais do que ele podia imaginar, mas não havia mais como voltar atrás. Natasha tentara mantê-lo fora da situação, contudo vejam só no que deu. Agora ela tinha dois fardos para carregar, em vez de um – e Ivan tinha três alvos.

Vou ter que improvisar. Odeio improvisar.

– Não tem graça nenhuma – Alex reclamou, exasperado. – Estou falando sério. Tem muito policial bandido. Como é que vamos saber se você não está trabalhando com o pessoal que estava tentando matar a gente cinco minutos atrás?

Natasha riu de novo.

– Não tem nada a ver, Alex – Ava disse, muito cansada.

– Como você sabe? Ela estava, sim, me seguindo hoje, mais cedo. Tenho certeza. – Alex olhou de Ava para Natasha. – E se ela estiver mentindo?

– Ah, ela mente sempre – disse Ava. – Só que sobre outras coisas.

Natasha parou de rir. E pensou na possibilidade de jogar o rapaz no chão – como ele era irritante!

– Caso você não tenha notado, eu estava atirando neles. O que não faz de mim a mercenária russa do mês, correto? – Enquanto falava, Natasha recarregou uma de suas armas. – Temos que dar o fora daqui logo, então o restante das suas perguntas vai ter que esperar. Por mais hilárias que sejam.

Ela levou o pulso à boca e falou no minúsculo microfone do aparelho preto que carregava preso no punho, debaixo da manga da camisa.

– Romanoff a postos. Estou com dois asses, digo, alvos, prontos para resgate. Câmbio.

O equipamento crepitou uma resposta.

– Ouvindo perfeitamente. Entendido, agente. – Coulson parecia aliviado, mesmo pelo comunicador. – Resgate a caminho. Desligo.

– Por que essa voz me parece tão familiar? Ou é imaginação minha? – Ava parecia estar em pânico. – Eu o conheço?

Natasha deu de ombros.

– Parece que todo mundo o conhece.

– Quem é ele? – perguntou Alex.

– Coulson – disse Natasha, sabendo muito bem que aquele nome não significaria nada para nenhum deles. – Ele vai querer te interrogar. – Alex a

fitou com perplexidade. – Digo, vai ter algumas perguntas para te fazer.

De qualquer modo, pensou ela, não vou te deixar ficar por aqui para responder perguntas de ninguém.

– Quem vem nos resgatar? E vamos para onde? – Ava perguntou, angustiada.

Natasha fez um aceno, ignorando a pergunta. Quanto mais pensava na situação, mais lhe surgiam suas próprias dúvidas.

– Onde aprendeu a pular pontes daquele jeito?

– Não aprendi. Só descobri que sabia fazer – disse Ava, incomodada. – Onde aprendeu a atirar nas pessoas daquele jeito?

– Escola, claro – respondeu Natasha, indiferente. – Melhor aluna.

– Não tenho a menor dúvida. PhD em tiroteio.

Ava sentou-se nas pedras, demonstrando que não queria mais conversar. Então se deitou.

Natasha deu de ombros.

– Sim, e em armas combinadas. Tática. Combate corpo a corpo. Aviação naval. Navegação. Engenharia militar. Artilharia...

– Tá, a gente já entendeu – cortou-a Alex. – Você é o máximo.

– Após anos de treinamento. E Ava espera que eu acredite que ela virou ginasta saltadora de pontes de nível olímpico em questão de minutos.

– Em questão de minutos? – questionou Ava, sem nem se dar o trabalho de levantar.

Natasha observava a menina. Alguma coisa não estava certa ali.

Um chute com cambalhota frontal e rotação completa? Ninguém no planeta “só descobre que sabe fazer” uma coisa dessas.

A Viúva Negra estava intrigada. Ava executara um movimento típico da Sala Vermelha, e Natasha não estava gostando nada disso.

Nem um pouco.

Alex limpava poeira de concreto das pernas.

– Você pode guardar isso aí agora – disse ele, apontando para as mãos da agente. – A não ser que você vá, enfim, atirar na gente.

Natasha não havia reparado que ainda tinha uma arma em cada mão. Uma delas foi guardada no cós da calça; a outra, deslizada para as costas.

Descuidada. Ivan está te afetando. Mesmo depois de todo esse tempo.

Não lhe dê esse gostinho.

– Mas por que o interrogatório agora? – perguntou Ava, olhando para o alto. – Achei que fôssemos dar o fora daqui. – Ela fechou os olhos, massageando a têmpora com uma das mãos. – Espero que seja logo. Minha cabeça está começando a martelar.

Natasha ficou possessa.

– Não é interrogatório.

– É o que, então? Prova oral? – Alex provocou, irritado também.

– Não sou professora nem babá. Se quiserem enfrentar Ivan Somodorov por conta própria, fiquem à vontade, mas não ajam como se estivessem me fazendo um favor. Eu tinha que dar aquele aviso e pronto.

– Concordo – disse Ava, ainda de olhos fechados. Agora ela estava com as duas mãos nas têmporas. – Não se preocupe, não é um favor para ninguém. Além disso, você deve ser a pior babá do mundo. Mas obrigada pelo aviso.

Natasha foi até a menina e estendeu-lhe a mão.

– Levanta.

Ava abriu só um dos olhos.

– Você está em perigo – disse Natasha, suspirando. – Não pode ficar aqui. A não ser que queira encontrar o restante do pessoal do Ivan em...

Ava agarrou a mão de Natasha e puxou-se para cima – ou tentou puxar-se. Estava quase de pé quando voltou ao chão, contorcendo-se e gemendo.

Havia algo errado.

– Você está bem? – perguntou Alex, parecendo preocupado.

Ava tentou levantar-se de novo, mas não conseguiu.

– Estou tonta. Acho... que vou vomitar.

– Por favor, não – disse Natasha, incomodada.

Ava curvou-se e colocou a palma da mão na testa.

– Meu cérebro está derretendo.

– Eu sei – disse Alex, apontando para a própria cabeça. – Meus ouvidos ainda estão zumbindo por causa dos tiros. Deve ser isso.

– Derretendo, não... congelando. – Ava conseguiu cuspir as palavras para fora e, em seguida, lançou-se para a frente. – Congelando muito.

Ela trombou com Natasha e derrubou a peruca da cabeça da agente. O disfarce caiu no chão, nas pedras soltas em torno dos pés dela...

... e os infames cachos ruivos de Natasha Romanoff foram libertos.

Ava congelou.

Natasha ficou ali, parada. Sabia exatamente o que tinha acabado de acontecer.

Cabelo ruivo.

Sem quepe.

Óculos quebrados.

Máscara digital já era.

Der'mo...

De preto dos pés à cabeça, de jaqueta de couro e armamento triplo – com os característicos cabelos avermelhados brilhando sobre os ombros... Havia somente uma agente no mundo com essa aparência.

E essa agente não estava exatamente conseguindo não chamar atenção.

Não desde a Iniciativa Vingadores.

Natasha Romanoff ainda podia considerar-se uma agente da S.H.I.E.L.D. – mas não era apenas isso.

Na verdade, a Viúva Negra era bem conhecida por todo mundo que algum dia idolatrara Tony Stark, o Capitão América ou certo físico com um

pequeno problema de irritabilidade – sem falar num futuro rei de Asgard. No ano anterior, ela recusara mais estreias em Hollywood do que Tony Stark. (*O que não era difícil, já que ele nunca recusava nenhuma.*) Valentino lhe oferecera um vestido para usar no Baile de Gala do Met. (*Não, grazie.*) E ela vira seu rosto estampado na capa do especial da revista *Time* sobre as 100 Mulheres que Mandam no Mundo. (*Só cem?*) Chegaram até a convidá-la para jogar boliche na Casa Branca.

A seu modo – querendo ou não –, Natasha Romanoff era agora uma celebridade. Esse era o preço a pagar por assumir a sagrada responsabilidade de proteger o planeta inteiro de perigos que ninguém mais podia ou queria enfrentar. As câmeras e as manchetes e a cobertura da mídia. Não havia ninguém no mundo que não reconheceria a Viúva Negra, independentemente de quanto isso dificultava o trabalho dela.

– É você.

Como era de se esperar, Alex olhava fixamente para ela, como se estivesse vendo um fantasma ou uma estrela de cinema – ou, quem sabe, o fantasma de uma estrela de cinema. Ele parecia não acreditar no que estava vendo. Ficou paralisado. Não conseguia desviar os olhos dela. Não conseguia se mexer.

– Você é v-você – gaguejou o garoto.

– É ela mesma – confirmou Ava, pondo a mão no ombro dele.

– Então é... é de verdade – disse o rapaz, como se precisasse falar tudo o que pensava em voz alta.

– Acho que sim – disse Natasha.

– Eram mercenários russos *de verdade* que estavam atirando na gente – constatou o rapaz, ainda olhando fixamente para Natasha.

– Bingo – disse a agente.

– E a Ava está com problemas *de verdade*. Porque você... você é a Viúva Negra.

Natasha suspirou. Sempre odiava esse momento, por mais inevitável que fosse – a revelação de sua verdadeira identidade. Quando criança, aprendera a esconder bem seus segredos, pois quanto menos soubessem dela, mais segura estaria. Além disso, atuar sob um de seus disfarces era muito menos doloroso – e muito menos perigoso – do que ser Natasha Romanoff.

Manter seu disfarce, porém, ficara infinitamente pior desde que os Vingadores tornaram-se conhecidos por todas as famílias do país. Desde então, tudo mudara – do modo com que as pessoas falavam com ela ao jeito com que a olhavam e, principalmente, às coisas que esperavam dela.

E era exatamente desse jeito que o menino olhava para ela agora.

– Alex. Está tudo bem – disse Ava, com o rosto ainda pálido, quase cinza.

– Você sabia que sua... ela... era... ela? – Alex perguntou, tentando fazer as palavras saírem, mas continuando a soar bastante incoerente.

Ava, com dificuldade de ficar de pé, lançou um olhar cansado a Natasha.

– É. Logo você se acostuma.

– Todo mundo se acostuma – disse a Vingadora, dando de ombros. Ela então olhou para o céu. *Coulson. Cadê você?* Fitando Ava com mais atenção, Natasha reparou que os joelhos da menina começavam a ceder. – Você está bem?

– Estou, sim – respondeu Ava, cambaleando de novo. – Tonta.

Natasha a pegou pela mão...

... e as pernas de Ava cederam.

A garota caiu de joelhos e começou a convulsionar. Por um momento, foi como se tivesse sido atingida por um raio.

– Ava?

Alex aproximou-se dela. Natasha tomou-a nos braços. A garota estava de olhos fechados.

– A pulsação dela enlouqueceu – disse a agente. – Me ajude a deitá-la no chão.

Eles baixaram Ava até o solo. Ela ficou ali, deitada, sem se mexer, encaracolada de lado, como se seu coração tivesse parado subitamente de bater, ou como se toda a energia de seu corpo simplesmente a tivesse abandonado.

– Ava? – Alex a segurava num dos braços. – Ela apagou. Precisamos levá-la a um hospital.

Natasha levantou-se.

– Não vai demorar muito. – Ela olhou para o rio, onde uma sombra movia-se por sobre as águas. – Trinta segundos.

Alex segurava a cabeça de Ava, aninhada em seu braço.

– Acorde, Ava, acorde. Vamos.

Natasha analisava o céu.

Anda, Coulson. Por que essa demora?

Como se para responder, finalmente, com um grande rugido que preencheu o ar, um poderoso veículo da S.H.I.E.L.D. caiu na água, logo atrás deles – e Natasha Romanoff relaxou pela primeira vez naquele dia.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

Incidente: Odessa 2005 B2

Nota no arquivo: P_Coulson – registros pessoais de texto

ROMANOFF: Preciso de apoio aéreo fora de missão, Coulson. Possível resgate, em torno de 1300 horas, área do metrô, Filadélfia. Topa?

Coulson: Agente Romanoff, está me dizendo que precisa de um favor?

ROMANOFF: Estou dizendo que preciso de apoio aéreo fora de missão.

Coulson: Já me disseram que sou muito bom em dar apoio.

ROMANOFF: É só para responder sim ou não.

Coulson: Li isso no meu horóscopo, uma vez.

ROMANOFF: É para ir quando eu der sinal. Ativando rastreador de campo agora. Não me ligue. Eu te ligo.

Coulson: Isso também apareceu no meu horóscopo.

ROMANOFF: ...

Coulson: Pronto em cinco. Considere isso a minha confirmação.

<<off-line>>



15 ALEX

No avião de transporte da S.H.I.E.L.D.

Em algum lugar no litoral leste

ALEX LEVOU APENAS ALGUNS MINUTOS PARA ERGUER AVA, jogá-la sobre o ombro e carregá-la da margem do rio para dentro do avião. Ele, porém, estava tão preocupado com ela – e com medo de derrubá-la – que teve a sensação de que tudo levaria horas.

Quando Ava acordou e flagrou-se sobrevoando algum ponto do estado da Pensilvânia, presa pelo cinto de segurança a um assento no deque de transporte do avião, com Romanoff de um lado e Alex do outro, ela assimilou tudo muito melhor do que Alex esperava.

Melhor do que eu teria feito.

Como assim, acordar numa aeronave militar da S.H.I.E.L.D.?

Por um instante, a garota pareceu que ia entrar em pânico, mas, ao perceber que estavam no ar, logo se tranquilizou. Isso mostrava como Ava já havia passado por muita coisa na vida, o que Alex logo compreendeu, observando-a do assento ao lado. Ele ainda mal conseguira processar todos aqueles eventos, nos quais caíra de paraquedas.

Se ela não se surpreende que esse tipo de coisa aconteça com ela...

Levar tiros de mercenários russos e ser transportada num avião militar...

Por que isso?

E o que isso tem a ver com Natasha Romanoff?

O rapaz olhou de relance para a infame agente. Ela estava em uma longa conversa com outro oficial.

Natasha Romanoff. A própria.

As pessoas a chamavam de Viúva Negra. Ela conhecia o Homem de Ferro. Conhecia todo mundo, todos os heróis de que se ouvia falar.

A Viúva Negra em pessoa. Alex ficou pensando se alguém já a tinha chamado por esse nome cara a cara. Do que é que a gente chama uma pessoa dessas? Natasha? Srta. Viúva? Agente Romanoff?

E, assim, ele tentava processar a nova realidade na qual fora acidentalmente parar, mas não adiantava. Não conseguia entender Ava – nem nada mais.

Sabia que a garota estava tentando se proteger, ou pelo menos não contava nada para ele. Havia muito mais sobre história dela que ele não sabia. Isso Alex percebia pelo fato de ela resistir da mesma forma tanto a sorrisos amigáveis quanto a tiros dos inimigos. Além do modo com que ela lidava com o mundo todo, como se não esperasse nada, fazendo tudo sempre sozinha.

Ele entendia essa sensação. E estava intrigado por ela sentir a mesma coisa.

Alex queria ser aliado dela, se possível.

Talvez mais que isso. Se ela deixasse.

Ela o fazia querer tentar.

Alex tornou a olhar para Ava, sentada ao lado dele. Sentia-se melhor agora que ela recobrava a consciência, embora o rosto dela ainda não tivesse retomado a cor habitual e sua respiração continuasse irregular. O avião

sacolejava para escalar as nuvens e ganhar mais altitude, e isso não ajudava em nada.

Alex apertou ainda mais o cinto que o prendia a seu assento.

– Ela devia continuar bebendo água – disse o agente sentado bem à frente deles.

Ava parecia irritada, mas foi obediente e deu um golinho numa garrafinha de água.

Alex não se lembrava do nome do homem, só sabia que era ele o motivo de Ava estar acordada. Bastou uma fungada em uma cápsula de cheiro horrível que o agente quebrara debaixo do nariz dela para que, em meio a um acesso de tosse, ela imediatamente recobrasse a consciência.

O garoto ficara grato por isso, mas, pela maneira com que o cara da S.H.I.E.L.D. (*Kelson, ou Cullen?*) olhava para todos os três, era de se esperar que fossem ser jogados do avião a qualquer momento.

– Ela pode estar ferida. Temos que levá-la a um médico – disse Alex, tocando os dedos gelados de Ava. – As pessoas não desmaiam assim, sem motivo. Ela está congelando. – Seu rosto demonstrava muita apreensão. – Ela está em choque? Sempre achei que mãos geladas assim significassem choque.

Alex deixou seus dedos ali, junto aos de Ava. Não se importava mais se ela ia reparar. Se fosse honesto consigo, quem sabe ela também fosse.

– Ela vai ficar bem – respondeu Romanoff. – Contanto que a gente dê um jeito no Somodorov. – Ela fitou o outro agente. – Do contrário, será o fim para ela.

– Oi? *Ela* está sentada bem aqui – disse Ava, fechando a garrafinha de água. – Talvez fosse uma boa perguntar a *ela* o que *ela* gostaria de fazer?

Romanoff ignorou-a.

– Precisamos de uma resposta bem arquitetada. Ivan trouxe a ameaça a solo norte-americano. O falatório vai aumentar. Não podemos ficar parados,

apenas assistindo a ele atacar cidades inteiras. Ele está crescendo.

– Ela tem razão – concordou Ava, segurando a garrafa de água contra a testa. – E odeio informar, mas, se o Ivan voltou do mundo dos mortos, ele com certeza não fez isso sozinho. Onde ele esteve esse tempo todo? Quem está financiando tudo isso? Onde fica a base de operações dele?

– Financiando? Você acabou de falar em financiamento? Como você sabe dessas coisas? – perguntou Alex, cutucando a menina. Ela afastou a mão dele, mas ele não tirou os olhos dela.

Romanoff olhava para o outro agente.

– É você quem manda, Coulson. Então mande.

Coulson. Esse é o nome dele.

O agente Coulson sacudiu a cabeça.

– Não sou eu que mando, na verdade. Sou seu instrutor, Romanoff. Prometi retaguarda, talvez um resgate, não uma missão. E certamente não uma guerra contra um exército de mercenários russos. Estou de mãos atadas.

– Do que você está falando? Não vai enfrentar os mercenários? Isso é praticamente arroz com feijão para nós, Coulson.

– Desta vez, não.

– Está dizendo que eles não fizeram algo que vale a pena combater, você não se interessa? Só trabalha com o que dá mais ibope agora? Alienígenas e nazistas e supersoldados bioprojetados? – zombou Romanoff.

Alex passou a olhar para o agente Coulson com todo um novo interesse.

– Sério? Alienígenas? Tipo, de verdade? Ou tipo aquele cara cheio das armas?

– *Cheio das armas* são palavras que se aplicam à maioria das pessoas que eu conheço – disse Coulson. – E seus aviões. E, às vezes, seus carros voadores.

– Eu estava falando do fortão, sabe? Aquele do martelo.

– Por que esse garoto veio junto? – Coulson perguntou a Romanoff.

– Deixa disso, *Phil* – ela retrucou, parecendo irritada. – Suas mãos estão atadas? Então as solte. Você estava lá, naquela noite, em Odessa. Se Somodorov estiver vivo, ele virá direto atrás de Ava, para terminar o que começou.

Ava agiu como se nem tivesse ouvido esse comentário – mas Alex sabia que ela ouvira, sim, porque aquela mãozinha gelada subitamente apertou a dele.

O que aconteceu naquela noite? E quem é esse tal de Ivan?

E por que todo mundo tem tanto medo dele?

Alex, contudo, sabia que não adiantava perguntar. Ele não sabia exatamente o que a S.H.I.E.L.D. fazia – apenas que era uma agência misteriosa de inteligência –, mas, fosse o que fosse, pelo que ele estava vendo, não parecia muito apta a dar mais informações do que a CIA.

– Esqueçam esse russo aí – disse Alex. – Precisamos de um hospital. Ava pode estar com algum problema sério. Se ela tivesse apagado um pouco antes, quando a gente estava na rua, na Filadélfia... – Ele nem terminou a frase.

– Ela podia ter morrido – completou Romanoff. – Ou levado todos nós à morte.

Natasha Romanoff, por ser quem era, não tinha problema algum em terminar frases difíceis. Pelo menos foi o que passou pela cabeça de Alex. *Esses russos.*

– Mas nada disso aconteceu – sentenciou Ava.

Coulson sacudia a cabeça. Ele parecia mais do que um pouco chateado.

– Você devia ter pensando em tudo isso antes de colocar duas crianças nessa história toda, agente Romanoff.

– Crianças? Agora somos crianças? – Ava protestou.

– Ah, por favor. Proteger a Ava do Ivan era o meu trabalho... Como é que eu ia imaginar que o garoto ia nos seguir? – Ela olhou para Alex. – Esse

garoto é que é o problema. Ele complica tudo. Temos que largá-lo em algum lugar. Depois resolvemos o que fazer com ela.

– Me largar? – O avião sacudiu, e Alex, com sua mão livre, agarrou firme no cinto que o prendia ao assento. – Que foi que eu fiz? Só estava tentando ajudar.

– Devia ter ficado fora da jogada – Romanoff retrucou. – Não tinha nada que ter aberto aquela porta. Não devia ter ido bisbilhotar aquela cobertura.

– Ah, como não? Uma gatinha flertou comigo, depois pensei tê-la visto sendo sequestrada, então me envolvi, sim. Que tem de errado nisso?

Alex estava incrédulo. *Mais um pouco e eu mesmo vou atacar.*

– Eu flertei com você? – Ava corou, tirando seus dedos gelados das mãos dele. – Foi por isso que você veio atrás de mim? Por que me achou bonita?

– Claro que não – disse Alex, envergonhado. Ele até podia sentir seu rosto ficando vermelho. – Quer dizer, você é bonita, sim.

Ava parecia pronta a dar um tapa na cara dele.

– Fala sério! Numa situação de vida ou morte, você estava pensando em quanto eu sou ou não atraente?

– Não – ele tentou corrigir, sem saber o que dizer ou fazer. Não tinha muita experiência com meninas. – Isso foi antes.

Ava olhou feio para ele. Alex percebeu que só estava piorando as coisas.

Fica na sua, rapaz. Dê o fora. Dê o fora enquanto ainda pode.

Apesar de estar em território estranho, ele tentou encontrar meios de se defender.

– Para o seu governo, você estava flertando comigo, *sim* – disse, batendo o pé no piso vibrante de metal abaixo dele. Era um tique nervoso.

Ava desviou o rosto.

– Se a gente estava flertando, e agora? Isso é um encontro?

– Chega! – ralhou Romanoff. – Olhem ao redor. Estão num transportador militar. Ninguém flerta com ninguém. A S.H.I.E.L.D. não atua no ramo

amoroso.

– Bom – disse Coulson –, tecnicamente isso não é aceito, mas eu estaria mentindo se...

Romanoff olhou feio para Coulson, que ficou em silêncio. Depois se voltou para os adolescentes.

– Vocês não se conhecem e não sabem o que está acontecendo aqui. Que tal todo mundo fechar o bico?

Foi o que fizeram.

– Não acho que é bem assim que se deve falar com crianças, agente – Coulson arriscou.

– Não são crianças. São danos colaterais.

– Em forma de crianças – Coulson insistiu, com muito cuidado. – Crianças que sofreram danos colaterais... a quem você está provavelmente causando ainda mais danos colaterais.

Ava resmungou.

Alex podia sentir a tensão no deque se intensificando.

Por instinto, o rapaz levou a mão ao bolso, onde havia um montinho molenga do que um dia fora uma barrinha de chocolate. Ele a sacou. Estava desesperado.

Romanoff dirigiu-se a Coulson.

– Crianças ou não, isso não importa. O que importa é que aqueles homens eram capangas do Somodorov que estavam atrás da gente. Tenho certeza.

– Você acha – Coulson corrigiu.

– Eu fiz uma reuniãozinha com um dos atiradores. Podendo escolher entre falar e sangrar, ele preferiu falar.

– Cara esperto – disse Coulson, parecendo interessado.

– Ivan contratou pelo menos dez. Militares privados, todos eles. Todos russos, claro. Pelo menos, ele é coerente.

– Ele achou mesmo que ia acabar com você com uns poucos atiradores? – questionou Coulson, sorrindo para a ideia.

Romanoff fez que não.

– O problema é esse. Segundo o nosso amigo, o contrato não era para matar – ela explicou.

– E por qual outro motivo alguém atira em alguém? – perguntou Alex.

– Atiram para ferir – disse Romanoff. – Para controlar. Para capturar. Para reposicionar. Simples assim.

Coulson pareceu surpreso.

– Acha que ele estava conduzindo vocês, como animais?

– Essa é uma teoria – respondeu Romanoff, recostando-se no avião. – Essa missão, o ataque contra nós, ele disse que tinha um nome. – Ela olhou nos olhos de Coulson. – Rubro Eterno.

– Ah, é? Muito bom. Faz sentido para você? – Coulson perguntou, animado.

– Tem uma coisa – disse ela, lentamente. – Algo que Ivan me disse. Naquela noite, em Odessa.

– Mais alguma coisa?

– Isso aqui. – Natasha mostrou um celular preto com tela trincada. – Pouco antes de eu derrubá-lo, o cara tinha mandado uma mensagem para o Ivan. Apenas duas palavras.

Todos olhavam para ela, esperando. Natasha mostrou o telefone. *Sincronização completa.* Ela jogou o aparelho para Coulson.

– Pelo visto, armaram para nós. É bem possível que eu tenha caído feito uma pata. De novo – disse Natasha, com expressão sofrida.

– Então você acha que o Ivan foi atrás da Ava porque sabia que você viria... – afirmou Coulson, estudando o celular enquanto falava.

– Que ironia – Ava zombou.

– Nem tanto. Estou aqui, não estou? – disse Natasha.

– Claro. Oito anos atrasada. – Ava olhou para Coulson. – Tem que ter mais coisa aí. Não faz sentido. Por que eu, depois de todo esse tempo?

– E o que foi sincronizado? – completou Alex, confuso.

– E por que Ava apagou lá na ponte? – Natasha olhou para cada um deles. – Sei lá, mas considerando que se trata de Ivan, o Estranho, que tem toda uma história com experimentos com humanos, estou achando que tudo está relacionado. E é por isso que não acho que vai adiantar levá-la a um hospital civil.

Ava baixou os olhos, subitamente interessada em sua garrafa de água.

– Então é disso que se trata? Ivan tem assuntos a concluir? – perguntou Coulson, muito sério.

– Vai saber... – Natasha olhou para Ava. – Mas tenho a sensação de que as coisas vão ficar cada vez mais esquisitas enquanto não desvendarmos tudo.

Alex notou que a garrafinha tremia entre os dedos de Ava e pôs sua mão, quentinha, em cima deles. Os dois se olharam.

Eu sei. Também estou preocupado.

– Não podemos atacar Ivan – atestou Coulson. – Ainda não. O DD ainda não verificou se ele está mesmo no país. Ninguém o vê desde o Panamá. Até onde sabemos, oficialmente, ele continua morto.

Romanoff suspirou.

– A burocracia é seu departamento, Coulson.

Coulson inclinou-se no assento, com uma expressão séria no rosto.

– Vamos ter que provar que ele está de fato no país. Arranjar provas concretas de que é Somodorov que está atrás de vocês. Se conseguirmos demonstrar que, sem sombra de dúvida, Ivan está de volta na jogada, teremos todos os recursos da S.H.I.E.L.D. para usar. – Ele se recostou novamente. – Daí posso dar um jeito na burocracia.

– Ou então podemos fazer tudo do meu jeito – disse Romanoff.

Coulson olhou para ela.

– Por acaso eu vou querer saber como é esse seu jeito?

– E alguma vez você quis? – Natasha lançou-lhe um olhar sombrio. – Está na hora de conseguir umas respostas. Leve-nos até onde eu possa fazer isso, ou eu mesma pouso este troço.

– E para onde exatamente você quer ir, agente?

– Para a base de dados de segurança máxima da S.H.I.E.L.D. Mais precisamente, o Triskelion, em Nova York. Preciso encontrar um equipamento de alta tecnologia, e, num mundo de nível dez de confidencialidade, esse está no nível onze. – Natasha olhou para Ava. – Enquanto estivermos na base, podemos pedir a um médico da S.H.I.E.L.D. para que dê uma olhada na Ava.

– O Triskelion? Agora? – Ava estava claramente assustada.

Alex não sabia exatamente qual era a história da garota com a S.H.I.E.L.D., mas dava para ver que não era coisa boa.

– Agora mesmo – disse Natasha.

Coulson ficou intrigado.

– Deixe-me adivinhar. Esse equipamento pertence a Ivan Somodorov?

Romanoff fez que sim.

– Pertencia, até que eu e você o roubamos dele, em Odessa.

Ava ficou branca.

– Eles não vão gostar nada disso – disse Coulson.

– Não preciso que gostem – retrucou Romanoff, gélida. – Eu também não gosto nem um pouco.

– Você não gosta? E eu, então? Eu odeio – disse Ava, sacudindo a cabeça.

– Tem uma ideia melhor? Estou ouvindo. – Natasha ficou esperando. – É, não pensei que teria.

– Ava, pensa só. Ela tem razão. É melhor você ser avaliada por um médico – intrometeu-se Alex.

– Nem comece – disse a garota. – Você, não.

Até Alex sabia que Natasha Romanoff tinha razão. Não havia ideia melhor – e não havia mais o que dizer.

Um longo minuto passou-se, então Coulson suspirou.

– Combinado. Vamos até a S.H.I.E.L.D. Levarei vocês até o deque de pouso do rio East.

– E aí? – Natasha perguntou-lhe.

– E aí que você tem razão. Se você tem um jeito de entrar com duas crianças civis sem acesso algum numa instalação de segurança máxima, com certeza eu não vou querer saber qual é.

Natasha assentiu.

– Tudo bem. Tenho amigos em lugares escusos.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: O Triskelion, em Nova York?

ROMANOFF: Parece surpreso, senhor.

DD: O que é que vocês fazem lá, afinal? Em qualquer uma dessas bases espalhadas por todo o mundo?

ROMANOFF: Festa do pijama. Sobremesas. Verdade ou desafio. O de sempre.

DD: E nunca lhe ocorreu que poderia ser problemático levar menores civis não examinados para situações de grande sensibilidade e com necessidade de autorização de segurança?

ROMANOFF: Ocorreu, sim.

DD: Situações que podem ou não envolver questões de segurança nacional?

ROMANOFF: Pesei tudo isso.

DD: E então?

ROMANOFF: Ivan Somodorov tinha acabado de voltar da morte. Eu não ia deixar que um pouquinho de burocracia me impedisse de fazer o que eu tinha de fazer.

DD: Que era...?

ROMANOFF: Colocá-lo de volta na sepultura. Depois, enfim. As sobremesas.



16 AVA

Base Triskelion da S.H.I.E.L.D.

A cidade de Nova York – rio East

CONFORME O AVIÃO DA S.H.I.E.L.D. PERDEU ALTITUDE, Manhattan foi aparecendo. Ava nunca tinha visto a cidade por essa perspectiva. Dali do alto, nada parecia real.

Sobre a janela de vidro duplo da aeronave, ela fez um traço imaginário com o dedo, ligando o Central Park ao edifício Empire State, depois ao Battery Park, no finzinho da ilha. Em seguida, traçou outro até a água, onde se erguia a imensa base Triskelion da S.H.I.E.L.D., com três pernas protuberantes, o que fazia daquele lugar, sem dúvida, o mais dramático ponto de referência de Nova York.

O círculo com três galhos.

Ela não se lembrava do significado do símbolo do Triskelion, mas sabia que significava algo. Passara horas demais presa sozinha numa instalação ocupada somente por instrutores da S.H.I.E.L.D. para não saber disso. Mesmo assim, fizera questão de nunca chegar perto dela, independentemente do que significasse.

Pensando nisso, ela tirou a mão da janela.

Uma prisão. Para mim, é isso o que significa agora.

Ex-cativos não costumam retornar voluntariamente à prisão se não são obrigados – pelo menos não os que são espertos. Contudo, ao seguir Natasha e Alex pela passarela pintada de amarelo neon que conduzia à entrada maciçamente protegida do forte da S.H.I.E.L.D. em Nova York, Ava sabia que era exatamente isso o que estava fazendo.

Abaixo do rio East, o avião pousara num deque de pouso quase vazio. O deque abriu-se na frente deles assim que uma mensagem de rádio foi enviada, pedindo permissão para abordar. Tudo o que restava daquela jornada agora era a caminhada curta pelo glorioso estacionamento de aeronaves até o interior do edifício – cerca de cem metros pela pista de pouso.

Basta continuar andando.

– Você está bem? – perguntou Alex, olhando-a com curiosidade.

– Estou bem.

Assim que Ava respondeu, a cobertura do deque de pouso começou a deslizar acima deles, fechando-se, e ela começou a entrar em pânico. Estava sendo aprisionada de novo.

E se não me soltarem mais?

Ela olhou para cima, para o que conseguia enxergar do céu: apenas um filete do entardecer de Nova York, que foi ficando cada vez mais fino – até que tudo o que restou foi a escuridão do aço reforçado da cobertura do deque.

Não estamos no 7B. Só continue andando.

Ava diminuiu o passo quando avistou, ao longe, as portas de vidro da base da S.H.I.E.L.D. Não pôde evitar ficar para trás. Honestamente, ela não sabia se conseguiria ordenar seu corpo a passar pela entrada.

Mas não vou ficar. Natasha prometeu.

Quanto mais Ava tentava não pensar, mais difícil continuar andando ficava. Novamente, Alex foi quem notou o que se passava, e foi ele quem esperou que ela os alcançasse.

– Vamos.

O rapaz estendeu a mão, e a garota a aceitou. Estava quase acostumada a fazer isso, o que a deixou surpresa. *Estou aqui, Ava.* Era isso o que dizia o toque dos dedos dele. Ela tentava acreditar neles tanto quanto tentava acreditar que não aconteceria nada de ruim.

Mas era impossível.

A não ser que segurasse a mão dele. Só assim se sentia segura.

Mesmo quando somente um de seus dedos roçava nos dele, ela sentia que estavam conectados – apesar de não saber explicar exatamente por quê.

Quando os ombros deles se encontravam, e seus braços pendiam juntos, roçando o tecido de suas jaquetas, como agora, ela sentia que ele a conhecia, gostava dela e, mesmo em certo pequeno sentido, pertencia a ela.

Ele era o menino que ela estava tocando ali, naquele momento, no presente, e isso tinha todo um significado. Ela podia sentir. Um significado muito novo ou um significado muito antigo.

Ele me faz sentir em casa.

Com a mão junto à dele, Ava forçou-se a continuar andando, um passo de cada vez, até reparar que já haviam cruzado a entrada da base. Aliviada, ela exalou o ar suavemente.

Um barulho estranho soou – uma porta blindada. Grossura de sessenta centímetros, à prova de impacto, à prova de fogo, feita de aço reforçado.

Quando a porta abriu, deslizando, o rosto que apareceu pegou todos de surpresa. No que tangia a rostos, era um dos bons. Sem dúvida, belo, incrivelmente animado, muito bem cuidado e totalmente charmoso. Também um tanto narcísico, ligeiramente devasso, com um toque de loucura, e surpreendentemente gasto pelo tempo.

Muito, muito gasto pelo tempo.

– Esse é...? – Alex tentou falar, mas sua voz falhou.

Natasha deu de ombros.

– Eu disse. Amigos em lugares escusos.

– Agente Romanoff – disse Tony Stark, atrás da porta aberta. – O que faz aqui? Por acaso também passou para entregar seu plano proprietário para subsídios de energia alternativa?

– Não é bem isso – respondeu ela, puxando-o para um abraço. – Esperava que você estivesse por aqui, na verdade.

– Primeiro sábado do mês. Onde mais eu estaria? – Ele pendeu a cabeça de lado. – Achei que você estivesse caçando bandidos em Bahrain?

– É, acabou que são os bandidos que estão me caçando – disse Natasha. – Surpresa.

– Onde você vai, as armas vão atrás, agente Romanoff. Por que isso me surpreenderia agora?

– Com as armas eu sei lidar. É o resto que me irrita.

– Está falando desse resto aí? – perguntou Tony, olhando para além de Natasha, para onde estavam Ava e Alex.

A garota sentiu o rosto enrubescer. Natasha fez que sim.

– Ava, Alex, esse é Tony Stark.

– Olha. É uma humaninha. Olá, humaninha.

Tony acenou, e Ava congelou. Não pôde evitar. Como todo mundo, ela já ouvira falar muito de Tony Stark, pela fama do Homem de Ferro – e a fama das Indústrias Stark –, pelos tabloides e suas manchetes e todo tipo de divulgação. Mesmo quando o único canal que podia assistir era o do governo.

– Oi, Sr... Homem... Stark – disse Ava, subitamente envergonhada, alisando os cabelos cor de cobre.

Alex também parecia incapaz de falar, até que finalmente conseguiu desengasgar algumas palavras.

– Você... você é ele.

– Bom, não sou ela – disse Tony, sorrindo, olhando para Alex.

– O garoto fala isso o tempo todo – disse Natasha.

– O que acontece?

Tony acenou, e os dois foram entrando na instalação da S.H.I.E.L.D. Alex e Ava ficaram para trás, seguindo-os mais de longe.

– Você não faz ideia – respondeu Natasha.

Enquanto os heróis conversavam, somente Ava notou o barulho repentino das imensas portas de entrada fechando-se, selando o deque de pouso que ficara para trás.

Tony coçava o cavanhaque.

– Vejamos. Você acaba de aparecer na base central da S.H.I.E.L.D. com dois humaninhos, e um deles parece ser uma menina russa de cabelo ruivo. Por que isso me parece familiar, hein? Por quê?

– Já terminou?

– Ah, acho que acabei de começar.

Assim que puseram os pés na base, a combinação da influência de Natasha Romanoff e Tony Stark – após uns telefonemas feitos por Phill Coulson – ficou mais do que evidente. Em questão de minutos após a chegada do grupo, Alex e Ava receberam indumentária típica da S.H.I.E.L.D. – jaquetas e calças pretas, todas com o característico logotipo prateado –, bem como sanduíches envolvidos em papel-alumínio – estes bem menos impressionantes.

– Ué, não veio escova de dente. Cadê as meias? E as máscaras de dormir?

– questionou Alex, examinando o pacote com o sanduíche.

Tony Stark olhou para o garoto.

– Fique à vontade. Tem tudo isso na loja de souvenirs.

– Tem uma loja de suvenires aqui?

– Não.

Natasha então tomou a dianteira, e, antes que tivesse tempo de reclamar, Ava foi despachada para a ala médica, onde a cutucaram e a sondaram e a examinaram em cada centímetro de vida, com Alex plantado do lado, recusando-se a sair. No instante em que foi diagnosticada saudável – o que foi uma surpresa, dados os eventos do dia –, Ava pôs-se porta afora, junto dos outros.

Entrementes, Tony Stark e Natasha Romanoff (“Metade dos Vingadores”, apontara Natasha; “A metade bonita”, Tony acrescentara) atacaram os altos oficiais em uma quase coletiva de imprensa, fazendo lobby para conseguir obter acesso ao infame centro de dados da Triskelion. A união de forças deu resultado: não havia como resistir ao poder da aliança Stark-Romanoff por muito tempo.

Entraram.

Em uma hora, Ava e Alex – agora vestidos de preto, como todo recruta da S.H.I.E.L.D. – e Tony e Natasha viram-se escondidos muitos andares abaixo do rio East, no que Tony chamava de Centro Nervoso. A sala escura parecia ter o tamanho de um campo de futebol, embora na verdade não se estendesse por mais de quinze metros em cada direção. Era a informação que fluía por ela que mexia com a noção de perspectiva.

O lugar era virtualmente gigantesco.

Lado a lado, nos fundos da câmara, Ava e Alex não continham a admiração pelo correr livre de dados que os circundava.

– Puxa vida. Muito legal! – disse o garoto.

Ele não parecia mais descompassado com a presença do Homem de Ferro, nem mesmo com a ameaça do exército de Ivan.

Ava queria que também fosse fácil para ela. Ela ainda estava angustiada. A S.H.I.E.L.D. a ensinara a ser assim. Até mesmo o cômodo em que estavam

era protegido por três diferentes corredores patrulhados, uma sequência de alarmes que reiniciava a cada hora e uma porta de mais de meio metro de espessura. Para uma garota que não conseguia evitar ficar calculando rotas de fuga em cada lugar onde entrava, aquilo era um pesadelo. Ava não conseguia confiar em nada naquele edifício – nem mesmo no que se chamava Centro Nervoso.

– É, superlegal – disse ela.

Entretanto, não havia como negar que o que acontecia ali não era nada parecido com o que ela vira no 7B – ou em qualquer outro lugar do mundo. Em seu esconderijo, ela espiara e vira de relance elaborados arquivos codificados e sequências de código igualmente elaboradas que podiam roubá-los, assim como vira equipamentos que podiam dar a partida em qualquer carro ou abrir qualquer porta. Não via graça em nada disso.

Mas agora era diferente.

Agora milhares de arquivos da S.H.I.E.L.D. fluíam pelas paredes, circulando ao redor deles com imagens iluminadas e números e tabelas e gráficos, enquanto Natasha e Tony pesquisavam setores diferentes daquela estrutura. Estavam imersos em dados, e tudo, de um jeito ou de outro, tinha a ver com Ivan Somodorov.

Natasha estava calada e focada, mas Tony falava e trabalhava ao mesmo tempo.

– Vamos repetir a preleção. Seu antigo amigo da Sala Vermelha, que não está tão morto assim, aparece na Cidade do Panamá, e você está com medo de que ele queira se enroscar de novo com a Natasha Júnior aqui.

Ava tossiu.

– Como é que é?

– Então você se prepara toda, pesca a Mini-Eu, detona a comissão de frente do Ivan, salta no bom e velho *Pirulito* do Coulson e pega carona até a porta da S.H.I.E.L.D.

- Mini-Eu? Não! – Ava protestou, parecendo ofendida.
- É. Mais ou menos isso – confirmou Natasha, sem olhar para ele.

Tony fez careta.

- E quanto ao garoto?
- Pego no fogo cruzado – Natasha disse, indiferente.
- Nem me fale – Alex resmungou.

– Ivan quer alguma coisa, e acho que tem a ver comigo e com Ava. Por isso estamos aqui – disse Natasha.

Tony fez que sim com a cabeça, ainda de olho no teclado.

- Por que você precisa de ajuda para bancar a babá?
- Porque sou treinada em balística, estratégia militar e contrainteligência, não nisso.

– Melhor aluna – murmurou Alex, cutucando o pé de Ava.

– E daí? – Tony riu. – Eu sou treinado em birlita da boa e vida mansa e... ah, em tudo mais que envolve tranquilidade. Mas as pessoas se adaptam. As coisas mudam.

– Nem todos – disse Natasha, tentando concentrar-se na tela à sua frente, parecendo incomodada.

Lá de trás, Ava observava a agente. Era preciso apreciar a ironia. *Minha maldição foi ela ter me abandonado, e a maldição dela é que ela nunca vai poder fugir de mim.*

Pensando nisso, a garota desviou o olhar.

– É, bom, parece que o Ivan também não é muito de mudar. Aqui. Achei alguma coisa. – Tony deu um toque no *tablet*, e o que parecia ser um conjunto de plantas projetou-se na parede de monitores. – Isso é uma digitalização do que a S.H.I.E.L.D. recuperou daquela noite em Odessa.

Natasha avaliou a imagem projetada à sua frente.

– É isso que você procurava, não? Acho... que tem mais.

Tony continuou passando mais arquivos pela tela. Imediatamente, números e imagens começaram a voar conforme ele explorava a poderosa – e poderosamente segura – base de dados do Triskelion.

Natasha pegou Tony pelo braço.

– Pare. O projeto O.P.U.S. Esse mesmo. É isso.

Tony tirou a imagem da tela e fez o modelo ser projetado no centro da sala. Não estava nem um pouco completo – na verdade, parecia estar danificado e apenas parcialmente materializado –, mas, mesmo nesse estado, pairava no ar acima deles, em três translúcidas dimensões.

Tony foi clicando, e o modelo girou e girou, revelando cada lado, cada ângulo, cada falha de si. Era uma caixa de metal cheia de soldas e rebites, da altura de uma pessoa, com uma bagunça de cabos que pendiam debaixo e o fazia mais parecer um polvo morto.

Um polvo morto muito familiar.

Ava sentiu que prendia a respiração. Alex apertou os ombros dela num abraço. A garota estava petrificada.

– Agora eu me lembro. Dessa... dessa coisa. Estava lá. No armazém, com Ivan.

– *Essa coisa* foi o que ele usou para explodir o armazém – disse Natasha, estudando as linhas e os números brancos e brilhantes que dissecavam o espaço aberto em frente a ela. – Então foi isso o que restou? Depois de tudo...

– Parece que sim – respondeu Tony, gesticulando muito rápido, espalhando imagens e números por cada centímetro do recinto.

Finalmente, ele relaxou.

– Até o que restou é bem sinistro.

– Sinistro? – Ava questionou, atrás dele. – Eu sei por que é sinistro para mim. Mas por que é sinistro para você?

– Para mim, não. Para o Einstein. – Tony clicou o *tablet* mais uma vez, e o rosto de Albert Einstein apareceu nas telas atrás do modelo rotativo. – Física sinistra. Algo que Einstein chamava de entrelaçamento quântico.

– Peraí, como? – perguntou Alex.

– Entrelaçamento quântico. A manipulação total da física ao longo do espaço-tempo. A ideia de que dois pedaços distintos de matéria podem afetar um ao outro mesmo separados por vastas distâncias.

Ava não entendeu muito bem.

– Dois pedaços de matéria?

– Ele quis dizer pessoas – explicou Natasha, de olhos fixos nas paredes.

– Duas pessoas.

Tony concordou.

– Pense em gêmeos que sentem a dor um do outro, ou uma mãe que acorda de repente quando o filho tem um pesadelo, ou um cachorro que fica esperando no túmulo do dono. – Ele olhou para cima. – Pode-se afirmar que são entrelaçamentos naturais. Mas e se fosse possível controlá-los? E se fosse possível entrelaçar matéria?

Natasha recostou-se na cadeira, analisando os dados que tinha à frente.

– O projeto O.P.U.S., se esses registros estiverem certos, foi o empurrão de Moscou para armar o entrelaçamento quântico... e construí-lo. Se conseguiram, alcançaram o que representa o último unicórnio de cada departamento de física do mundo.

Natasha sacudiu a cabeça, frustrada.

– Sabe quem mais disse isso? Howard Stark, só que sobre os raios-vita. E Bruce poderia ter dito o mesmo sobre radiação gama. Estou ficando de saco cheio de unicórnios. Será que podemos tentar arranjar um cavalo normal por aqui, pra variar? – ela disse.

Tony clicou a interface mais uma vez.

– Acho que o unicórnio em questão já saiu para passear, agente Romanoff. Tem centenas de páginas de arquivos aqui, envolvendo dezenas de laboratórios russos, que corroboram menções do projeto O.P.U.S.

Natasha desistiu.

– Beleza. Então sabemos que essa coisa, seja lá o que for, era prioridade, e não só para o Ivan, mas para Moscou também.

Natasha inclinou-se para a interface e girou o modelo mais uma vez.

Alex entrevistou.

– O que você quis dizer com armar?

– Eu me referia a quando pessoas ficam tão perigosas quanto armas – explicou Tony, relaxando na cadeira. – A não ser que eu esteja errado, esse aparelho aí foi uma tentativa de entrelaçar as psiques de dois elementos, sem que suspeitassem de nada. Como um adaptador, mas para cérebros.

– E, por pessoas, ele se refere a mim – Ava disse, lentamente. Ela não tirava os olhos da parede em que dados passavam fluindo. – Eu sou a arma.

– É concebível. *Uma* arma – Tony corrigiu.

– Isso não pode ser possível – disse Natasha. – Por favor, diga que é impossível.

– Não tenho tanta certeza – rebateu Tony. – Imagine uma versão atual da fusão mental vulcana, em que o Spock tem controle total da direção e o pobre do capitão Kirk não faz ideia de que sua mente está passando por isso.

Natasha parecia irritada.

– Isso foi antes ou depois de eles explodirem a Estrela da Morte?

– Vou fingir que você não disse isso – brincou Alex.

Tony não viu graça.

– Pense nisso. É o jeito perfeito de espionar chefes de estado, magnatas da indústria, generais do exército, juízes da Suprema Corte. Se a psique de

uma pessoa puder conectar-se à psique de outra pessoa, qualquer um poderá ser um agente duplo, em qualquer lugar.

– Qualquer um, não – disse Natasha, olhando para o modelo à frente. – Quantos anos você tinha, Ava? Em Odessa?

– Oito – respondeu Ava, quase incapaz de falar. – Tinha oito. Quando parti, tinha quase dez.

– Exato. – Natasha mostrou um artigo de um jornal ucraniano na tela. – Agora tem crianças desaparecendo, e não só na Ucrânia. Os sequestros vão de Moscou a Moldova. Exatamente como na última vez em que Ivan esteve conduzindo sua operação.

– Faz sentido. Cérebros melhores – Tony acrescentou. – Mais adaptativos. Mais crescimento de caminhos neurais. Quer dizer, até os 26 anos, porque depois fica tudo gasto. A não ser que você seja um... como se diz? Um Tony Stark?

Alex riu.

Ava olhou feio para o garoto. *Puxa saco.*

Tony clicou um botão, e o modelo iluminado desapareceu. Em frente ao grupo apareceram relatórios de laboratório em russo, digitados e escritos à mão.

POLNAYA SINKHRONIZATSIYA.

– Sincronização completa – disse Natasha, lendo as palavras. – Foi a mensagem que também interceptamos. E se estivessem falando de Ava e de mim?

– Isso pode ser *um pouco* ruim – disse Tony, dando de ombros. – Meio.

– A conexão seria mais forte se as duas partes estivessem perto fisicamente?

– Você é que tem que me dizer. Até onde sabemos, você e a Ava, pelo visto, são o único protótipo de entrelaçamento, em funcionamento, do Ivan.

Natasha girou a cadeira e ficou de frente para Ava.

– Peguei duas vezes na mão da Ava. Na primeira vez, ela ficou tão enjoada que quase não conseguiu ficar de pé. Na segunda, perdeu a consciência.

Ava concordou.

– Foi como se o meu corpo estivesse em chamas. Como se eu estivesse sendo eletrocutada, ou algo assim.

– E então ela se foi. Apagou totalmente – Alex acrescentou.

Tony estava encantado. Seu cérebro parecia funcionar a todo vapor.

– Como dois fios vivos. Que incrível! Inacreditável! E há algum tipo de caminho dopaminérgico? Mesolímbico e mesocortical? Isso é...

Natasha o cortou.

– Uma quebra de confidencialidade nível sete? Um desastre de inteligência? Uma vulnerabilidade sem paralelo, não só para a S.H.I.E.L.D., mas para toda a Iniciativa Vingadores?

– Entendo o que quer dizer – declarou Tony.

– Odeio ter que perguntar isso, mas e se elas não forem o único protótipo de entrelaçamento? – perguntou Alex.

– Então temos problemas muito maiores do que imaginamos. – Tony hesitou um pouco. – A festa está só começando. Mesmo que sejam só Ava e Natasha as entrelaçadas, é provável que, quanto mais forte for a conexão, Ava tenha maior acesso ao córtex cerebral de Natasha.

– O que significa...? – Alex perguntou a Tony.

– Significa que vou conseguir usar muito mais que os golpes de combate dela, né? – perguntou Ava.

Tony fez que não.

– Natasha... a agente Romanoff... vai começar a... vazar... passar... para o seu cérebro.

– Super – disse Natasha.

– Mal posso esperar – Ava retrucou, irônica.

Tony olhou para Natasha.

– Prepare-se para a exposição. E só digo isso porque nunca te achei muito do tipo que partilha bastante coisa. Ou, sendo bem honesto aqui, que partilha pouca coisa. Ou, enfim, que partilha algo.

O silêncio que se seguiu foi bem constrangedor.

– Partilhar é bom – disse Alex.

Tony girou na cadeira, virando-se para Natasha.

– Você não vai mais ter segredos, Romanoff. Sobre o que fazemos, sobre o seu passado. Você será um livro aberto, não somente para Ava, mas para qualquer um que tenha acesso a ela.

Ava reparou que não conseguia nem olhar para Natasha. Estava tudo tão estranhamente íntimo naquele momento...

– Por que isso agora? O que mudou?

– Não creio que isso seja só agora. Acho que a conexão inicial deve ter se iniciado quando vocês duas encontraram essa coisa pela primeira vez – disse Tony. – Em Odessa. Vocês e Ivan.

Natasha concordou. Ela lembrava-se exatamente desse encontro e suspeitava que Ava também se lembrava de tudo. A luz azul. A explosão de eletricidade. A dor lancinante.

– Mas alguma coisa tem que estar acionando tudo isso. Bem agora, depois de todo esse tempo – disse Ava.

– Vai ver é por isso que o capanga do Ivan apareceu – disse Alex. – Para que a agente Romanoff pudesse ir atrás da Ava. Talvez bastasse apenas juntar as duas para acontecer a sincronização de que ele falou.

– Exato. – Tony olhava de uma russa ruiva para a outra. – Como você disse. Perto fisicamente. É possível.

Os olhos de Natasha ficaram tão gélidos quanto uma noite de inverno em Nova York.

– Então use esse seu cérebro imenso e dê um jeito de fazer isso parar, Tony.

– Se eu puder... – disse ele. E sorriu. – Estou querendo enganar quem, não é mesmo? Claro que eu posso. – Ele checou o relógio. – Mas tenho que estar em Bora Bora na hora do jantar. Tenho um encontro.

Meio sem jeito, Natasha pousou a mão no braço do amigo.

– Obrigada, Tony. De verdade.

Ele suspirou.

– Contanto que não envolva caos. Prometi a Pepper... Estamos de férias do caos.

– Ouvi dizer – disse Natasha, não vendo muita graça naquilo.

– Foi um livro – ele se apressou em dizer, na defensiva. – Ela me fez ler. Vou mandar para você. *Férias do caos*. Parece que está na moda.

– Você é Tony Stark. Desde quando precisa pedir permissão para ter uma vida caótica?

– As coisas mudam, agente Romanoff.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Você espera que eu acredite que você não sabia mais nada sobre as identidades dos menores civis colocados sob seus cuidados?

ROMANOFF: Como?

DD: Só acho estranho uma agente envolver-se subitamente não somente com um, mas com dois menores.

ROMANOFF: Isso é uma pergunta, senhor?

DD: Você acreditava que, de algum modo, estavam ambos conectados no caso? Os dois menores?

ROMANOFF: No que se refere a Ivan, Ava sempre foi um alvo. E Alex só... estava no lugar errado, na hora errada.

DD: Você diria que emergiu um instinto protetor em você? Algo que uma agente com a sua história teria achado desorientador, dada sua infância com Ivan Somodorov?

ROMANOFF: Acho tudo desorientador com relação a crianças, senhor.

DD: Então nada de instinto?

ROMANOFF: Só tenho o instinto de atirar e fugir, senhor.

DD: E as crianças?

ROMANOFF: Eu não diria que seria capaz de atirar nelas, mas elas deveriam fugir mesmo assim. Só por precaução.

DD: Então nada de instinto.

ROMANOFF: Nadica de nada.



17 NATASHA

*Base Triskelion da S.H.I.E.L.D.
A cidade de Nova York – rio East*

– **SABE COMO DIZEM.** A décima quinta vez é a que dá certo – disse Tony, animado.

– Ninguém diz isso – Natasha rebateu, de cara feia. – Nunca.

– Na verdade, acho que a décima quinta vez é a que dizem pra gente desistir – Alex sugeriu.

– Não dizem isso para mim – retrucou Tony, dispensando a sugestão.

A décima quarta tentativa de Stark de separar a conexão mental entre Ava e Natasha quase pusera fogo em metade da cabeça da agente, que ainda estava ressentida. Receosa, ela reparava em Ava, sentada num banco de metal no centro da sala, exatamente como ela.

Dois patinhos na lagoa.

– Ele é sempre desse jeito? – Ava perguntou.

– Sempre – respondeu a agente.

– Fala sério. Vocês não viram o documentário? – Alex interviu de onde estava, pouco atrás delas. – *Tony Stark, ambição de ferro.* Ele é o primeiro otimista norte-americano.

– É. É isso aí que o garoto disse – Tony comentou, erguendo um maçarico.

– Na verdade, não é o primeiro – disse Natasha. – O primeiro é o Rogers. Que chegou uns cinquenta anos antes.

– Eu estou só começando – justificou Tony, baixando uma máscara de soldar sobre o rosto. – O contrário da vida de cão... O que seria, vida de gato?

– O supersoldado Steve Rogers? – Alex titubeou.

– Gostei desse garoto – comentou Tony, fazendo voar faíscas. – O garoto fica.

Assim que disse isso, as faíscas explodiram em torno dos quatro.

A visão de Natasha apagou, e ela pôde ver apenas uma imagem que durou um átimo de segundo – a imagem borrada de uma menina dançando, talvez? Foi rápido demais para que ela conseguisse ver quem era. Só sabia que não era ela mesma.

Ela também ouvia alguma coisa.

Uma música.

Está tocando... Tchaikovsky?

Tudo se passou rápido demais para que ela pudesse entender. A visão de Natasha logo voltou ao normal, assim que Tony derrubou a massa de fios em chamas no piso frio. Dois empenhados técnicos de laboratório então se apressaram a espirrar espuma branca na pilha fumegante.

– Vi alguma coisa, desta vez – disse Natasha. – Acho que vi.

– Deixe-me adivinhar: viu estrelas? – perguntou Alex, olhando para os restos destruídos da tentativa número quinze.

Natasha refletia sobre o que acontecera.

Que foi que eu vi?

Eram lembranças de Ava? Eu vi algo de dentro da mente dela?

A agente russa sentia a própria pulsação começando a acelerar.

Uma coisa era entender logicamente o entrelaçamento quântico. Outra completamente diferente era ver por conta própria. Natasha agora teve certeza de que Ava podia realmente ver o que se passava em sua mente, de que a garota podia de fato acessar suas lembranças.

E esse era um fato mais do que aterrorizante.

Pensar que alguém podia ter acesso a seu passado quase a fez passar mal.

– Não tô nem aí. Não vou colocar essas coisas na minha cabeça – disse Ava, arrancando os eletrodos fumegantes de si. – Não quero morrer.

Natasha olhou para as outras catorze pilhas chamuscadas largadas no chão. Embora as instalações da Triskelion fossem de última geração – pelo menos tinham sido até esse momento –, Tony não parecia estar progredindo muito. Na verdade, ele parecia estar fazendo qualquer outra coisa em vez de progredir.

Anda, Tony. Tire ela da minha cabeça.

Não sei mais quanto disso vou suportar.

Tudo ocorria muito lentamente. Tony começara a noite com um improvisado Desentrelaçador Quântico Stark, que rapidamente foi substituído por um Reentrelaçador Quântico Stark, que logo foi trocado por um Regulador Hipnótico Quântico Stark, um Estimulador de R.E.M. Quântico Stark e um Escâner Ultrassônico Quântico Stark. Basicamente, se Tony pudesse colocar as palavras “Quântico” e “Stark” no final de algo, punha para funcionar.

Ele agora segurava dois fios elétricos faiscantes em frente a Ava e Natasha – junto de um punhado de eletrodos.

– Décimo sexto round. Ideia nova. O Amortecedor de Hipotálamo Stark.

– Ele acoplou novos eletrodos nas têmporas de Ava. – Ou, se acharem que fica mais simpático, o Sanduíche de Hipotálamo Stark. É só colocar...

Ava arrancou os eletrodos.

– E me submeter a mais Choque Elétrico Quântico Stark? Pode esquecer. Não está adiantando nada.

Alex concordou.

– É... Sem querer ser chato, mas seria mais fácil mandar cada uma enfiar um garfo na tomada.

– Bem, na verdade... – disse Tony, olhando para o teto. Mas ele logo desistiu de compartilhar o que pensava. – Não, deixa pra lá. Isso foi praticamente o que fizemos no round sete. Vamos tentar isto, no lugar.

Ele então ergueu os fios faiscantes mais uma vez. Ava olhava para ele como se o achasse maluco – o que, a essa altura, era um julgamento bastante razoável, Natasha tinha de admitir.

– Eu passo. Que tal me chamar *depois* de ter construído a Unidade de Queimados Quânticos Stark? Porque não suporto mais essa porcaria – a garota protestou.

– Minha tecnologia – disse Tony – não é nenhuma *porcaria*. Quase nunca é.

Alex olhou ao redor, vendo os catorze protótipos largados no chão, e tentou esconder seu constrangimento.

Tony deu de ombros.

– Bem, isso é raro de acontecer, digamos assim.

– Ava, se houvesse algum outro jeito, não estaríamos aqui – disse Natasha. – Pode acreditar.

– Pra quê? Acreditar pra quê?

Ava deslizou de cima do banco e saiu andando, derrubando metade de uma mesa cheia de diagramas de circuito, fios enrolados, interruptores elétricos e até ferro de solda – bem como ferramentas de todos os tamanhos. O gesto deixou claro que a garota não pretendia mais permitir que pusessem nada daquilo em sua cabeça.

– Pra quê? Que tal para a segurança nacional? Ou para a manutenção da paz entre as nações? – respondeu Natasha, levantando-se.

A agente não fazia ideia de como conversar com a garota – com alguém que era, de tantas maneiras, tão parecida com ela, mas, ao mesmo tempo, tão diferente.

E ela só tem dezessete anos.

Natasha ficou observando, repassando mentalmente suas opções. *Mais um coelhinho assustado, preso na armadilha*, ela pensou. Aquela era uma imagem familiar.

Eu era tão parecida com ela, nessa idade.

E, no entanto, ela me odeia.

Ava continuou afastando-se até chegar bem perto das portas do laboratório. Nesse ponto, dois policiais militares surgiram na frente dela. A garota apenas cruzou os braços.

– Fala sério! Vão me forçar a ficar? E eu aqui pensando que a função dessas travas todas era impedir que entrasse gente *de fora*.

O silêncio dominou a sala, até que uma faísca perdida ateou fogo numa lata de lixo próxima.

A lata explodiu, lançando um carrinho em cima de dois técnicos.

– Não encoste nisso! – Tony berrou para o mais aterrorizado dos técnicos. – Acha que isso é o quê? Uma torradeira? – Após uma pausa, ele continuou: – Bom, certo. Faz sentido. *Daria* para tostar pão. Um pão francês. Ou, digamos, a França inteira. Mas não encoste nisso. Saiam daqui. Agora.

Os técnicos correram para a saída, então um dos policiais digitou um código de segurança na caixa ao lado dos painéis de aço, fazendo as portas se abrir.

– Ah, eles podem ir embora? Só eu que não? Achei que os Estados Unidos fossem um país livre.

Ava estava furiosa.

– A gente podia fazer uma pausa – Alex sugeriu. – Uma longa pausa.

Natasha olhou para Tony, que apenas deu de ombros.

Obrigada pela ajuda, Stark.

Ela foi junto de Ava até a porta e, num gesto meio desajeitado, pôs a mão no ombro da garota.

– Ava... Sei que é difícil.

– Ah, por favor! – respondeu a garota, virando-se para encarar a agente.

– Que foi?

– Não. Para com isso! Não finja que quer ser minha amiga. Você não é a *sestra* de ninguém. Eu não tenho irmã nem sei o que aconteceu com os meus pais, graças a Ivan Somodorov – explodiu Ava, muito irritada.

Alex olhava-a com toda a simpatia do mundo. Natasha também a compreendia.

– Sei como é perder os pais – a agente disse. – Se você pelo menos me deixasse...

– Não. Não vou cair nessa de novo. Não tenho medo de você. Não mais.

Natasha ficou aturdida com a expressão desafiadora no rosto de Ava. Com a fé e a inocência de sua própria raiva.

Mas você devia ter medo, mocinha. Devia ter medo de um monte de coisas.

O mundo é um lugar cruel para as garotas do Ivan.

Natasha ficou calada por um bom tempo, refletindo sobre o que fazer. Finalmente, resolveu tentar de novo.

– Olha, Ava, pode não parecer, mas estou aqui para ajudar. Estou tentando impedir que você seja atacada por Ivan, o Estranho, pela segunda vez. Sei como é. Eu estava lá, lembra?

E já fui como você, um dia.

– Você estava lá? – Ava zombou. – Você nunca esteve presente quando eu precisei. Você não pode simplesmente pipocar de volta na minha vida

quando tem vontade, bancando a heroína de novo. Até agora eu me virei muito bem sozinha, que foi como você me deixou.

– Bem? – Natasha carregou no sarcasmo. – Você é uma fugitiva. Mora num porão e se alimenta em abrigos, de sopão. É praticamente uma moradora de rua.

Alex ficou aturdido.

O rosto de Ava ficou brilhante de tão vermelho.

– Pelo menos não fico me esgueirando em campeonatos de esgrima, assustando pessoas com meu *rosto falso*.

Tony sorriu.

– Está vendo? *Isso sim* é comunicação. Estamos chegando a algum lugar. Estamos compartilhando.

Natasha olhou feio para ele. *Desista*.

– Alguém aí falou em pausa? Acho ótimo. Boa ideia – disse Alex, tentando pegar Ava pela mão, mas a menina não deixou. Ela ainda não tinha terminado.

Seus olhos eram pura fúria.

– Fico feliz de saber que estava de olho em mim, *sestra*. Bom saber que se importa – Ava debochou.

Ela arrancou do bolso um iPod antigo, todo riscado, e o arremessou para o outro lado da sala. Natasha retraiu-se, mas a garota ainda tinha mais a dizer.

– Pode ficar com o seu iPod. Aliás, pode ficar com todos os seus presentes de merda, sem cartão e sem remetente. Eu nunca quis nenhum deles. Só queria uma amiga. Um único rosto conhecido num país inteiro de estranhos. Pelo visto, isso era pedir demais.

– Vamos embora, Ava – disse Alex, pondo gentilmente a mão no ombro dela.

Natasha tentou mais uma vez.

– Escuta só. Eu tenho uma ideia. E não vou deixar Ivan Somodorov chegar perto de você. Dou a minha palavra.

Aceite.

Deixe-me ajudar.

Precisamos uma da outra, mesmo que você não queira admitir.

– Sua palavra? – Ava zombou. – Onde esteve a sua palavra nesses oito anos? Onde estavam vocês todos? Tudo o que a S.H.I.E.L.D. fez foi me trancar num quarto, para o meu próprio bem, mas posso dizer que não foi nem um pouco bom para mim. Não foi nada bom passar oito anos sozinha no 7B, sozinha num furgão largado, sozinha com um instrutor num escritório da S.H.I.E.L.D., memorizando a constituição de um país que comecei a odiar.

Agora quem ficou possessa foi Natasha.

– Odiar? Porque te venceram? Por acaso fizeram lavagem cerebral em você? Te acorrentaram? Forçaram você a roubar e a mentir e a matar? – Natasha cuspiu as palavras, sem conseguir se conter. – Não? Sinto muito por você não ter tido recessos suficientes. Sinto muito por não ter ido à festa de fim de ano. Sinto muito por ter gente te alimentando e te vestindo e tentando te manter viva.

Enquanto falava, a agente procurava afastar da mente as lembranças que insistiam em emergir. As sovas, os hematomas. Os fracassos, as ameaças. As cicatrizes que Ivan deixara em sua pele e em sua alma.

– Manter viva? Talvez minha vida tivesse sido melhor se ninguém tivesse feito nada.

Natasha, feroz e sombria, olhava fixamente para Ava.

– Não diga isso. Você não faz ideia do que está falando. Não teria sido melhor, apenas mais curta...

– Recreio – Alex interrompeu.

A sala caiu no silêncio. Ninguém sabia o que dizer.

Alex endireitou-se na cadeira.

– A palavra certa é *recreio*, não *recesso*. Na escola, as crianças têm *recreio*. Crianças normais, pelo menos. Não como... como vocês.

Natasha fuzilou o garoto com os olhos. Ava achou-o repugnante. Mas ele não parecia se importar. Alex continuou falando, casualmente:

– E a festa de fim de ano chama-se baile de formatura. Acho que não devia ter no calendário de vocês.

– O que você quer dizer? – Natasha o cortou.

– Só que vocês duas devem ter mais em comum do que pensam.

Natasha respirou fundo e virou-se para Ava.

– Foi no radiador ou na cabeceira da cama?

Você sabe muito bem do que estou falando.

Ava ficou em silêncio.

Natasha aproximou-se.

– Onde ele colocava as algemas? – ela perguntou.

Quando te espancava.

Quando te deixava presa feito um animal.

Os olhos de Ava brilhavam.

Natasha estava incólume.

– Quando você chorava, ou dizia que tinha fome, ou pedia para usar o banheiro? Ou se não agradecesse o bastante por ele tê-la escolhido para ser uma das garotas dele?

Ou todas as anteriores, pensou a agente. Como ele fez comigo.

Ninguém disse mais nada.

Natasha virou-se para Tony.

– Foi um erro eu vir aqui. Vamos largar Alex em casa e mandar Ava de volta à custódia.

É você quem sabe, *>ptenets*.

Natasha quis dizer isso em voz alta para Ava, mas não conseguiu. Já dissera coisas demais.

Não posso mais ajudar. Não desse jeito.

Aconteça o que acontecer, Ava, agora você terá que aceitar.

Como eu aceito.

Ocorreu-lhe por um momento que a garota talvez pudesse ouvir seus pensamentos, mas Natasha suspeitou que não, pelo menos não ainda. De qualquer maneira, não era preciso ler mentes para saber como Ivan Somodorov comandava sua Sala Vermelha.

– Beleza – disse Tony. – Vou chamar um carro. – Dando de ombros, ele baixou a chave de fenda. – Fechado.

– Na pia – Ava falou, subitamente. – Num cano debaixo da pia.

Claro que sim, pensou Natasha, fechando os olhos.

Melhor acústica.

Ele queria que as outras te ouvissem gritar.

Todos ficaram calados.

– Não me lembro de muita coisa, mas me lembro disso. Acho que me acostumei com o que ele fazia. Todas nos acostumamos. O que ele dizia... foi com isso que nunca me acostumei.

Ava falava baixinho, mas não com fraqueza. Na verdade, falar sobre os abusos que sofrera parecia conceder-lhe ainda mais força.

E mais raiva.

Natasha via a ira no rosto da garota.

Ótimo.

É bom sentir raiva.

Vai te dar mais força.

Todos os olhos miravam Ava, mas ela desistiu de prosseguir. Se tinha algo mais a dizer, não falaria. Não ali.

– Vamos – disse Natasha.

Estava resoluta, mais ainda do que antes. Porque agora entendia a verdade: Ava era tão frágil e sofrida quanto ela fora um dia. Cabia a ela manter a garota em segurança, manter todos em segurança. Ava era uma vulnerabilidade, e Natasha tinha de certificar-se de que não fosse explorada.

Nem por Ivan nem por ninguém.

– Você tem que ficar escondida – Natasha disse, finalmente.

– Quê? – Ava perguntou, mais sentida do que se tivesse apanhado.

– A S.H.I.E.L.D. é o local mais seguro para você. Em uma hora, você vai estar fora da rede. Ninguém vai poder te alcançar. É por isso que chamam de esconderijo.

Não é tão seguro assim. Só é o máximo que posso fazer por você.

Pelo menos até Tony descobrir como cortar a ligação.

– E então seus segredos vão ficar protegidos, né? Não é só com isso que você se importa? Que se conseguirem me pegar, vão poder pegar você? Porque eu sei em qual gaveta você guarda a lingerie e em qual armário ficam seus segredos?

– Ava, não faça isso – repreendeu a agente.

– Faça, sim – disse Tony. Ele estava encapetado. – Fale mais dessa gaveta.

Ava prosseguiu.

– Porque eu sei como seu coração foi partido? Como você tem medo... não de morrer, mas de viver?

– Pare – disse Natasha, erguendo a voz.

– Por quê? Porque eu sei mais de você do que você mesma? Odeio informar, agente Romanoff, mas isso não diz muita coisa.

– Pra mim, basta! – Natasha estava fumegando. – Você. Eu. A coisa toda.

Ava riu.

– Que coisa? Nunca existiu coisa nenhuma. A sua *vida toda* nunca existiu, porque você não tem vida. Não tem amigos, não tem família. Este é o seu

grande segredo? Que o que você tem na cabeça não são lembranças, mas um arquivo? Que seu problema não é ser heroína, e sim ser humana?

– Sim! – disse Natasha, subitamente, para a surpresa de Ava.

– Como? – A garota recuou um passo.

Tony olhava de uma para a outra.

Alex também não tirava os olhos delas.

– Você acertou. É isso mesmo. Está feliz? Ótimo. Agora pegue suas coisas. Vamos embora.

Os olhos de Ava continuavam em chamas. Ela sacudiu a cabeça.

– Não posso voltar para lá. Para o 7B.

– Ivan Somodorov está vindo pegar você e eu, Ava. Não posso fazer nada para impedir. Você precisa ficar lá um tempo, pelo menos enquanto ele estiver por aí – disse Natasha. – Mas, se você pode mesmo ler a minha mente, já devia saber disso. Então, se já terminou esse seu monólogo, vamos embora.

– Pode deixar ele vir. Não vou ser trancafiada de novo.

Ava olhou para Tony. Ele lavou as mãos.

– Me perdoe, filha.

Ava olhou para Alex, desesperada.

O garoto estendeu a mão para ela, olhando para os demais.

– Só deem essa noite para ela, pode ser? Esperem até amanhã... Só deem um tempo para ela se acostumar com a ideia.

– Como assim? – a garota perguntou, lançando um olhar mordaz para Alex.

Mesmo assim, ele continuou:

– Depois disso, ela vai fazer o que for preciso para ficar protegida. Eu mesmo irei junto com ela para o esconderijo. Todos nós queremos a mesma coisa. Certo, Ava? – ele perguntou, olhando-a intensamente, para encorajá-la.

Ela o olhou de volta como se ele tivesse enlouquecido.

– Queremos?

Alex apertou a mão dela com força. Ava ficou confusa, olhando para Alex com uma expressão esquisita. Depois, ela se dirigiu a Natasha.

– Tudo bem – Ava disse. – Amanhã. Vou voltar para o 7B.

Natasha acenou para o policial, que digitou algo no painel, abrindo as portas.

– Amanhã.

Você vai, ptenets.

De um jeito ou de outro.

– Só peço uma coisa. – Ava lançou a Natasha um último olhar gélido. – Depois de amanhã, você vai me deixar em paz. Nunca mais vou ver o seu rosto. Prometa.

A expressão de Natasha foi ainda mais gélida.

– Pode acreditar, *sestra*, eu não pretendia que fosse de outro jeito.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Foi angustiante? Descobrir que um estranho teria acesso à sua mente e às suas lembranças?

ROMANOFF: Não foi a primeira vez. Como você já deve ter notado.

DD: Claro. Por causa disso, foi mais difícil ou mais fácil de aceitar, agente?

ROMANOFF: Não tem como ser fácil aceitar ter o cérebro exposto, senhor.

DD: Para alguns, mais do que para outros, agente.

ROMANOFF: Se está querendo saber se eu não gostei de Ava estar entrelaçada a mim, claro que não gostei. Se está querendo saber se eu a coloquei em perigo intencionalmente, então não me conhece nem um pouco, senhor.

DD: Só sei o que você me conta, agente. Venho tentando explicar isso há algum tempo.

ROMANOFF: Nunca te ocorreu que podia haver outras pessoas preocupadas com as minhas lembranças se tornando conhecimento público?

DD: Por exemplo?

ROMANOFF: Você me diga. Não sou eu quem faz as perguntas. Quem te pediu para me investigar?

DD: Isso é confidencial.

ROMANOFF: Isso aqui não é uma audiência se você não me informa nada, senhor.

ATO II

*“...mantenha seu verdadeiro eu
enterrado sob diversas camadas
de falsos eus...”*

| Natasha Romanoff



18 ALEX

*Base Triskelion da S.H.I.E.L.D.
A cidade de Nova York – rio East*

ALGUNS DORMITÓRIOS DA S.H.I.E.L.D. eram, em si, todo um método de tortura, na visão de Alex.

O que fora concedido à visitante civil Ava Orlova – bem ao lado do visitante civil Alex Manor, que por sua vez ficava ao lado da agente inativa Natasha Romanoff – era pequeno, abafado e sem janelas, quase sem espaço para um único e compacto beliche.

O lugar era deprimente demais até para alguém ficar deprimido.

Ava estava deitada no colchão da cama de baixo, encaracolada, olhando fixamente para a parede à sua frente. Alex estava deitado junto dela, envolvendo-a com o braço para protegê-la ainda mais. A garota chegara ao quarto tão exausta, que apagou imediatamente. Alex a vira debater-se sem parar até que os pesadelos levassem a melhor na luta contra o sono irregular. Em questão de uma hora, Ava acordou gritando o nome de Ivan Somodorov.

Agora, Alex acariciava o ombro dela. A camiseta de Ava era fina e macia, e a pele dela estava quentinha logo debaixo do tecido. Deitado ali com ela, o

garoto quase se esquecera de que estava numa base da S.H.I.E.L.D.

– Vamos encontrá-lo, Ava. E vamos descobrir o que aconteceu com a sua mãe e o seu pai. Eu prometo. Não vamos desistir até conseguir.

O quarto estava imerso em silêncio.

Lentamente, Ava, com o rosto cheio de lágrimas, virou-se para olhar para Alex.

– Que foi que você disse?

Ele não entendeu. Dissera algo errado?

– Não vamos?

Ava franziu o cenho.

– *Ty ser'yezno?* – Ela continuou a encará-lo. – Está falando sério?

Dizendo isso, a garota sentou-se subitamente, quase batendo a cabeça na cama de cima.

– Que foi? – Alex perguntou, apoiando-se num dos cotovelos.

– O que você disse. – Ava repetiu lentamente as palavras dele: – *My naydem yevo, Ava. I my uznayem, chto shluchilos' s tvoimi mamoy y papoy. Ya obeshchayu. My ne ostanovimsya, poka my eto ne delayem.*

Essas foram exatamente as palavras de Alex. Ele apenas achava que as tinha dito em inglês.

Mas, na verdade, não.

Alex falara no mais perfeito russo.

Idioma que ele não sabia que sabia.

Der'mo, pensou ele.

Ava não podia acreditar.

– Você fala russo? Por que não me disse?

– Porque não falo. Juro que não falo. Que loucura!

Tak s uma. Uma loucura!

Ava riu, apesar daquela maluquice toda, e o riso dela ecoou por todo aquele espacinho.

– Você acaba de responder em russo uma pergunta feita em russo.

– *Der'mo* – disse Alex, desta vez em voz alta.

– Que estranho. – Ava rolou para perto dele. – Você acha que tem a ver com o O.P.U.S.? Será que você está captando Natasha Romanoff também?

– Se estou captando essa coisa que existe entre vocês duas? Russo quântico? Não. – Ele sacudiu a cabeça. – A Viúva Negra? Como eu poderia ter uma conexão com ela? Não pode ser. Ela é... *Mistério* nem chega perto de conseguir descrever direito. Eu não me surpreenderia se ela dissesse que é de outro planeta. – Ele parou e pensou um pouco. – Tirando a parte do combate. Essa eu entendo. Ela faz uns contra-ataques irados.

Ava rolou e ficou de barriga para cima, levando a mão até a base do colchão listrado acima deles.

– Sei lá. Desde o rio... desde que Natasha pegou na minha mão... está tudo diferente na minha cabeça. Já senti alguma coisa assim?

Nunca senti nada assim.

Alex virou-se para Ava e deitou a cabeça no travesseiro, ao lado dela.

Como você.

Ele sabia que a estava encarando, mas não conseguia evitar.

Como eu, deitado do seu lado.

– Tudo ficou diferente desde que eu te conheci – disse ele, lentamente, sem prestar muita atenção ao que dizia. Quando se deu conta, ficou corado por ter dito. – Mas nem isso explica como de repente sou capaz de falar russo.

Os dois ficaram cara a cara – os lábios dele quase roçaram a bochecha dela quando ele falou.

Ela sorriu para ele.

– Acho que não.

Alex puxou uma mecha dos cabelos cor de canela dela, estudando o perfil de Ava. Ela era tão linda que era quase um choque vê-la naquela

deprimente cela cinza metida a quarto.

Como é que eu vim parar aqui?

Ele olhou para ela.

– Por que você veio falar comigo daquele jeito, no meio do campeonato?

Isso não é bem algo que imagino você fazendo, agora que te conheço.

– O quê? Falar?

– Com um estranho? Ava Orlova? De jeito nenhum. Você sempre fica na sua.

– Você não era um estranho. Eu já disse, achei que te conhecia.

Os olhos de Ava estavam fugidios e tristonhos, mas ela sorria um sorriso suave. Alex puxou mais uma mechinha dos cabelos dela.

– É... Bem... Eu disse que achava que te conhecia... mas não era verdade. Eu só *queria* te conhecer – Alex confessou.

– Para mim talvez tenha sido diferente – disse ela, olhando para ele logo depois. – Ainda quer? Quer... Digo... Não acha que sou maluca? Depois que surtei agora há pouco?

– Por acaso isso foi uma pergunta? – Alex perguntou em russo, puxando-a para perto.

Ela se aninhou junto dele, quentinho e macio e acolhedor.

Chega mais perto, ele pensou.

Então Ava recuou, sorrindo.

– Mesmo depois disso tudo? De ter levado até tiro?

– Sim. – Ele a cutucou e sorriu. – Claro.

– De ter pulado da ponte? – Ava entrelaçou seus dedos nos dele.

– Sem dúvida.

Alex ainda sorria. Ele levou as costas da mão dela aos lábios. Seu coração martelava no peito, mas ele não sabia se era nervosismo ou adrenalina.

Devem ser os dois.

Ava fingiu que pensava em algo.

– De ser levado a um avião da S.H.I.E.L.D.?

Alex riu.

– Isso não conta. Fui eu que te levei para o avião.

Ela chegou mais perto dele.

– De ser largado neste buraco comigo?

– Acho que consigo lidar com isso. – Alex foi para mais perto dela. – A vida com você nunca é monótona, Ava. Você é diferente de todo mundo que já conheci.

– Diferente das meninas de Mountain Clear?

– Diferente de todas as pessoas do planeta Terra – ele disse, erguendo o rosto sobre o dela.

– Vou preferir aceitar isso como um elogio.

– Pode acreditar, foi um elogio.

Ela estava tão perto que Alex podia sentir a respiração quentinha dele tocar a bochecha dela. *Como eu queria te beijar*. Ele se aproximou ainda mais.

– E vai saber... Talvez hoje seja a última noite... – Alex fechou os olhos e levou os lábios aos dela.

Mandei mal.

Ava retraiu-se e afastou-se, sentando-se na cama. *Ainda não, Alex*. A mensagem foi dada, e ele entendeu. Ava não o conhecia direito. Não confiava nele. Alex compreendia. Nem ele tinha certeza se confiava em si mesmo.

Ele se largou no colchão.

– Não devia ter dito isso.

– Por que não? É verdade.

– Você não tem como saber isso – disse Alex.

Ava suspirou.

– Você só está sendo otimista. Você e Tony Stark.

– Nada disso. Eu sou realista.

– Não acho que você sabe o que significa essa palavra.

Alex pegou a mão dela de novo, dando outro beijo ali.

– Sei, sim. Significa que estou *realmente* feliz por ter te conhecido.

Ava resmungou.

– Nossa, essa foi ruim.

– Ruim demais? Numa escala de um até Tony Stark?

– Foi meio Tony – disse Ava, sorrindo.

– Foi mesmo, reconheço.

– Alex? – ela disse, baixinho.

– Hum?

– Estou com medo.

– Eu sei – disse ele, abraçando-a mais forte. – Também estou. Não tem problema.

E acho que tem mais gente com medo.

Alex não quis nem pensar em quão preocupada a mãe dele devia estar. Se é que Dante já não tinha ido falar com o pai, que era o mesmo que falar com a polícia.

Ava olhou para ele.

– Aquilo que Natasha falou sobre eu morar no abrigo... É verdade. Já morei. Mas não quero que você tenha pena de mim.

– Nada mudou, Ava. Você continua sendo você.

Ava aproximou-se e, como resposta, beijou-lhe a bochecha. Enquanto ela voltava a deitar, ele respirou fundo.

– Ava?

– Quê?

Vou esperar por você, ele pensou, enquanto Ava deitava a cabeça no ombro dele, relaxada pela primeira vez desde que acordara de seus pesadelos.

– Se estou captando alguma coisa, Ava, não é só o idioma.

– Eu sei – ela disse, baixinho. – Eu também. Não tem problema.

Ele descansou a bochecha sobre os cabelos dela. *Quando você finalmente me deixar te beijar, Ava, talvez eu não consiga parar nunca mais.*

Horas depois, quando ouviram passos no corredor, souberam que não tinham muito mais tempo. Mesmo sem Romanoff ou Tony Stark por perto, junto da porta devia haver mais seguranças monitorando o corredor do que podiam caber dentro do quarto.

Alex sentiu Ava ficar tensa ao lado dele.

– A gente tem que sair daqui antes que eles voltem – ela disse, sentando-se.

Romanoff e Tony Stark ainda estavam no laboratório. Alex desconfiava que fosse tarde, mas era difícil ter noção de tempo nos níveis inferiores da base da S.H.I.E.L.D., que ficavam perpetuamente acesos.

– Bom, precisamos de um plano, já que temos que passar por, sei lá, uns 25 guardas? Com armamento pesado como o de Romanoff – disse Alex, passando a mão em seus cabelos emaranhados, gesto que fazia sempre que parava para pensar.

Dar o fora daqui não vai ser nada fácil.

– Vinte e dois – Ava acrescentou, automaticamente. – Armas. Nos corredores, digo.

Alex olhou para ela.

Ela rolou para o lado e ficou de frente para ele.

– Dois por andar, e estamos onze andares abaixo da superfície. Podemos pegar o elevador de carga, mas, mesmo assim, tem pelo menos uns seis caras no anexo. E outros quatro, se cortarmos pelo átrio oeste. São 32 agentes armados e treinados, sem contar os seguranças de sempre... os do perímetro, na entrada.

– Então você já passou bastante tempo por aqui?

– Na verdade, não – disse ela, fechando os olhos. – Deve ser... sabe... *ela*. Nem eu entendo o que está acontecendo comigo.

– Ah – lembrou-se Alex. – É mesmo.

– É como se eu pudesse ver trechos de um filme passando na minha cabeça, às vezes. Só que o filme não é meu. – Ela olhou para ele. – É dela.

– E é por isso que ela quer que você fique trancada aqui.

Ava olhou Alex bem nos olhos.

– Não vou voltar a me esconder. Nem agora nem nunca.

– Voltar para a prisão? – perguntou Alex. – Não achei que fosse querer.

– Eu morreria. Juro. Seria de matar.

As palavras de Ava soaram muito verdadeiras. Alex não duvidava de nada. Ele imaginava que a garota não tinha tido uma vida fácil e, além do mais, ouvira o bastante para saber que ela tinha motivos suficientes para sentir tudo o que sentia.

Ela, contudo, não parecia querer contar-lhe mais do que já havia contado, e Alex não insistia. *Precisa tempo*, ele pensava. *Ela vai contar quando estiver pronta.*

Ela então tornou a falar, num tom grave e sério.

– Sabe o que vão fazer comigo? Se concluírem que sou perigosa demais? Por causa das coisas que eu sei, das coisas que eu vi? – Ava olhou para Alex. – Já viu um agente ser açoitado?

– Nunca nem tinha visto um agente – Alex disse, baixinho. – Vi hoje, pela primeira vez. Por quê? A S.H.I.E.L.D. pode fazer uma coisa dessas?

Quase sem perceber, Ava fez que sim. Parecia que ia passar mal – e ela ficou muito, muito triste. Alex sentou-se na cama, ao lado dela, tão perto que podia sentir o coração de Ava martelando junto ao dele. Ele deslizou o braço por trás dela, e ela chegou mais perto.

– Conte – Alex sussurrou.

Ava debruçou-se no peito dele, como se não conseguisse olhá-lo diretamente nos olhos. Como se tudo fosse muito difícil de pensar e pior ainda de falar.

– Passei anos no 7B ouvindo fofocas sobre desprogramação e sugestão hipnótica. São tipo as histórias de terror da S.H.I.E.L.D. Não é só em Moscou que sabem fazer isso. Num dia você é você mesmo e, supostamente, no dia seguinte, você é...

Ava parou de falar.

– Que foi?

Alex não fazia a menor ideia do que ia ouvir, então Ava finalmente olhou para ele. Ela estava com uma expressão sinistra.

– Nada.

– Nada?

Alex não queria nem imaginar como seria a sensação, como ele ficaria sem sua mente, sem suas lembranças.

– Ou pior: eles te dizem que você é algo que você não é, e você acredita... Nas mentiras. E isso nem importa, porque você nunca vai saber a diferença. Talvez já esteja até morto.

Alex olhava fixamente para Ava.

– Acredita mesmo nisso? Que alguém faria uma coisa dessas?

Ava nem hesitou.

– Você conheceu essas pessoas. O que você acha?

– Que talvez seja melhor não ficar por aqui para descobrir.

Só de falar naquilo tudo, Alex já quis botar o pé na estrada.

– E vamos para onde? – perguntou Ava, desanimada.

Ele descansou o queixo no topo da cabeça dela.

– Minha casa. Minha mãe não manja de nada, mas podemos perguntar ao pai do Dante o que fazer. O pai desse meu amigo é policial. É bom com coisas desse tipo.

– Com mercenários russos e Vingadores e superespões da S.H.I.E.L.D.?

– Isso. Não. Digo... Ele vai saber o que fazer.

Espero.

Ava não pareceu dar muito crédito à ideia.

– O que sua mãe vai fazer quando o Homem de Ferro e a Viúva Negra aparecerem para dar um trato nos miolos do filho dela? Pedir educadamente que se retirem da casa?

– Matá-los de tanto tagarelar, deixar que peguem o gato no colo... – disse Alex, levantando-se para zanzar pelo quarto. – É. Certo, precisamos de um plano.

– E se estivermos complicando a situação mais do que o necessário? E se for mais simples? E se só precisarmos resolver o problema chamado Ivan Somodorov antes que se livrar da gente se torne uma solução?

– Simples? Como isso pode ser simples? – Alex ficou inconformado. – Está pensando em tentar resolver esse entrelaçamento quântico? A gente nem sabe direito o que é essa coisa.

– Sim, é isso mesmo. Essa é a primeira coisa a fazer.

– O quê? Procurar entrelaçamento quântico no Google? Pesquisar um artigo no Reddit?

– Talvez a gente só precise voltar para o começo.

Alex olhou para ela.

– O começo do quê? Por que eu estou com a péssima sensação de que você não está falando só do começo do fim de semana?

Ava fez que não.

– Estou falando do armazém em Odessa.

– Odessa, Ucrânia?

Ava fez que sim.

– Tá falando sério?

Alex olhava fixamente para Ava, incrédulo. Ela deu de ombros.

– Por que não? Não temos mais aonde ir, e esse é o último lugar em que vão procurar por nós. – Ava agarrou Alex pelo braço, para que ele parasse de zanzar pelo quarto. – Pensa um pouco.

Alex pensou um pouco – mas era difícil separar o que pensava daquilo que sentia. Somente uma das duas coisas ficava perfeitamente clara.

Como me sinto?

Sinto que posso ir com ela para qualquer lugar, quando ela quiser.

Ava mordeu o lábio, apreensiva, e Alex percebeu que ela ainda esperava que ele dissesse alguma coisa.

Ele então se sentou ao lado dela na cama e puxou o zíper da jaqueta preta de Ava até chegar no queixo.

– Escute – ele começou.

– Hum... Estou ouvindo – ela disse, animada.

Fica frio, Manor. Não vá assustar a garota. Ainda não.

Alex desistiu.

– Acho que não pode ser pior do que na Filadélfia.

A não ser pelo que a minha mãe vai fazer comigo quando eu voltar para casa. Isso sim vai ser dez vezes pior.

Alex tentou não ficar pensando nisso. A coisa ia ficar feia.

– Filadélfia? Obviamente você nunca foi a Odessa – disse a garota, cutucando Alex nas costelas.

Alex pousou as mãos nos ombros de Ava.

– Tá, e agora?

– Prioridades primeiro – ela anunciou, levantando-se da cama. – Temos que dar um jeito em dois caras armados por andar. E são onze andares.

Ava ofereceu a mão a Alex e o puxou para perto de si. O garoto apenas suspirou.

– Maravilha. Que mais?

– Bom, depois disso, vamos precisar de um táxi.

– Temos que acabar com 22 caras armados, e você está preocupada com o táxi!

– Estamos em Nova York. O transporte é um problema seriíssimo.

Ava colocou a mochila nas costas e pôs a mão na maçaneta da porta. Ela então olhou para Alex, que mostrou estar pronto, erguendo os punhos na altura do queixo.

– Você pega a esquerda; eu, a direita – disse ele.

Ava fez que não.

– Tenho uma ideia melhor.

– Ei – chamou Ava.

Os dois agentes da S.H.I.E.L.D. que patrulhavam o corredor, cada um numa ponta, olharam para ela. Ava ergueu as mãos, mostrando que não oferecia perigo.

– Sou eu. Posso pedir um favor?

Os agentes se entreolharam. O da esquerda fez um sinal, e ambos puseram-se a caminhar pelo corredor até a porta do quarto dela.

Ava apontou para o iPod maltratado que tinha nas mãos.

– Não consigo fazer funcionar. Vocês podem me emprestar um fone de ouvido? Só para eu saber se o meu está quebrado.

– Isso aqui? – perguntou o agente da esquerda, apontando para o ponto eletrônico em seu ouvido.

– Sim. Pode ser? – Ava examinou a entrada do fone em seu pequeno aparelho. – É uma espécie de alto-falante, não é?

O homem deu de ombros.

– Acho que sim.

Ele soltou o fio e entregou o objeto à menina, que colocou uma ponta no ouvido e plugou a outra no aparelho.

– Ah, legal – disse Ava, aumentando o som. – Obrigada, rapazes! – ela agradeceu, voltando para dentro do quarto.

– Ei, eu preciso disso aí. – O agente inclinou-se na direção dela, estendendo a mão para pegar o ponto de volta.

– Ah, é! Esqueci – disse ela, metendo a porta na cabeça do agente.

O barulho do aço reforçado em contato com o crânio do homem ecoou pelo corredor.

CRACK!

O cara recuou, cambaleando.

– Foi mal, foi mal – Ava desculpou-se.

– Mas o que...

Do corredor, o outro guarda avançou contra ela e, desta vez, foi Alex quem agiu, batendo a cabeça do homem na estrutura de ferro da cama.

SMASH!

– Rápido!

Com pressa, os jovens arrastaram os corpos inconscientes para dentro do quarto.

Alex resmungou ao soltar o pé de um dos guardas ao lado da cama.

– Nossa! Esses caras devem comer muito mais do que os sanduíches mequetrefes que deram pra gente.

Ava vasculhou os bolsos do primeiro agente. Alex arrancou um fone do outro e o enfiou no ouvido.

– Achei – disse a garota, mostrando um cartão. Ela o consultou. – Obrigada... Elliot.

– E isso aqui? – Alex perguntou, apontando para a arma do guarda.

Os dois ficaram um tempo apenas olhando, sem saber o que fazer.

Foi Ava quem finalmente falou.

– Pega.

– Sêrio?

Ela fez que sim.

– Vamos ter que dar uns tiros, Alex.

Os olhos dele correram para ela.

– Eu não...

– Dar uns tiros nas câmeras de segurança.

Alex pegou a arma, e Ava fechou a porta assim que os dois saíram.

Em cerca de doze segundos, eles já tinham atravessado o corredor e estavam entrando no elevador. Alex estava prestes a apertar o botão quando Ava agarrou a mão dele, apontando para o ouvido.

Estão a caminho.

Alex compreendeu.

Ava abriu a porta da escada, no lado oposto do corredor. Ela parou.

– Agora, sim, você pega a esquerda, e eu, a direita.

Alex abriu um sorriso maroto.

Enquanto subia, Ava aprendeu três coisas sobre si mesma.

A primeira: agora ela sabia derrubar uma Glock dando um chute no pulso de quem a segurava – habilidade bastante útil para as circunstâncias do momento.

A segunda: agora ela tinha o instinto muito desenvolvido de evitar câmeras de segurança, mesmo antes de ela e Alex terem tido chance de atirar em alguma.

A terceira: agora ela sabia dirigir um barco a motor.

O que ela fez por um longo trajeto até um deque a meio caminho de Manhattan.

Tony Stark tinha razão. Estar entrelaçada com Natasha Romanoff não seria coisa pouca. Aquele salto da ponte tinha sido apenas o começo.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Espere. Para sermos perfeitamente claros aqui, quer dizer que nossos dois civis menores de idade escaparam não só de metade da lendária força de paz global chamada Iniciativa Vingadores, mas também da segurança de base de um Triskelion?

ROMANOFF: Todo mundo tem noites ruins, senhor.

DD: Ruins? Onde você estava no meio disso tudo, agente Romanoff? Fora do planeta?

ROMANOFF: Stark e eu ainda estávamos no laboratório, focados em cortar a ligação quântica.

DD: Então você colocou o seu desconforto acima de questões de segurança nacional?

ROMANOFF: Esse “desconforto” se tratava de uma falha em todos os protocolos de segurança já estabelecidos pela S.H.I.E.L.D., senhor.

DD: Porque esse negócio de entrelaçamento quântico deu à menina acesso ao conteúdo confidencial em seu cérebro?

ROMANOFF: Porque esse negócio de entrelaçamento quântico deu à menina a habilidade de dar cabo de 22 agentes extremamente bem treinados, em onze andares sob o rio East.

DD: Então ela virou a prioridade?

ROMANOFF: Ela sempre foi, senhor.



19 AVA

*Ponto de táxi em Long Island
Queens, Nova York*

AMANHECIA quando um carro finalmente apareceu no deserto ponto de táxi em Long Island. Não houvera gasolina nem ânimo suficiente para que Ava e Alex fossem de barco até o aeroporto, então eles aguardavam encostados numa murada de concreto, abraçados para se aquecer.

No banco da frente do automóvel, o passageiro abaixou a janela.

– Você enlouqueceu de vez? – perguntou Oksana, de seu assento num judiado táxi amarelo. Ela encarava os dois. – Por que isso não me surpreende? Acho que eu devia estar um pouco mais surpresa, pelo menos.

Ava abriu a porta e sentou no banco de trás do veículo. Alex fez o mesmo do outro lado. Ava inclinou-se à frente.

– Você trouxe o que eu pedi?

– Está embaixo do meu banco – disse Oksana. – E peguei todos os salgadinhos velhos de peixe do lixo do sopão, como você queria. Sua preciosa gata, Sasha, está numa boa. *Sumasshedshaya* – a menina acrescentou, quase num sussurro: “maluca”.

Ava abaixou-se e pegou o que parecia ser uma maleta velha e maltratada. Vendo o objeto, ela ficou aliviada.

– Pode nos levar ao Aeroporto Kennedy, Sr. Davis?

Com as mãos no volante, o pai de Oksana apenas fez que sim, sem dizer nada, olhando sombriamente do retrovisor, onde um pingente esmaltado na forma de um sapatinho de bailarina balançava logo abaixo. Sua esposa falecida, mãe de Oksana, era dançarina de uma companhia russa itinerante quando conheceu o pai de Oksana e desertou. A filha e o pai não se davam muito bem desde que ele se casara de novo, e a garota saiu de casa pouco depois. Agora, mesmo ela vivendo no abrigo, os dois jantavam juntos todo fim de semana – motivo pelo qual Ava sabia que conseguiria uma carona.

– E você espera que eu acredite em alguma parte dessa história? Que você está sendo caçada pelos russos? – Oksana perguntou, incrédula. – Que você largou o campeonato por questões de vida ou morte... e não por ter amarelado na hora de competir?

– *Ty mozesht verit' mne ili ne verit'.*

Acredite se quiser. Ava olhou para fora da janela.

– Está bem, não acredito – contestou Oksana.

– *Ya znayu, chto eto stranno, no ya dolzhen eto sdelat'* – disse Ava.

Sei que é estranho, mas tenho que fazer isso.

– *Ona delayet* – Alex respondeu, com um suspiro.

Ela tem mesmo.

Oksana olhou assustada para ele.

– Não faz isso. Dá medo. Fale em inglês, Menino do Sonho.

– Beleza. Mas corta essa de Menino do Sonho, pode ser?

– Mas você é *tão dos sonhos* – disse Oksana, lançando um olhar cheio de significado para Ava, que se limitou a voltar-se mais uma vez para a janela.

– Droga. Hoje é domingo. Tenho que ligar para minha mãe – Alex falou, subitamente. – Era para eu e o Dante estarmos voltando para casa. Ela vai

achar que eu me meti em confusão.

Foi a vez de Ava lançar um olhar cheio de significado para ele.

O menino corou.

– Digo, ainda mais confusão. Confusão tipo caça-níqueis em Atlantic City.

– Não confusão tipo assassinos russos? – provocou Oksana, sarcástica.

Ele fez que não.

– Você não conhece a minha mãe.

– Eu entendo – disse Ava, observando os carros passando pela estrada. – Sinto muito.

Lembro-me de uma mãe, pensou ela. Pedacinhos e detalhes dela. Maçã com canela. Boneca bailarina. Uma caneca de leite tarde da noite.

Ela procurou avançar ainda mais em suas memórias, focalizando essas imagens familiares.

Dias nublados. Pisos frios de concreto. Telhas cobertas com pontinhos. A mancha de tinta de caneta no bolso do jaleco da minha mãe. Arame farpado enrolado em espiral lá fora, quando a levávamos para o trabalho...

Ava tentava manter essas lembranças acesas em sua mente, mas estava ficando cada vez mais difícil.

– Vamos entrar em contato com ela assim que possível – ela disse, apertando a mão de Alex.

Eles haviam feito apenas uma ligação antes de Ava tirar o chip do celular de Alex e destruí-lo. Isso era o básico S.H.I.E.L.D., e Ava bem sabia.

Sem o chip, não havia como rastrear nem interceptar o sinal do celular. A única ligação que haviam feito foi o que os levara até ali, onde estavam agora.

Oksana viera – Ava sabia que ela viria, mesmo reclamando muito. Ava também sabia que a amiga viria no carro do pai dela, em cujo porta-malas as

meninas guardavam seus pertences mais valiosos, as coisas que não ousavam deixar em nenhum abrigo nem naquele porão emprestado.

Os pertences de Ava se resumiam a uma maleta da S.H.I.E.L.D. que ela carregava consigo desde que deixara o 7B, três anos antes. E essa maleta era o único motivo pelo qual ela precisara que Oksana viesse.

Dentro do táxi, em alta velocidade, rumo ao aeroporto, Ava foi enfiando todo o conteúdo da velha maleta na mochila. Não sabia quando poderia precisar daquilo, mas não podia se arriscar. Estivera preparando-se para desaparecer por anos, e tinha a sensação de que a hora de partir enfim havia chegado.

Estou pronta. Mesmo se for hoje, estou pronta.

Ava foi até sua única e melhor amiga e apertou-lhe o ombro.

– Obrigado, Sana. Vamos voltar o mais rápido possível, eu juro.

– *Vamos?* – Oksana estava incomodada.

Ava não podia culpá-la por isso. Nenhuma das duas jamais ouvira palavra similar sair da boca de Ava, a não ser quando o plural se referia a ela e a Oksana.

Eu sei, Sana. Desculpe.

Ava não podia dizer isso em voz alta, mas não conseguia parar de pensar no assunto. Levar tiros e ser caçada e perseguida era bem esquisito – mas ter uma nova pessoa com quem fazer tudo isso era mais esquisito ainda.

Ela sentia o joelho de Alex pressionar levemente o dela, e a intimidade do toque a fazia corar, mesmo no escurinho do banco de trás. Era embaraçoso gostar desse jeito, tão abertamente, de alguém. Parecia perigoso, e também dolorosa e lamentavelmente novo.

O fato de tudo ainda estar acontecendo em meio a tanto caos apenas tornava mais fácil fingir ignorar a situação.

Alex mudou de assunto, olhando para o grosso livrinho azul que tinha nas mãos.

– Isso é ridículo! Eu nem tenho passaporte, na vida real.

O garoto não entendia até agora como Ava fizera surgir passaportes falsos de dentro de um dos bolsos mais recônditos da velha maleta, e isso a deixava muito orgulhosa.

– Isso aqui é a vida real, Alex.

Ava passara tempo suficiente no 7B para saber que os passaportes holográficos da S.H.I.E.L.D. que ela roubara da sala de suprimento eram apenas a ponta do iceberg no que se referia ao que a organização era capaz de fazer. Na área de tecnologia operacional, eles eram não só a novidade do ano, mas também a dos últimos quatro. E, nesse sentido, os anos da S.H.I.E.L.D. equivaliam a anos de cachorro. Ava não ficaria surpresa se chegassem ao controle de passaportes do aeroporto e descobrissem que tinham acionado todos os alarmes do lugar, por estarem usando uma tecnologia obsoleta.

Mas esse era um risco que teriam que correr.

– A minha vida real não costuma ser deste jeito – disse Alex. – Uma noite para mim é quando chega a vez de outra pessoa limpar a caixa de areia do Stanley.

No banco da frente, Oksana resmungou.

Ava apenas sorriu.

– Bom, nada disso é muito novidade para mim. Pode confiar.

Quando escapara do 7B, Ava sabia que não devia confiar a ninguém seus planos para o futuro, e aqueles passaportes faziam parte do seu plano oficial. Embora não fosse otimista o bastante para acreditar que teria que roubar dois – por nunca ter tido amigo nenhum nos Estados Unidos até aquele momento –, o segundo documento representava pura positividade: ela sempre pensara que poderia trocá-lo por algo de viesse precisar.

Felizmente, roubara dois.

Ava endireitou-se no banco.

– Não podemos estragá-los. Só tenho dois. E não tenho um plano B.

No banco de trás do carro, a garota posicionou o passaporte em frente ao rosto de Alex. Um átimo de segundo depois, as feições dele apareceram no quadrado onde devia constar a foto do passageiro.

– Perfeito – disse Ava, entregando o documento ao garoto. – E você tem mesmo cara de Peter Peterson.

Alex analisou o passaporte.

– Peter Peterson? E esse nome existe, por acaso? Onde é que a S.H.I.E.L.D. arranja essas coisas?

– De gente morta. E de diretórios telefônicos. E de anuários escolares – explicou Ava. Alex olhou assustado para ela, que apenas deu de ombros. – Que foi? É isso mesmo.

– O que é que você sabe sobre anuários escolares?

– Eu já disse. Venho coletando essas coisas desde os nove anos.

Ava preferia não especificar quão vasta era sua coleção. Microtransmissores de celular e receptores. Proteções de látex para digitais e disruptores digitais de reconhecimento facial. Tudo que julgara ser útil para uma pessoa que queria ou precisava desaparecer – como ela sempre pensou que seria o caso dela.

Ela não somente havia fuçado em coleções de equipamentos de espionagem abandonados em cinco instituições, como também passara todos aqueles anos no 7B aprendendo a roubá-los, a desbloqueá-los e a usá-los.

Talvez estivesse, sem saber, preparando-se para esse momento durante sua vida toda. Talvez uma parte dela sempre soubera que Ivan, o Estranho, retornaria.

Pode vir. Estou pronta.

Ava segurava o próprio passaporte enquanto falava, transferindo suas digitais para o sensor dentro da capa.

– Eu praticamente cresci num escritório da S.H.I.E.L.D. Fui ignorada pelos espiões desde que você estava na escolinha. – Ela aplicou o próprio rosto no documento. – Pronto. Agora sou norte-americana. – Ela ergueu o passaporte e fez sinal de paz com a outra mão. – Taylor Swift! Capitão América! Disneylândia! Eu não tenho cara de Melissa Johnston?

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Você é tão Johnston que não tem nem graça. É praticamente uma Minnie Mouse.

Ava mostrou a última coisa que roubara – não da S.H.I.E.L.D., mas de Tony Stark. Encontrara dentro de uma cópia oca de *Férias do Caos*, na mala aberta dele, que era muito parecida com uma caixa de ferramentas, só que feita de couro italiano muito fino. Um montinho grosso de notas de cem dólares. Ela sacudiu a cabeça.

– Bilionários e agentes da S.H.I.E.L.D. estão sempre tão preparados... Sempre prontos para dar o fora, pelo visto.

– Parece que tem alguém que não está querendo tirar férias do caos ainda. – Alex viu o dinheiro.

Oksana escancarou os olhos. Antes que a amiga pudesse dizer qualquer coisa, Ava jogou um maço de notas no banco da frente do carro.

– Isso... é de verdade?

– Sim – disse Ava. – E pode acreditar: ninguém vai sentir falta.

– O dinheiro é seu? – Oksana perguntou.

– Não. Agora é seu. – Os olhos de Ava encontraram os da amiga. – Pegue. O restante elas nem tiveram que dizer em voz alta.

Que foi que você fez, Myshka?

Algo que não posso desfazer, Sana.

Contudo, não havia mais tempo para preocupações, pois as luzes do Aeroporto JFK já feriam os olhos dela. O táxi parou em frente a uma entrada

marcada pela placa VOOS INTERNACIONAIS, e logo ela estava na calçada, despedindo-se de sua única amiga no mundo.

Quando Oksana jogou os braços em volta de Ava, esta entregou um pequeno objeto preto nas mãos dela.

– É um celular especial. Antigo, mas internacional e irrastrável. Tem um número nele. Ligue pra gente se acontecer algo de estranho. Depois destrua.

– Estranho? Estranho como? Quer dizer, mais estranho que essa sua ilusão?

– Sana, não estou de brincadeira. Tem coisas muito estranhas acontecendo, nesta semana toda. Não quero ver você metida na minha bagunça.

– Já estou metida na sua bagunça. A sua bagunça é minha bagunça.

– Fique na sombra. Na casa do seu pai, quem sabe. – Ava deu um beijinho em cada bochecha da amiga. – Só não esquece de cuidar da Sasha para mim, tá bom?

Oksana fez que sim.

Alex, em seguida, deu um único e desajeitado beijo no rosto da garota.

– Hã, tchau. – Ele olhou bem nos olhos de Oksana. – Você é uma ótima amiga, Sana.

– Esses americanos... – respondeu ela, revirando os olhos.

Ava reparou que a amiga sorria enquanto retornava ao carro. Pondo a mochila nas costas, com Alex do lado, ela admirou o imenso terminal internacional do Aeroporto Kennedy, bem à frente deles.

Quando ouviu a porta do táxi ser fechada, ela teve um pequeno surto de pânico.

E se isso foi uma despedida?

E se acontecer alguma coisa, e se eu não a vir nunca mais?

Ava deu meia-volta e gritou:

– Você não me contou! Como se saiu, Oksana? No campeonato.

Enquanto o táxi retomava seu lugar no tráfego, a mão de Oksana emergiu pela janela do passageiro, brandindo uma medalha de ouro no ar, desaparecendo logo depois.

Ava riu. Alex sorriu.

Medalha de ouro para Sana.

Quem sabe não é, finalmente, um bom sinal para todos nós.

Então, sem dizer mais nada, Alex e Ava deram as mãos e sumiram no meio da multidão, deixando para trás, ao longe, tudo o que havia de mais familiar – tão familiar quanto um antigo táxi amarelo.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Quando você percebeu que eles tinham fugido? Quem deu a dica?

ROMANOFF: Além da pilha de agentes da S.H.I.E.L.D. inconscientes? As câmeras de segurança destruídas? Os quatro rifles largados sem munição na entrada da Triskelion?

DD: Foi apenas um erro de cálculo, agente.

ROMANOFF: É difícil de acreditar, mas eu não sabia, senhor... Do que ela era capaz, de quão rapidamente ela ia tomar uma atitude.

DD: Mas por que você foi procurar o Sr. Stark? Por que veio à Triskelion, afinal, agente Romanoff?

ROMANOFF: Foi coincidência, senhor. Eu precisava de um computador seguro.

DD: Então essa ligação entre você e a garota era mais do que uma espécie de interruptor dentro do seu cérebro?

ROMANOFF: Eu nunca senti nada, senhor. Não do meu lado.

DD: Deixe-me ver se eu entendi. Essa garotinha de rua, essa órfã russa, conseguiu se infiltrar na mente de uma experiente e condecorada agente sem que, em nenhum momento, essa agente soubesse o que acontecia?

ROMANOFF: Algo assim.



20 AVA

*Balcão da Aero Ucrânia
Aeroporto Internacional Kennedy
Queens, Nova York*

— **DUAS PASSAGENS PARA ODESSA.** O mais cedo possível – disse Ava para a mulher atrás do balcão da Aero Ucrânia.

A garota olhava de relance para as câmeras de segurança às dez e às duas horas. O rosto dela estava inclinado para baixo, num ângulo de 45°. Alex fazia o mesmo, logo atrás dela. Dado o modo com que haviam escapado da Triskelion, não queriam correr risco nenhum.

Temos que nos livrar destas roupas.

A Viúva Negra já deve estar de olho na gente.

Ava fechou os olhos e tentou sentir algum tipo de conexão com Natasha Romanoff. Não conseguiu. Fosse lá como funcionasse a tal ligação quântica, ela ainda não sabia como controlar.

Ou como usar para mantê-la longe de mim.

Ava reparou que estava prendendo a respiração, então pegou na mão de Alex, debaixo do balcão, apertando-a levemente. Ele apertou de volta, e ela

sentiu todo o seu interior relaxar.

A atendente, no computador, olhou para eles.

– Vão ter que parar em Moscou. Tem um voo partindo em 55 minutos, mas só tenho classe executiva.

– Vamos querer – disse Alex, detrás de Ava, em russo.

– Ah, é? – Ava ficou surpresa. Quase tinha se esquecido de que ele falava russo.

– Claro. É uma emergência de família. Nossa babá está muito doente. Precisamos dormir o máximo possível enquanto podemos – disse Alex casualmente, continuando a falar um russo muito fluido.

Ava tentou não sorrir. O sotaque dele era aristocrático, quase perfeito demais. Toda vez que ele abria a boca, ela tinha vontade de rir de todo o ridículo daquela situação.

– Além disso, nossa babá sempre odiou classe econômica. – Alex pôs gentilmente a mão no ombro de Ava. – Faça isso por ela.

A funcionária da companhia aérea fitava os jovens com uma cara esquisita.

Ava contou metade do gordo maço de notas de cem dólares de Tony Stark.

– Se é assim, meu irmão, não quero desapontar a babá.

A atendente ficou olhando para a pilha de notas. Alex foi compreensivo – era a maior quantidade de dinheiro vivo que ele também já vira na vida.

– Documentos, por favor – a mulher solicitou, finalmente, clicando com as compridas unhas nas teclas de um computador que parecia mais antigo que o próprio aeroporto.

Ava entregou os passaportes, e a mulher os examinou, dando de ombros. Se havia algo suspeito acontecendo ali, ela não queria saber de nada. Em seguida, a atendente empurrou duas passagens aéreas por sobre o balcão.

– Sinto muito pela sua perda – ela disse.

– Não diga isso ainda – repreendeu Alex. – Nossa babá é uma guerreira. Agora me diga, essas passagens nos dão direito ao *lounge*? – Ele sorriu, inocente. – E tem chuveiro lá?

A atendente pareceu muito admirada.

– Ainda não – disse Ava, puxando o garoto pela mochila. – Outro balcão. Ainda não acabamos.

– Não?

– Você acha que pode simplesmente comprar uma passagem para a Ucrânia sem alertar todas as sinalizações da S.H.I.E.L.D.? Eles já devem estar a caminho.

Alex não tinha pensado nisso.

– Boa, *moya malen'kaya* Romanoff. Então vamos comprar mais passagens?

– Mini-Romanoff? Não sou uma mini-Romanoff. Mas, sim, vamos. – Ava sacou mais uma vez o montinho de notas roubadas. Continuava gordo, mas não por muito tempo. – Espero que isto baste.

– Quê? Você vai comprar passagens para todos os aeroportos da Europa Oriental? – Alex perguntou, de olho na grana.

– Talvez. Ou talvez uma em cada continente. Cuidado nunca é demais. Eu cresci com espiões... trate de se acostumar.

– Estou começando.

Trinta minutos e oito passagens depois – sem contar mais duas tarifas não utilizadas no transporte entre o Aeroporto Kennedy e o Aeroporto de Newark –, Ava estava provando um boné na banca Hudson News mais próxima do portão de embarque deles.

Preto, de nylon. I ♥ NY. Barato e descolado. Teria que ser esse mesmo. O voo partiria em pouco tempo.

Ava olhou-se no espelho, ajustando a camiseta da Harley-Davidson que comprara do outro lado do terminal. Ela ainda vestia a calça da S.H.I.E.L.D.

Pela quinta vez em poucos minutos, deu uma checada no mundaréu de gente atrás de si.

Um agente da TSA. Dois policiais do aeroporto.

Um grupo grande de turistas chineses.

Nada óbvio demais. Ninguém virando para cá.

Ninguém aparecendo duas vezes.

Nenhum rosto conhecido do outro lado da faixa de segurança.

Alex apareceu atrás dela, no espelho.

Ava levou um susto daqueles.

– Não faz isso.

– Só queria te mostrar meu boné novo e lindo – disse ele, sorrindo. – Tô bonito?

Ele usava um boné azul-marinho com o escudo do Capitão América e um blusão dos New Jersey Devils por cima da jaqueta.

– Tá falando sério? – Ava não acreditava no que via. – Acha mesmo que esse visual vai te ajudar a passar despercebido?

– Não achei nada do Capitão Ucrânia – Alex apontou. – Além do mais, é um blusão de hóquei. O mundo todo ama hóquei.

– Não tenho dúvida. – Ava entregou-lhe uma blusa com estampa de contorno de baleia na frente. – Pode tirar.

– E vestir isso aí? Não. Deve ser isso o que metade da minha escola, em Montclair, deve estar usando agora.

Ava sorriu.

– E daí? Isso é bom, não? Você vai passar despercebido.

– Não. Nada de baleia. Tenho meus princípios. Que tal os Islanders? – Alex suspirou, passando o blusão pela cabeça. – Por mais que me doa, pelo menos é azul.

– Fechado.

Ava ficou imóvel quando um agente da TSA passou por ela, derrubando um pacote de chiclete no balcão. Ela então pegou o blusão dos Islanders de Alex, falando bem baixinho:

- Agora os pés – disse, olhando para baixo.
- Que têm eles? – o garoto sussurrou de volta.
- Tira isso logo.

Ele falou mais alto.

- Tá falando sério?

Alex foi fuzilado pelos olhos de Ava.

Ele baixou a voz de novo e sussurrou bem forte:

- Quem é que compra *calçados* no aeroporto?

O agente da TSA saiu de perto. Ava colocou seu boné no balcão e arrancou o de Alex da cabeça dele.

- Vamos levar esses dois.

Depois, ela se dirigiu a Alex, mantendo a voz muito baixa ao falar.

– Você não acha que uma agente como a Romanoff não ia reparar nos seus tênis? A primeira coisa que ela vai fazer é avisar aos federais que procurem por um garoto de tênis de esgrima da Nike.

- Acha mesmo?

Ava deu de ombros.

– Ela sabe que é mais difícil comprar tênis novos do que um boné ou uma blusa. Estou surpresa por termos conseguido passar pela segurança sem sermos barrados. Ela deve estar vacilando muito mesmo. – Ava sacou uma nota de cem do macinho de Tony. – Tênis. Tira.

- Tá bom.

Ava olhou para o atendente do caixa, um careca muito do grosseiro que fazia o que podia para ignorá-la.

- Por favor. Sabe onde meu namorado pode comprar um par de tênis?
- Isso mesmo. Sou o namorado dela – disse Alex, todo sorridente.

O atendente nem tirou os olhos da pilha de recibos que estava organizando.

– *Mazel tov.*

– Ele pisou num treco muito nojento – Ava improvisou. – Sabe como é, tem gente que não gosta mesmo de andar de avião...

– É só limpar no banheiro – disse o atendente, ainda sem olhar para eles.
– É o que eu faço.

Eca, que nojo. Ava fez careta.

– Nós já tentamos, mas não deu certo.

O atendente resmungou e apontou para uma loja do lado oposto.

– Só lá tem tênis, aqui no terminal. – Ele olhou para Ava. – Fala sério. Quem é que compra calçados no aeroporto?

– Viu? – disse Alex.

– Tamanho doze – pediu o rapaz à vendedora. – E estamos com pressa.

Ava recostara-se na porta de vidro aberta da vitrine e avaliava cada rosto que passava pela multidão do terminal.

Faxineira do banheiro. Outro tira, distintivo diferente.

Agente do portão. Mãe com carrinho. Menina tirando selfie.

Nenhum rosto conhecido. Estamos indo bem.

– Nossos tamanhos são franceses – informou uma entediada vendedora.

Ela tinha um lenço enrolado no pescoço num nó tão complicado que deixou Ava cansada só de ver.

– Ah, é? – Alex ficou só olhando. – Os pães ali do lado também.

A moça franziu o cenho.

Alex deu de ombros.

– Brincadeira. Foi mal, teria sido mais engraçado se a gente tivesse tempo de ir à Five Guys, como eu queria.

– Alex – Ava avisou.

Ela desviou os olhos assim que dois policiais subitamente pararam em frente à loja.

Vamos lá, pessoal. Por que esses policiais iam querer ficar zanzando por aqui?

Só estão bloqueando o meu campo de visão.

A garota fingiu provar um lenço em frente a um espelho até que os homens se foram. Depois deixou o lenço no balcão atrás de si, reparando no preço.

– É tudo isso mesmo? – perguntou ela, incrédula, para a vendedora.

Foi quando flutuaram loja adentro duas meninas com cara de chinesas, tagarelando em mandarim.

Continentalis. Sotaque lembra o de Chengdu.

– Que gatinho – disse uma delas, olhando para Alex.

– Você acha que ela é irmã ou namorada dele? – especulou a outra.

Ava levou a mão à testa. Natasha Romanoff devia manjar tudo de mandarim. *Porque você nem deveria saber que elas estão falando em mandarim, sem que ninguém avisasse.*

Já tenho trabalho demais sabendo inglês.

A vendedora ignorava Ava, dando atenção somente para Alex.

– Os tênis. De que estilo?

Ele deu de ombros.

– Estilo? Alguma coisa com, sei lá, uma pegada boa. Que dê para correr. E que não escorregue se eu ficar só com um pé no chão.

A vendedora ergueu uma sobrancelha.

– E o outro pé estaria onde?

– Na cara de alguém. Ou numa porta.

A vendedora ficou ali, olhando para o garoto, com cara de pudim.

– Alex – disse Ava, da porta, ainda de olho nas pessoas que passavam, nele, nas chinesinhas e em todas as câmeras de segurança num raio de cinquenta metros.

Alex sorriu.

– Brincadeira. Viu? Te peguei de novo.

– Viu? Ele está querendo comprar tênis – disse uma das meninas, em mandarim.

– Quem é que compra calçados no aeroporto? – perguntou a outra, rindo.

Ava sacudiu a cabeça, pegando um cinto no balcão. E continuou escutando – somente por ser difícil de ignorar.

– E por que será que tem um agente da TSA comprando na Hermès? A TSA paga bem assim em Nova York?

– Os norte-americanos são tão malucos!

Ava congelou.

O cara da TSA? Ele voltou? De novo?

Angulando ligeiramente a cabeça, ela avistou um homem de jaqueta da TSA de olho num mostruário de gravatas em um balcão de vidro, bem atrás dela. Não dava para ver o rosto dele.

É o mesmo da banca Hudson? Está na nossa cola, será?

A vendedora apareceu com uma caixa laranja brilhante, enfeitada com um belo laço marrom, e a colocou na frente de Alex.

– Perfeito – disse Ava. – Vamos levar.

A mulher pareceu surpresa.

– Mas só viram a caixa. Não querem ver os tênis?

– Não, temos que ir – disse a garota.

Alex olhou para ela, curioso.

Ava inclinou o rosto na direção do agente da TSA, nos fundos da loja.

O garoto olhou na direção dele.

Ava passou o braço em torno de Alex, como se estivesse flertando, e sussurrou no ouvido dele, em russo:

– Está vendo uma arma?

Passando o nariz pela bochecha dela, num suspiro, ele respondeu, também em russo:

– Não, mas não quer dizer que ele não tenha.

– O que a gente faz?

Pelo reflexo da parede espelhada, Ava acompanhou o homem passando para uma fileira de enormes guarda-chuvas, que eram praticamente armas. *Maravilha.*

– Vão para um quarto – disse uma das meninas que falava mandarim.

– Ninguém merece – a outra arrematou.

A vendedora abriu a caixa laranja brilhante. Dentro havia um par de tênis de cano alto, com detalhes em laranja e preto e uma fivela prateada.

– Couro. Sai por 1150 sem impostos. Quantum. É o nome desse modelo.

– Quantum? – Alex perguntou. – Peraí, é esse nome mesmo? Sêrio?

– Dólares? – Ava perguntou. – Peraí, é esse preço mesmo? Sêrio?

Os dois se olharam.

As chinesinhas também se olharam e deram risinhos, aproximando-se para ver melhor o par de tênis.

Subitamente, uma delas agarrou a cabeça de Ava com as duas mãos e meteu a testa dela contra o balcão de vidro em frente, enquanto a outra deu um impulso no balcão e acertou Alex na barriga com os dois pés.

– *Chush' sobach'ya!* – Ava xingou, virando a cabeça o mais rápido e forte possível, até encontrar o crânio da atacante.

TUACK!

Ava ouviu um barulho alto de osso quebrando, e a menina desabou no chão.

O agente da TSA pareceu muito surpreso. Ele caiu no meio dos guarda-chuvas, agarrado ao pacotinho de chiclete.

– *Chyort voz'mi!* – Alex também xingou, agarrando a menina pelos pés, enquanto ainda tocavam o corpo dele, e a arremessou contra uma arara de

aço com casacos que pareciam ser muito caros.

CRASH!

A garota agarrou a arara com as duas mãos e girou as pernas para pegar Alex pelas laterais do corpo, mas ele desviou, e ela atingiu a ponta da estrutura retangular de aço...

THUD!

... e caiu numa pilha de casacos, onde ficou largada.

A vendedora acionou o alarme, um guincho alto e perfurante.

Alex ficou de pé e pegou apressadamente a mochila.

– Fala sério! Agora?

Ava largou os tênis fora da caixa e pegou um par qualquer de sapatos do balcão.

– Mudança de planos. Vamos levar estes...

– Mocassins? – Alex protestou, fazendo careta.

– Elas viram o outro par – disse Ava, sacando um punhado de notas do bolso. – Vamos dar o fora daqui.

– Vocês estão bem? Eu sinto muito. – A vendedora olhava de um para o outro, gritando para se sobrepôr à barulheira. – Se esperarem um minutinho, podemos fazer boletim de ocorrência.

– Desculpa, mas temos que pegar o avião! – Alex gritou de volta, largando os sapatos no chão e metendo os pés dentro deles. – Essa chinesa devia querer muito esses Quantum. O valor é um pouco exagerado para algumas pessoas... Vai ver ela até pensou em tentar pegar e sair correndo.

O dinheiro estava no balcão, e os sapatos, fora da loja, antes que a mulher pudesse tentar impedi-los.

Vinte minutos depois, estavam sobrevoando algum ponto do Atlântico.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então rastrear as passagens deu num beco sem saída?

ROMANOFF: Beco sem saída, não. Mas só conseguimos uma leitura dos passaportes roubados muito mais tarde, então não sabíamos com quais nomes eles estavam viajando. Tudo o que tínhamos era o software de reconhecimento facial e um monte de imagens de segurança do JFK em tempo real.

DD: De uma menina que sabe esconder-se de câmeras de segurança.

ROMANOFF: Exatamente. Se Ivan já não tivesse pessoal em cada aeroporto de Nova York, teria sido mais difícil. Mas, como ele tinha espiões nos aeroportos, nós tínhamos gente espionando também...

DD: E estavam todos procurando Ava?

ROMANOFF: De um jeito ou de outro.

DD: Mas o pessoal do Ivan a encontrou primeiro?

ROMANOFF: Ele colocou duas Tríades para tentar pegá-la no Kennedy.

DD: E qual foi o resultado disso?

ROMANOFF: Nenhum. Mas nos deu pistas importantes. Sabíamos que estávamos atrás de um garoto que usava um par de tênis de cano alto tipo os do Riquinho.

DD: Engraçado como, no fim das contas, são sempre os calçados, não?



21 NATASHA

*Base Triskelion da S.H.I.E.L.D.
Cidade de Nova York – rio East*

– DE CASTIGO PARA SEMPRE – DISSE NATASHA.

Ela tinha ido até o perímetro da base, mas retornara ao cenário desastroso que era o laboratório de Tony para checar as imagens das câmeras de segurança. Quatro agentes muito bem treinados tinham sido levados por paramédicos. Quando recobriram a consciência, estavam mais embaraçados do que nunca, mas isso não mudava a situação. Natasha estava furiosa.

– Os dois.

Castigo? O que está dizendo, Romanoff?

Você já detonou gente por muito menos.

– Claro. Faça isso. Mas primeiro vai ter que encontrá-los – disse Tony, vendo as imagens das câmeras.

Natasha voltou o vídeo e parou no momento em que Ava havia pegado emprestado o fone do guarda.

– Olha. Ela está enganando o cara... atraindo... diminuindo a distância. E... bum. Ele já era.

Fora um bom golpe, esperto e rápido, o que a deixou ainda mais irritada.
Aquela ridiculazinha...

Natasha meteu a mão no teclado.

– Sociopata. É isso que ela é.

– Sério? Sociopata? A menina? – Tony bufou. – Quem você acha que inventou esse golpe?

– Cala a boca.

Agora não, Tony.

Ela não queria ouvir. Mesmo sabendo que ele tinha razão.

– Ah, para com isso. Esse golpe é um Natasha Romanoff básico. Você bem sabe disso – disse Tony, rindo.

– Não tem graça.

De enfurecer. Embaraçoso. Humilhante. Irritante. Rude, até.

Não tem graça.

– Tem um pouquinho, sim. Natasha Romanoff finalmente encontrou alguém à sua altura... Alguém que basicamente consiste em *outra* Natasha Romanoff – Tony sorria. – Estou pessoalmente apreciando a ironia.

Natasha largou-se numa cadeira diante da tela de plasma.

– Encontrei alguém à minha altura? Por favor. Vou trazê-los de volta para cá em vinte minutos... E depois me certificarei de que fiquem trancafiados por vinte anos.

No mínimo.

Ou por mais tempo, se Tony não puder consertar o vazamento cerebral entre as supergêmeas.

Tony deu de ombros.

– Nós dois sabemos que você não vai fazer isso, Romanoff. Mas eles não. É provavelmente por isso que deram o fora.

Natasha franziu o cenho.

– Por que diz isso?

– Porque você está aqui falando comigo, certo? Não está chamando a cavalaria. Nem ligou para o Coulson ainda, e geralmente essa é a sua primeira atitude.

Ele tem razão. Por que não estou fazendo nada disso? Talvez porque não sei em quem confiar? Ou talvez para que eles não se metam em mais confusão?

– Não preciso do Coulson nem da cavalaria – Natasha disse, finalmente.
– Eu sou minha própria cavalaria.

Tony suspirou, pondo de lado a chave inglesa, por um momento.

– O que você precisa entender, N-Ro, é com quem está lidando. Uma adolescente. Talvez eu possa ajudar com isso. De acordo com a Pepper, eu não amadureci muito depois dessa idade.

– Não consigo imaginar por quê.

– Você a encurralou num canto, e ela fugiu. Parece familiar?

Claro que sim.

– Olha só quem fala.

Tony deu de ombros.

– Eu sou um fujão. Você é uma fujona. Não estou julgando. Eu entendo.

– Os *dois* fugiram. E eu não encurralei *o garoto* num canto.

– Ah, bem, os motivos dele são outra história. A mais antiga do livro, talvez, mas outra história. O menino conheceu a menina e ficou... empolgado. – Tony abriu um sorriso maroto. – Conheço bem a sensação. – Ele inclinou-se para a frente. – Eu também aprecio, de vez em quando, uma boa *empolgação*.

– Você é tão *classudo* – disse Natasha, fazendo cara de tédio. – E não está ajudando.

– Faça como quiser.

– Veja, isso não se trata de ciência alguma. Só farei o que normalmente faço. Começar com um rastreio. Alex tem celular, certo? – Ela parecia muito

determinada ao abrir a conexão com a base central de dados da S.H.I.E.L.D.

– Primeira parada, Companhia Telefônica de Nova York.

Natasha recostou-se na cadeira.

– Sem sinal. Não detectam o chip.

Der'mo!

– Bom para eles. Destruíram o celular.

Ela se endireitou na cadeira.

– Beleza. Reconhecimento facial. – Natasha digitou. – Vamos pesquisar em cada aeroporto, em cada estação de trem. Não podem ter evitado todas as câmeras de segurança dos três estados.

Tony parecia divertir-se com tudo aquilo.

– Sêrio? Já te vi fazer isso. Por que ela não poderia?

Natasha franziu o cenho para a tela.

– Ela vai cometer algum deslize. É só que... Bom, não achei nada ainda.

Der'mo der'mo...

– Certo.

A agente suspirou e retornou para o teclado.

– Está bem. Posso pesquisar manifestos de passageiros. Linhas aéreas. Trens. Linhas de ônibus.

– Ah, é?

As mãos dela voavam pelas teclas.

– Achei! Ela está a caminho de... Tóquio. – Natasha sorriu. – Fácil. Posso chegar em Narita antes mesmo de pousarem.

– Jura? – Tony apontou para a tela. – Porque o seu pontinho brilhante está apagando de novo.

Natasha olhou para a tela.

– Ela está a caminho de Heathrow. E... Moscou. E São Paulo. E Panamá. E Budapeste. E Paris.

O rosto dela foi ficando cada vez mais enrubescido.

Der'mo der'mo der'mo...

Tony sorria.

– Pare com isso. Você não está nem um pouquinho orgulhosa deles? E dizem que as crianças de hoje em dia não têm iniciativa. – Ele sacudiu a cabeça. – É ótimo ver a nova geração aprendendo com os mais velhos.

– Isso é ridículo. – Natasha recostou de novo na cadeira. Ela não sabia mais por onde recomeçar. – É como se ela estivesse usando todos os meus truques contra mim.

– Claro que está. Literalmente. São os *seus* truques. Porque ela tem acesso ao seu cérebro, Romanoff.

Mas não vai poder ter para sempre.

Assim como você não vai poder se esconder de si mesma para sempre, Natasha.

Perturbada, a agente procurou afastar esse pensamento de sua cabeça. Já havia deixado Ava confundi-la por tempo demais.

– Chega dessa conversa de terapeuta, Stark. Tudo isso só significa que ela fez mais progresso do que imaginamos. Tenho que encontrá-los. Agora.

Tony pegou um disco rígido meio chamuscado da mesa de aço à sua frente.

– Vou continuar analisando a tecnologia do entrelaçamento. Enquanto isso, você vai lá encontrar a Mini-Eu e o Romeu. Só digo uma coisa: pode ser que leve mais do que vinte minutos.

Natasha levantou-se e pegou sua jaqueta.

Tony olhou para ela.

– Só não faça o que você faria normalmente. Isso ela já sabe.

Natasha parou na porta.

– Que mais posso fazer?

– Pense em tudo isso como uma chance de mudar as coisas. Ser uma pessoa nova. – Ele deu de ombros de novo. – Vai saber... você pode acabar

descobrimo novos truques. – O disco rígido à frente dele explodiu em faíscas. Tony fez cara feia. – Ou não.

– Obrigado pela preleção.

– Disponha.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,

AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

// APÊNDICES REQUISITADOS

BOLETIM DE CAMPO DA S.H.I.E.L.D.

PARA TODOS OS AGENTES

<<CIVIS MENORES DESAPARECIDOS>>

<<AGENTE ROMANOFF, NATASHA>>

<<EM BUSCA DE ORLOVA, AVA / MANOR, ALEX>>

<<SUPOR VIAJANDO SOB NOME FALSO / NOME FALSO DESCONHECIDO>>

<<AVISTADOS EM MANIFESTOS DE VOO PARA: ROMA FIUMICINO – LONDRES
HEATHROW – AMSTERDÃ SCHIPHOL – MOSCOU SHEREMETYEVO – SÃO PAULO
GUARULHOS – PANAMÁ TOCUMEN – TÓQUIO NARITA – ISTAMBUL ATATÜRK –
SINGAPURA CHANGI>>

<<PASSAGENS COMPRADAS EM DINHEIRO>>

<<SEM RASTREIO DE CARTÃO>>

<<SEM RASTREIO DE CELULAR/SATÉLITE>>

<<DETER IMEDIATAMENTE>>



22 ALEX

Voo 649 da Aero Ucrânia

Cabine da classe executiva

Algum lugar sobre o Oceano Atlântico

FAZIA CINCO HORAS QUE ESTAVAM VOANDO, e Alex continuava sem dormir. Olhava diretamente para o teto, com um braço enfiado atrás da cabeça. O seu novo par de mocassins fora largado debaixo do assento reclinável.

Ele viu Ava se mexendo no assento ao lado, tentando ficar confortável. A garota aceitara de bom grado tudo o que todos os comissários de bordo lhe haviam oferecido, maravilhando-se com cada castanha quentinha ou rabinho de coquetel de camarão, e sua mesa estava coberta de caixas vazias de suco de cranberry. Não havia nada de confortável, entretanto, quanto a onde estavam e para onde iam – apesar de ser na classe executiva.

Ava finalmente desistiu e sentou-se na cadeira. Estava desarrumada e exausta, mas mesmo assim não conseguia dormir. O estresse começava a cobrar seu preço, e Alex queria poder fazer algo para ajudar.

– Me diz uma coisa – disse ela, encaracolando-se sobre o console de plástico que os separava e que Alex queria que não existisse.

– O que quiser saber – Alex respondeu, sendo muito sincero.

Ele não era lá muito bom em conversar com garotas, mas estivera pensando em Ava desde quando subiram a bordo do avião. Mesmo quando fechava os olhos, ele flagrava-se vendo-a, tão claramente quanto se ainda estivesse de olhos abertos na frente dela. Era um sacrifício ficar sentado do lado dela sem poder aproximar-se e tomá-la nos braços, puxá-la para perto...

– E o... cachorro? – Ava murmurou, fechando os olhos de novo.

– Quem?

Por essa ele não esperava.

Gato, talvez. Cachorro? Hum, sei.

– Seu cachorro. Você teve um cachorro, não foi? – Ava estava quase dormindo. – Marrom, meio sarnento. Você levava comida escondido...

Alex suspirou.

– Bem que eu queria. Nunca tive cachorro.

– Teve, sim.

– Sempre quis ter, mas a minha mãe curte gato. Aliás, curtir é pouco.

– Estranho. Eu podia jurar que você teve um cachorro. – Ava abriu os olhos de novo. – Batata – disse, subitamente. – Ele gostava de batata.

– Quem?

– Seu cachorro. Você dava comida do seu prato para ele.

Alex fez uma cara estranha para ela.

– *Ele* é um gato que se chama Stanley e que tem uma tigelinha só dele. Com patinhas do Papai Noel desenhadas.

Ava achou aquilo o máximo.

– Sério? Patinhas do Papai Noel?

– E um colar especial para cada feriado. O de Natal tem... você não vai acreditar... sininhos.

– Então nada de cachorro?

– Nada de cachorro.

Ava sentou-se, com o cabelo desgrenhado.

– Hmm. Sei não. Você sempre morou em Mountain Clear?

– Montclair? Não. Minha mãe nunca fala sobre isso, mas eu cresci em Vermont. Ainda sonho com as árvores do quintal. As árvores e a neve.

Alex preferiu não mencionar que os sonhos eram, na verdade, pesadelos, em que ele era perseguido em bancos de neve mais altos que a cabeça dele, às vezes com gente atirando. Às vezes, ainda, a neve era tingida por seu próprio sangue. Ele achou que Ava já tivera pesadelos demais para ter que ouvir esse tipo de coisa.

– E aí?

– É a história mais entediante do planeta. Meus pais se separaram, e eu e minha mãe fomos para Nova Jersey. Minha mãe virou agente de viagem. E, claro, fã de gatos, mas acho que isso já foi explicado.

– Mas você não é. Como pode isso?

– Ela diz que eu fui trocado na maternidade. Não temos basicamente nada em comum.

– Ela não faz o tipo cartão preto?

– Nem um pouco. Ela nunca sai por aí arranjando briga.

– E você faz isso?

Ele deu de ombros.

Ava olhou para ele.

– O que aconteceu com o seu pai?

– Não sei. Acho que ele foi embora, e aí minha mãe desistiu de tudo.

– Até do cachorro?

– Nunca tive cachorro, sua maluquinha. – Alex olhou para além de Ava, para o corredor do avião. – Mas vou perguntar para ela se tivemos um de que eu possa ter me esquecido, talvez por ser pequeno demais. Assim que chegar em casa. Ou, você sabe... assim que eu ligar.

Alex olhou para o relógio. Era tarde de domingo, em Nova Jersey.

Minha mãe deve estar surtando. Ligando para o pai do Dante. O Dante deve estar me dando cobertura. Ele não iria acreditar em nada disso, mas mesmo assim queria poder contar para ele.

Alex então sentiu uma mão quentinha deslizar para dentro da dele.

– Brat – Ava disse, do nada, olhando para ele.

– Quem? Eu? – Os olhos dele brilhavam. – Como assim?!

Ela sacudiu a cabeça, sorrindo.

– Lembrei agora. Esse era o nome do seu cachorro.

Alex olhou estranho para a garota. Toda aquela conversa estava rapidamente ficando muito esquisita.

– Como é que você sabe que eu tive um cachorro? E sabe até o nome dele?

– Brat?

– E que tipo de nome é Brat, afinal?

– Não, não. *Brat*. Em russo – ela disse, olhando para ele. – Pense um pouco. Tente se lembrar.

Alex recostou-se no assento, cansado.

– Brat.

O que é que tem para lembrar?

Que tipo de cachorro era esse Brat?

Marrom, subitamente ocorreu-lhe.

Ele lembrou-se do pelo marrom, dos olhinhos marrons, do nariz marrom.

Tudo marrom.

E quentinho.

Ele sentiu um coração quentinho batendo e um montinho de pelo quentinho encaracolado na cama dele.

Um prato de cerâmica lotado de croquete seco e batata, de café da manhã.

O lugar quentinho no carpete, debaixo do divã, para dormir.

Um pedaço de corda mastigado como se fosse repolho...

– Irmão – Alex disse, subitamente, sentando-se. – *Brat* significa irmão. Porque esse cachorro era como um irmão para mim.

– Você se lembra? Jura? – Ava escancarou os olhos. E sorriu. – Eu sabia que não estava imaginando.

Alex sentiu-se, ao mesmo tempo, mais confuso e mais seguro. Em sua mente, portas abriam-se em lugares que ele nem conhecia para poder procurá-las.

– Quando eu fiquei sozinho, esse cachorro foi a minha família – disse ele, lentamente.

Era perturbador, mas, ainda assim, real.

Eu tive mesmo um cachorro.

Ele olhou para Ava.

– Como posso ter esquecido? E por que minhas lembranças não incluem minha mãe? Ou meu pai, se faz tanto tempo?

Confuso, Alex passou a mão por entre seus escuros cabelos.

– As pessoas se esquecem das coisas mesmo. Até de um cachorro.

Tudo isso começava a dar dor de cabeça. Alex não queria ficar pensando naquilo, mas tinha uma sensação esquisitíssima de que devia – uma sensação de que até um cachorro esquecido no passado era, de algum modo, muito importante.

E que Ava estava conectada a tudo isso.

Ele ficou estudando o rosto dela.

– Você não esqueceu. – Dizendo isso, o garoto viu as sombras retornando para o olhar de Ava. – Como você se lembra de coisas sobre mim, Ava? Não nos conhecíamos. Tenho certeza disso. Como você sabe coisas de mim de que nem eu me lembro?

– Alex – Ava começou. – Às vezes eu me lembro de muito, muito mais que isso.

Alex olhou para ela, e, pela expressão naquele rosto, ele entendeu que a questão envolvia muito mais do que apenas um cachorro.

– Está falando de como você sabe coisas sobre Natasha Romanoff? Ou de como eu sei russo?

Ela fez que sim. As palavras saíam lentamente, com grande dificuldade.

– Meus sonhos não são sempre sobre ela. – Ava olhou para Alex. – E não começaram agora há pouco.

– Com quem você sonha? Além do cachorro? – Ele finalmente compreendeu. – Peraí... Você sonha comigo?

Ava fez que sim de novo.

– Como assim?

Alex tentava juntar as pecinhas daquele quebra-cabeça, mas não conseguia. Havia muitas, e tudo era muito fragmentado. Nada fazia sentido.

– Eu sonhava você. Sonhava com você. Mesmo antes de te conhecer.

Ele tentou processar logicamente o que ela dizia, mesmo não sendo nada racional.

– Tipo uma premonição?

Ava deu de ombros.

– Um pouco mais que isso.

Por um momento, ela hesitou, olhando para o rosto dele como se buscasse alguma coisa.

Ele queria saber o que ela buscava.

– Eu costumava pensar nisso mais como destino – ela disse, enfim, tão baixinho que ele teve que se inclinar para poder ouvir.

– Os sonhos?

– Não só os sonhos. – Ava corou. – É bobagem, eu sei. Uma pessoa não pode ser o destino de outra.

Alex viu a cor das bochechas dela passar de rosa para vermelho. Ele ainda não tinha compreendido muito bem o que ela estava dizendo, mas

percebia quão importante aquilo era para ela. E quão nervosa ela parecia, e quanto ela queria que ele entendesse.

Ajude-me, Ava.

Ajude-me a juntar as peças.

Quero me lembrar.

Quero saber de tudo.

Principalmente de você.

– Destino, é? – Ele ajeitou um cachinho cor de cobre atrás da orelha dela.
– Como sabe como é o destino?

Ela respirou fundo.

– Acho que vai ser melhor eu te mostrar logo. Só não vai surtar, tá? – Ava baixou-se até a mochila a seus pés e tirou dela o que parecia ser um caderno velho e muito gasto. – Nunca mostrei a ninguém que não fosse Oksana.

Ela pousou o caderno no colo e esperou que ele o abrisse. Bastaria ele ver o primeiro esboço para que entendesse por que ela estava tão ansiosa.

– Sou eu? – Ele estudou a imagem. – Sou eu. E esse é o Brat. E a floresta atrás... acho que era nossa antiga casa. Acho que me lembro da floresta. Sonhei com isso também. Que incrível!

As árvores e a neve.

Que eu via nos meus pesadelos.

Interessado, Alex quis ver mais de perto.

– Esse é o Brat mesmo. Por isso você se lembra. Nossa, são muito incríveis. Você é uma artista incrível.

Ava não respondeu. Mal podia olhar para ele. Alex percebeu como tudo aquilo era difícil para ela, quão reservada ela era.

Ava não suporta ver alguém abrindo sua gaveta de lingerie tanto quanto Natasha Romanoff.

A cabeça dele martelava conforme assimilava os esboços.

Pelo visto, nem eu suporto.

Ao virar as páginas, o imenso escopo daquilo que tinha diante dos olhos atingiu-o repetidas vezes – como uma espécie de sino antigo de igreja, tocando pela primeira vez em anos.

– Mas não me lembro de boa parte dessas coisas – disse ele, lentamente. A compreensão ainda estava chegando. – Por que não me lembro?

– Não sei. Por que *eu* lembro?

Ele tirou os olhos do caderno.

– Como é que você pode saber mais da minha vida do que eu?

– Não faz muito sentido para mim também.

Alex foi virando as páginas, olhando os esboços sem realmente vê-los. Tinha grande dificuldade de compreender o que lhe passava pela cabeça.

Ela se lembra de coisas que nem eu sei.

Coisas que aconteceram comigo anos atrás.

Mais uma página.

Como?

E outra página.

Como isso pode acontecer? Não acredito que estou num avião a caminho da Ucrânia. Sentado com uma menina que vê a minha vida nos sonhos dela.

Ele sentiu uma mão tocar-lhe o braço.

E por que isso não parece tão estranho quanto deveria?

– Você está bem, Alex?

– Vou ficar. – Alex respirou fundo, como se para recompor-se, e retornou para perto de Ava e do caderno. – Essa é a minha casa em Montclair. Onde moro agora.

– Foi o que eu pensei. – Ava sorriu. – Mountain Clear. Eu devia corrigir a legenda. Mas acertei a casa, né?

– Perfeitamente. – Ele estudou o desenho com mais atenção. – Você só usou uma perspectiva esquisita. Para conseguir ver a minha casa desse jeito,

você teria que estar basicamente no telhado da casa do outro lado da rua. – Ele sorriu para ela. – Andou subindo no telhado dos Flanagans de novo?

– Fui pega – disse ela, com um sorriso discreto.

Alex passou para a página seguinte.

– Esse aqui acabou de acontecer, né?

– Isso mesmo. Alguns dias atrás.

– A festa da Sofi. Na varanda do Dante. Esse aqui parece que você desenhou como se estivesse nos fundos do quintal, onde fica a cerca-viva. – Ele sacudiu a cabeça. – O que é bem esquisito, porque eu pensei ter ouvido alguém lá fora nessa noite.

– Pegue de novo. – Ela sorriu. – Estou morando na cerca-viva do Dante faz três anos. Ele não é muito observador.

– Me conte mais sobre isso.

Agora Alex estudava um esboço de si mesmo na pista de esgrima.

– Então primeiro você sonhou comigo. Depois só... o quê? Me achou? Deu de cara comigo no campeonato?

Ava fez que sim, lentamente.

– Eu nem esperava por isso. Fiquei tão surpresa quanto você.

– E foi por isso que você disse que achava que me conhecia. – Ele voltou a olhar para o imenso caderno. – Porque conhecia. Claro que sim. – Alex pegou a mão dela, apesar de continuar a virar as páginas. – Como isso é possível?

– Como é possível qualquer coisa do que vem acontecendo ultimamente?

Alex não respondeu. Estava examinando um esboço da casa de Ava em Odessa. Depois, as docas circundantes. E uma cidade no inverno. E prédios acinzentados em ruínas e ruas contorcidas.

– E isso aqui?

– São só pedaços de coisas de que me lembro. Minha casa, principalmente.

– Então é para lá que estamos indo? Sua casa, em Odessa. Que loucura. Nunca tinha saído do país antes.

Ava olhou-o melancolicamente.

– Não sei se Odessa é minha casa. Mal me lembro de lá, só de alguns pedaços. Mesmo assim, a maior parte das minhas lembranças são coisas de que nem quero me lembrar. Pesadelos. O armazém. Soldados. Ivan Somodorov. Não sei se quero pensar nesse lugar como um lar. Talvez eu não tenha lar em lugar nenhum agora.

Alex entendeu.

– Então Odessa é só um lugar em que você já morou... Às vezes eu sinto o mesmo com relação à Nova Jersey – ele disse, tentando fazê-la sorrir.

– É um lugar em que sei que minha mãe trabalhou com Ivan Somodorov. E também o lugar em que vi meu pai pela última vez.

Ava falava com muita seriedade. Alex apertou a mão dela.

– E também o último lugar em que viu todos eles, né?

Ava fez que sim.

– E sua mãe era cientista?

– Meu pai também, os dois trabalhavam para o governo. Físicos quânticos. Minha mãe era até chefe de laboratório. Antes de Ivan me levar embora. – Ela virou algumas páginas do caderno. – Essa aqui é ela. Minha mãe.

Ava soltou do papel uma foto antiga da mãe, colada na folha. Na foto – que um dia fora preto e branco, mas agora estava amarelada pelo tempo –, ela estava nas docas.

– Ela era linda – disse Alex. – Parecia muito com você.

– Acho que sim. Espero que sim. Eu sempre digo isso a mim mesma – revelou Ava, entregando a foto a ele.

Alex virou a foto em sua mão. No verso da fotografia, num lápis fraquinho, havia uma palavra escrita.

Odessa.

Não havia motivo para voltar atrás agora.

Contudo, quando Ava pousou a cabeça no ombro dele, ele soube que nada daquilo importava. Para ele, não. Não iria a lugar algum sem ela. Não se pudesse evitar.

Porque Ava estava errada. Às vezes uma pessoa pode, sim, ser o destino de outra.

Às vezes não havia diferença alguma.

Ava não tirou a cabeça do ombro de Alex nem quando ouviu, pela respiração dele, que ele havia pegado no sono. Nem mesmo quando a respiração dele passou de algo entre fungada e ronco.

Ela não conseguia se mexer. Não conseguia fazer nada além de pensar, porque finalmente havia entendido algo. Algo importante, ela achava. E fora Alex quem a fizera enxergar.

A única similaridade entre todos os esboços. A distância esquisita, a perspectiva afastada.

A barreira que jamais podia ser transposta.

Ela nunca se desenhava nas imagens. Na maior parte do tempo, não estava nem no mesmo plano que Alex, e sim numa notável diferença de altura ou de distância ou até de ângulo.

Ela havia encarado a questão de modo romântico, bem como o espaço entre os dois – entre viver e sonhar, o real e o imaginário, a vida real e o Menino da Tatuagem.

Agora ela não tinha tanta certeza.

Teria que estar basicamente no telhado da casa do outro lado da rua.

Certo. Bem possível.

Pensei ter ouvido alguém lá fora nessa noite.

Certo. Bem possível também.

Pense. A pessoa das luvas pretas.

Certo. Não sabia como não a tinha reconhecido antes.

Com arma.

Certo. A pistola. Que ela carregava na cintura.

Não sou eu quem espiona Alex. Mas acho que sei quem é.

Natasha Romanoff. Sempre foi Natasha Romanoff.

Ava sabia que sonhava com Alex quase toda noite – mas, ainda que não sonhasse com Natasha Romanoff, começava a ter a impressão de que sonhava como ela.

Faz sentido, não faz?

Estou vendo as coisas como Natasha Romanoff. Vendo o mundo através dos olhos dela, quando estou dormindo. Quando não o vejo com meus próprios olhos.

Principalmente considerando a ligação causada pelo entrelaçamento quântico. Quando estou inconsciente, nossos cérebros podem facilmente ficar mais do que entrelaçados, e isso tudo sem eu saber.

E se for verdade...

Natasha é a conexão com Alex.

Ela o observa, e eu posso ver. Vejo pelos olhos dela.

Mas por quê? Por que Natasha Romanoff estaria espionando Alex Manor?

E por que o fizera não apenas recentemente, mas por dois anos?

Não fazia sentido.

Tinha que ter algum significado.

Você pode até querer que eu pense que tudo se resume a Ivan Somodorov, sestra, mas tem mais coisas acontecendo por aqui, não é?

Odessa daria respostas. Tinha que dar.

Não apenas para ela, mas para Alex também.

Na próxima vez em que ficasse cara a cara com Natasha Romanoff, Ava não seria pega de surpresa. Saberla o que fazer e como agir. Saberla também

que parte daquela bagunça tinha a ver com Alex Manor – para o bem dos dois.

Ivan Somodorov ou não.

Qual é a jogada, Viúva Negra?

O sono não mais retornou para a garota. Ava ficou olhando pela janela até que as nuvens se dissiparam e um céu xoxo e cinza os recebeu em Moscou.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

BOLETIM DE CAMPO DA S.H.I.E.L.D.

PARA TODOS OS AGENTES

<<CIVIS MENORES DESAPARECIDOS>>

<<AGENTE ROMANOFF, NATASHA>>

<<EM BUSCA DE ORLOVA, AVA / MANOR, ALEX>>

<<VIAJANDO SOB NOMES JOHNSTON, MELISSA / PETERSON, PETER>>

<<ENVOLVIDOS EM ALTERCAÇÃO NO AEROPORTO KENNEDY, VOOS
INTERNACIONAIS>>

<<ROUBO/ASSALTO A LOJA, RESULTANTE EM CAPTURA DE DUAS AGENTES
TRÍADES PROCURADAS>>

<<TRANSAÇÃO EM DINHEIRO, SEM RASTREIO DE CARTÃO>>

<<SEM RASTREIO DE CELULAR/SATÉLITE>>

<<ÚLTIMAS ROUPAS CONHECIDAS RECUPERADAS DE LATA DE LIXO DO
TERMINAL>>

<<DETER IMEDIATAMENTE>>



23 NATASHA

*Apartamento da Viúva Negra
Pequena Odessa, Brooklyn*

AVA ORLOVA SÓ TEM DEZESSETE ANOS. QUÃO LONGE PODE DE FATO IR?

Natasha estava sentada na cozinha vazia de seu apartamento em Pequena Odessa, olhando para o pen-drive em sua mão. Ali dentro estava tudo o que a S.H.I.E.L.D. sabia sobre Alex e Ava.

Se a ligação quântica persistir, Ava Orlova não será somente uma garota de dezessete anos.

Se a ligação persistir, ela será uma agente experiente e treinada em dois continentes, que fala cinco línguas e sabe pelo menos três modos de matar alguém com as próprias mãos.

Era complicado demais para assimilar – principalmente para alguém cuja vida já era complicada, como era o caso de Natasha Romanoff. Ela tentara manter sua vida no país tão simples quanto seu apartamento, que possuía exatamente três quartos e apenas quatro móveis. Um sofá, uma cama, uma pequena mesa na cozinha e uma cadeira. E, de algum modo, um gato sem nome que entrava e saía quando queria e que parecia surpreso de vê-la ali agora.

Natasha ficou pensando em quando havia sido a última vez em que se sentara à mesa da cozinha.

Três meses atrás? Seis?

O quadrado plano de madeira envernizada refletia tudo perfeitamente, como se nem uma digital jamais o tivesse manchado. A cozinha toda era assim. A tinta branca estava fresca, e os armários, vazios, como se Natasha tivesse acabado de se mudar, quando, na verdade, vivia ali já fazia três anos.

Se é que se pode chamar isso de vida.

Ela pegou uma das tradicionais bonecas *babushka*, chamadas *matryoshka*, que estava no centro da mesa da cozinha, com lenços vermelhos na cabeça e círculos rosados nas bochechas. Usavam aventais floridos no lugar de vestidos e tinham coraçõezinhos no lugar da boca. Eram alguns dos poucos pertences de Natasha naquele apartamento – o tipo de coisa que uma avó daria à neta.

Se eu ainda tivesse uma avó.

Ela ganhara essas bonecas de Pepper Potts, após uma viagem de negócios a Moscou. Elas cabiam tão bem umas nas outras que quem se flagrava observando as doze *babushkas* concêntricas, guardadas umas dentro das outras, pensava ter visto somente uma. Eram apenas bonecas, mas Natasha não sabia por que as considerava tão perturbadoras. Talvez pelo truque da identidade secreta. Pepper achara engraçado.

– Veja! – dissera ela, apontando para a boneca. – A primeira agente secreta da Rússia. Me fez lembrar de você.

É isso o que eu sou? O que Ava é? Uma matryoshka?

Doze pessoas diferentes, com passados diferentes, que apenas fingem ser uma só?

Ela foi tirando as bonecas ocas de madeira uma por uma, até que todas as metades vazias estivessem em cima da mesa, em frente a ela.

Dentro da última boneca do conjunto, a menor, havia um pedaço de papel velho, dobrado num quadrado muito bem cortado. Natasha nem

precisava abrir para saber o que era.

A metade remanescente de uma antiga nota de euro rasgada.

Natasha trouxe os joelhos até o peito e ficou equilibrando-se na cadeira, com as pernas cruzadas, como fazia quando era criança.

E ficou olhando para as bonecas de madeira.

Será que eu sou assim, cheia e vazia ao mesmo tempo?

E, tirando as outras versões de mim mesma, assim tão sozinha?

Natasha deu um gole numa caneca de café comprado na rua – seu apartamento não tinha eletrodoméstico algum – e olhou para a tela do computador. Precisava parar de pensar em si mesma. Precisava focar somente no dossiê de Ava.

Segure as pontas, Romanoff.

Ela pegou uma caneta e escreveu outra palavra no guardanapo da cafeteria, usando-o como papel. Agora, havia quatro. Quatro lugares em que Ava Orlova podia estar. Quatro lugares que ela podia considerar como lar, dada a história dela.

BROOKLYN.

DC.

ODESSA.

MOSCOU.

Para chegar a essas quatro possibilidades, Natasha fizera o caminho inverso no arquivo de Ava. Brooklyn era onde ela vivia agora, se é que se podia chamar aquilo de vida. Natasha visitara a associação uma vez e ficara impressionada. A garota era durona mesmo.

E, antes do Brooklyn, o esconderijo da S.H.I.E.L.D. na capital.

Por quanto tempo, cinco anos?

Lá também era muito sinistro. Natasha visitava o lugar apenas uma vez por ano, quando ia deixar um presente de aniversário para a menina.

Mesmo sem colocar um cartão junto.

Natasha evitou pensar mais.

Antes disso, Ava morara em Odessa, e, quando bebê, em Moscou.

Então, Ucrânia. Odessa e o armazém.

Será que Ava ia querer voltar para lá, onde tudo começou?

Talvez.

Será que ela ousaria mergulhar tão fundo no forte de Ivan Somodorov?

Se estiver pensando como uma Romanoff...

Sim.

Natasha circulou a palavra “Odessa” e voltou a pesquisar o dossiê de Ava. Metade das páginas escaneadas estava ligada aos arquivos de Natasha Romanoff. E, como nos arquivos da agente metade de cada página tinha sido editada, havia mais linhas apagadas do que escritas.

Ela sentia-se frustrada – perdendo tempo, sem chegar a lugar algum.

Enquanto isso, Ava e Alex podem estar do outro lado do mundo.

Natasha abriu outro arquivo.

Vamos dar uma olhada no garoto.

Alex Manor.

De novo.

Ela ficou olhando para a pasta na tela por um bom tempo, antes de finalmente clicar nela.

Quando o fez, constatou que, mesmo para um civil, o arquivo dele era muito pequeno. Alex Manor era um bom aluno do Colégio Montclair. Integrante da equipe de esgrima, do clube de artes marciais. Marilyn Manor, mãe do garoto, trabalhava na agência de viagens Novos Começos, especializada em luas de mel e lugares recônditos que aceitavam bichos de estimação. A casa em que viviam fora quitada. O carro era usado. O problema com cupim tinha sido resolvido.

Nada fora do comum – mas não o bastante para ser normal. Não havia registros escolares de Alex antes do ensino médio. Nada antes do primeiro

colegial. Não tinha carteira de motorista. Nem certidão de nascimento. Nenhuma menção do pai – nem mesmo documentos do divórcio.

Tinha de haver mais.

Natasha leu o dossiê.

O que era mais estranho – principalmente por se tratar de um civil menor de idade – era que, assim como no arquivo de Ava, boa parte dos dados fora editada. Considerando todos os traços pretos que compunham a papelada de Alex, ele podia muito bem ser um espião.

Foi então que ela notou umas poucas palavras rabiscadas na margem da última página do arquivo. Natasha as ampliou.

Três palavras.

Não as tinha notado antes, o que também era muito estranho. Porque não era a primeira vez que a agente abria o arquivo de Alex Manor.

A primeira vez em que o fizera foi no dia em que estava na rua, em frente à casa dele, vendo o garoto sair para a escola, sem nem mesmo saber quem ele era nem por que ela estava ali. Ficara sentada por horas, três casas depois da dele, apenas para ter que retornar no dia seguinte.

Ele tem algum significado para você, não tem?

Era um segredo. Ninguém na S.H.I.E.L.D. sabia – nem Coulson ou Bruce ou o Capitão. Nem mesmo Tony.

Mas você sabe.

Sempre soube, esse tempo todo.

Que o garoto é importante.

Natasha olhava para a tela sem nem enxergar as palavras.

Foi por isso que você esteve de olho nele, sem nem saber por quê. Por isso que espionava a casa dele, os amigos dele. Os campeonatos.

A gente então tentou focar nas três palavras esquisitas à sua frente. As que nunca notara, quase ilegivelmente rabiscadas na margem inferior da última página.

CODINOME ALEX MANOR.

De súbito, uma dor lancinante martelou a cabeça dela.

Codinome?

Alex Manor é um codinome?

Alexei Manorovsky não é Alexei Manorovsky, então?

Não fazia sentido.

Ela avançou mais um pouco.

VER PROJETO QUADRO BRANCO.

Quadro Branco?

Que Quadro Branco é esse?

Suas próprias palavras pareciam pressionar e arranhar o cérebro dela, tanto que doía só de pensar.

Natasha jamais ouvira falar desse programa, fosse lá o que fosse. Não obstante, Alex parecia ter sido participante dele.

Sob a supervisão de quem?

Porque essa pessoa tem algo a me dizer.

Natasha percorreu todos os arquivos. Conseguiu localizar apenas uma menção a Quadro Branco, o que não ajudou em nada. Não enquanto ela não descobriu que tal informação estava ligada a outra pasta enterrada da S.H.I.E.L.D. – e essa pasta tinha dono.

Alguém a criara.

A pessoa que supostamente estaria no comando do Projeto Quadro Branco.

E essa pessoa era...

Natasha clicou na pasta.

NATASHA ROMANOFF.

Ela não teria acreditado, mas um código de autorização apareceu embaixo daquele nome, e os dígitos eram estranhamente similares aos dela.

– Mas o que...?

Natasha Romanoff levantou-se e pegou sua jaqueta.

Ela bateu a porta ao sair. O gato sem nome pulou na mesa, diante das partes desmontadas do que um dia fora uma boneca oca.



A moto de Natasha Romanoff estacionou em frente à Triskelion, às margens do rio East. Durante todo o caminho, um monólogo não parara de passar pela cabeça dela.

Você tem duas escolhas, Romanoff.

– Você? Ninguém quer vê-la por aqui, agente Romanoff. – Até mesmo o rapaz da recepção sabia o que havia acontecido, pelo visto. E não estava parecendo que ele ia deixá-la entrar.

Mande planos de combate para Odessa e vá agora para a Ucrânia, antes que aconteça alguma coisa com Ava ou Alex – supondo-se que estão lá.

– Tá, tá. Fica na sua. Preciso falar com o Coulson. Ou Maria Hill.

Ou dar um jeito de acessar a base de dados da Triskelion e descobrir o que está realmente acontecendo. E em quem posso confiar – se é que tem alguém.

– Com certeza estão em reunião, agente. Pelo menos, estão agora.

O rapaz sorriu. Natasha ergueu uma sobrancelha.

Minha primeira opção mantém todos vivos, mas por quanto tempo?

Ela mostrou o pen-drive que tinha acabado de abrir em casa.

– Só tenho que entregar isto aqui. É uma bobagem da Mac que o Coulson me deu, mas tenho um PC, então não consigo abrir. Esses computadores...

A porta zumbiu.

Natasha sorriu.

Minha segunda opção é mais arriscada, mas mantém todos a salvo por mais tempo.

A cabeça do rapaz da recepção bateu na mesa com um baque alto, e um segundo portão abriu-se.

Ele foi arrastado pelo piso escorregadio do saguão até uma despensa. A porta fechou-se, e ele lá ficou.

Então resolva, Natasha.

Natasha cruzou o átrio, largando seu capacete no chão. No elevador, cumprimentou um homem de terno, ao lado dela, e, assim que as portas se fecharam, ela o tirou do caminho.

De que você precisa?

Mais ninguém na sua cabeça?

Mais ninguém se machucando por sua causa?

As portas do elevador se abriram, e Natasha avançou por um corredor muito escuro, iluminado somente por uma larga faixa de brilhantes luzes de segurança no chão.

Nada de médicos, nada de generais, nada de Ivan entrando na sua mente?

Como ele te chamava, muitos anos atrás?

Bomba-relógio?

Ava Orlova conseguir entrar na sua cabeça será o que vai finalmente te empurrar para o abismo?

Natasha chegou a um porão.

Escuro. Seguro. Sem detalhes.

Um local para suportar qualquer tipo de ataque – mesmo os do tipo que a S.H.I.E.L.D. parecia frequentemente atrair: os que vinham de dentro.

Do que você precisa, Natasha? Que tal 24 horas?

Apenas 24 horas para entender tudo isso.

Finalmente, ela encontrou a porta que procurava.

Aquela com uma placa que dizia perigo – exposição à radiação.

Natasha afastou-se da porta e ergueu a arma. Alemã. Em homenagem a Ivan Somodorov.

Até mesmo Ava e Alex podem manter-se a salvo por 24 horas.

Ela disparou três vezes contra a porta.

Agora encontre esse quadro e desbranqueie-o.

O cômodo estava praticamente vazio. Paredes vazias e uma única lâmpada pendendo do teto. Havia somente uma mesinha no centro – grande o bastante para apenas uma pessoa, como uma carteira escolar –, ao lado de uma cadeira retrátil.

Ali ficava o verdadeiro Centro Nervoso.

Natasha deslizou para a cadeira e clicou duas vezes na mesa.

Uma tela escondida ergueu-se da superfície, angulada como a tela de um notebook. Em seguida, apareceu um teclado.

Natasha digitou seu código de autorização. Depois respirou fundo e, lentamente, digitou o outro código, o que encontrara escrito na margem do arquivo de Alex Manor. O que tinha somente três dígitos, iguais ao dela.

Quadro Branco? Vamos lá. Do que se trata?

A tela ligou.

Um modelo tridimensional do rosto de uma mulher materializou-se diante dela.

Seu próprio rosto.

E o rosto falava.

– Este é o Backup de Dados Virtuais Stark Pessoal para Natasha Romanoff.

– Só podia ser – ela murmurou.

– Se você está ouvindo a minha voz, pode agradecer a Tony Stark por arquivar uma digitalização fotográfica pessoal e por clonar todos os dados digitais existentes, para guardá-los para uso futuro, Natasha.

– Lembre-me de mandar um recado para ele.

– Sinto muito. Isso excede minha programação como BDV, Natasha.

Dizendo isso, o modelo tridimensional sorriu. Foi muito desconcertante. Em seguida, fez sinal para que a agente se aproximasse.

– Natasha, vou ter que pedir que fique parada por um momento, para análise de retina. Agora, por favor.

Uma marca apareceu na tela, e Natasha inclinou-se em direção a ela.

– Não se mexa, Natasha – disse a voz da tela.

Uma luz vermelha piscou, e a Natasha de carne e osso recostou-se, também piscando.

– Uau.

– Identidade confirmada. O que posso fazer por você hoje, Natasha?

– Certo. – A Natasha real olhou bem para a sua versão virtual. – Se você é tão esperta assim... O que é o projeto Quadro Branco... Natasha?

A Romanoff da tela inclinou a cabeça, como se pensasse. Depois voltou a encarar Natasha, com um sorriso brilhante.

– Quadro Branco é a adaptação de propriedade da tecnologia de reconfiguração de ondas-alfa da Sala Vermelha, para uso da S.H.I.E.L.D., Natasha.

– Não entendi. Reformule. O que é Quadro Branco?

– Quadro Branco é um coloquialismo. Quadro Branco é um programa. Quadro Branco é um protocolo. Quadro Branco é também um estado de espírito, Natasha.

– Disso eu sei, *Natasha*. O que não sei é o que significa tudo isso que você disse.

A Natasha real sentiu-se muito frustrada. A digital apenas deu de ombros.

– Sinto muito. Tentarei ser mais clara, Natasha.

A verdadeira olhou feio para a virtual.

– Quem inventou o programa Quadro Branco?

O rosto virtual inclinou-se, pensou, sorriu e respondeu:

– Você, Natasha.

– Eu? Por que eu faria isso?

– É um protocolo avançado de segurança, Natasha.
– Segurança de quem?
– Do civil menor de idade conhecido como Alex Manor, Natasha. Você negociou o programa Quadro Branco como parte da liberdade condicional do civil nos Estados Unidos, sob os cuidados da S.H.I.E.L.D., Natasha.

- Tem certeza?
- Sou um registro incólume de dados salvos, Natasha.
- Quando isso aconteceu?
- Vinte e dois meses atrás, Natasha.

Ela recostou-se na cadeira.

Alex Manor? Ela devia saber. Devia ter imaginado.

Admita.

Pelo menos admita para si mesma.

Você andou de olho em Alex Manor por quase dois anos.

Não contou a ninguém – nem a Coulson, Tony, Bruce e ao Capitão. Nem mesmo a Pepper. Ninguém.

Por quê?

O que pode ser tão interessante num adolescente de Montclair, Nova Jersey?

E por que você tem tanto medo dele?

Tratava-se de um assunto pessoal de Natasha Romanoff, algo com que ela lidava pessoalmente, algo que não estava nem um pouco mais claro agora do que no começo.

Qual seria a importância do garoto para as pessoas – e, principalmente, para ela?

A coisa toda estava tão fora dos radares que a agente chegou a burlar o protocolo da S.H.I.E.L.D., limpando a própria agenda apenas para poder ficar no país tempo suficiente para checar um determinado assunto com frequência regular.

E ainda não sabia por quê.

Você não sabe por que ele te incomoda, mas não consegue deixá-lo de lado.

Provavelmente deve ter algo a ver com a história toda do Ivan, mas nem disso você sabe.

Você não sabe de nada.

Por que não sabe?

Por que você?

Por que...

Natasha olhou para o computador.

– Então esse Quadro Branco – disse, lentamente. – Sou eu, certo?

A Natasha virtual fez que sim.

– Fui apagada? – perguntou a verdadeira, incrédula.

– Sim, Natasha. Essa é a expressão coloquial que articula o processo pelo qual os neurotransmissores do seu hipocampo, amígdalas e corpo estriado foram eletromagneticamente reconfigurados. E no qual a sua neurogênese geral foi alterada.

– Os do Alex também?

– Sim, Natasha.

A mente da agente era um caos só.

Fui apagada.

Eu.

Não tenho mais algumas partes de mim.

E Alex também.

Por quê?

O avatar continuava olhando para a agente, na expectativa.

– Posso fazer algo mais por você, Natasha?

– Não sei – disse a verdadeira Romanoff, incapaz de pensar, desligando a tela. – Vou ter que te responder isso mais tarde.

Porque não sei de mais nada.

Sentada sozinha no escuro, Natasha perguntava-se quem teria feito isso.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: É muito para assimilar, agente Romanoff.

ROMANOFF: Nem me fale. A essa altura, tudo o que eu sabia era que havia muito mais naquela história do que apenas Ivan Somodorov. Primeiro Ava, depois Alex, e claro, eu. De algum modo, todos nós fazíamos parte daquilo, e eu estava pessoalmente envolvida com os dois.

DD: E você simplesmente acreditou nisso? Que alguém tinha colocado seu cérebro no micro-ondas e basicamente feito uma lobotomia em você? Só porque, digamos, seu clone virtual te contou isso? A versão de Natasha Romanoff criada por Tony Stark?

ROMANOFF: Eu podia sentir, senhor. Sentia que tinha sido apagada. Devia ter sacado antes. Principalmente depois de todo aquele tempo na Sala Vermelha.

DD: Então isso tinha sido feito a você antes? Quando? Como?

ROMANOFF: Que eu saiba, duas vezes. E tenho certeza de que muitas outras vezes de que não sei.

DD: Inacreditável. São histórias muito grandiosas, agente.

ROMANOFF: Serem grandiosas não fazem delas inverdades. Do contrário, eu estaria sem trabalho.

DD: Ah, sim. Os unicórnios.

ROMANOFF: Sempre os unicórnios.





24 AVA

Ruas de Odessa

Porto Industrial do mar Negro

– ODESSA VERFI. CHEGAMOS.

Ava tinha em mãos a foto da mãe. Na imagem, a mulher estava em frente a uma parede de metal, no que parecia ser o topo de um navio, visível num dos lados da fotografia. Numa placa recém-pintada na porção frontal da embarcação, estava escrito, quase apagado, *odessa verfi*.

– Tem que ser essa doca.

– Acha que as respostas estão aqui? O jeito de romper com o entrelaçamento?

Por cima do ombro de Ava, Alex olhava para a foto – como se esperasse que a resposta viesse dali.

– Talvez. Tudo começou aqui, não foi?

Ava também fitava a foto, assim como fizera durante todo o voo de conexão entre Moscou e Odessa, memorizando cada traço do rosto de sua mãe. A foto, contudo, fora tirada muito tempo atrás, quando a doca – e a família de Ava – viviam dias melhores.

Alex apertou o braço da garota.

– Pelo menos ninguém aqui vai tentar te trancafiar. Ou apagar seu cérebro. Para mim, isso já basta.

– É uma melhora – Ava concordou, erguendo um pouco a foto.

Sob o luar de uma noite fria de inverno, a garota tentou comparar a foto com o local em si. As docas não tinham a mesma aparência que as da fotografia, ou as de que ela se lembrava. De onde ela e Alex se escondiam, agachados detrás de uma fileira de barris de óleo, na beira da água, dava para ver quanto a placa e tudo ao redor havia duramente caído na negligência.

A podridão geral não se limitava à placa: todo o local estava largado às traças, como se jamais tivesse de fato se recuperado do que ocorrera na última vez em que a garota ali estivera. Gatos selvagens magricelas rondavam as ruínas enferrujadas, decadentes, e pássaros que deviam ser urubus circulavam a lua, envolta em nuvens, logo acima. Boa parte das antigas luzes elétricas em torno da cerca do perímetro piscava aleatoriamente. Até mesmo a neve parecia suja, e o céu estava escuro como as docas abaixo dele, cobertas de fuligem, com toda a promessa de mais uma tempestade.

Este lugar não foi feito para se morar.

Só para fantasmas, como eu.

Ava tentava conseguir respirar direito. Sentia a pulsação acelerando e o coração martelando no peito. Era preciso fazer, conscientemente, um esforço para firmar a mão, para evitar que a foto tremesse.

Mas é este o lugar, né? O infame armazém da foto.

Foi aqui que tudo começou, e aqui estou mais uma vez.

Logicamente, Ava sabia que tinha ido parar ali por vontade própria, mas, só de ver o lugar, ela sentia como se jamais fosse conseguir sair dali de novo. Aquele local exercia uma espécie de controle sobre ela, sempre a atraindo de volta, mesmo que ela fizesse de tudo para escapar.

Não. Minha vida não é isto aqui. Eu não sou assim.

Este é só um lugar em que eu vivi.

Ava virou-se para Alex, tentando não ficar pensando muito em tudo isso.

– Tem que ser aqui. Viu a placa? Estaleiro Odessa.

Alex comparou a foto com a casca chamuscada do armazém à frente deles, avaliando as ruínas sob o frio luar.

– Acho que sim. Parece que você desenhou esse mesmo armazém pelo menos umas dez vezes naquele seu caderno.

Ava estremeceu.

– Eu sei.

– Então foi aqui que houve o ataque?

Ela fez que sim.

Com os olhos, Alex escaneou as docas cheias de navios de carga.

– Também devia ser aqui que Ivan contrabandeava todo o equipamento dele. Direto do navio. Muito eficiente. – O garoto sacudiu a cabeça. – Sem contar tudo o mais que essas docas devem ter visto nesses anos todos.

– Muita coisa. Cinquenta milhões de toneladas de tráfico do mar Negro por ano e conexão direta com uma ferrovia grande... – Ava flagrou-se tendo uma sobrecarga de dados da ligação quântica, então se conteve. – Só pode ser coisa ruim, imagino.

– E olha só. – Alex apontou para o topo do armazém, na fotografia. – Não havia tanta polícia na época.

Realmente, havia policiais armados em todo o perímetro do estaleiro. *Militsiya*. Ava podia contar os chapéus *ushanka* dos soldados, de lã cinza – e sentiu inveja dos protetores de orelha deles. Ela e Alex tiveram de esperar quase uma hora para conseguir entrar de fininho na restrita doca de carga, junto de um caminhão que zumbia baixinho e que oferecia somente o mínimo de cobertura.

– Estranho demais para um armazém supostamente abandonado numa doca antiga, não acha? – Alex contou os homens armados em torno dos portões das docas. – Ter toda uma equipe de segurança.

– Ou o básico do básico, quando se trata de Ivan Somodorov tentando encobrir alguma coisa – disse Ava, baixando mais ainda a voz, pois avistara um guarda passando por eles.

– Bom, não podemos dar conta de tantos assim. Não sem disparar alarmes suficientes para trazer toda a força policial ucraniana atrás da gente – concluiu Alex, frustrado.

– Sem contar a *militsiya* pessoal de Ivan – Ava completou, muito soturna.

– O que faremos? – Alex perguntou, olhando para Ava, que tentou não pensar em como ele falava como um agente da S.H.I.E.L.D. – Ava, a gente vai conseguir. Você pode pensar como uma Romanoff. E eu sou muito bom de briga.

Ava fechou os olhos e tornou a abri-los.

– Tem razão – ela concordou. – A gente vai conseguir. – E sorriu. – Mas, desta vez, eu pego a esquerda, e você, a direita.



Menos de quatro minutos e um segurança devidamente nocauteado depois, a dupla encontrava-se abrindo as portas do enferrujado armazém.

Um gancho debaixo do queixo. Contato no ângulo da mandíbula. Gerar mínimo movimento lateral. Golpear a cabeça bem pra cima.

Ava pegara a esquerda, e Alex, a direita.

Estamos nos tornando uma equipe e tanto, ela pensou.

– Se ninguém encontrar nosso amigo aqui – disse Ava, vendo as gastas botas de combate do guarda aparecendo de detrás dos barris de óleo –, devemos ter tempo suficiente para checar as coisas lá dentro.

– Você vai ter que me ensinar esse gancho – disse Alex, empurrando uma última vez as botas do guarda. – Parece bem útil.

– Útil para quê? Sua futura carreira na S.H.I.E.L.D.?

Ava ficou surpresa com a própria irritação ao dizer isso. Ela então sacou a microlanterna tática.

– Falou a garota que tem todo aquele equipamento de espia. – Alex sorriu. – Mas claro, por que não? Podemos ser parceiros. Bonnie e Clyde. Só que do bem. Tipo Bonnie e Clyde Coulson.

– Como sabe que somos os mocinhos? – Ava perguntou, meio distraída.

Com a luz da lanterna, ela foi varrendo a escuridão do interior cavernoso do armazém. Mesmo lá dentro, estava tão frio que ela podia ver a fumacinha branca de sua própria respiração.

Ava tremia de frio. *Difícil imaginar que, mesmo após todos esses anos, este lugar todo ainda seja tão aterrorizante.*

A garota forçou-se a continuar falando.

– Bonnie e Clyde? Para podermos usar nossas habilidades de esgrimistas a fim de consertar tudo o que tem de errado no circuito internacional de espionagem?

Não é tão má essa ideia, ela ponderou, tentando pensar em qualquer outra coisa que não fosse o lugar em que estava e por que tinha ido parar ali.

E se eu arranjasse um jeito de esconder uma espada retrátil no corpo...

– Exato. E só vamos voar de classe executiva. Com nosso cachorro, cujo nome será Brat Júnior. – Alex pegou a mão de Ava. – Além disso, quando você ficar chatinha comigo, eu posso te xingar e fingir que xinguei o cachorro.

– Estou vendo que você já pensou em tudo mesmo – disse Ava.

Ela estudou as sombras ao seu redor. *Era lá que Ivan me prendia? Era lá?* Ava tentava se lembrar, mas não podia controlar o que seus olhos viam no presente e o que permanecia obscurecido pelo terror e pelo caos do passado.

Um homem careca com olhos feitos de sombras muito escuras...

Um labirinto de tatuagens brotando do colarinho da jaqueta...

O cheiro amargo de cigarro e café forte...

Um cinto com fivela de metal que às vezes deixava cicatrizes...

As mentiras, as mentiras que sempre...

Alex apertou a mão dela, gentil, mas insistentemente, interrompendo-lhe os pensamentos.

– E o gato? Qual será o nome do gato?

Ele não desistia.

Ela sabia qual era a intenção dele: mostrar que estavam juntos, que ela não estava sozinha, e ela que falasse. Continuasse falando.

– Sasha. Já tem nome – disse Ava, olhando para o buraco imenso no telhado, pelo qual a neve caía suavemente.

Ali.

Era ali que ficava a fileira de armamentos pesados, ela pensou.

Snipers.

– Que tal Monstrengo? – sugeriu Alex, dando uma cutucada nela, trazendo-a de volta. – É que eu resolvi que esse seria o nome secreto de todos os gatos, no dia em que me fizeram trocar uma fralda felina pela primeira vez. – Ele a cutucou de novo. – Pode pesquisar, é um horror.

– Você é um horror. Sasha e eu te odiamos.

Ver como Alex se esforçava para animá-la tinha todo um calor especial. Ava começou a se acalmar, apesar de tudo. Ela não sabia como ele conseguia, mas Alex fazia parecer que tudo ia ficar bem de novo.

Como se tudo fosse ficar bem algum dia.

Ava esforçava-se para conseguir respirar direito.

Aguenta firme. Entramos. Vamos sair. Espere umas doze horas.

Era isso o que ela vinha pensando consigo, mas nem mesmo ela conseguia acreditar no que pensava.

E depois? Qual vai ser a próxima jogada? Você vai derrotar Ivan Somodorov sozinha? Acha que tem dentro de si Viúva Negra o bastante para fazer isso?

Ava imaginava que, falando tecnicamente, se tivesse que o fazer, conseguiria. Tinha capacidade. Tinha até três microdardos da S.H.I.E.L.D. na mochila, cada um contendo toxina suficiente para derrubar um elefante.

O problema não era esse.

O problema era ela.

Uma coisa é imobilizar um guarda. Outra coisa é matar.

Aquelas lembranças que Natasha tem na mente, aquelas que te fazem acordar gritando à noite...

... Quer mesmo ficar com elas?

– Então é isso – disse Alex, olhando ao redor. – Um salão enorme e bagunçado. No entanto, as pistas que levam ao seu passado devem estar por aqui, em algum lugar.

Ava fez que sim.

– Só que era diferente. Antes, sabe? Do Ivan. – Ela puxou um pedaço de fio desgastado do chão. – E da explosão, do fogo, da destruição toda.

– E antes da agente Romanoff – completou Alex, agachando para pegar um naco de concreto de cima do que parecia ser uma fechadura antiga de metal. – Ela não deixou o cara escapar.

Ava sentiu um calafrio.

– Ele parece ter esse efeito em tudo. Lugares e pessoas. – Alex estava inconformado. – Mas não entendo. Este lugar é um lixo. Não tem nada. – Ele chutou uma pilha de destroços chamuscados. – O que tem aqui que ninguém quer que a gente veja? Por que toda a segurança? Por que esse segredo todo?

– Boa pergunta – disse Ava, vendo as ruínas escurecidas a seu redor. – Talvez Ivan ainda queira fazer algo aqui. Talvez exista algo de que ele não pode se livrar ainda.

Com a lanterna, Ava iluminou o piso à sua volta, rachado em milhares de pontos, instável e desnivelado sob os pés.

– Ou talvez seja uma armadilha.

Alex parou para pegar um pedacinho brilhante de metal em meio aos escombros sob seus pés. Apenas o notara quando Ava passou o feixe de luz por ali.

Estava preso.

– O que é isso?

O objeto estava enfiado numa fissura profunda no piso de concreto.

Ava iluminou-o.

– Não faço ideia.

Alex ajoelhou no chão e cutucou o pedaço de metal com os dedos.

– Parece que alguém deixou cair aqui.

– Provavelmente por causa da explosão.

Ava ajoelhou ao lado do garoto, com a lanterna numa das mãos. Com a outra, tirou um canivete do bolso.

Alex ficou impressionado.

– Quem é você, James Bond?

Ela deu de ombros.

– Tem gente que coleciona pôneis de plástico. Eu tenho uma coleção de trecos da S.H.I.E.L.D.

Alex estava desacreditado. Ele pegou o canivete e cavou o objeto, que revelou ser um pedaço de metal com formato estranho. Ele o girou na mão, soprando a poeira que o cobria.

– O que você acha? Pedaço de alguma máquina? Deve ter alguma coisa gravada aqui. Um número? Talvez palavras?

Com a manga da camisa, ele esfregou o pedaço de metal.

– É uma chave – disse Ava, tomando o fragmento de Alex.

A superfície do objeto estava quente, devido à fricção. Ela passou o dedo por cima das letras gravadas.

– Não são números. É um nome. Luxport. Eu conheço. Costumava ver isso pintado em caminhões grandes, nas estradas próximas à cidade.

– Luxport? – Alex ficou intrigado. – Isso aparece no seu caderno, não?

– E nos meus sonhos.

– Então deve ser uma pista. Quantas chaves com o mesmo número de série podem existir?

– Não sei. Vamos continuar andando e dar uma olhada no outro lado.

Agora Ava estava curiosa. A mente dela girava. Quatro palavras a perseguiam desde Odessa. Dar de cara com uma delas naquele momento, e naquele lugar, era como receber um sinal do passado.

Quase uma esperança.

Em meio à escuridão, a dupla foi caminhando para o lado oposto do armazém, até que Alex trombou numa parede, ou o que ele achou que fosse uma parede.

– Espere... o que é isso? – Ele bateu no objeto à sua frente. – O armazém não termina aqui. E olha... essa parede não combina com o restante.

– É porque não é uma parede – disse Ava. Ela colocou a lanterna entre os dentes e esfregou um local empoeirado com a mão. – Acho que é tipo uma caixa. Um contêiner de transporte, talvez. Tem uma palavra escrita do lado. A tinta está saindo, mas acho que ainda dá para ler.

LUXPORT.

– Olha aí de novo – disse Alex. – Como na chave.

Os dois ficaram olhando. Desta vez, a palavra fora escrita no estilo militar.

Ava tirou o caderno da mochila e segurou a lanterna sobre ele, para que Alex pudesse ver também.

– Dos meus sonhos – ela disse. – Como o Brat.

KRASNAYA KOMNATA.

O.P.U.S.

LUXPORT.

– Não pode ser coincidência – Alex comentou, intrigado.

Ava fez que não, concordando.

– Por muito tempo, essas palavras eram as únicas coisas de que eu me lembrava deste lugar. E daquela noite. Eu não sabia se eram lembranças ou sonhos.

– Mas por que essas quatro palavras?

– Não sei. Natasha nem sequer pensou em Luxport quando se lembrou deste armazém. – Ava parecia confusa. – Eu estava começando a achar que talvez Luxport tivesse algo a ver com Ivan, mas que não estava relacionado à noite em que a S.H.I.E.L.D. me encontrou.

– Pode ser. – Alex recuou um passo e olhou para cima. – Esse contêiner é mesmo muito gigante. Dá para colocar aí dentro o quê? Uma dúzia das minivans da minha mãe? E ainda teria espaço para um ou dois Prius.

– Sua mãe tem minivans? – Ava fez sinal de joinha. – Que barato!

– Agora não é a hora.

– Espere. Isso significa que às vezes *você também* dirige uma minivan?

– Não tenho carteira ainda. E você não pode ficar fazendo piadinha sobre isso enquanto não aprender a dirigir.

Ava ignorou o garoto, ainda sorrindo ao tatear o canto do contêiner, até que percebeu que, numa porta em frente, havia um cadeado.

– Luxport. Pela terceira vez. No cadeado também está escrito.

Ava entregou a chave a Alex.

– Então a chave não era *para o* armazém.

– Não, mas para um contêiner. Que deve ter ficado aqui parado durante esses oito anos.

Alex enfiou a chave no antigo cadeado. Rangendo por causa da poeira, o cadeado começou a abrir lentamente.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então você se revoltou, é? Saiu sem avisar. Mamãe e papai devem ter adorado. Sua agente número um finalmente estava pondo as asinhas de fora.

ROMANOFF: Eu tinha acabado de descobrir que tinham apagado meu cérebro, senhor. Isso não é tecnologia típica da S.H.I.E.L.D. É um lance dos russos. Puro Ivan Somodorov.

DD: Então você não quis se arriscar?

ROMANOFF: Claro que não. Até onde eu sabia, meu nome tinha sido forjado. Meu código de autorização, roubado. Eu precisava recuar. Investigar. Você teria feito algo diferente no meu lugar, senhor? Ninguém teria.

DD: Pergunta difícil, essa. Francamente, não consigo nem imaginar estar no seu lugar, agente Romanoff, e espero nunca estar.

ROMANOFF: Eu não sabia em quem confiar.

DD: Não que você costume confiar muito em alguém.

ROMANOFF: Acostumei a ser assim, senhor.

DD: Imagino que o pessoal de lá deva ficar meio chateado com isso.

ROMANOFF: Você não faz ideia.

DD: Seu diretor se reporta ao mesmo presidente que eu, agente Romanoff. Pode acreditar, eu faço, sim.



25 ALEX

Armazém do Estaleiro em Odessa
Perto do mar Negro, Ucrânia

SÓ VIRAR A CHAVE NÃO BASTOU. O contêiner parecia não ter sido aberto durante anos, o que significava que não seria tão fácil abri-lo agora.

Maravilha.

Alex meteu o ombro contra a porta de metal, que lembrava a de uma garagem. Ela não cedia. Ava pôs-se a ajudar, o que ele teve que admitir que foi humilhante para seu ego de garoto do ensino médio, mas, ainda assim, era melhor do que continuar a tentar sozinho. Juntos, judiaram do metal, até que ele finalmente cedeu e começou a deslizar.

O garoto puxava o mais forte que podia, então a porta foi lentamente rangendo e abrindo, revelando mais um retângulo de escuridão.

– Hora de descobrir por que Ivan colocou todos aqueles guardas na folha de pagamento. – Ava checkou o relógio. – Não sei muito bem quando os seguranças vão passar por aqui de novo.

– Entendido, agente Orlova.

Ava sorriu, ampliando o feixe de luz da microlanterna.

– Agente Orlova não. Viúva Rubra. *Krasnaya Vdova*. Esse foi o nome que eu inventei quando era pequena – contou Ava, passando o feixe de luz pelas paredes do interior do contêiner.

– Peraí. Viúva Rubra? Você tinha até nome de heroína escolhido e tudo o mais? – Alex riu, mas estava impressionado.

– Claro que sim. Eu era criança e não tinha nada com o que me ocupar o dia todo no 7B. Que mais eu poderia fazer? Mas, sim. – Ignorando o riso do garoto, ela foi inspecionar a parede com mais atenção. – Resolvi que eu seria o oposto da Viúva Negra, em todos os sentidos. Ela usava preto, então eu ia usar branco.

– Como uma esgrimista?

– Para de rir – ela disse, dando um soquinho no braço dele.

– Ai. Não estou rindo. – Alex afagou o braço. – Aqueles uniformes de Kevlar são à prova de balas e espadas... Você se sairia muito bem.

– Não é? E a Viúva Negra tem armas, então eu teria espadas.

– Ah. Entendi. Mas ficaria um pouco pesado demais para saltar de pontes, não?

– Um pouco.

– Você teria que dar um jeito nisso.

– Claro.

– E talvez fosse melhor repensar isso aí de não ter arma nenhuma.

Ava deu de ombros.

– A Viúva Rubra pode ser flexível.

– A Viúva Rubra também tem vinte quilos de equipamento de espionagem roubado na bolsa? – Alex provocou.

– Talvez ela deixe guardado na toca.

– Ah, ela tem uma toca também?

– Onde mais ficaria o gato?

– Tá, beleza. Agora eu entendi.

Alex ria-se todo. Ava sorriu, um pouco envergonhada.

– Até pratiquei o autógrafo. Primeiro eu desenharia a ampulheta dela, depois riscaria e desenharia a minha por cima.

– Uma ampulheta dupla? Não forma uma cruz?

Ava parecia prestes a bater nele de novo.

– Não forma cruz nenhuma. Pense um pouco.

– Eu estou pensando. Você seria, então, a Cruz Vermelha? Porque isso já existe.

– Não tem nada de cruz – repetiu Ava, fazendo careta.

– Então seria tipo uma flor?

– Flor também não.

Ava socou-lhe o outro braço.

– Ai, tá bom, tá bom. Por que não uma aranha?

– E o Homem-Aranha? – ela perguntou, revirando os olhos.

– Você pensou bastante nisso, hein?

Ava deu de ombros.

– Eu tinha muito tempo livre.

– Estou vendo.

Ava preferiu ignorar Alex e ir estudar o espaço ao redor. Contudo, as paredes do contêiner eram perfeitamente lisas – tão lisas quanto o local estava vazio, a não ser pela poeira que espiralava no ar.

– Não tem nada aqui – ela concluiu, parecendo desapontada.

– É porque tem ali.

Alex apontava para o piso do contêiner, onde havia o contorno de um alçapão – e provavelmente também o armazém, logo debaixo dele.

– É uma... – Ava agachou perto do alçapão e passou a mão pelas dobradiças. – Uma porta.

– Então isto aqui não é um contêiner coisa nenhuma. É uma espécie de entrada secreta.

– Escondida a plenas vistas. – Ava ficou de joelhos. – Pelo visto, o Ivan foi ficando mais esperto conforme envelhecia.

– Se fosse tão esperto assim, teria ficado longe de uma Romanoff. – Alex deu uns tapas no alçapão. – É fundo, certeza. Então deve haver algum tipo de espaço debaixo da gente.

Alex puxou o enferrujado painel para cima. Uma chuva de poeira caiu sobre eles, até que o painel finalmente abriu-se por completo.

Debaixo do piso do contêiner, uma escada de madeira descia rumo à escuridão. Alex meteu a cabeça abaixo da beirada, tentando ter uma ideia do que tinha ali.

– Acho que é tipo um porão secreto. – Ele retornou e disse: – Vamos dar uma olhada.

Ava segurava a lanterna na frente do corpo quando começou a descer a escada. Alex veio logo atrás.

Assim que entraram no escuro recinto, o feixe da lanterna de Ava cortou as sombras e iluminou paredes muito distantes. Aquele espaço debaixo do armazém era imenso. Selado e protegido por uma camada de concreto, aquele nível inferior fora perfeitamente preservado ao longo do tempo.

– Este lugar é praticamente um abrigo nuclear – disse Ava. – Quer dizer, lembra um. E eu bem sei, porque cresci no 7B.

– Mesmo assim, não faz sentido. – Alex estava confuso. – Abrigo nuclear? Para proteger quem... e do quê? – Ele pegou uma caneca do que parecia ser uma espécie de estação de trabalho. Assim que a levantou, um círculo perfeito ficou desenhado na poeira. – E por que os guardas, se ninguém mais usa este lugar?

– Não faço ideia.

– Tem certeza? Pensa um pouco. Foi você que nos trouxe até aqui – disse ele, hesitando. Alex não queria muito ter que fazer a pergunta, mas tinha que saber. – Como você sabia que a gente ia encontrar isto aqui?

Ava não respondeu. Em vez disso, direcionou o feixe de luz para a frente, focando uma passagem que parecia ser um corredor.

– Veja! Acho que essa parte é ainda maior que a de cima.

Puxando Alex, a garota aproximou-se do corredor.

– Você não respondeu direito a minha pergunta.

– Eu não sabia se a gente ia achar alguma coisa, Alex. Eu não tinha certeza. Eu só sabia que a gente tinha que voltar *para o* lugar onde Ivan tinha me levado. Onde ele... – Ava desistiu. – Onde conheci Natasha.

Ela não aguentava mais falar sobre aquilo.

E Alex captou a mensagem.

Em vez de conversar, foram explorar. O primeiro corredor dividiu-se em outros, até ficar claro que o porão era todo um mundinho em si. Mapas velhos e empoeirados da Rússia cobriam as paredes, com marcas apontando a localização de antigos esconderijos, depósitos de munição, postos de segurança. Caixas com partes de equipamentos eletrônicos – fios enrolados e circuitos velhos – jaziam abandonadas em mesas vazias, perto do que pareciam ser listas telefônicas obsoletas e cadernos departamentais descartados. Uma cozinha velha com linóleo amarelado ficava ao lado de um cômodo com um sofá arruinado e uma televisão que não funcionava devia fazer muito tempo.

Ava abriu uma torneira enferrujada na pia. Não saiu nada.

– Acho que alguém morou aqui. Ou pelo menos passou muito tempo aqui – disse Alex.

De onde estavam, enxergavam além das sombras que se estendiam à frente deles, de modo que puderam avistar uma fileira de portas metodicamente alocadas nas paredes do corredor.

– Ali. É por ali – disse Ava, apontando para o corredor cheio de portas.

– Onde?

– Não sei. Só... sinto que esse é o caminho. – Ela parou. – Acho... que conheço este lugar. – Ela foi seguindo pelas sombras, estendendo a mão. Tocou as primeiras três portas pelas quais passou, abrindo somente a quarta. – Esta aqui. É aqui.

Ela entrou, transpassada.

Para Alex, parecia que ela estava sonhando acordada. Era quase como se Ava voltasse a ser quem havia sido um dia. *Ela está lembrando.*

– Minha mãe ficava aqui comigo. – Ava virou lentamente e entrou em outro cômodo. – Aqui. Bem aqui. Essa era a mesa dela, que eu chamava de minha caverna. Um espaço seguro e todo meu. Acho que eu brincava de casinha debaixo dela.

Ava agachou e entrou ali debaixo, abrindo um vale em meio à poeira.

– A cabeça dela estava sempre em outro lugar, mas eu não ligava, porque sabia onde eu sempre poderia encontrá-la: sentada bem aqui, nessa mesa. Então, mesmo quando parecia que ela estava a milhões de quilômetros de distância, eu nunca ligava.

Alex observava a garota envolta em sombras, agora acocorada, escondida debaixo da mesa como uma criancinha. E a deixou falar. Deixaria que ela fizesse qualquer coisa que precisasse fazer. Não importava o motivo de estarem ali nem se ela sabia ou não o porquê.

– Veja – a voz dela ecoava. – Vem ver. Meu nome continua aqui. Eu escrevi com caneta permanente embaixo da madeira.

Alex sentou-se no piso de concreto ao lado de Ava, que estava com os joelhos junto ao peito.

– Eu queria que fosse permanente. Aqui era o meu lugar, com a minha mãe, mesmo quando meu pai estava em Moscou. Se tínhamos que ficar aqui, eu queria que fosse do lado dela, para sempre.

Alex baixou a cabeça para perto da garota. Os dois juntos não cabiam ali, então ele baixou o rosto e o pousou no colo dela.

Ela direcionou o feixe de luz da lanterna para a porção inferior do tampo da mesa. Ali, numa letra muito feia, lia-se o nome dela.

AVA ANATALYA.

Acima do nome havia algo mais, então Alex tocou a palavra lentamente. Gentilmente.

– Ava – disse ele, puxando uma empoeirada fotografia em preto e branco de onde um dia fora presa, escondida entre as tiras de madeira que sustentavam o tampo da mesa.

Ava tremia quando a pegou da mão de Alex.

Era uma foto dela quando criança, de mãos dadas com a mãe. Alex reconheceu a Dra. Orlova da foto tirada na doca, que vira antes.

Ali, a Dra. Orlova estava magra e enfraquecia, usando uma espécie de jaleco típico do serviço público, um pouco grande demais para ela. Os olhos escuros e sinistros pareciam grandes demais para o rosto, e o jeito com que segurava a mão da filha demonstrava muita tensão, a julgar pelo ângulo do braço gordinho de Ava, logo abaixo. A menina segurava alguma coisa com firmeza nos braços.

– Karolina. Minha boneca – Ava disse, um pouco tristonha, roçando o dedo na imagem da boneca. – Eu a amava quase tanto quanto amava meus pais. Era praticamente uma irmã para mim, quando eu era pequena. Viu aqui?

Ela moveu o feixe de luz e fez Alex ler mais duas palavras, escritas ao lado de duas flechas desenhadas na madeira.

Perto do topo da mesa, estava escrito *MAMOTCHKA*.

Perto da base, estava escrito *KAROLINA*.

Ava limpou os olhos com a manga da blusa, piscando muito.

– Tudo isso não existe mais, né? Eles não existem mais.

– Parece que sim – disse Alex, passando os braços em torno de Ava até abraçá-la por completo, fazendo os dois corpos virarem um único ser cálido

e vivo. – Não existem mais, mas eu estou aqui.

– Eu sei – ela concordou, deixando vir as lágrimas. – Aqui era a minha casa, Alexei.

– Era, sim, Ava Anatalya – disse Alex, levando a mão ao rosto dela para enxugar as lágrimas conforme caíam. – Você voltou para casa.

– Preciso de conserto – ela disse, com o rosto todo molhado. – Eu sei que sim.

– Não precisa, não. Você é forte. Olha só. É você quem ainda está aqui, mesmo quando nada mais existe.

Ava fez que sim. Alex torcia para que ela pensasse como ele.

– Já viu o suficiente? – Alex perguntou.

Ava fez que sim mais uma vez. Ele deslizou para fora, liberando-se da mesa, seguido por ela. Ele a ergueu nos braços até que ela ficasse de pé, com a ponta dos pés mal tocando o solo.

– Acho que quero te beijar agora, Alexei Manorovsky – Ava sussurrou bem perto dele, como se afastar totalmente o rosto do de Alex fosse algo que não pudesse nem imaginar.

– Acho que também quero – ele sussurrou de volta, levando os lábios aos dela, tão gentilmente como se ela fosse feita da neve que caía constante e silenciosamente do céu, lá fora.

Ava ergueu o rosto coberto por lágrimas na direção dele. O momento em que seus lábios se tocaram pela primeira vez, no primeiro de muitos outros beijos, Alex soube.

Soube pelo modo com que pôde sentir esse beijo até na ponta dos pés, pelo modo com que os dedos dela pareceram queimar a pele dele onde ela o tocava.

Soube pelo modo com que um único beijo o fez ter vontade de cair no riso e em prantos, tudo ao mesmo tempo.

A sensação foi tão intoxicante que ele desejou muito mais daquilo – e tão aterrorizante que ele receou senti-la de novo.

Foi muito difícil não dizer tudo isso para ela naquele instante, mas ele pensou consigo que, mais tarde, haveria tempo suficiente para isso. Tempo em que não estariam sendo perseguidos por malucos vindos de longe nem ameaçados por agentes da S.H.I.E.L.D.

Tempo em que não estariam numa gélida terra distante, escondidos num porão secreto de um armazém destruído pelo fogo. O amor podia esperar, mesmo quando tantas outras coisas não podiam.

Não pode?



Quando estavam deixando o escritório da Dra. Orlova, Alex notou uma fileira de idênticos armários de metal prateado, alinhados na parede oposta do cômodo.

– O que acha daquilo? – ele perguntou, olhando para Ava.

Ela passou o feixe de luz pelos armários e respirou fundo, recompondo-se.

– Minha mãe fazia registros meticulosos – disse.

– Temos tempo?

Ava checkou o relógio.

– Quatro minutos.

Alex foi ver mais de perto. Ava tinha razão: foram os rótulos cuidadosamente redigidos pela mãe dela que haviam chamado a atenção dele. A organizada fila de documentos obedecia a ordem alfabética, como se o que estava dentro daqueles armários em sequência fosse muito especial e importante – pelo menos para quem tinha escrito todos aqueles rótulos. Por instinto, o garoto foi até o meio da fileira.

O.P.U.S.

Alex parou assim que leu essa palavra. *Preciso de conserto*. Ele ainda podia ouvir Ava dizendo isso. Não queria mais magoá-la. *Agora não*. Ela já tinha sofrido demais, não?

Atrás dele, Ava foi quem falou:

– Não, é preciso. Temos que fazer isso. Foi por isso que vim aqui. – Do lado dele, ela levou a mão ao puxador do armário. – Não se preocupe comigo. Seja lá o que for, vou ficar bem.

Ava nem esperou que ele respondesse. Com toda a força que tinha, tentou abrir o armário. A gaveta de arquivos, porém, não se mexeu.

– Trancado – ela concluiu, sacando o canivete.

– Vai dar uma de Viúva Rubra? – perguntou Alex, intrigado.

A garota revirou os olhos e entregou a lanterna a Alex.

– Sabia que ia me arrepender de te contar aquilo. Só preciso de dois minutinhos.

Precisou só de um, na verdade. Ela abriu o armário e pesquisou a coleção de arquivos guardados ali dentro.

– Achei. Acho que encontramos.

– Parece que sim. Minha nossa!

Cada arquivo, escrito em papel institucional, estava lotado de gráficos e tabelas e marcado com um nome russo, seguido por uma série de números. Alex abriu o primeiro arquivo.

– São os nomes dos sujeitos experimentais. É o que diz aqui, no primeiro arquivo.

Ele apontou um nome. Lá estava, *ORLOVA, AVA ANATOLYEVA*.

– É você, né?

Ava fez que sim.

– Meu pai se chamava Anatoly, por isso eu tenho este nome: Anatolyeva. Anatolya, para simplificar.

– Então você participou do projeto O.P.U.S., Ava.

A garota ficou pálida.

– Uma cobaia? Fui cobaia num projeto?

– É o que diz esse relatório. Do programa da Dra. Orlova.

– Ela fez experimentos comigo? Com a própria filha? Ela sabia que eu participava do estudo? – Ava parecia ter acabado de levar um tapa na cara. Duas manchas rosadas e brilhantes apareceram em suas bochechas. – Então não vim para cá porque Ivan me trouxe. Não fui raptada. Estive aqui porque ela me entregou. Ela estava me usando.

Ava lutava contra as lágrimas, Alex percebeu. Quis acalmá-la, mas não sabia como. Se Ava estivesse certa, a mãe dela seria um monstro que não conseguiu proteger a própria filha de monstros piores ainda.

Se estivesse errada... Enfim, como saberiam?

Alex pensou um pouco.

– Seu nome neste arquivo só explica como Somodorov te encontrou. – Ele abriu outro arquivo. – Não temos certeza de nada. Vamos pegar esses arquivos e dar o fora daqui. Acho que devíamos pegar o máximo que pudermos.

Ava concordou, mas ainda parecia muito contrariada quando se voltou para os arquivos. Alex pegou a mão dela, que tremia, e a apertou de leve.

– Ei. Não precisa fazer isso – ele tentou tranquilizá-la.

Ava nem olhou para ele. Em vez disso, pegou punhados de arquivos, sem parar, como se limpar aqueles armários fosse, de algum modo, limpar a mancha que se espalhava em sua mente.

Alex desistiu e fez o mesmo que ela.

Enquanto ia pegando os arquivos, ele não pôde deixar de pesquisar o próprio nome. Não que esperasse encontrá-lo ali, mas mesmo assim o fez.

Vai saber.

Você fala russo, não? É possível.

Ninguém explicou isso até agora.

No entanto, não encontrou nenhum Alex Manor – nem mesmo um Alexei Manorovsky – nos armários e, com alívio, ele voltou a respirar.

Quando já tinham enchido duas caixas de papelão com tudo o que nelas cabia, Alex já não se preocupava mais com nada.

Até que Ava encontrou uma foto.

– Peraí. O que é isso?

Em frente a um dos armários, ela segurava um segundo arquivo nas mãos, além do dela.

– O quê? Não enxergo. Está escuro demais aqui.

Com a lanterna, a garota iluminou uma pasta. Havia uma foto presa com clipe ali. Na primeira das folhas verdes do arquivo, Alex viu olhos tão negros quanto os dele olhando-o de volta.

E um rosto. Um rosto de criança, meio gordinho, debaixo de uma cabeleira desgrenhada. E havia um número carimbado num dos lados do arquivo, como em todos os outros.

– Olha isso aqui. Ele é a sua cara.

– Não tem nome?

Alex olhou bem para o rosto do menino. Lembrava ele, mas nem tanto assim.

– Não vejo nome. Não nessa parte do arquivo.

– Diz aí mais algo sobre o programa? – Alex perguntou. Ele estava impaciente.

– Tem um monte de relatórios reunidos aqui. – Ava dividiu os papéis e enfiou metade debaixo do braço de Alex. – Aqui. Olhe. – Com a lanterna, ela iluminou outra folha. – Essa transcrição diz que é um companheiro espiritual de Ivan, para o programa da Sala Vermelha.

– Mas desta vez ele não está pegando leve? – perguntou Alex, tirando os olhos da folha que estava lendo. – Isso não parece nada bom.

– E não é. – Ava franziu o cenho. – Aqui diz que as crianças do O.P.U.S. tinham de ser treinadas como mestres espiões... Escuta só: “... até o momento em que suas vagas nos maiores governos estrangeiros sejam garantidas. Somente o acesso de mais alto nível, principalmente junto a chefes de estado ocidentais, permitirá que conduzamos com sucesso nosso glorioso plano”.

– Que maluquice.

Ava parecia processar os acontecimentos de dez anos numa só tacada.

– Mas então a Viúva Negra apareceu, o armazém foi explodido e destruído, e depois disso não me encontraram mais... – Alex concluiu o pensamento: – E todo mundo achou que o Ivan estava morto. Fim do programa.

– Só que o Ivan reapareceu, e tem crianças desaparecendo de novo... – completou Ava, virando as páginas.

Alex parecia confuso.

– Mas se tem alguma coisa rolando, não temos como saber quais alvos já foram alcançados, né? A não ser que perguntemos para o próprio Ivan.

Ava tirou uma folha da pilha de arquivos e congelou.

– Alex. O menino. Apareceu de novo, o que parece com você.

– Que tem ele?

Alex foi ver, ainda mais impaciente. Quis sair dali imediatamente. A poeira estava de engasgar, e a escuridão incomodava.

Ava foi virando as páginas do arquivo, analisando tudo rapidamente.

– Ele tem nome, só que não acho que é Manor nem Manorovsky.

Ela olhou para Alex com uma expressão muito sinistra, segurando a folha na mão.

– É Romanova.

Alex ficou pasmo.

Ava repetiu a palavra, desta vez em inglês.

– Sabe? Romanoff.

Alex ouvia as palavras, mas não entendia o que ela dizia. Não conseguia e não queria ouvir.

Ava colocou o arquivo nas mãos congeladas dele.

– E acho que é você mesmo.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Nunca lhe ocorreu que vocês estavam indo longe demais? Vocês três?

ROMANOFF: Eu sempre vou longe demais, senhor.

DD: Parece-me que, até para você, agente Romanoff, dessa vez foi diferente.

ROMANOFF: É disso que se trata o disfarce. O governo não vai te tirar da cadeia por causa de uma missão secreta que nunca aconteceu oficialmente. Você tem que saber disso quando entra. Eu sabia.

DD: Pode ser. Mas também não vão te forçar a usar um disfarce permanente, tirando sua mente de você sem nem te consultar. Não é assim que costumamos fazer as coisas neste lado do planeta, agente.

ROMANOFF: É mesmo, senhor?

DD: Vamos nos ater ao inquérito, agente.

ROMANOFF: De qualquer maneira, àquela altura, eu não pensava mais em mim. Estava preocupada com Alex e Ava. Não tinha certeza se conseguiria resgatá-los de fosse lá onde tivessem se metido ao deixar a base.

DD: E você estava certa?

ROMANOFF: Cheguei bem perto, senhor.



26 AVA

*Arquivos da base em Luxport.
Estaleiro de Odessa, Ucrânia*

ALEX MANOR. ALEX ROMAN. ALEXEI MANOROVSKY. ALEXEI ROMANOVSKY.

Alexei Romanoff.

Um Romanoff.

Ava olhava para Alex. As paredes da pequena sala pareciam fechar-se em torno deles. Parecia que Alex não conseguia falar, que não conseguia dizer verbalmente as palavras.

Mas ela conhecia muito bem essa sensação. De quando só de pensar em algumas palavras, elas parecerem mentira.

É verdade? É possível?

Ava ficou só olhando, compreensiva, quando Alex largou-se na parede e escorregou até o chão.

Ela se sentou ao lado dele e tocou-lhe delicadamente o joelho.

– Você acha que... pode ter sido você?

– Um Romanoff? Como o de Natasha Romanoff? E eu? – Alex fez que não. – Não pode ser. – Ele deixou a cabeça afundar nas mãos.

– Tudo é possível – Ava disse, gentilmente. – Você mesmo disse. E isso explicaria o russo.

Ele fez que não de novo, quase violentamente.

– Eu tenho mãe. Ela é agente de viagem. E temos um gato chamado Stanley.

– Mas você teve um cachorro chamado Brat.

– A gente mora num subúrbio, em Nova Jersey.

Ava pensou um pouco.

– Você se lembra de Vermont. E da floresta. E da neve. E se não for de Vermont que você está se lembrando?

Alex parecia aturdido.

– Meu melhor amigo se chama Dante. O pai dele é policial.

– Talvez seja por isso. Talvez estivessem todos de olho em você. – Ava suspirou. Havia mais uma coisa. Ela achou que não tinha outra opção além de contar para ele ali mesmo. – Quando eu sonho, Alex, acho que sonho pelos olhos dela. Acho que Natasha Romanoff esteve sempre de olho em você.

Alex nem respondeu. Parecia incapaz de falar.

Finalmente, conseguiu.

– Natasha e Alexei Romanoff? Filhos dos Romanoff? A Viúva Negra tem um irmão mais novo? Como isso é possível?

– Não sei, Alexei.

– Qual parte da minha vida é real? Alguma parte é real?

Ava não disse nada.

– Se esse arquivo com o meu rosto estiver certo, então tudo o mais na minha vida está errado.

Alexei Romanoff.

Ava ficou pensando nisso.

As duas palavras faziam de toda a vida do garoto uma mentira e, no entanto, de algum modo, se fossem verdade, também explicavam tudo. Tudo o que ele queria confiar a ela.

A sensação de que ele não cabia direito na própria vida.

O medo de não ter nada a ver com a mãe.

A inquietude. A necessidade de brigar. A competitividade.

Como um Romanoff.

Ava suspirou e rolou de lado no chão.

– Podia ser pior. Minha mãe é a física por trás do O.P.U.S., de acordo com metade desses documentos. Significa que fui cobaia da minha própria mãe.

Alex trouxe a cabeça de Ava para o colo, e ela se aninhou ali.

– Significa também que fiquei culpando Ivan Somodorov e Natasha Romanoff por tudo o que já me aconteceu, sendo que, o tempo todo, minha mãe era a real culpada.

O fuso horário começava a surtir seus efeitos, e os olhos de Ava já estavam quase fechados por inteiro. Ela sentiu a mão de Alex acariciar-lhe a bochecha.

– Durma um pouco. Vou ficar de olho. Podemos sair daqui antes de amanhecer, evitando os seguranças.

Ela fez que sim, exausta. Cansada demais para responder.

Contudo, Ava não imaginava que Alex fosse conseguir dormir, pois sabia que ele tinha dúvidas demais – a mente dele não descansaria de tanto pensar.

E ela tinha também as dela.

Se a minha mãe estava por trás do projeto O.P.U.S., por que concordaria em usar a própria filha desse jeito?

Será que ela era esse monstro mesmo?

Será que a Natasha sabe de tudo isso?

Sabe do Alexei?

E, principalmente...

Será que Alexei é mesmo um Romanoff?

– Alexei. Alexei, acorde. – Ava pôs a mão na boca dele, para que ele não gritasse ao acordar. Ela falava baixinho. – Está na hora. Temos que ir.

Ava ajudou-o a se levantar. Acordado subitamente, o garoto mal abriu os olhos e já pegou a mochila, cambaleando atrás de Ava.

Ela até ouviu o sussurro rouco dele, enquanto subia destrambelhadamente a escada.

– *Toropis.*

Rápido!

– Você está falando em russo de novo – Ava sussurrou para trás, enquanto subia a escada para abrir o alçapão e sair dali. – Nós dois estamos, *da?*

– *Da* – ele respondeu.

– Agora temos que trocar por inglês. – Dizendo isso, Ava jogou a mochila por cima do alçapão. Alex veio logo depois. – Principalmente porque, se nos pegarem, você tem que fingir que não entende nada do que eles dizem. Fechado?

– *Nemyye Amerikantsy* – ele concordou. *Americanos idiotas.*

Ava fechou a porta do contêiner e saiu correndo pelo armazém, com Alex em seu encalço.

Quando chegaram à porta aberta do local, havia pelo menos meia dúzia de guardas reunidos na doca.

– Acho que encontraram nosso amigo de ontem – disse Alex.

– *Der'mo* – Ava xingou. – Não tem outra saída.

– E agora? – Alex olhou para ela. – Quer dizer, você quer pegar a direita ou a esquerda?

A garota sacou uma arma com aparência antiga da mochila.

Pegara-a na gaveta da mesa da mãe.

– Ava – Alex chamou.

A garota olhava para além de Alex, para a doca e para os guardas. Já estava fazendo os mesmos rápidos cálculos mentais que teria feito a Viúva Negra naquela situação.

Chamar a atenção...

Fazê-los focar em você como alvo...

Derrubar Um e Seis primeiro...

Esconder-se enquanto Dois e Cinco disparam...

Assumir posição do outro lado dos barris de óleo...

Alex sibilou para ela:

– Ava, para com isso. Você não vai dar conta de todos esses caras. É arriscado demais, mesmo com a ligação quântica.

– Eu consigo. – Ela olhou para ele. – Tenho que conseguir.

– Você nunca atirou com uma dessas antes.

Ava, porém, passou abruptamente pelo garoto, alinhando-se à lateral do armazém.

– Alex. Deixe comigo.

Junto do batente da porta, a garota nivelou a arma bem na altura dos olhos.

Hesitou um pouco...

Fechou os olhos.

Pronto...

Mas, antes que pudesse apertar o gatilho, um barril de óleo atrás dos guardas explodiu numa bola de fogo.

Um segundo barril explodiu também, depois um terceiro.

Os guardas que ainda não tinham caído saíram correndo.

– Quê?

Ava ficou ali parada, aturdida. Ela então passou pelas portas e saiu correndo pela doca.

Alex veio logo atrás.

– Meu Deus – disse ele.

Era ela.

Natasha Romanoff estava descendo do telhado.

Alex viu Natasha pousar firmemente no solo, com os dois pés, guardando a arma em seguida.

– Desculpem. Não queria chegar assim, sem avisar. Mas, como tinha que dar cabo deles, então aproveitei.

Natasha olhou de Ava para a arma que ela segurava, finalmente assimilando a cena toda.

– Oh, Deus. O que está fazendo com isso aí? Abaixei a arma. Você podia ter explodido a própria cabeça!

Ava só ficou ali parada, em aparente choque. Alex, logo atrás, reparou que também não conseguia falar nem se mexer. Mal era capaz de registrar um pensamento, além dos óbvios.

Quem sou eu?

O que ela é de mim?

Ava então agarrou Natasha e a abraçou, aliviada.

– Graças a Deus.

Natasha parecia preferir ter levado um tiro a ser abraçada, mas não disse nada ao olhar de Ava para Alex.

– Natasha Romanoff. Imagine só. O que veio fazer aqui? – Alex disse, finalmente.

Sentia-se destroçado por dentro.

Pétreo e rachado e tão magoado que não importava mais o que fosse acontecer dali em diante.

As docas ardiam em chamas ao redor, mas Alex não ligava se tudo pegasse fogo. Não ligava se não pegasse. Não sabia com o que se importar.

O mundo mudara muito desde que ele vira Natasha Romanoff pela última vez.

Era um lugar completamente diferente agora.

E eu sou uma pessoa diferente.

– Esse incêndio só vai aumentar. Temos que ir. – Natasha olhou para Ava, querendo apoio, mas a menina não disse nada.

– Alex?

O garoto ergueu uma sobrancelha, cruzando os braços.

– E esse é meu nome mesmo, por acaso?

– Tá bem, *Alexei*. Não importa como vamos chamá-lo, contanto que a gente saia daqui antes que a polícia resolva aparecer – Natasha disse, em russo.

– Não vou a lugar nenhum com você – retrucou Alex, em inglês.

Natasha deu um passo adiante, estendendo as palmas das mãos à frente, como se pedisse ao garoto que pegasse leve.

– Eu só vim conversar.

Quase como se aproveitando da deixa, os barris de óleo em chamas atrás de Alex explodiram, espalhando fumaça e fogo nas docas em volta.

O garoto permaneceu incólume.

– Engraçado. Porque eu cansei de conversar, *sestrenka*.

Alex caminhou à frente como se estivesse numa pista de esgrima e tentasse armar um ataque.

Cansei das mentiras.

Da confusão.

De nada fazer sentido.

Natasha pareceu saber exatamente do que ele estava fazendo.

– O que você vai fazer? *Lutar comigo?* Sou uma assassina treinada, e você mal largou as fraldas – disse ela, recuando.

– Ah, é? Mesmo? Como é que eu posso ter certeza?

Ele foi se aproximando ainda mais dela.

– Não seja idiota.

– Mas eu sou um idiota. A ideia é essa, não? Sou tão idiota que nem sei meu próprio nome. – Alex pegou um pedaço comprido de cano, largado nos destroços do estaleiro, e o girou. – Sou tão idiota que nem sei como cheguei até aqui.

– Alexei – Natasha ameaçou.

Ela encontrou uma peça quebrada de madeira bem a tempo de defender-se do cano de Alex.

– Minha vida inteira foi um erro, e eu até já sentia isso antes. Não tenho nada em comum com quem eu achava que era minha família. Arranjo briga sem ter motivo e, quando faço isso, ganho todas. Sou inquieto. Não sossego. Acho que todo mundo, todas as coisas me atacam. E agora só me resta acreditar que é por isso? Que você é a resposta para tudo que algum dia não fez sentido na minha vida? – Alex girou o cano de novo. – Não vou, não.

Natasha esquivou-se do cano e estendeu as mãos, pedindo calma.

– Alexei. Não me provoque.

– Por que não? Aqui vai o teste. Uma pergunta só. Você é ou não é minha irmã, Natasha Romanoff?

– Não é assim tão simples – respondeu a agente.

Alex gingou mais uma vez o cano, aproveitando-se do peso do metal.

– Ah, eu acho que é. Achei meu nome numa lista de sujeitos do O.P.U.S. Só que com o *seu* sobrenome.

– Eu posso explicar, se você me deixar falar...

– Não tem mais o que falar. É só responder sim ou não. Eu sou ou não sou Alexei Romanoff? Tenho o direito de saber, não tenho? Quem eu sou e

de onde eu vim. – Cambaleando, ele avançou, movimentando o cano de qualquer jeito. – *Da, Natalyska?*

– Cuidado, Alexei...

Nesse ponto, até Ava começou a ficar tensa, contudo manteve distância. Ela sabia que não devia interromper o que estava para acontecer.

Alexei brandia o cano no ar.

– A gente podia começar com esta. Falso ou verdadeiro: a mulher que mora na minha casa finge ser minha mãe?

– Alex – disse Natasha.

Ele a atacou ferozmente.

– *Ding-ding-ding!* É verdade! Ela finge!

Natasha estendeu as mãos.

– Me dá esse cano.

– Agora para crédito extra. E esta é difícil: qual é o nome da minha mãe?

Alex desferiu um golpe rente ao chão, mas a agente pulou por cima do cano.

– Quem se importa? – respondeu Natasha, largando a viga de madeira, agora parecendo tão brava quanto o garoto.

– Resposta errada!

Alex avançou contra ela, mas Natasha esquivou-se, agarrando o cano e batendo no garoto.

Ele bateu de volta.

Natasha, contrariada, empurrou-o para trás.

– Alex! – Ava gritou.

O garoto ouviu, mas não podia se controlar. Era tarde demais.

– Se faz diferença, Alexei, eu acabei de descobrir tudo – disse Romanoff, desviando de mais um ataque.

– Não faz.

Alex pegou uma placa da lateral do armazém e a arremessou contra ela.

– Eu também não sabia de nada. Levei um tempão para descobrir tudo. E precisei até invadir meu próprio arquivo confidencial para conseguir.

– A verdade? O que você sabe da verdade? Você mente tão bem que nem sabe quando está mentindo para si mesma.

Alex estava furioso. Ele largou a arma improvisada e lançou-se contra Natasha, mas foi derrubado no chão.

Ela tentou argumentar de novo.

– Nós dois escapamos do Ivan. Como parte do meu acordo com a S.H.I.E.L.D., e para te manter em segurança, nossas memórias foram apagadas. Esconderam você em Nova Jersey para sua própria proteção!

– Mas nossa ligação não pôde ser apagada? – Alex soltou, irônico.

– Algo assim. – Natasha prensava o rosto do garoto contra a doca. – Mas eu tenho que admitir: seu ataque não foi dos piores – ela disse, torcendo o braço dele nas costas. – Para um garoto.

– Para um Romanoff? – ele disse, rindo.

– Para um pequeno.

– Melhor do que quando você apareceu no meu campeonato? – quis saber ele, forçando as palavras por entre os dentes.

– Mais ou menos. Só um pouco. – Natasha apertou mais forte. – No movimento dos pés, talvez.

– Faz quanto tempo?

– Como?

– Faz quanto tempo que você me persegue? – Alex tentou tirá-la de cima, mas a agente o prensou mais uma vez. – E foi só na esgrima, ou você gosta de ficar junto com as mães na minha aula de judô?

– Dois anos. Em geral, nos campeonatos de esgrima. E na sua casa. E numa ou outra festa. – Ela deu de ombros. – Andei ocupada.

Do chão, o garoto olhou para ela.

– Por quê? Por que fez isso?

Natasha parecia quase embaraçada.

– No começo, nem eu sabia por quê. Só sabia que era algo que eu tinha que fazer. Para ser honesta, achava que você era filho de algum dos meus... alvos. – Alex tentou chutá-la, mas ela o empurrou para baixo. – O que teria sido meio esquisito.

O garoto suspirou, erguendo as mãos por um instante, pedindo trégua.

– Escute. Se eu acabar com você no judô, você me explica finalmente o que está acontecendo?

Natasha levantou-se, soltando-o.

Com dificuldade, Alex ficou de pé diante da agente e assumiu uma pose de boxeador.

– Eu sou Natasha Romanoff. Ninguém acaba comigo no judô. Nem mesmo meu irmão mais novo.

Natasha derrubou o irmão no chão com um gancho de esquerda.

O garoto caiu rápido e com tudo.

No momento seguinte, Ava estava junto dele. Parecia aterrorizada, mas Natasha compreendia.

Alex resmungou e rolou de lado, com a mão no queixo.

– *Sestra*.

Os olhos dele rolaram para cima, e ele desmaiou.

O armazém estava sendo tomado pelo fogo, e, sem dizer mais nada, Natasha Romanoff pegou seu único irmão e o levou para a vida dela.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então a família Romanoff finalmente se reuniu. Puxa, como eu adoro finais felizes, agente.

ROMANOFF: E, no entanto, aqui estamos nós.

DD: Por que você não sumiu quando teve a chance?

ROMANOFF: Porque queria meu cérebro de volta. Mesmo tendo sido em parte apagado.

DD: Então um cérebro apagado é melhor do que um entrelaçado?

ROMANOFF: Sim, quando a pessoa é agente do governo.

DD: E, por você ser agente do governo, sabia que seu trabalho não tinha terminado?

ROMANOFF: Ivan continuava solto.

DD: E os sujeitos experimentais dele?

ROMANOFF: Pelo menos mais cem nomes, segundo os arquivos que Alex e Ava roubaram do armazém.

DD: Cem possíveis líderes de nações entrelaçados?

ROMANOFF: Cem minas terrestres humanas, enterradas ao redor do globo durante anos, apenas esperando para explodir.

DD: Rubro Eterno, agente?

ROMANOFF: Não. Eterno era somente Ivan, o Estranho.

ATO III

“Nada dura para sempre.”

| Natasha Romanoff



27 NATASHA

Hotel Dacha Odessa.

Centro da cidade de Odessa, Ucrânia

— CHEGA DE SEGREDOS — DISSE ALEX. — CHEGA DE MENTIRAS.

Alex e Natasha tinham passado quase uma hora comparando anotações. Pelos dados dos arquivos que ele e Ava haviam roubado e os do arquivo digital encontrado pela agente, não havia como duvidar.

Alexei e Natasha eram irmão e irmã – os últimos Romanoff.

– Chega de segredos – Natasha concordou.

Mas desde quando eu posso prometer isso a alguém?

Uma sirene pôs-se a berrar ao longe. *Politsiya*. Ela parou o que fazia e foi olhar pela janela suja, reforçada com grade por dentro do vidro. Dava para sentir o frio entrando pelo painel de flimsy. Estavam num quarto de hotel no canto mais puído de Odessa. A única amenidade do cômodo era uma lata de lixo, e até mesmo ela ficava pregada ao piso.

Alex resmungou de onde havia se largado, na cama sem lençol.

– Mas você não cansa de mentir?

Natasha apertou mais forte na testa um saco de gelo meio derretido.

Foi quando ouviu alguém xingando. Em russo. Ava ainda estava tentando usar o chuveiro no boxe apertado no banheiro. Natasha achou melhor nem tentar.

Até mesmo a água fria é mais fria aqui.

O silêncio no quarto pairou sobre os dois irmãos. Natasha desviou os olhos de Alex, meio sem jeito. Não estava acostumada com tanta... conversa.

O irmão – *Porque é isso o que ele é, né?* – rolou na cama e ficou olhando para o teto.

– Sabe, na última vez em que te vi, eu achava que eu era só mais um garoto de Jersey. E, no fim das contas, agora eu tenho uma irmã da Rússia e uma namorada da Ucrânia...

– Namorada? – Natasha perguntou. – Conheceu quando? Faz poucos dias?

Ótimo.

– E uma dor de cabeça do tamanho do Atlântico – completou ele, ignorando a agente e esfregando as têmporas.

Você continua sendo só um garoto.

Natasha teve pena dele. Tinha pena dos dois, na verdade.

Alex parecia tão jovem, deitado ali, naquele colchão barato, cercado por um carpete sujo, papel de parede rasgado e gesso com mancha de umidade.

Subitamente, ela se sentiu muito velha.

– Dói, né? Quando você tenta se lembrar... – Natasha foi até ele e sentou-se na beirada da cama, entregando-lhe o saco de gelo. – Na primeira vez em que a Sala Vermelha me apagou, achei que minha cabeça fosse explodir. Achei que houvesse um tumor no meu cérebro. Quase fiquei aliviada quando o Ivan me contou a verdade.

– Aliviada? – perguntou Alex, sentando-se e aceitando o saquinho.

– Bom, eram meus tempos de Sala Vermelha. O nível era mais baixo. – Ela olhou bem para ele. – Até hoje, a dor volta quando tento pensar em

certas coisas.

– Como em mim?

Alex espalhou o saquinho por toda a testa, pendendo a cabeça sobre o colchão.

– Como em você.

Depois, ele colocou o saco sobre os olhos.

– Estou começando a achar que alguém soltou uma granada dentro do meu crânio.

– Aqui. Você tem que acertar o nervo... aqui. – Natasha reposicionou o gelo para Alex, e seus olhos encontraram os dele. – Por falar em possíveis danos, você e a Ava parecem estar bem... íntimos.

– Suave.

Alex tentou se sentar, mas a agente o empurrou de volta na cama.

– Você precisa descansar.

Ele resmungou.

– Ai, meu Deus. Você é minha irmã mais velha faz quanto tempo, dois minutos? E vai começar a me dar sermão sobre *garotas*?

Natasha parecia mais desconfortável do que ele.

– Só... vá com calma. Um relacionamento é perigoso para vocês dois, pelo menos no nosso mundo. As pessoas vão usar os seus sentimentos contra você. Olha o que aconteceu com nós dois.

– Eu não sei que mundo é esse em que você vive, mas meu planeta se chama Terra, e lá é permitido que as pessoas gostem umas das outras. – Ele estava inconformado. – O que aconteceu com você, agente... – Ele parou de falar de repente. – Do que devo te chamar? Do que eu te chamava antes?

Ela não disse nada. Também não sabia.

Alex recomeçou.

– O que aconteceu para você ficar... assim, *Natasha*?

Por onde eu começo?

– Levei um tiro. Teve uma explosão. Fui traída. Jogada para fora de aviões. Atacada por facas. Atingida por todo tipo de veículo que existe no mundo. Mais alguma pergunta?

– Sim. – Alex realocou o saco de gelo na cabeça. – Quem fez isso com você e por quê?

Ele fez uma careta.

– Deixa que eu arrumo. – Natasha estendeu as mãos, meio hesitante, então tomou o saco das mãos do garoto e o segurou no lugar certo.

Foi um gesto carinhoso, um dos poucos que já fizera a alguém. Ou, pelo menos, uma versão Romanoff de carinho. Ela também era muito boa com ferimentos e bandagens. Natasha deixou a mão descansar na testa dele.

Do que você me chamava, irmãozinho?

Por que eu não sei? Isso não é justo.

É a nossa vida.

Era.

Era a nossa vida, e a tiraram de nós.

Finalmente, Natasha olhou para ele.

– Tasha. – Por cima do saco de gelo, ela olhou bem para o irmão. – Era assim que meus amigos me chamavam, eu acho. Pelo que me lembro. Não sei se é real.

Alex assentiu.

– Tasha, então.

Ela recuou, subitamente envergonhada.

– Foi o programa Quadro Branco que fez isso conosco. Parece ser uma espécie de protocolo de segurança radical, e, pelo visto, a S.H.I.E.L.D. teve alguma coisa a ver com ele. Devem ter conseguido fazer a gente concordar com tudo. Encontrei esse nome nos nossos arquivos, mas não posso te contar mais do que isso. Ainda não. Basicamente, tudo o que sei é que você está escondido.

– E o que tudo isso tem a ver com Ivan, o Estranho?

– É possível que seja dele que você tenha que se esconder. Talvez de quem todos nós tenhamos. – Natasha apertou ainda mais o gelo na cabeça dele. – Mas, como eu disse, não tenho todas as respostas. Antes de domingo, nem sabia as perguntas.

Alex olhou para além dela, para a janela suja.

– Então nada de Vermont? De onde eu vim?

Natasha estava tímida.

– Provavelmente de Stalingrado. É de lá que veio a minha família. A nossa família.

Ele assentiu, tentando manter a compostura na expressão.

– E Nova Jersey?

Ela deu de ombros.

– Disfarce. Para nossa proteção.

Alex suspirou.

– Bom, acho que isso explica meu amor pelas porcarias de comer de Nova Jersey. Só passei dois anos comendo. – Ele olhou para a irmã. – Isso quer dizer que a minha mãe é uma agente?

Natasha hesitou.

– Uma agente muito bem treinada. Uma das melhores. Não é um trabalho fácil. – Ela olhou para a mão dele, como se quisesse tocá-la. – Tenho certeza de que ela gosta muito de você.

– Opa – disse Alex. – Saber disso melhora muito as coisas. – Ele desviou o olhar. – Pelo menos agora eu sei por que eu tenho isso aqui.

Alex puxou a manga da camiseta para mostrar à Natasha a ampolheta vermelha pintada em seu bíceps. O rosto dela perdeu toda a cor.

– Como é que você fez isso?

– Foi um tatuador que fez, presumivelmente.

Ela olhou feio para ele.

– Que foi? Um belo dia eu acordei e tinha essa tatuagem. – Ele tentou afastar o braço. – Acho.

Natasha ficou intrigada.

– Isso não é uma tatuagem qualquer. É uma mensagem. Para mim.

– Mensagem? Que tipo de mensagem?

– Para me avisar que eles tinham acesso a você. Que você não estava seguro. Ninguém está.

– Mas estou seguro. Estou bem aqui. Não aconteceu nada comigo.

E o que seria de mim se tivesse acontecido?

Lentamente, meio sem jeito – pela primeira vez em anos, provavelmente –, Natasha Romanoff tocou a mão do irmão.

– Alexei...

E a segurou.

Subitamente, Alex soltou uma exclamação, como se todo o ar tivesse sido sugado do quarto.

Ele agarrou a irmã com as duas mãos e chorou no ombro dela o mais forte que pôde, tão forte que fez tremer o colchão barato em que estavam sentados.

Ava segurava a toalha junto ao peito quando abriu a porta do banheiro. A madeira sob os dedos dela estava grudenta de tanto vapor, mas ela nem reparou. A água ainda corria. Ava não queria que notassem que ela estava saindo.

Ela fechou os olhos.

Estava a poucos metros de Natasha – do outro lado da porta –, e, no que se referia ao entrelaçamento quântico, era quase como se estivesse em frente a uma fogueira.

Ava podia sentir tudo.

Incredulidade e confusão e alívio e tristeza e culpa e...

Que é isso?

Esse outro sentimento?

Ele se agitava dentro do peito dela, abrindo caminho até as pontas dos dedos. Havia outros sentimentos também, mas esse era novo.

Ele ricocheteava por toda parte, dentro dela, indo bater direto no coração.

Amor.

Natasha Romanoff amava o irmão mais do que tudo no mundo.

Era algo que ela jamais admitiria – e era algo que Ava jamais sentira vindo dela.

Será que Natasha Romanoff está... feliz?

Pertenço a uma família de super-heróis.

Os três seguiam num ônibus para o centro de Odessa. Alexei Romanoff estava confuso.

Tinha uma irmã e uma namorada, e estava sentado atrás das duas.

O que não tinha era uma mãe, embora fosse impossível imaginar que a pessoa que ele sempre havia chamado de mãe, na verdade não era, e que ela – fosse lá quem fosse – não ia de fato botá-lo de castigo para o resto da vida quando ele voltasse a Nova Jersey.

Quem é que ia botá-lo de castigo agora?

A Viúva Negra? Era ela a sua guardiã? Certamente, era ela sua parenta mais próxima. E isso não era especulação. Era a verdade. Ele sabia disso, só não sabia como processar a informação. E, mais ainda, não sabia como se sentia a respeito.

A cidade de Odessa ia passando pela janela, lá fora.

O ônibus largou o grupo no cruzamento entre Deribasovskaya e Havannaya, num frio impressionantemente penetrante, que parecia negar por completo a existência do sol do fim da manhã. Eles caminharam em silêncio pela rua coberta de neve – Alex tendo que chutar os cristais de gelo de cima de seus mocassins idiotas – até alcançarem uma calçada distante.

Em seguida, trocaram, gratos, a neve por uma mesa de canto quentinha, no primeiro café iluminado que encontraram, onde pediram pratos de ovos, cappuccinos fumegantes e *kompot* quente de frutas.

Alex abafou a confusão de sua mente com açúcar e massa. Enquanto trabalhava em seu quarto prato de *strudel*, Natasha e Ava estudavam os arquivos roubados do projeto O.P.U.S.

– Não posso acreditar que deixei isso passar – disse Natasha, irritada.

Ava concordou.

– Que o laboratório dele esteve debaixo do armazém durante esse tempo todo? Pelo visto a S.H.I.E.L.D. inteira deixou isso passar.

Natasha franziu o cenho.

– E esses nomes são de sujeitos experimentais? Todos eles? Como isso é possível? Tem mais de cem nomes nessa lista. – Ela ergueu os olhos da pasta. – Cem sujeitos significa que pode haver mais cem Avas entrelaçadas por aí.

Ava ergueu sua xícara de café.

– Você quer dizer cem agentes disfarçados, esperando para começar a se ligar fisicamente com cem chefes de estado, ou CEOs, ou dignitários, no minuto em que Ivan Somodorov der sinal verde.

Alex baixou o garfo e empurrou para longe seu último prato vazio.

– Dependendo do tipo de acesso com que essas crianças cresceram, Ivan pode ter posicionado cada uma delas para estar exatamente onde ele as quer. – Natasha virou mais uma página. – Como espões ou agentes. Pode ser até um exército de assassinos.

– Uma Sala Vermelha imensa, mundial. – Ava estava incomodada, mas por algo a mais. – Cem crianças entrelaçadas? Como eu? E onde estavam na noite do ataque?

Natasha olhou para ela.

– Não encontrei mais nenhum sujeito além de você. Ivan te arrastava para todo canto como se você fosse a única.

– É tudo tão confuso... – lamentou a garota.

– Meu nome também está nessa lista, certo? Então onde eu estava? – perguntou Alex.

– Talvez essa missão se resumisse a Ava – disse a agente.

– Mas essa provavelmente era a ideia, não? Que Ava fosse a única que você pudesse encontrar.

Alex encarava o prato com pesar, como se tivesse comido todas as respostas que buscava.

– Aonde quer chegar? – quis saber Natasha.

– E se Ivan quisesse que você resgatasse Ava porque queria que você a levasse para os Estados Unidos? E se ele quisesse um ponto de acesso à S.H.I.E.L.D.... e a você, Tash? E se tudo for uma armadilha?

Os olhos de Natasha correram a mirar o irmão. *Tash?*

O garoto deu de ombros, inocente.

– Mesmo que seja isso, o que vamos fazer? – Ava estava frustrada. – Se ele tiver mesmo cem zumbis entrelaçados a postos, dar cabo dele não vai resolver o problema. Não sabemos quem são nem onde estão os alvos. Ou qual é a ameaça. Só temos essa lista de nomes de... o que, oito anos atrás? Podem estar em qualquer lugar.

– Então é melhor começarmos. – Natasha olhou para cada um dos dois. – Encontramos Ivan e tocamos daí, antes que as coisas fiquem ainda mais complicadas.

Alex olhou de Ava para Natasha.

– Então vamos levar o assunto à S.H.I.E.L.D.?

Ava fez careta.

– Depois do jeito com que saímos da Triskelion? Eles não vão ficar muito felizes em nos ver – especulou a garota.

– Não estou contente com eles também – Natasha disse, ferozmente. – Lá é o último lugar ao qual podemos levar isso aqui. Alguém da S.H.I.E.L.D. apagou nossas memórias. Não sei em quem podemos confiar.

Ninguém disse mais nada.

– Então, e agora? – perguntou Ava, largando o guardanapo na mesa, sem ânimo.

– Talvez tenha uma saída – Natasha disse, lentamente, olhando para Ava. – Odeio ter que mencionar...

– Mas vai falar – interceptou Alex. – Né, Tash?

A agente ignorou Alex e se dirigiu apenas a Ava.

– Se os documentos desses arquivos estiverem certos, se O.P.U.S. era mesmo um programa da sua mãe...

– Era, sim – Ava interrompeu. Esse certamente não era seu assunto favorito.

– Isso pode nos dar vantagem.

– Como? – perguntou Alex, debruçado na mesa.

Natasha olhou para Ava.

– Ela era sua mãe. Você estava lá, junto dela, o tempo todo. Provavelmente sabe mais dela do que qualquer outra pessoa... inclusive do cérebro de cientista dela. O que significa que você deve saber mais sobre o O.P.U.S. do que imagina.

– Não tem como ter certeza disso – disse Ava, meio em dúvida. – E eu não sei nada sobre ela. Não sei por que ela deixou o Ivan me levar, qual fim ela teve, ou onde ela estava com a cabeça, para começar, para ter aceitado trabalhar com o Ivan. Não sei como posso ajudar.

– Você lembrou muito mais coisas do armazém do que achava que ia lembrar – disse Alex, olhando para ela. – Talvez estivesse começando a voltar...

Ava não respondeu. Uma garçonete apareceu e retirou os pratos vazios deles, metendo-os numa bandeja. Ninguém disse nada enquanto ela não se afastou.

Natasha baixou a voz.

– Então temos que tentar ampliar nosso entrelaçamento quântico mais uma vez. Só eu e você, como aconteceu na margem do rio. Ou como nas máquinas do Tony. Eu juro que vi alguma coisa de relance, antes de uma das máquinas explodirem – sugeriu a agente.

– Porque aquilo lá foi o máximo que já conseguimos? – questionou Ava, um tanto cética.

– Pense um pouco. Fazemos a conexão mais forte que pudermos. Você me deixa entrar e eu vejo o que consigo descobrir sobre o O.P.U.S. nas suas lembranças.

– É perigoso demais. Na última vez, Ava nem conseguiu ficar consciente. Alex parecia estar quase em pânico.

– Eu sei – disse Natasha. – Mas não tem outro jeito.

Alex pegou a mão da garota.

– Continuo achando que não é uma boa ideia.

Ava olhou para ele.

– Mas ela tem razão. Restabelecer a nossa conexão pode ser a chave para descobrirmos como romper o entrelaçamento.

– Ou não – disse Alex –, e você vai arriscar tudo por nada.

– Por nada, não. Por cada uma das outras pessoas que Ivan também prendeu naquele armazém.

A conversa acabou aí. Ava estava decidida.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Quer dizer que, depois de descobrir que você mesma foi vítima de algum tipo de reconfiguração cognitiva compulsória...

ROMANOFF: Use o nome certo. É só dizer, senhor. Memória apagada.

DD: Você não teve problema algum em conduzir um experimento cognitivo não autorizado em si mesma e numa civil menor de idade? Num hotel pulguento na Ucrânia? Na porta de Ivan Somodorov?

ROMANOFF: Não, senhor. Nada disso representa a realidade.

DD: Como?

ROMANOFF: Não posso dizer que não tive problema algum. Tive, sim. Sempre tenho, senhor.

DD: E, mesmo assim, você não parou sequer por um minuto que fosse para considerar a validade de suas preocupações? Não se perguntou nem uma única vez por que estava fazendo essa maracutaia de luau cerebral?

ROMANOFF: Não, senhor.

DD: Por que não?

ROMANOFF: Só guitarristas e norte-americanos fazem isso, senhor.



28 AVA E NATASHA

Hotel Dacha Odessa.

Centro da cidade de Odessa, Ucrânia

AVA E NATASHA SENTARAM-SE DE PERNAS CRUZADAS, frente a frente, na velha cama. Alex assistia a tudo ansiosamente, encostado na única porta do quarto.

– Me dê sua mão – disse Natasha.

Ava não queria, apesar de não ter escolha. Natasha Romanoff também não queria, mas não havia mais o que fazer. Era essa a situação em que as duas se encontravam. Esse impasse, ou essa oportunidade – tudo dependia do instante que viria a seguir.

Pela primeira vez na vida, as duas *Devushki Ivana* sabiam que tinham de se encarar para conseguir derrubar suas defesas mentais.

Mas até mesmo pensar em fazer isso era uma tortura para as garotas do Ivan.

Ivan fizera coisas terríveis para elas – para as duas.

Não somente na Sala Vermelha, para Natasha. Ou nos laboratórios do projeto O.P.U.S., para Ava. O toque gelido de Ivan Somodorov alcançara muito mais fundo que isso.

Ivan as condenara a viver para sempre sob sombras solitárias, a sempre acreditar que estavam sozinhas, que seriam para sempre sozinhas. Assim era a vida debaixo da lua de pirogue de Ivan. Assim era a maldição.

No fundo, nenhuma das duas acreditava que essa maldição pudesse ser desfeita.

Não havia nada mais poderoso no universo do que a fria verdade de Ivan Somodorov, do que o ódio por ele e o medo dele.

Pelo menos, era isso o que elas achavam.

Até esse momento. Até as duas estarem...

...entrelaçadas com algo maior, algo além.

Toda uma verdade irrefutável.

Juntas, procuraram as mãos uma da outra. Juntas, olharam nos olhos uma da outra. Juntas, fizeram a última coisa que alguém esperaria que fizessem.

Deixaram acontecer.

Quando os dedos de Ava tocaram os de Natasha, as mentes das duas rolaram adiante, entrelaçadas, infinitamente combinadas e recombinaadas. Ava cedeu à dor que sempre vinha quando se ligava à psique de Natasha – mas, no momento em que parou de tentar resistir, a sensação a sobrepujou, engolindo-a por inteiro, até que ela não pôde mais separar o que doía do que estava bem, como um peixe que não mais sentia a água.

Ficou impossível dizer se a dor a engolira ou se ela engolira a dor. Ela já não sentia mais nada.

Não sentia nada, mas via tudo.

Logo também ficou quase impossível separar uma lembrança de outra – ou até de saber em qual mente estavam em cada momento.

Eram uma coisa só. Sempre foram.

Estavam no fim e no início, tudo ao mesmo tempo.

As lembranças fluíam.

Em Stalingrado, uma assustada Tasha se prensa contra um papel de parede de pintura elaborada, enquanto botas pesadas percorrem ruas de paralelepípedo e tiros são disparados além da janela de seu quarto. Tasha estende as mãos por entre as barras do berço ao lado.

– Não chore, Alexei. Não vou deixar os homens malvados machucarem você.

Ela olha para o cachorrinho marrom choramingando a seus pés.

– Não é?

Uma pequena Ava recusa-se a soltar a mão do pai, seguindo-o escadaria abaixo, até a rua, implorando-o que não abandonasse o antigo apartamento em Moscou.

– Não me importa se é o seu trabalho. Mama e eu não queremos ir para Odessa sem você.

As mãos de Tasha agarram-se no corrimão conforme ela desce o mais rápido que pode, carregando consigo o irmão bebê escada abaixo, para o porão. O cãozinho vem correndo logo atrás. Ao longe, a mãe grita pelo pai freneticamente. Tasha cobre os ouvidos quando estilhaços explodem por toda a antiga dacha de pedra.

Ava brinca no tapete com sua nova boneca de porcelana, Karolina, enviada por correio pelo pai, que trabalha em outro país. A mãe, cercada pelas pilhas intermináveis de trabalho, observa a filha, com olhos cansados.

Sob a neve, ao lado de um caixão coberto com uma bandeira, Natasha segura o irmão bebê no colo, no funeral dos pais. O cãozinho marrom está encaracolado debaixo da cadeira. Com expressão sombria e solene, ela se recusa a deixar que qualquer outra pessoa segure o irmão.

– Você ainda tem a mim, Alexei. Sempre terá.

Ava pratica poses de balé apoiada nas costas da cadeira da mãe, no escritório sem janelas do laboratório em Odessa.

Uma Natasha mais moça chora em segredo num dormitório da Sala Vermelha, em Moscou, com o rosto enterrado debaixo do travesseiro de uma cama baixa de ferro.

– Alexei. Ele precisa de mim.

Ava pratica uma coreografia num antigo estúdio de balé em Odessa, girando em círculos sobre um piso de mosaico. O número 62 está pintado dentro de um sol amarelo, no centro da lajota. Enquanto dança por todo o mosaico, ela canta para a boneca:

– Karolina, Karolina, Karolina... aprenda os passos, eles são assim, eu cuido de você, e você, de mim... um dois três, um dois três, um dois três...

Natasha monta e desmonta um rifle repetidamente sob os olhos atenciosos de Ivan.

– Você me envergonha. Lenta como uma norte-americana gorda. O que vai ser de você em campo? Vai parar e pedir mais tempo?

O dedo de Natasha se dobra em torno do gatilho.



Na ponta dos pés, Ava dá piruetas no estúdio de balé, acertando o número seis repetidas vezes – mas apenas com o pé esquerdo, e somente no contratempo do ritmo.

Natasha, usando apenas camiseta regata, encara Ivan. Ele saca uma faca de caça da bainha na cintura. Antes que ela possa dizer qualquer coisa, a lâmina voa, e sangue corre por seu braço. Ele ri.

– Eu ataco, *ptenets*. Você defende. Se não quiser sua camiseta reduzida a farrapos, sugiro que seja mais rápida. Do contrário, corto fora suas asas.

Ela recua um passo, mas ele é rápido demais e corta o braço dela de novo, ainda rindo.

Ava gira e acerta o número dois – somente com o pé direito e bem menos vezes. Sua mente está tomada pelo seis na esquerda e pelo dois na direita. A mãe, ali perto, ergue os olhos da papelada.

– Aprenda a dança, Ava... O recital está bem perto... Será assim que seu pai voltar.

– Da cidade da Mesquita Azul, mama?

– Essa mesma, Ava.

Natasha vomita no vaso sanitário. Tenta limpar o sangue das mãos trêmulas, mas o sangue não sai, e toda a pia fica vermelha com seus esforços. Ivan, atrás dela, ri.

– Esta é sua primeira morte na Sala Vermelha, ptenets, e aí está você, de olhos escancarados, choramingando. Por quem, um veado? O que vai fazer quando o governo mandar você caçar a mim? Você devia mesmo ser norte-americana.

Ava vai com a mãe até um escritório militar, mas se recusa a entrar. A mãe, em pânico, bate nela. Ava fica pasma.

– O general Somodorov é um homem poderoso, Ava. Você precisa fazer o que ele manda, pelo bem do seu pai.

Numa companhia de balé, Natasha pratica pliés na barra, vestindo um collant preto, ao lado de mais cinquenta outras pessoas. Ela estica graciosamente seus braços na direção das vigas do teatro, enquanto evita sua pistola escondida, presa na coxa, coberta pela saia de balé.

Ava está sentada no chão, junto à parede de um banheiro típico de instalações governamentais. O azulejo é verde. Ela cutuca o rejunte enquanto tenta não puxar a corrente que a prende no cano debaixo da pia. Machuca o pulso.

Natasha desmonta um rifle em segundos. Seu rosto está pétreo. Ivan assiste a tudo fumando um Belomorkanal, sem dizer nada.

Ava está sentada numa cadeira no laboratório de Odessa. É uma das doze crianças que estão posicionadas em fila. Tem arame enrolado em torno dos pulsos e da testa. A voz de Ivan faz uma contagem, “Tri, dva, odin”, e Ava faz careta quando um forte crepitar ecoa pela sala. Um experimento na Sala Vermelha. Ela olha para a mãe, que está atrás de uma parede de vidro, e vê que ela chora.



Num banheiro da Sala Vermelha, Natasha olha-se num espelho enferrujado acima de uma pia. Examina a cicatriz no braço, fazendo careta. É um X, quase como uma ampulheta. Todo o seu corpo está machucado e batido. Ela joga água no rosto e volta a olhar-se no espelho.

– Um dia eu vou te matar com as minhas próprias mãos, Ivan Somodorov.

Ava está deitada numa cama, olhando para Karolina, sua boneca. Seus pulsos estão cobertos por bandagens. Os olhos, vermelhos de tanto chorar. Ela ainda cantarola a canção do estúdio de balé.

– Vou escapar de você, Ivan Somodorov. Um dia, vou fugir para muito longe daqui, igual meu pai fez. Você não vai mais me ter, como teve minha mãe...

Com isso, as lembranças deram lugar à escuridão e, depois, finalmente, à luz.

– Ela está acordando – disse Alex.

Pelo menos Ava achou que fosse ele. A voz parecia vir de tão longe...

Ava abriu os olhos. Estava deitada na cama. Alex estava sentado ao lado, com a mão nas costas dela.

– Graças a Deus. Você voltou. Que bom! – disse ele, beijando-a no rosto. Natasha zanzava pelo quarto.

– Eu vi tudo, Ava. Tudo. Nunca passei por nada parecido. Foi...

– Quântico? – sugeriu Alex.

– Aquela canção – Ava murmurou. – Era a canção da minha mãe.

– Da sua dança? *O lago dos cisnes* – Natasha comentou. – Você sabe o que é, não?

– Um lago? Com cisnes? – perguntou Alex, pegando a mão de Ava.

– Ela cantava para mim toda noite – contou Ava, com o canto dos olhos começando a marejar.

– Uma peça de balé. Muito famosa e muito russa. – Os olhos da agente brilhavam. – Geralmente considerada uma *O.P.U.S.* Uma *O.P.U.S.* de Pyotr Ilich Tchaikovsky, na verdade. No Bolshoi.

– Uma *O.P.U.S.*? – Ava perguntou, impressionada.

– O que isso significa? – Alex quis saber.

Natasha sentou-se na cama, ao lado de Ava.

– Significa que não acho que a coreografia de Ava era somente uma dança.

– Não? – disse Ava, sentando-se.

– Apesar do que mais sua mãe fez, ela se certificou de que você soubesse de uma coisa, independente de quão profundamente enterrada essa coisa ficasse na sua mente. A própria canção do cisne da Dra. Orlova... a última coisa em que ela trabalhou.

– Está falando da coreografia? – Ava foi juntando as peças. – “Aprenda os passos, os passos são a chave.” Foi isso que ela me disse. Pelo menos é como me lembro.

– Exatamente. Literalmente. Acho que é uma espécie de código-chave. Possivelmente do projeto no qual ela trabalhava. Aquele que Ivan estava testando na própria filha dela – disse Natasha, olhando intensamente para a garota.

Ava a pegou pelo braço.

– Acha que eu carreguei isso dentro de mim esse tempo todo? Uma mensagem da minha mãe? Desde Odessa?

– Quê? – intrometeu-se Alex. – Acham que uma coreografia tem algo a ver com o *O.P.U.S.*? Como isso é possível?

– Basicamente, acho que é uma espécie de código genético reescrito como uma sequência matemática. Creio que, com base no DNA de Ava... – Natasha sacudiu a cabeça, olhando para a garota. – Provavelmente aquilo de

que você se lembra não era um estúdio de balé. Não havia outras bailarinas nas suas lembranças, certo? Devia ser um laboratório.

– No mesmo andar do laboratório do armazém – Ava disse, lentamente. – Acabamos de passar por lá. Eu vi. Havia algo como um padrão meio apagado por todo o lugar, debaixo da poeira.

Natasha tirou o notebook da mochila e o abriu, em frente aos jovens.

– Acho que sua mãe pintou aquele número no piso. E acho que ela montou uma sequência numérica que você conseguisse memorizar. E sim. Acho que essa sequência pode até funcionar como um tipo de código-chave para ativar o O.P.U.S.

– O que pode significar que podemos usá-lo para desligar o projeto? – perguntou Alex. – Que loucura!

– Podemos pelo menos tentar controlá-lo – disse Natasha. Ela digitava números no notebook o mais rápido que podia. – Não quero esquecer o código. – Ela sorriu para Ava. – Sua mãe devia ser brilhante.

– Meu pai também – Ava comentou, suavemente. – Ele também trabalhava para o Somodorov. Era o que minha mãe dizia. Na cidade com a Mesquita Azul.

– Istambul – concluiu Natasha. – Ivan deve ter outro laboratório. – Ela ergueu os olhos da tela do computador. – O que significa...

– Que é lá. Lá é que está a resposta. Deve ser lá que Ivan está preparando seu grande retorno – disse Alex.

– Já que sabemos que ele não está em Odessa – Ava acrescentou.

Natasha concordou.

– Se eu puder programar o código em algum tipo de aparelho de transmissão... algo que possamos usar para sobrecarregar os circuitos do O.P.U.S....

– Como vamos fazer isso? Aqui não é bem o Centro Nervoso da S.H.I.E.L.D. – disse Alex. Ele olhou ao redor, observando aquele cenário

sombrio. – Nem sei direito o que é este lugar, mas com certeza não é isso.

– Talvez não precisemos da S.H.I.E.L.D. Ou não mais do que já temos dela. – Natasha puxou sua jaqueta preta de couro da cadeira e fuçou nos bolsos, tirando dali um aparelhinho preto. – Isto deve bastar. Presentinho do Coulson. Microdrive de alto rendimento, direto do próprio Centro Nervoso.

– E acha que podemos usar essa coisa para derrubar o O.P.U.S. com o código da Dra. Orlova? – Alex perguntou, pegando o aparelhinho da mão da irmã.

– Acho que devíamos tentar – respondeu Natasha. – A mãe de Ava trabalhou duro demais para deixar essa mensagem à filha. Vamos garantir que não seja desperdiçada.

– Minha mãe não desistiu. Estava tentando me ajudar a me livrar do Ivan do único jeito que conseguia. *O lago dos cisnes*. – Ava olhou estupefata para Natasha. – Eu jamais saberia.

Natasha deu de ombros.

– Obrigada, *sestra*. – Ava lançou-se subitamente para a agente, beijando-lhe um lado do rosto, depois o outro. Beijo russo. – Forte como um touro e afiada como uma navalha, é o que minha mãe diria de você.

Natasha desvencilhou-se do abraço, parecendo envergonhada.

– Bom trabalho, Tash – disse Alex, dando um tapinha no ombro da irmã.

Ao ouvir o apelido, os lábios de Natasha curvaram-se num sorriso.

– Você tem razão, a propósito. Você me chamava mesmo de Tasha, quando já tinha idade para falar. Me lembrei disso enquanto Ava e eu estávamos ligadas.

– É mesmo? – perguntou ele, surpreso.

Ela fez que sim.

– E o Brat? O cãozinho era meu. Eu pedi para você ficar de olho nele quando fui enviada para Krasnaya Komnata. – Ela lançou um olhar sério

para Alex. – Ladrãozinho.

– Peraí. Sêrio? É mesmo?

Natasha recostou-se na parede, em busca de apoio.

– Você estava chorando. Não queria que eu fosse com os soldados. Você odiava todos eles por causa do que tinha acontecido com nossos pais – ela contou.

Alex afundou na cama.

– Tenho pesadelos, às vezes. Bombas explodindo. Na neve. Tem um monte de neve. – Ele olhou para Natasha. – Tanta neve que fico enterrado.

– A gente se escondia no porão, no inverno. Quando nossa casa foi bombardeada, a neve caiu direto no quarto. Fomos os únicos a sobreviver.

– E o Brat – Alex complementou.

– E o Brat. Só que o nome dele era Boris. Até eu fazer doze anos e ser enviada para a Sala Vermelha.

– Boris? – Alex nem olhou para a irmã. Não conseguiu.

Natasha largou a cabeça contra a parede e ficou olhando para o teto manchado, procurando recompor-se.

– No dia em que os soldados vieram me buscar, eu disse que você tinha que parar de chorar ou ia assustar o Boris. Porque o Boris seria sua responsabilidade, seu irmãozinho. Você teria que cuidar dele do jeito que eu cuidei de você...

– E amá-lo do jeito que eu te amava – disse Alex, suavemente.

Ava pegou a mão dele.

Natasha não respondeu.

Alex enxugou os olhos na manga da blusa.

– Então eu comecei a chamá-lo de Brat. Deixava que ele dormisse na minha cama. Dava minhas batatas para ele, direto do meu prato – disse o garoto, em russo. Ava não soltava a mão dele por nada. – Eu me lembro

disso. Eu tentava não fazer barulho. Tentava não chorar, com o cachorro debaixo do cobertor.

Natasha olhou para Alex.

– Você escreveu cartas sobre esse cachorro por anos. Até que parou.

– Por que parei? – ele perguntou, com o cenho franzido, tentando lembrar.

– Porque fez doze anos, e os soldados foram te buscar – ela disse, baixinho. – E a Sala Vermelha de Ivan não era lugar nem para um cachorro.

– Não me lembro disso.

– Eu me lembro – disse Ava, apertando a mão dele. – Para Ivan Somodorov, nós éramos os animais.

Tarde da noite, Ava e Alex estavam deitados na cama, abraçados. Ava podia ouvir Natasha no corredor, falando com Tony Stark pelo celular. Ele checava e cruzava todos os nomes da lista de entrelaçamentos de Ivan.

Exceto Ava Orlova e Alex Romanoff.

Natasha não confiava nele o bastante para contar tudo. Não confiava em ninguém da S.H.I.E.L.D. e não queria arriscar mais uma conexão quântica.

Não podemos arriscar perder Ivan agora. Não agora, que estamos tão perto.

Ava prestava atenção na conversa. Natasha parecia discutir com Tony sobre como neutralizar os 87 casos confirmados de entrelaçamento da lista de Ivan. E se deviam ou não alertar as 115 redes de inteligência global possivelmente comprometidas por eles.

O exército de entrelaçados de Ivan.

Se a S.H.I.E.L.D. descobrir o exército, vai nos descobrir também.

Alex e eu.

Também estamos naqueles arquivos.

Sob os olhos da S.H.I.E.L.D., somos tão perigosos quanto qualquer um dos zumbis de Ivan, não é?

Se descobrirem – se acontecer alguma coisa –, nunca mais escaparei do 7B.

Ou pior, vou ficar com eletrodos colados na cabeça para o resto da vida.

Ava não podia nem pensar nisso, e suspeitava que Natasha estava lá fora, no corredor, em vez de estar dentro do quarto com eles, porque estava igualmente preocupada com a mesma coisa.

O que será de nós?

Deitada, em silêncio, Ava escutava o coração de Alex bater. O garoto não mostrara sinal algum de estar preocupado, mas não havia como não estar. Ele devia estar igualmente ansioso.

– Alex? – Ava ergueu o rosto do peito dele, no escuro. – Você acha que Natasha tem razão com relação à minha mãe? Que ela estava tentando me salvar?

Ele deslizou o braço pelos ombros dela.

– É, acho que sim.

Ava voltou a pousar o rosto no peito dele.

– Espero que seja verdade.

Ainda tenho medo de que não seja.

De que não consigamos sair desta confusão, nem mesmo com Natasha Romanoff do nosso lado.

De que não saibamos no que estamos nos metendo.

Alex apertou um pouco mais o braço em volta de Ava.

– Não se preocupe. Tash vai descobrir como desligar a máquina de lavagem cerebral do Ivan e tudo vai voltar ao normal – disse ele. – Você vai ver.

– Tudo? – Ava pôs a mão no rosto dele. – E se eu não quiser que tudo volte ao normal? E se eu disser que gosto de como algumas coisas estão agora?

– Que coisas?

Pelo tom de voz de Alex, Ava percebeu que ele sorria.

Ela ergueu o rosto para perto do dele e beijou-lhe a linha do queixo.

– Uma ou outra.

Ele a envolveu nos braços e rolou de lado, abraçado a ela.

Depois disso, não teve muito mais em que pensar.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Está dizendo que a menor tinha uma memória armada?

ROMANOFF: Uma lembrança em particular. Sim, senhor.

DD: E um gatilho biológico estava escondido dentro da mente da menina, na forma de uma coreografia de balé?

ROMANOFF: Acredito que sim, senhor.

DD: Isso soa remotamente plausível para você agora, à luz do dia?

ROMANOFF: Tão plausível quanto os unicórnios, senhor.

DD: E você acreditava que essa coreografia era um tipo de código de segurança do O.P.U.S.?

ROMANOFF: Eu acreditava que, se a Dra. Orlova tinha sido esperta o bastante para formular o projeto, era esperta o bastante para derrubá-lo, senhor. E creio que ela acreditava que tinha tornado a filha forte o bastante para isso.

DD: Então você levou sua caça às bruxas da Sala Vermelha até Istambul, tudo por causa de uma história de fantasmas e bailarinas sobre a mãe morta da garota, de quando ela era criança?

ROMANOFF: Sim. Porque, se a ligação quântica era forte daquele jeito entre mim e Ava, eu nem queria pensar no que os outros 99 casos de entrelaçamento podiam estar fazendo.



29 ALEX

Avião da S.H.I.E.L.D.

Algum ponto acima do mar Negro

O VOO FOI UMA RETA SÓ, NOVENTA MINUTOS AO SUL, sobre o mar Negro. Natasha estava pilotando, e Istambul já aparecia no horizonte.

Vendo que não havia trens nem ônibus que pudessem conectar Odessa a Istambul no atual clima político, o grupo teve de recorrer ao avião da S.H.I.E.L.D., comandado pela agente. Ela o tinha largado nas dependências de uma siderúrgica abandonada, numa vazia extensão de terra a leste de Odessa. Foi difícil encontrar um táxi para aventurar-se a um local tão distante, mas encontraram.

Alex só conseguia pensar no que teria pensado o taxista ao retornar para a cidade, quando o avião rasgou o céu, quase passando por cima da estrada.

– Não era bem essa a abordagem discreta que eu tinha em mente – disse Natasha. – Mas, a curto prazo, é o melhor que podemos fazer. Vou pousar numa base fora da cidade. Vai dar certo.

Natasha estava concentrada, com postura total de agente. Parara de usar linguagem desnecessária assim que acoplara a segunda semiautomática ao coldre.

– Isso tudo tem que dar certo – comentou Ava, do assento do copiloto. – Não temos um plano B.

– Na verdade, temos, sim – disse a agente.

– Quê? A gente não pode simplesmente ligar para a S.H.I.E.L.D. – lembrou Alex.

– E eu não vou voltar para o 7B – Ava repetiu, feroz.

– Ninguém vai te fazer voltar, Ava. E também não estou me sentindo tão caridosa assim para com a S.H.I.E.L.D. no momento – disse Natasha. – Visto que não curto muito a ideia de alguém ter apagado a minha memória.

– Então qual é o plano B? – Alex perguntou.

– Fazermos o que temos que fazer – disse a agente, de olhos fixos na tela do radar.

Foram precisos alguns instantes para que as palavras dela fossem assimiladas.

Ava franziu o cenho.

– Não vamos deixar ninguém *neutralizar* 87 pessoas como eu, ou, até onde sabemos, como o Alex também. Mais 87 pessoas que nunca tiveram escolha quanto ao que Ivan lhes fez.

– Além disso, você acabou de contar como todos os quânticos de Ivan estão ligados. Não podemos atacar Casa Branca, Pentágono, Kremlin, Parlamento, MI6, Pequim e metade da Península Arábica sem esperar alguma reação. Seria como engatilhar a Terceira Guerra Mundial – completou Alex.

– É por isso que esse não é o plano A – disse Natasha, sombria. – Mas também não podemos ficar parados, esperando que um desses quânticos digite códigos de lançamento de mísseis ou desative o radar de cada avião que se dirige ao JFK ou ao LAX.

– Tem que ter outro jeito – disse Ava.

– Tony está monitorando as mensagens da ANS e os satélites Stark. Se pegarmos um surto em algum lugar, indicando que o exército do Ivan está começando a decolar... Bem, vamos lidar com isso quando e se acontecer. – Natasha parecia tão infeliz com essa ideia quanto os dois jovens. – Até lá, vamos ficar focados na nossa jogada.

Ava olhava para o pequeno microdrive preto pousado na palma de sua mão. Nas últimas horas antes de partirem do Hotel Dacha Odessa, Natasha o reprogramara com a sequência do O.P.U.S. da Dra. Orlova.

– Não temos muito mais com o que trabalhar. Só com o código do balé e com o outro laboratório do Ivan, em Istambul. – Ela girava o microdrive na mão. – Tem que ser suficiente. Temos que fazer dar certo.

– Vai dar, sim – disse Alex, atrás dela.

Natasha tocou uma tela no painel de controle e um mapa acendeu na superfície: a imagem de satélite da cidade.

– Tem mais uma coisa, na verdade. – Luzes pulsantes iluminaram um círculo de uns dez centímetros no centro do que parecia ser uma rede de densos quarteirões urbanos. – Estamos captando um ponto maciço de calor, com alcance muito pequeno, no centro de Istambul. Aqui.

– É o laboratório? – Alex perguntou à irmã.

Natasha fez que sim.

– Pelo visto estamos a quilômetros da operação turca de Ivan. E, pelos números de radiação correspondentes, acho que também podemos dizer que encontramos a outra fonte de energia O.P.U.S. dele. Ele parece estar drenando energia da rede elétrica da cidade agora mesmo.

– Onde? – perguntou Ava.

– A antiga cidade de Sultanahmet, bem no centro de Istambul. – Natasha olhou para a garota. – Quer revisar a jogada de novo?

Ava ergueu o microdrive.

– Encontramos o aparelho, localizamos a entrada em algum ponto dele, conectamos o drive, derrubamos a rede O.P.U.S. – a garota explicou.

– E?

– A transferência leva dez segundos. Tem um contador no drive. Vou começar a marcar o tempo no instante em que conectá-lo ao aparelho de Ivan – recitou Alex.

– Quando *eu* conectar, você quis dizer – corrigiu Ava.

– Não – disse o garoto. – Ninguém falou que é você que tem que fazer isso. Você tem o código, mas pode me dar o drive. Eu me disponibilizo, como um tributo. Deixe que eu vá. Vou desligar o O.P.U.S. e sair. Nada de mais.

Alex tentou pegar o drive. Ava resmungou e tirou o aparelho do alcance dele.

– O código todo é baseado no meu DNA, lembra?

– Você não está pensando direito, Ava. No instante em que desligarmos o O.P.U.S., você vai perder todas as suas habilidades do entrelaçamento. Não vai mais ser durona como uma miniagente Romanoff. Não vai saber disparar sua Glock, ou Bloch, ou sei lá o quê.

Natasha olhou para o garoto.

– Glock. É em momentos como este que não consigo acreditar que somos parentes.

Ava olhava feio para ele.

– Ai, meu Deus. *Obrigada* pelo voto de confiança. Eu vou conseguir. Pare de se preocupar.

Natasha ergueu a mão.

– Ava é nossa melhor chance de obstruir o aparelho... O código é dela. Mas temos que levá-la perto o bastante para isso, dando cobertura enquanto ela age. Nada disso vai ser fácil. Talvez nem seja possível.

Nem Ava nem Alex disseram nada.

Natasha checou o painel de controle.

– Faltam quinze minutos. Fomos liberados para um campo de pouso fora da cidade.

– E por liberados você quer dizer...? – Alex perguntou, todo perdido.

– Que fomos liberados – a agente respondeu, casualmente. – E talvez não seja tanto um campo de pouso... talvez seja apenas um campo mesmo.

Alex pegou a mão de Ava e a segurou, entrelaçando seus dedos nos dela. Foi então que constatou que nunca mais queria soltar.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então você escalou ninguém menos que dois menores para uma missão de alto risco, sem protocolo, num país em que não temos nem um pinga de autorização para executar trabalho de campo?

ROMANOFF: Algo assim, senhor.

DD: E achou que não teria problema por quê?

ROMANOFF: Porque é meu trabalho. Porque Ivan Somodorov foi minha responsabilidade oito anos atrás. Porque eu tinha que impedir que ele capturasse Ava Orlova, como fez comigo, como fez com a mãe dela, e fracassei. Porque, em se tratando de Ivan Somodorov, não havia mais nada a fazer para salvar todo mundo, e só Deus sabe que nada disso ia me impedir de tentar.

DD: Em algum momento você parou para pensar que havia outras maneiras de conduzir essa missão, agente?

ROMANOFF: Não, senhor.

DD: Por quê?

ROMANOFF: Acho que porque sou uma Romanoff, senhor.

DD: E agora há algo com que você tem que conviver.

ROMANOFF: Todos nós temos de conviver com um monte de coisas, senhor. Essa é a outra parte de ser uma Romanoff.





30 NATASHA

*Ruas de Sultanahmet.
Istambul, Turquia*

NÃO FOI DIFÍCIL ENCONTRAR O LABORATÓRIO DE IVAN. Levaram mais tempo para arranjar um jeito de chegar até a inóspita fazenda onde esconderam o avião, no centro de Istambul. Vinte minutos depois de terem saltado da traseira de um caminhão empoeirado, Natasha conseguiu anotar a localização de Ivan, graças à rede sem fio russa. Podiam até ser 68 milhões os usuários da rede MegaFon, mas poucos deles estavam na parte da antiga cidade em que se localizava o laboratório de Ivan. A combinação dos sinais sem fio de um grupo alternativo de ucranianos e russos praticamente formou um eletrônico “estamos aqui”.

Natasha agora liderava os dois jovens por entre a multidão de um mercado.

– Achamos que Ivan está trabalhando em Sultanahmet, certo? – perguntou Alex, apontando para uma placa. – Chegamos.

– Deve ser a palavra em turco para a parte da cidade que mais tem turistas, mais mesquitas e mais homens – disse Ava, analisando a multidão.

– É a cidade antiga. Ivan voltou a esconder-se em plenas vistas – disse Natasha. – É meio brilhante, na verdade. Todo canto deste local é sagrado. Nenhum governo do mundo poderia sequer tocar qualquer um desses prédios, mesmo se Ivan Somodorov e todo o exército dele estivessem dentro. Não sem causar um caos internacional – ela concluiu, impressionada.

– Ótimo. Então o cara é um gênio. Cinquenta pontos para o Ivan – Alex brincou, sarcástico.

Natasha tentou tirar aquilo da cabeça. O que estava para acontecer. O que ela ia ter que fazer.

Sabia que, quando chegasse o momento, seria ela quem teria de puxar o gatilho. Era sempre ela, não?

Mantenha o foco, Romanoff. Tudo se resume à missão.

Mantenha a mente focada na missão.

Natasha não contara aos jovens quão impossível seria fazer o que precisavam fazer. Também não mencionara quão ruim era a situação, considerando o que Stark lhe contara. Os entrelaçados escondiam-se por entre as famílias do Pentágono, sem contar Langley. Em Nova York, estavam camuflados entre residentes, vizinhos, passeadores de cães, jardineiros e filhos de diplomatas que trabalhavam nas Nações Unidas. Os alvos norte-americanos seriam os primeiros a ser atingidos.

Filhos de membros seniores do Kremlin também haviam sido entrelaçados. O serviço federal de segurança de Moscou tinha mais de 250 mil empregados, pelas contas de Natasha. Quem notaria o comportamento irregular de um agente, de uma família comprometida?

Alunos em Islamabad tinham sido sinalizados também. O ISI, do Paquistão, poderia ser comprometido meses antes que a S.H.I.E.L.D. reparasse em algo de diferente.

E os nomes que encontraram operando nas portas da MI6? No centro de Londres. Poderia ser desastroso.

Ou o filho de um ministro responsável pela ala de pesquisas e análises da Índia. Estaria perto o bastante dos problemas para ser estrategicamente útil para Ivan.

E, claro, os alunos analistas que haviam encontrado em Berlim. O BND sabia demais sobre o antigo mundo soviético para que Ivan não lhe fizesse nada. A S.H.I.E.L.D. trabalhava quanto podia para montar o caso, mas estavam muito atrasados.

Natasha estava angustiada.

Seria uma bagunça das boas – isso era certeza.

Se não conseguisse chegar até o O.P.U.S. antes que Ivan o ativasse, não haveria mais o que ela, Tony e os dois jovens pudessem fazer.

A S.H.I.E.L.D. daria um jeito neles todos antes que alguém pudesse impedir.

Inclusive em Ava Orlova.

E inclusive em meu próprio irmão.

Então, foco.

Ela olhou para os dois.

São só crianças.

Atrás deles, avistou pináculos erguidos ao longe. À esquerda, o AyaSofia, da cor da geleia de pétalas de rosas que os vendedores de rua ofereciam sobre cobertores. Um complexo conjunto de formas, quadradas e pontiagudas e redondas. A Mesquita Azul, à direita, competia, sob a luz do sol, em tamanho e significado. Ouro refletia-se, brilhando, ao espiralar-se no topo dos pináculos, e multidões percorriam passagens e arcos para entrar no jardim.

– Estão vendo? A Mesquita Azul. O local mais sagrado em toda a Sultanahmet – anunciou Natasha, acenando para lá com o rosto.

Ava procurou o nome do lugar.

– Onde? Não estou vendo – disse a garota, franzindo o cenho. – Perto daqueles passarinhos?

Que passarinhos?

Natasha não acenara ou dera uma mínima indicação de para onde estava olhando. A primeira lição de Ivan – nunca vá na direção para a qual você parece que vai – era mais difícil de abandonar do que ela jamais imaginara.

– E, do outro lado da rua, está o AyaSofia, que é basicamente a construção que causou as Cruzadas – disse Natasha, de olhos fixos no céu.

Lá estão eles.

Os passarinhos.

Todo um grupo deles – pequenos como andorinhas, nada mais do que manchas cinza planando sobre a rua de paralelepípedos abaixo, voando de vitrine em vitrine.

– Então é tipo a Helena de Troia das casas de oração? – perguntou Alex, interessado pela antiga construção.

Natasha não tirava seus treinados olhos do céu, acima dos prédios.

É um padrão. Um padrão que se repete.

Pássaros não voam desse jeito.

Ava olhava para a esquina, cheia de gente.

– Acho que chegamos um pouco tarde para as Cruzadas, mas parece que todo mundo aqui vai para aqueles dois quarteirões. Devemos caminhar para lá também?

Não são pássaros.

– Caminhar, não. Correr...

Natasha empurrou os dois grosseiramente à frente e virou numa esquina.

São drones de Ivan.

Enquanto iam virando pelas ruas, Natasha permanecia de cabeça baixa, deixando somente que os olhos escaneassem as ruas ao redor. Ava e Alex a

seguíam.

– Por aqui.

Viraram numa esquina, misturando-se à multidão. A um grupo de mulheres de capa de chuva abotoada do pescoço aos pés. Natasha olhou para trás.

Pelo menos seis pequenos objetos cinza ainda os seguiam, a uns trinta metros acima da rua. Prestando atenção, ela pôde ouvir o zumbido fraco do motor, mesmo dali de baixo. Mesmo com o som de seus passos pelo chão.

Era preciso sair da rua.

– Aqui dentro – ela sibilou.

Ava e Alex a seguiram, cruzando com um bando de vendedores e passando por um verdadeiro labirinto, em que a calçada se transformava em cafés e lojas. O caminho estava tão cheio que era como um shopping a céu aberto, sem paredes.

O grupo levantava poeira ao passar.

Os vendedores os chamavam, mesmo vendo-os correr.

– Gostam de livros? Por que não?

– Ingleses? Alemães? Italianos?

– Eu me lembro de você.

Natasha mergulhou por debaixo de uma barraca de tecidos, e uma arara de coloridas bolsas bordadas saiu voando.

Alex pulou por cima de uma pilha de pantufas e xales de lã. Ava esquivou-se de um senhor que segurava uma bandeja de castanhas e cambaleou para as sombras, atrás de Alex.

Enquanto recuperavam o fôlego, Natasha sacou uma pequena lente da jaqueta.

– O que são aquelas coisas? – perguntou Alex.

Natasha levou a lente ao olho.

– Drones. Bichinhos malditos. Ardem tanto que te derrubam. Quando não estão se mexendo muito, dá para ver os lasers brilhando na barriga deles.

As máquinas voadoras continuavam planando no céu, acima deles. Os três ficaram olhando.

– Drones do Ivan? – perguntou Ava, vendo-os girar do outro lado da rua.

– Microdrones, na verdade. Sim, dele mesmo.

– Então essas coisas são armas? – perguntou Alex.

– E câmeras. São feitas tanto para nos encontrar quanto para nos deter. – Natasha guardou a lente. – Pelo visto encontramos o laboratório do Ivan. A presença dos drones indica que entramos no perímetro.

– Como é que vamos passar por eles? – questionou Ava.

Boa pergunta.

Natasha pôs-se a calcular em voz alta.

– Eles nos seguiram quando fugimos, o que significa que nos avistaram ou que estão conectados à O.P.U.S. de algum jeito. E devem ter marcado um de vocês ou vocês dois como quânticos.

– Ótimo – disse Alex. – E agora?

Natasha observou a rua ao redor.

Paralelepípedos e El Torito. Edifícios milenares e um McDonald's, mais à frente. Estavam presos entre a antiga mesquita e um Starbucks, numa confusão caótica de épocas.

Como eu, ela pensou. E Ivan e meu irmão e Ava.

O que estamos fazendo aqui?

Eu escolhi estar aqui? Já nem lembro mais.

Como comecei. O que eu queria. Quem eu era.

Antes de Ivan Somodorov e suas cicatrizes.

Natasha virou-se para olhar para o outro lado, para onde a rua e a multidão se ampliavam e se concentravam numa larga praça da cidade,

linda e antiga. Em todo canto havia árvores, bancos e pessoas, sentadas debaixo ou em cima deles, mesmo sob o sol de inverno.

Foco na missão. Como derrubar os drones do perímetro sem disparar os alarmes?

Em todas as direções, podia-se ver que o dia ensolarado estava agitado. Atrás de uma mesa branca, um homem tentava vender sua novela turca. Um furgão estacionou ao lado dele. De uma cerca branca de ferro, dois gatos assistiam a tudo. Um carro da polícia aguardava na rua, ali perto.

Não tem muito com o que trabalhar aqui.

Um idoso descia pela rua vendendo nozes cortadas ao meio.

Logo atrás dele, uma fileira de homens em barracas vendia pedaços mal cortados de melancia, castanha torrada e espigas de milho.

E aí? Vamos jogar castanhas neles?

No fim dessa fileira, outro homem embrulhava em papel-manteiga algo que lembrava um pretzel, entregando-o a um policial numa motocicleta estacionada.

Os policiais estão todos na rua para o almoço.

Uma solução ocorreu-lhe antes mesmo que ela desviasse o olhar.

– Me deem uma vantagem de três minutos. Depois se mexam.

Ainda de cabeça baixa, Natasha disparou pela calçada, na direção das barracas de comida.

Quando olhou para trás, os drones ainda sobrevoavam o quarteirão anterior.

É o O.P.U.S.

Essas coisas nem estão me captando.

Vieram atrás de Alex e Ava.

Antes mesmo de aproximar-se da primeira barraca, Natasha já tinha puxado a manga e ligado o bracelete.

– Prove – disse um vendedor, estendendo-lhe uma espiga de milho, no instante em que o bracelete brilhou e todo o aparato dele explodiu em

chamas.

Natasha escapou por entre a multidão.

O policial largou o pretzel, e a barraca de castanhas voou em seguida.

Depois a de pretzel. Depois a dos livros.

A multidão começou a correr. O céu foi tomado por uma fumaça preta espiralada, e o ar, por sirenes da polícia.

Ficou impossível ver os drones – e impossível de ser visto por eles.

Oito segundos depois, Alex e Ava apareceram ao lado de Natasha, e, sem dizer mais nada, os três deslizaram por entre o caos da rua.



O cheiro de castanha e borracha queimada ainda pairava no ar quando o grupo deixou a populosa rua, alguns blocos adiante. As sirenes da polícia ainda ecoavam ao longe.

– É aqui – Natasha disse, deixando a pistola deslizar para a palma da mão.

– Como sabe? – perguntou Alex, olhando para ela.

– Não é a primeira vez que fico nesta situação.

Natasha não sorria. Pretendera sorrir, mas percebeu que não conseguia.

Uma rampa à frente deles levava a um portal amplo e escuro.

Natasha hesitou, e Alex foi quem falou primeiro.

– Se acontecer alguma coisa...

– Não – disse Natasha. – Nunca diga isso.

– Só queria que você soubesse. Que gostei de te conhecer. Quero dizer, de novo. Agora. Que bom que você me achou, Tash.

– Tecnicamente – Natasha disse, grosseiramente –, foi você que me achou.

– Tecnicamente – Ava intrometeu-se, casualmente –, fui eu que achei os dois.

Os três ficaram em silêncio.

Os pensamentos de Natasha eram um caos só, mas ela se sentia incapaz de processá-los. Agora que o momento havia chegado, ela estava exausta demais para dizer qualquer coisa. Se fosse honesta consigo mesma, diria que estava morrendo de medo.

Mas quero que você saiba, ela pensou, olhando de relance para o irmão. *Tudo.*

Natasha olhou rapidamente para suas botas, tão gastas quanto as de um soldado.

Ela tentou pensar no que diria ao garoto, se pudesse. Se ela fosse o tipo de pessoa que diz esse tipo de coisa.

Que você é importante.

Quem sempre foi.

Que eu nunca quis te deixar.

Que tenho orgulho de você, o mesmo orgulho que teria se tivesse algo a ver com a pessoa que você se tornou.

Que sempre me importei – mesmo quando te perdi.

Que uma parte de mim não pararia enquanto não te encontrasse – e que uma parte de você sempre esteve esperando.

Está nos seus olhos, ela pensou.

Tudo.

Nossos pais e nosso passado.

O início e o fim.

Natasha respirou fundo, fitando a porta à frente deles. Focou-se nas lascas de tinta solta e no batente cheio de farpas.

Espero que você ame essa garota e que ela te faça feliz. Espero que você me deixe partir, imediatamente, e espero que você saiba que eu nunca te abandonarei.

Ela olhou para o rosto do irmão e reparou que os olhos dele estavam brilhando, marejados, e, nesse momento, soube que ele também a amava.

– Você tem os olhos dos Romanoff – ela disse, enfim.

Foi tudo o que Natasha conseguiu se permitir dizer. Alex assentiu. E tentou alcançar a irmã, que já se afastava.

Chega.

Somos Romanoff.

Como Kalashnikovs, só que mais durões.

O irmão, porém, ficou ali, aguardando, até que ela finalmente, com relutância, puxou-o para o abraço mais curto da história, que durou apenas tempo suficiente para que ela desse dois secos tapinhas nas costas do irmão.

– Yal yublyu tebya, Sestrenka.

Te amo, irmã.

Natasha assentiu, com uma expressão de pesar no rosto.

– Podemos ir dar uns tiros agora?

Os três entraram sem dizer mais nada. Foi somente quando virou numa curva que Natasha avistou, de relance, o irmão e Ava quietinhos, despedindo-se com um beijo.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Você sabe que o governo turco não anda muito contente conosco ultimamente.

ROMANOFF: Não tínhamos escolha. Sem a Dra. Orlova, Ivan Somodorov não poderia construir outro O.P.U.S. Sabíamos que essa seria a melhor chance de dar um golpe fatal.

DD: Você queria acabar de vez com o entrelaçamento quântico? Não havia parte alguma em você que estava curiosa para ver como a tecnologia poderia progredir? Em solo norte-americano, sob a segurança e o cuidado do governo norte-americano?

ROMANOFF: Porque temos um ótimo histórico nesse departamento? Algum progresso não é progresso nenhum, senhor. Algum progresso causa tantos danos quanto benefícios.

DD: Seus famigerados unicórnios? Raios-vita e radiação gama?

ROMANOFF: Exato, senhor.

DD: Não ficou nem um pouquinho tentada, agente Romanoff?

ROMANOFF: Se você me dissesse que eu poderia voltar no tempo e fazer com que o ocorrido em Odessa nunca tivesse acontecido, poderia ser tentador.

DD: Mas não é possível, certo?

ROMANOFF: Ninguém tem uma segunda chance, senhor. Nem mesmo eu.





31 AVA

Instalações de Somodorov

Yerebatan Saray

Em frente às cisternas, Istambul

UMA RAMPA ÍNGREME CONDUZIU OS TRÊS PARA DEBAIXO DO SOLO.

Quando Ava olhou para cima, seus olhos ajustaram-se à escuridão do local, fazendo-a desacreditar no que havia emergido. Onde estava, naquele exato momento, não se parecia com nada que já havia visto na Terra. Fileiras de colunas iluminadas mapeavam a vastidão de breu, tudo escondido debaixo da agitação da cidade antiga. Algumas pilastras eram mais grossas que outras e iluminadas por uma estranha luz vermelha.

Estavam numa cisterna. Não numa cisterna qualquer, mas em Yerebatan Saray, que em turco quer dizer “palácio debaixo d’água” – pelo menos segundo uma placa que havia na parede. Era um monumento, dizia o parágrafo ali gravado. Em Constantinopla, a única fonte de água fresca, apesar de a cidade ser cercada por água, era um pequeno rio chamado Lycus. Por ser insuficiente para cobrir as necessidades da cidade toda, que não parava de crescer, os turcos tiveram que construir um aqueduto para

trazer água à cidade, distribuindo-a em vários tanques a céu aberto. Eram as cisternas.

Tudo isso estava escrito na parede.

Mas as palavras não faziam justiça ao que Ava tinha perante seus olhos.

Ela estava na boca de uma vasta e sombria caverna subterrânea, do tamanho, talvez, de um campo de futebol, iluminada por uma luz muito fraca.

Luz suficiente só para contar os guardas, pensou ela.

Ava foi contando enquanto avaliava a dimensão do espaço. O lugar estava intensamente protegido, mas não era impossível quebrar a barreira de segurança. A quantidade de pessoal presente ali era a mesma que se espera ver num monumento, não numa base militar.

Então deve haver mais.

A caverna era dividida em áreas menores por uma série de pontes de madeira que cruzavam o espaço, suspensas sobre o reservatório de água que preenchia o solo rochoso. Um punhado de turistas caminhava por essas passagens.

Turistas. Beleza. Vou ter que me lembrar disso.

Entre as pontes, fileiras de enormes colunas erguiam-se em intervalos de igual distância e pareciam sustentar o teto cavado. Os mastros e vigas eram irregulares e tinham aparência absurdamente luxuosa, como se tivessem pertencido a um edifício antigo de uma época gloriosa.

Que não era a época atual.

Ava estava maravilhada.

Meu pai vinha trabalhar aqui todo dia? Será mesmo que é aqui que o Ivan tem um laboratório? Num lugar tão lindo e pacífico?

Natasha ergueu o punho. Uma luz piscava nele, e ela puxou a manga da jaqueta para encobri-lo, aproximando-se de Ava e Alex.

Sua voz saiu num sussurro baixo.

– Procurem a entrada das instalações.
– Como pode haver um laboratório aqui? – Ava perguntou.
– As cisternas devem servir só para que ninguém desconfie do subterrâneo. Pense nelas como um saguão de entrada gigante. Provavelmente não vamos ver nada que se pareça com um laboratório enquanto não chegarmos ao perímetro exterior, mas o que procuramos com certeza está aqui, em algum lugar. Escondido a plenas vistas, lembram? É só achar a porta.

Natasha avançou pelas sombras.

– E quanto ao Ivan? – questionou Alex, olhando para a irmã.
– Deixe-o comigo.
– O que *não* vamos deixar para você?
– Ânimo? Sou meio ruim nessa parte. – Natasha quase sorriu. – E podem me dar cobertura. Por isso estão armados. Mas é só por isso. Se tem pulsação, é meu. Entendido? – Ela pegou Ava pelo braço. – Ava?
– Entendido.
– Não faça nada. Você não é como eu. Pode achar que é, mas não é. Você não sabe o que vai acontecer aqui, mesmo que pense que saiba.
– Eu tenho as suas lembranças – Ava retrucou. – Eu sei como vai ser.
– Mas você não tem o meu estômago. Não para isso.

Ava não respondeu.

– Estou falando sério – disse a agente, apertando ainda mais o braço da garota.

Ava puxou-o.

– Entendi.
– Você que é a profissional, Tash – disse Alex.

Natasha olhou o irmão nos olhos.

– Isso mesmo. Eu sou. Então nada de heroísmo. Da parte de ninguém.

– Me ajude a entrar – disse Ava. – Eu faço o esquema do microdrive e a gente dá o fora. – Ela olhava freneticamente para todo canto, procurando por algum sinal de luz que indicasse outra entrada. – O mais rápido possível. Estar tão debaixo da terra está fazendo eu me sentir numa sepultura.

Pois pare de pensar assim. É para isso que estou aqui.

Natasha tentava não pensar no que estava para acontecer. Se estivesse certa, basicamente cada neurônio de seu corpo seria bagunçado. Com alguma sorte, bagunçaria também os de cem outros agentes entrelaçados, onde quer que estivessem, em todo o mundo. Inclusive Alex, possivelmente. Ele não demonstrara nenhum dos sinais, mas isso não significava que não fazia parte do programa.

Ava tentou retomar o foco na conversa ao redor.

Alex falava baixinho.

– Tenho certeza de que entramos pela porta dos fundos, a que usam para visitantes, o que provavelmente dá cobertura para eles. A gente podia partir dali. E ir até o outro lado.

– Afirmativo. – Natasha apontou para os fundos da caverna. – Venham comigo.

Assim, Ava e Alex seguiram Natasha Romanoff para fora da luz, adentrando aquela escuridão histórica.

A história de Ivan Somodorov.

Ava era puro rancor.

Boa escolha, Ivan. O lugar é realmente perfeito para um tiroteio. E, melhor ainda, está escondido debaixo de uma cidade muito populosa – com uma rede de energia elétrica imensa. Não é de se estranhar que você tenha montado acampamento aqui.

Enquanto a garota assimilava o ambiente, seu cérebro entrelaçado funcionava rapidamente.

Perfeito para snipers. Dá para atirar de qualquer canto ou fissura escondida. Boa cobertura, mas fácil de entrar. Só que tem a água na cisterna. Precisamos saber a profundidade e a amplitude...

– Ava – chamou Natasha.

A menina voltou de suas reflexões.

– Ponte.

Hora de ir.

Os três pegaram a ponte mais próxima, ficando do lado em que as sombras eram mais intensas. Um após o outro, correram feito ratos na escuridão, disparando de coluna em coluna, traçando seu caminho pelo labirinto de madeira.

Acima das águas iluminadas e instáveis da cisterna, uma ponte conectava-se a outra. A luz que refletia na superfície era linda e hipnótica e distraía muito – então Ava evitava olhar. Ela escolheu manter os olhos nas paredes mais distantes.

Procurem a entrada das instalações.

As cisternas devem servir só para que ninguém desconfie do subterrâneo.

Pense nelas como um saguão de entrada gigante.

Foi isso que Natasha dissera.

Ava foi pulando de uma ponte para outra, escondendo-se atrás de uma coluna no instante em que um grupo de guardas aproximou-se, em profunda conversação.

Alex acenou para Ava, que congelou atrás dele.

Der'mo.

Ava olhou para trás e viu dois guardas.

Estão trocando de turno.

À frente, tudo o que viu foi o cano das armas, brilhando ao refletir luz.

Uma ponte não dava muitas opções no que se referia a alternativas de tráfego. Principalmente quando esse tráfego estava armado com armas

automáticas. E usando mais Kevlar que um esgrimista.

Não são guardas.

São soldados.

Mercenários russos de Ivan.

Natasha acenou – e, sem causar rebuliço, mergulhou na água gelida e negra. Alex entrou logo em seguida. Depois Ava.

O frio a beliscou através das roupas. Ela usou uma coluna para dar impulso e, debaixo da superfície, foi nadando até outra, depois até mais outra – até que estava bem longe das armas.

Lentamente e sem barulho, a garota rompeu a superfície, perto da parede da caverna. Somente seus olhos emergiram da água tingida de vermelho – e apenas tempo suficiente para que ela assimilasse o que havia nos arredores.

A cabeça de Natasha e a de Alex apareceram sobre a superfície, próximo a ela.

Tudo limpo.

Pelo que constatou, poderiam usar as sombras espessas daquela parte da caverna como cobertura.

Ava seguiu os outros até a beirada cheia de farpas da ponte. Era preciso apertar bem os dentes para impedir que batessem. Seus olhos ardiam.

Chegaram, então, à porção mais escura da caverna, bem longe da entrada. Ava tentou calcular a distância que cruzara: havia 28 fileiras de 12 colunas em cada cisterna, e ela já tinha passado por 22.

Assim, pôde, então, fazer a matemática estratégica.

Se o laboratório de Ivan é minimamente correlato a este espaço, a entrada deve estar perto. Uma entrada de serviço, talvez, ou um ponto de checagem fechado. Nada fora do comum, mas inacessível.

Ali.

Lá estava, a menos de vinte metros.

Uma fita amarela separando uma única ponte em frente a uma única porta de ferro.

A porta do laboratório. Tem que ser aquela.

Ava suspeitou que a placa na porta afirmava que era proibido entrar.

A madeira sob seus pés começou a vibrar, e ela nem teve que olhar para saber que havia soldados subindo pela rampa atrás dela.

Natasha passou por ela de raspão, indo na direção da porta. Ela já estava com uma faca em mãos.

Ela fatiou a antiga trava antes mesmo de parar para pensar. O metal cedeu na quarta tentativa.

Fácil demais.

Ivan praticamente deixara a porta aberta para eles.

Como sempre, ele estaria esperando.

Os três ex-russos se entreolharam num último e silencioso conversar. Ava sabia que estavam os três pensando a mesma coisa.

Faça como quiser, Ivan.

Vamos em frente.

Quando abriu a porta, Natasha viu que ela não era a única coisa que havia mudado desde Odessa.

Ivan agora possuía tecnologia de ponta. Aquele lugar não era como o antigo armazém nas docas moribundas da Ucrânia. Aquilo era uma imensa instalação científica de última geração, do tamanho de um hangar de aviões – que era exatamente com o que se parecia. Uma base de pesquisa militar subterrânea, devotada a uma e única coisa – e essa coisa permanecia cuidadosamente elevada sobre uma plataforma de aço, no centro do recinto.

O O.P.U.S.

Snipers cercavam a base da plataforma, que, embora tivesse poucos metros de altura, tinha provavelmente uns dez metros de extensão.

Mercenários.

De novo.

Agora que havia luz suficiente para de fato vê-los, ela notou que estavam todos de preto, usando camisas polo de manga curta, vestes à prova de balas e calças militares enfiadas em botas da polícia de Istambul, também pretas.

Os rostos estavam cobertos por gorros pretos.

Estão vestidos como polícia de protestos.

Isso explica o armamento pesado e a proteção do corpo.

Enquanto os três escondiam-se atrás de uma pilha de engradados num canto da parede rochosa, Natasha foi contando o número de guardas. Havia gente demais para contar.

Ela estreitou os olhos.

De onde estava, podia ver mais do que apenas mercenários. Podia ver tudo – e uma coisa em particular.

Ivan Somodorov.

Ela o viu surgindo de detrás do O.P.U.S., no alto do andaime que sustentava o aparelho, no centro da câmara.

O fantasma de seu passado agora não era mais um fantasma.

O velho russo sorriu lá de cima.

– Natashka? Sei que está aí. Eu disse que você viria, e você não me decepcionou. Você nunca decepciona, não é, *ptenets*?

A cabeça calva dele brilhava debaixo das lâmpadas fosforescentes que pendiam do teto da caverna. Essa era a única parte do corpo dele que não estava escondida pelo largo traje preto de nylon. Natasha desviou o olhar do rosto dele, mas não conseguiu evitar o traçado grosso de tatuagens que dividia o pescoço de Ivan. Não era preciso enxergar o desenho para saber o que estava escrito.

“Sem homens, sem problemas.”

Era essa a explicação que Stalin dava para dar chá de sumiço em todos os seus inimigos políticos – e Ivan usava da mesma tática.

Natasha sentiu o estômago contorcer-se, num nó de músculo e bile.

Ivan olhou para o relógio, perturbado.

– Receio que vamos ter que apressar as coisas. Temos uma agenda apertada. Doze minutos, na verdade. Não podemos deixar as crianças esperando.

Natasha não disse nada.

Alex e Ava olharam para ela.

– Venha aqui ver seu velho amigo, meu passarinho – Ivan gritou de novo, fazendo ecoar sua voz e seu sotaque pesado por todo o recinto.

Contudo, Natasha Romanoff estava farta dos joguinhos de Ivan, o Estranho.

Tivera que jogar a vida inteira. Era preciso pôr um fim em tudo aquilo, mas não com uma bala perfurando as costas de seu irmão. Não valia a pena arriscar a vida dele e de Ava.

Natasha sabia que, se fosse necessário, sacrificaria a própria vida por eles. Sempre soubera disso, nunca tivera dúvidas.

A única questão que restava era por quê.

Inicialmente, pensara que seria pelo dever. A noção de responsabilidade ou lealdade. A natureza do trabalho que ela tanto amava e tão bem executava. O bem maior, pela maioria.

Era uma antiga lição russa, e ela aprendera muito bem.

Agora, porém, tudo mudara.

Agora estava aprendendo outra coisa, algo que estava apenas começando a entender. Algo diferente de tudo que o que já havia sentido em muito, muito tempo.

Amor.

Natasha não estava com medo.

Estava determinada.

Só tinha de distrair Ivan tempo suficiente para que Ava pudesse fazer o que viera fazer ali.

Alex olhou para ela.

– Tash? O que você vai...

Natasha deu um passo à frente.

Ava a pegou pelo braço e pediu que ficasse.

Mas Natasha passou pelos dois jovens e foi até o centro da câmara.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: O que ele queria realmente de você? Ivan Somodorov? Porque posso pensar em modos muito mais simples de eliminar um alvo do que atraí-lo para uma antiga cisterna na Turquia.

ROMANOFF: Tem um ditado antigo do gulag. “Se você quiser punir um homem que tem dois irmãos, faça o primeiro matar o segundo na frente dele.”

DD: E era nessa situação em que você se encontrava? Você era um dos três irmãos do gulag?

ROMANOFF: É só um ditado antigo, senhor.

DD: Conheço outro ditado antigo do gulag.

ROMANOFF: Qual é?

DD: Não vá ao gulag.

ROMANOFF: Não tive escolha. Ninguém ali teve.

DD: Acho que você se engana. Acho que você queria ir. Acho que você quis procurar Ivan Somodorov, quis ir até ele. Os outros também. Você levou a briga até Odessa, depois a Istambul.

ROMANOFF: Assim como ele a trouxe aos Estados Unidos, antes disso. Assim como roubou uma criança da mãe.

DD: Então a questão que de fato importa é: o que você queria dele?

ROMANOFF: Não acho que isso seja uma questão, senhor.





32 NATASHA

Instalações de Somodorov.

Yerebatan Saray.

Além das cisternas, Istambul

– IVAN – DISSE NATASHA, NUM TOM GRAVE E AMEAÇADOR. – Não temos que envolver nenhum deles. São só crianças. – Ela foi movendo a mão lentamente, até mirar a arma na cabeça dele. – Isto é entre você e eu.

Os soldados encapuzados apontaram as armas para ela. Natasha podia sentir os *snipers* assumindo seus postos em todo o perímetro da câmara.

Sobrepujada, pelo menos dez contra um.

Nada que já não tenha vivido.

Ivan deu de ombros.

– Não estrague tudo, Natashka. Tenho esperado por este dia faz muito tempo. Assim como meus amiguinhos em todo o mundo. – Ele sorriu, ameaçador. – Eles podem não saber ainda, mas saberão muito em breve.

– Está falando do seu exército de menores? Os quânticos?

– Interessante. Acho que vou chamá-los assim mesmo.

– Ah, sobre essa história toda de entrelaçamento quântico... Não vai rolar. Vou garantir que não – disse ela. – Sabemos o que você está fazendo. Você não vai se dar bem.

Ivan sorriu.

– Acho que você não entendeu. Eu já me dei bem. Olhe ao redor. Estamos todos juntos. Quem você acha que está lutando ao meu lado agora mesmo?

Estão aqui. Os entrelaçados. São esses soldados encapuzados.

Ivan tem mais de cem.

Mais do que imaginávamos.

São os mercenários dele.

Seu exército.

E devem ter a idade do meu irmão.

Natasha soou tão desgostosa quanto se sentia.

– Você é doente. Eles mal têm idade para lutar.

Ivan deu de ombros.

– Pelo que me lembro, na idade deles, você sabia manusear uma Glock. Sou o pai desse exército, Natashka. Como fui um pai para você.

– Você nunca foi pai de ninguém, Ivan.

– Claro que fui. Sou o pai do meu mais bem-sucedido par quântico, minhas meninas. Minhas *ptenets* há muito perdidas, minha chave para o futuro. Pense nisto como uma reunião familiar... Só que essa reunião vai mudar o mundo.

– Não, obrigada – disse Ava. – Acho que vou recusar.

Luzes bruxulearam por todo o teto da caverna.

Uma sublevação de poder.

Já está acontecendo, Natasha pensou.

– Aqui vamos nós. – Ivan olhou para o alto. – Tivemos que roubar boa parte da energia da cidade. Cruze os dedos e torça para que não acabemos

numa nova Chernobyl. Eu tinha dito a Moscou que não estávamos prontos naquela época. Mas também não tive a sua ajuda, minha *Devushki*.

– Nossa ajuda? Nunca vamos te ajudar. Jamais – disse Ava.

Natasha olhou para trás e viu Ava e Alex.

– Como vocês praticaram. Você, para a esquerda. Você, para a direita.

E tornou a olhar para Ivan.

– Desculpe. Acho que vamos recusar.

– A vida é uma série de terríveis decepções – disse Ivan, com um aceno casual.

Natasha devolveu o gesto – e então atacou.

Alex pegou a esquerda. Ava pegou a direita.

A garota avançou contra o soldado mais próximo dela – que tombou atirando – e rolou para longe dali.

Alex tirou a arma do soldado mais perto dele e a meteu-lhe na cabeça. O homem caiu feito uma pedra.

Natasha foi para cima dos soldados que restavam entre ela e a plataforma do O.P.U.S., pousando com os pés no estômago de dois deles. Enquanto muitas balas voavam por cima da cabeça dela, de ambos os lados, ela saltou e aterrisou bem a tempo de dar um chute rasteiro em dois capangas, na base da escadaria que levava à plataforma.

Eu sou a distração. Ava e Alex vão ficar bem. Vão me usar para passar pelos soldados e se proteger. É essa a jogada. Foi o que combinamos.

Ela procurava atrair os disparos o máximo que podia, chegando cada vez mais perto do brilhante aparelho de metal sustentado pela plataforma.

Foi então que ela viu que o O.P.U.S. estava ligado a uma grandiosa rede de núcleos de energia, assim como estivera no armazém em Odessa, oito anos antes. O aparelho ainda ostentava a vaga aparência de alguma espécie de monstro marinho medonho, algo como um polvo gigante com cada tentáculo sobre um navio diferente.

Só que esse O.P.U.S. era dez vezes maior que o de Odessa – e desta vez parecia estar dez vezes mais conectado à energia. O raio da explosão poderia cobrir metade da cidade acima.

Sem pressão, Romanoff.

Ela já tinha chegado tão perto que podia avistar o temporizador na superfície do aparelho. Não tinham muito tempo.

Dez minutos para acabar com a festa.

Mas não havia nada que Natasha pudesse fazer sem Ava e o microdrive.

Um disparo de *sniper* mordiscou o ar perto da agente, que se esquivou, agachando no chão.

Em seguida, ela subiu na plataforma de metal do O.P.U.S.

Ivan Somodorov virou-se para encará-la. Agora eram apenas os dois. Exatamente como no começo de tudo.

Natasha Romanoff e Ivan Somodorov.

Ela reparou que os *snipers* pararam de atirar.

Ele não vai deixar que atirem em mim. Por quê?

Quer ter a honra de fazer isso ele mesmo?

Pouco importava.

– Vim te matar, Ivan. Chegou a hora.

– Sei que pensa assim. E estive esperando, minha Natashka.

– Não sei por que tudo teve que ser assim. Mas foi.

– Acho isso um pouco filosófico – disse Ivan. – Mas creio que agora já não importa. Fico feliz que está aqui para ver. Logo muitas peças encontrarão seu lugar, e um novo movimento nascerá. Realizaremos o grande renascimento de tudo o que perdemos. A Sala Vermelha, em toda a sua glória. O império das pessoas e a maior federação que o mundo já viu.

– Deixa disso, Ivan. Está começando a falar como um panaca. Vamos acabar logo com isso.

Ivan sorriu, o que o fez apenas parecer um animal feroz.

– Agora? Hoje é noite de lua de pirogue, não é?
– Nem me preocupei em checar.
– Duvido muito. Você sempre faz isso. É sua maior fraqueza, seu segredo mais terrível.

– Cala a boca, Ivan.
– Por que acha que você era um alvo tão especial para o O.P.U.S.? Todas aquelas pequenas e adoráveis conexões, estendendo-se para todos os lados, desesperada por ligar-se a alguém, a qualquer um.

Ele riu-se, pegando um cigarro.

Um Belomorkanal.

O último, ela pensou.

Ivan o acendeu e tragou.

– Você deve se dar tão bem na América, *ptenets*.

– Naquela baguncinha? Me dou mesmo.

Natasha ergueu a arma.

Atire.

Ela ouviu mais um pelotão de *snipers* entrar, assumindo postos ao redor de toda a câmara.

O plano reserva de Ivan.

Contou os passos.

Havia gente demais – muito mais do que ela gostaria.

Ele se preparou para isto. Para nós.

Prestou atenção.

Dez horas. Três. Cinco.

Nem foi preciso olhar. Os cálculos não adiantavam.

Mesmo assim, Natasha não conseguia se forçar a baixar a arma.

Ivan ergueu a mão.

– Não precisa – disse ele, olhando para trás. – Ela não vai atirar. Não consegue. – Ele tornou a encarar a agente. – Nunca conseguiria.

– Você parece tão confiante. Para quem está bem no meio da minha mira.
– Claro. Eu sei muito bem. – Ele apontou para o braço esquerdo dela, dando um sorriso torto. – Fui eu que cortei as suas asas.

Natasha acertou ainda mais a mira.

– Ainda não chegou a nossa lua, minha Natashka. Ainda temos muito a conquistar juntos. Eu sabia que você voltaria para mim. Por que mais eu teria feito tudo isso, senão por você?

– Porque você é um psicopata cínico, *camarada*.

Ele se aproximou.

– Porque é a sua missão, *ptenets*. Estar aqui, agora. Você só não se lembra. Só não sabe. Este laboratório contém o último protótipo funcional do O.P.U.S.

– Ou disfuncional. Seis por meia dúzia.

– Você fez exatamente o que lhe pediram. Provou que funciona. – Ivan sorriu. – Tudo de acordo com o plano de Yulia Orlova, a única cientista soviética que conseguiu resolver a charada do entrelaçamento quântico. – Ele apontou para o equipamento no centro da câmara. – Isso aqui é obra dela, o O.P.U.S. Foi nomeado pela equipe dela.

– Poupe-me dos detalhes – disse Natasha, mas Ivan estava trespassado.

Ele apontou para as grandes letras na lateral do casco de metal do aparelho, uma por vez. Seu dedo mal tocou um O prateado.

– Viu? Orlova. É ela. Antes de eu transformá-la em algo menos que humano.

Ivan passou o dedo para a letra P.

– Esse aqui era o marido de Yulia, claro. Anatoly Pavlov. Foi ele quem inventou a interface inicial entre cérebro e computador. Eu mesmo o matei.

O pai de Ava, Natasha lembrou-se.

Depois Ivan apontou para o U.

– Pyotr Usov. Era somente um funcionário da Sala Vermelha, mas mantinha o laboratório aberto por muito mais tempo depois de as portas se fecharem. Até que ele também teve um fim infeliz. Encontraram-no flutuando numa caixa d'água. Pedia demais para ser promovido.

Ivan deu de ombros e moveu o dedo uma última vez.

– O que nos leva humildemente a mim. – Ele sorriu. – Ivan Somodorov, este velho soldado. Defensor do Povo. Patriota da Sala Vermelha. Amigo antigo dos Romanoff, vivos e mortos.

– Que roubou tudo de todos e chamou de ciência – disse Natasha, curta e grossa.

– Ciência, não. Progresso. Não há como evitar o futuro. Isso é maior do que eu e você, Natasha.

– Orlova, Pavlov, Usov, Somodorov? O que é isso, um poema? – Ela apontou com o cano da arma para o rosto dele. – Escrito sob o ritmo do DNA de Ava?

– Um ato de rebeldia num instante de equívoco parental. – Ivan suspirou. – Não tem importância. Você fez o seu trabalho, e muito bem-feito. Voltou para mim e deixou este velho homem orgulhoso.

– Não se orgulhe – ela disse, muito seca.

Ele deu um passo adiante e pôs a mão no cano da arma de Natasha.

– Você não me engana. Será sempre *Devushki Ivana*. – Gentilmente, Ivan afastou o cano da arma. – Demorou muito tempo, mas você ficou esperando. Estou emocionado.

– Ainda não terminei. Tenho mais uma coisa a fazer. Também pela minha *Devushki Ivana*. – Ivan ficou intrigado. Natasha não desviava o olhar daqueles frios olhos russos. – Pode-se dizer que demorou muito tempo também, para todas as meninas do Ivan.

– Da?

– Da.

Antes que ele pudesse responder, Natasha apertou o gatilho.

Foi um estouro daqueles.

A bala voou, atravessando a mão que acorrentara Natasha ao radiador em tantas noites de inverno.

O projétil penetrou pelo maxilar de Ivan, estilhaçando-o e transformando osso em poeira.

Passou pela base do crânio.

Os olhos perderam o brilho.

As pernas cederam.

Antes de o corpo ir ao chão, Natasha desviou o olhar.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: Então você eliminou o alvo. Ivan Somodorov. Mais um item riscado da lista. Deve ter sido boa a sensação.

ROMANOFF: [pausa] Você já matou alguém, senhor?

DD: No Afeganistão. A 10 mil metros de altura.

ROMANOFF: Sem ofensa, senhor. Não é a mesma coisa. A sensação nunca é boa.

DD: Como é a sensação, agente?

ROMANOFF: Uma arma pode muito bem disparar nos dois sentidos, senhor. Você quer matar uma pessoa na mira? Então tem que aceitar que pode também matar a pessoa que puxa o gatilho. Não tem como escolher.

DD: Você parece dizer muito isso.

ROMANOFF: Sou russa.

DD: Era.

ROMANOFF: Era, senhor.

DD: Que seja. Você matou Ivan Somodorov.

ROMANOFF: Acho que preciso de uma lista melhor.

DD: E quanto ao O.P.U.S.?

ROMANOFF: Era o próximo item da lista.



33 AVA

*Instalações de Somodorov
Yerebatan Saray
Além das cisternas, Istambul*

O SURTO DE TIROS DE SNIPER QUE SE SEGUIU FOI ENSURDECEDOR, até mesmo nas porções mais distantes do laboratório.

Ava protegeu-se atrás de uma mesa tombada. Alex arremessou um soldado encapuzado contra um balcão de suprimentos atrás dele e agachou-se junto dela.

– Natasha – disse ele, sem fôlego. – Parece que ela está com problemas.

Ava olhou para a plataforma onde estava o O.P.U.S. Uma fileira de *snipers* ainda permanecia no caminho.

Mas isso não importava.

– Está demorando demais – falou a garota. – A gente tem que dar um jeito de ir até lá.

Alex concordou.

– Como?

Tenho que desligar o O.P.U.S.

Colocar o microdrive no aparelho e acabar com o exército.

Minha mãe começou tudo. Agora cabe a mim terminar.

Ela não respondeu nada.

Apenas sentiu quando começou a se mexer.

– Espere! – Alex gritou.

Ele pegou a arma de um soldado inconsciente e a jogou para Ava. Só então ela reparou que ele já tinha uma na mão.

– Vou atraí-los para longe de você. Você não vai conseguir avançar nem um pouco se eu não fizer isso – disse Alex.

– De jeito nenhum. É arriscado demais. Me dê cobertura daqui mesmo – discordou Ava.

Alex ergueu a arma.

– Só alguns segundos. Não vou ficar parado. Te encontro na plataforma.

Um tiroteio começou do outro lado do laboratório.

Ava não conseguia nem contar os disparos.

Alex já estava em movimento, não havia como impedi-lo. O garoto sacou a arma do cós e a destravou.

Ava olhou para ele.

– Você não foi treinado para isso.

– Vou ficar bem. Sou um Romanoff. – Alex tocou Ava no rosto. – Espere que venham atrás de mim. Depois você vai.

Balas voaram por cima dele. Tinham sido avistados.

– Abaixa! – Ava gritou, puxando o garoto o mais forte que pôde.

– Segura aí – ele gritou de volta. – Me dê cobertura!

Com toda a força, Alex lançou-se para a plataforma, mergulhando de cabeça na linha de fogo. Foi um salto rumo à fumaça e ao caos.

Momentos depois, ele gritou para Ava:

– Agora!

Ela disparou na direção da plataforma.

Ava logo avistou Natasha no outro canto da câmara, de costas para a porção mais distante do andaime de aço. Eram muitos os inimigos, mas isso nunca fora problema para ela.

Metade da câmara pegava fogo.

A poucos metros dali, o núcleo do O.P.U.S. faiscava e fumegava. Nem mesmo Alex tolerava a chuva de disparos que dominava o local.

Seria preciso agir rapidamente.

Alex escondeu-se atrás de uma estante de aço, disparando duas armas. Ava seguiu-o, assim que ele limpou a área. Estava poucos passos atrás dele, usando de toda a sua habilidade de dublê quântica de Natasha Romanoff.

Fique abaixada... mova-se rapidamente... cabeça baixa... não faça contato visual...

Discreta, veloz e ágil...

Ava viu quando Natasha ficou petrificada do outro lado da câmara. E a ouviu gritar, em russo:

– Saia daqui, meu irmão!

– Agora – o garoto disse, bem baixinho. – Agora, Ava!

E continuou disparando.

Ava nem conseguia falar. Ela cambaleou à frente e ajoelhou-se diante do O.P.U.S., então abriu um painel lateral com as duas mãos e procurou a entrada do microdrive, enquanto as balas voavam por cima de sua cabeça.

– Não consigo... não estou achando!

– Continue procurando – Alex gritou.

Ele não ficava um segundo sem atirar.

Ava avistou um painel lateral chamuscado, que faiscava, e o sacudiu, cada vez mais forte, até encontrar um cabo de energia solto o bastante para ser arrancado da lateral do equipamento. Ela o arrancou.

Houve um disparo de eletricidade, e um cabo ficou pendurado. Ela o jogou no chão, o cabo queimando como se alguém tivesse ateado fogo.

– Está danificado demais. Nem consigo ver onde encaixar o microdrive.

Pense.

Você não é apenas Ava Orlova.

Você tem o código da sua mãe e as lembranças da Natasha.

E o coração de Alexei.

Estão todos lutando com você e por você.

Dê um jeito de fazer funcionar.

Ela olhou para a massa de fios no cerne do O.P.U.S.

É um circuito.

Complexo, mas essencialmente um circuito, conectado a uma CPU.

É possível hackear.

Natasha saberia hackear.

Do emaranhado de fios, ela puxou um vermelho e grosso. Depois um azul. Após morder as pontas de cada um, entrelaçou-as.

Em seguida, enfiou a mão bem no meio da máquina e tirou dali o cérebro – a placa-mãe, do tamanho de uma caixa de sapato.

Pronto.

Vou poder conectar o microdrive se puder rearranjar os fios desse setor...

O equipamento faiscava nas mãos dela, e uma teia de eletricidade azul espalhava-se por todo o aparelho. Foi quase impossível não deixar o microdrive cair.

Ela olhou para Alex.

– Isso tudo está vivo, Alex! O laboratório inteiro pode explodir a qualquer minuto!

Ele também havia reparado nisso.

– Você tem que continuar!

Nesse momento, o braço de Alex sacudiu. Uma bala passou por ele de raspão, fazendo-o largar a arma. Ava deu um berro. Ela ouviu mais tiros, então pegou a arma e disparou na direção do atirador. Um *sniper* distante ainda mirava Alex – Ava podia ver a luzinha vermelha no peito dele.

– Alexei! – ela gritou. – Alex, não!

A bala foi disparada, encontrando logo seu alvo, que não foi Alexei Romanoff. O projétil acertou, na verdade, o cabo de força faiscante que ele tinha acabado de arrancar da lateral do equipamento. As mãos de Alex estavam pretas e chamuscadas só de tocar no cabo, mas isso não o impediu de continuar.

– Quem é que precisa de espada? – ele gritou. – Se me quiserem, podem vir!

Ava entendeu o que ele quis dizer pelo modo com que Alex brandia sua nova arma, de rosto erguido, rebatendo as balas como faria um urso gigante com um enxame de abelhas.

Até ele cair ao lado dela.

Ava gritou.

– Alex, não!

Deitado de costas, Alex abriu os olhos. E conseguiu falar apenas duas palavras.

– *Sdelaty eto...*

Faça logo.

Mais balas perfuraram o aparelho em torno dela, e Ava agachou-se para se proteger. Sangue vazava dos ferimentos de Alex, manchando o piso de pedra debaixo dele.

Natasha apareceu ao lado de Ava.

Sem hesitar, a agente pegou o cabo de força das mãos de Alex e olhou para a garota.

– Kabul, lembra?

Ava fez que sim. Aquele não era somente o nome de uma cidade do Afeganistão, mas também uma operação. Das mais infames.

A garota soube, então, exatamente o que Natasha estava pensando. E olhou de Alex para o O.P.U.S.

– Rápido!

Natasha saiu correndo pela porta do laboratório, desviando dos disparos e levando consigo os cabos de energia.

Quando alcançou a beira da passarela de madeira, estancou. A visão dali era das piores. Centenas de capangas de Ivan, vestidos como os policiais de Istambul, invadiam a caverna e tomavam as passarelas.

Armados até os dentes.

Natasha ergueu a massa inchada de cabos de aço bem acima da cabeça, dando um chute no atirador que tentava sair da água, logo abaixo.

Com um golpe no crânio do mercenário, o homem afundou de volta na água – mas não antes de a agente jogar ali, junto dele, os cabos de energia, em chamas.

Uma onda de choque branco-azulada percorreu toda a cisterna, saltando da superfície da água como se o próprio líquido estivesse em brasa.

Este é o cheiro.

De queimado.

A cisterna em chamas.

Até a água em chamas.

Os gritos dos atiradores ainda imersos na água foram de pura fúria. Não morreriam, mas também não ficariam conscientes.

Natasha Romanoff acabara de derrubar metade do exército de Somodorov.

Em cinco segundos.

Ela afastou-se do tsunami de fogo que envolvia o maior lago da cisterna e pôs-se a correr como se sua vida dependesse disso.

E dependia mesmo.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: E daí?

ROMANOFF: Pare de gravar.

DD: Eu nunca paro de gravar.

ROMANOFF: Senhor.

DD: Continue.

ROMANOFF: O resto é pessoal. Não tem nada a ver com salvar vidas de norteamericanos. Não tem nada a ver com salvar a vida de ninguém.

DD: O que você pensa ser pessoal na sua vida a esta altura, agente Romanoff?

ROMANOFF: Não. Isso não te pertence. É meu. Algumas coisas têm que ser só minhas.

DD: Quem falou?

ROMANOFF: Isso não tem a ver com a Iniciativa Vingadores, nem com a segurança pública da Turquia, nem com uma missão para manter a paz mundial. É a minha vida.

DD: Você é a última linha de defesa dos cidadãos dos Estados Unidos, agente. Sem falar no restante do mundo. Aja como tal.



34 AVA

*Instalações de Somodorov
Yerebatan Saray
Além das cisternas, Istambul*

AVA APERTOU A MÃO DE ALEX NA SUA. A pele dele estava pálida e úmida, então Ava a apertou mais e mais.

– Fica comigo, Alex. Falta tão pouco.

Ele fez que sim com o rosto, mas não abriu os olhos.

Ava voltou a atenção para o equipamento à sua frente. O O.P.U.S. praticamente brilhava. Estouros reluzentes de energia pareciam pulsar de dentro do imenso ninho de fios.

– Está indo. Acho que coloquei para funcionar. Agora posso gerar o curto-circuito.

Chegara o momento.

Ela fuçou no bolso, em busca do microdrive.

Era tudo de que precisava naquele momento – o último passo para dismantelar o pesadelo que era o projeto de Ivan. Pelo menos, era esse o esperado. Contanto que o código que Natasha escrevera funcionasse.

A garota olhou para Alex, que ela tinha rolado de lado para ajudar a conter o sangramento da perna e do braço direito dele, cujo ferimento ela também prensava com a mão.

– Chegou a hora, né? – disse Alex, abrindo os olhos.

Ela fez que sim.

– Vai dar certo.

– E se não der?

– Então vamos fazer tudo de novo – disse o garoto, tentando sorrir, mas acabou fazendo uma careta. – Vai lá. Faça logo.

– Dez segundos.

Após estudar a placa-mãe, ela encontrou o ponto em que poderia inserir diretamente o microdrive.

– Cinco.

– Vai amarelar, é? – brincou Alex, de olhos fechados, com a voz fraquinha.

Ava sabia que ele precisava voltar logo para casa, antes que perdesse mais sangue.

– Melhor que levar cartão preto – ela rebateu, analisando o equipamento à frente.

Três.

Dois.

Um.

Agora.

Ela enfiou o microdrive na placa-mãe solta e conectou um último fio faiscante, completando o circuito.

Pronto.

Ela fechou os olhos e agachou-se junto de Alex. Os lábios dele curvaram-se num sorriso. Foi a última coisa que ela sentiu na bochecha.

– *Molodets.*

Bom trabalho, pequena.

Então o mundo explodiu em volta dela.

Em volta deles.

Em milhões e milhões de estilhaços do passado.

De Ava, de Alex e de Natasha Romanoff.

De Yulia Orlova e Anatoly Pavlov. De Pyotr Usov. Principalmente de Ivan Somodorov.

Nuvens de fumaça preta e espessa ampliaram-se feito um balão em torno da garota, envolvendo ela e todos os que ainda viviam. As nuvens percorreram toda a caverna das cisternas, sublevando-se pelos túneis e explodindo pela entrada.

Um batismo, ela pensou.

Só que com fumaça e fogo e morte e destruição...

E sem a igreja.

A maior das maiores explosões...

Só que do tipo que acontece no final de um universo...

Não no começo.

Ava sentia que perdia a consciência, tendo suas forças drenadas de si.

O fantasmagórico, porém vívido, ponto de vista de Natasha Romanoff começou a esvanecer.

Estava funcionando.

Ava estava esquecendo.

Não tudo – mas a parte que não lhe pertencia.

De tudo o mais, ela se lembrava.

Talvez este seja o último presente da minha mãe.

O lembrar.

Ava tirou de cima do corpo uma placa de metal chamuscada e torta. A base do painel tinha derretido completamente.

– Acabou – disse, sentando-se, em meio a um mundo de poeira branca e cinzas. – Digo, acho que acabou mesmo. Eu sinto.

Ela pôs a mão na bochecha quentinha de Alex.

– Anda, Alex. Vamos embora daqui. Vamos dar um jeito em você.

– Mandona – ele murmurou.

Um banho.

É isso o que eu quero.

Lençóis limpos encobrindo nossa cabeça por uns mil anos.

E Alexei Romanoff ao meu lado por mais mil.

Ela olhou para ele. O rosto dele estava pálido, mas os olhos se mexiam debaixo das pálpebras fechadas.

– Consegue andar? – Ela pegou a mão dele e a apertou.

– Por você eu faço qualquer coisa. – Os lábios dele quase não se mexeram ao dizer essas palavras. – Sempre.

A última palavra foi um sussurro solto, dita enquanto ele apertava a mão dela. Bem fraquinho.

Uma – depois outra vez.

– Calma – ela disse. – Só mais alguns minutos.

Alex perdera muito sangue.

Ele era o motivo pelo qual ela continuava viva – e também pelo qual ela tinha sua mente de volta.

Se ele não tivesse atraído as balas de metade dos atiradores de Somodorov, talvez ela jamais tivesse conseguido desligar o O.P.U.S.

E se a mãe dela não tivesse aceitado o trabalho em Luxport – se não tivesse tocado aquele projeto –, se o pai não tivesse trabalhado no laboratório em Istambul, talvez Ivan não a teria tirado deles para usá-la em seus experimentos.

Mas, se ele não a tivesse levado, ela teria conhecido Natasha Romanoff?

E, se não tivesse conhecido Natasha Romanoff, teria encontrado o caminho que a levou a Alex?

Ava nem quis pensar nisso.

Ela ouviu Natasha chamando de muito longe, abrindo passagem por entre os destroços.

– Temos que dar o fora daqui. A polícia, a de verdade, está em todo canto.

– Aqui – Ava gritou de volta.

Com a fumaça rarefeita e os olhos ardendo, Ava soube que ainda havia algo faltando.

Uma única coisa que faltava fazer.

Algo que jamais fizera antes.

Ela rolou de lado, mesmo toda cortada e sangrando, mesmo com os destroços duros feito uma cama de pedras e de cacos de vidro debaixo de seu corpo.

– Eu te amo, seja lá qual for o seu nome. Alex Manor ou Alexei Romanoff. Está me ouvindo? Eu te amo. Quero brincar com o seu cachorro no parque e conhecer seu gato idiota. Quero lutar esgrima com você e dançar com você e tomar sorvete com você. E quero te beijar, te beijar muito, até não saber mais onde você termina e eu começo. – Ela enterrou o nariz na camisa dele, sentindo seu perfume. – O que você acha disso?

Um barulho áspero cortou o ar quando Natasha empurrou uma mesa para longe, tirando-a do caminho.

– Alex?

Ava estava encaracolada junto dele, tentando escutar o bater sólido e estoico daquele coração, como fizera quando adormeciam no Hotel Dacha Odessa, na noite anterior.

Ela esperou.

Não ouviu nada.

Procurou de novo.

– Alexei?

Inconformada, Ava ergueu-se para perto dele e tocou seu rosto todo ensanguentado.

Estava frio.

Ela percebeu, então, que Natasha gritava – mas havia algo de errado, porque Ava não conseguia ouvir nada.

O mundo caiu no silêncio – como se sangue vazasse pelo próprio ouvido dela, em vez do dele.

Tudo parou. Nada se mexia. Ela não sabia mais se o fogo na água ainda ardia, ou se ainda caíam cinzas pelo ar.

Não importava.

Mais nada.

Nada.

Rolou o garoto de lado.

Soprou ar para dentro da boca roxa dele.

Beijou seus lábios frios.

Tocou-lhe o rosto lívido.

Muito longe, a irmã batia com os punhos no peito dele.

Sem parar.

Dentro e fora.

Respire, droga!

Respire!

Está como mármore.

Já...

Como meus pais.

Como Ivan.

Como a neve que cobria o rosto de Alexei nos pesadelos.

Ninguém devia ficar como mármore.

As pessoas têm que ser quentes.

E têm que ficar.

E têm que tocar.

E têm que sussurrar.

E têm que rir e amar.

E chorar e esperar.

E esperar.

Espere.

Alexei Romanoff.

Você tem que esperar!

Esperar por mim!

Alexei...

Não!

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,

AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

Registro de evidência: Como o recebido pelo Birô Turco da S.H.I.E.L.D., escritório de Istambul.

O.P.U.S. permanece chamuscado, recuperado, engradado.

A ser despachado para instalação segura da S.H.I.E.L.D., para mais pesquisa e desenvolvimento.

Nota: Todas as entradas/saídas do equipamento foram desconectadas.

Aparelho foi desativado e inutilizado.

Sujeitos afetados pelo O.P.U.S. tiveram condicionamento mental prévio restaurado.

Informações confidenciais foram determinadas como "FORA DE RISCO".

[Romanoff_N]



35 NATASHA

Transportador da S.H.I.E.L.D.

Em algum ponto acima do Mediterrâneo

– **NÃO. EU NÃO VOU!** – gritava Ava, na área de carga do avião da S.H.I.E.L.D.

De Coulson. Natasha não conseguia pensar, muito menos pilotar.

Ava socou a porta de metal até a mão começar a ficar roxa.

– Me solta! A gente não pode deixá-lo aqui. Temos que esperar. Alex vai voltar.

Enquanto ela falava, o piso do avião começou a inclinar. Ava cambaleou, mas Natasha a manteve de pé.

Tinham de ir embora, querendo ou não.

O treinado cérebro de Natasha estava no piloto automático. Foram duas horas e quarenta minutos de carro até a fronteira com a Bulgária. E, no avião, após poucos minutos, já não mais estavam sobrevoando o espaço aéreo turco.

O que significava que estavam mesmo indo embora.

Natasha pousou a mão nos cabelos revoltos da garota.

– Ava – disse, gentilmente. – Alexei não vai mais voltar. Ele se foi. Cada parte dele se foi. Você também sabe disso.

Ava afundou no piso do avião.

Natasha agachou-se junto dela.

Ava tremia. Tentou falar, mas a boca dela tremulava tanto que era difícil formular as palavras.

– Mas ele estava comigo hoje de manhã. Nós dois. No hotel.

Parecia impossível.

Tinha de ser.

Natasha compreendia tudo.

– Eu sei. Mas ele teve que ir.

Ela abraçou a garota, que se aninhou tão apertado em seus braços que Natasha teve medo de sua arma disparar.

Ava ainda tremia, chorando.

– Por quê? – ela perguntou.

Natasha focou os olhos na janela, tentando evitar que marejassem.

– Eu não sei.

– Por que todo mundo vai embora? Por que sempre só ficamos eu e você?
– interrogou Ava, com palavras quase ininteligíveis.

Natasha flagrou-se incapaz de olhar para a garota. Não conseguia olhar para nada além da parede oposta. Ali, naquela brancura sólida, ela tentava esconder tudo que estava sentindo.

– Não sei também.

– Não é justo – disse Ava, com a voz muito rouca.

Natasha respirou fundo.

– Não é.

– Não me deixe.

– Não vou.

Natasha olhou para o teto. Receava que apenas a parede de aço não fosse forte o bastante para conter tudo o que ela estava sentindo.

Ao virar os olhos para o alto, sentiu o líquido quentinho que começava a juntar-se sobre seus cílios.

Não.

Ainda não.

Não eu.

Não posso chorar agora.

Foi uma questão de segundos até que o teto ficasse tão carregado quanto as paredes, até que os olhos de Natasha comessem a arder de tanta pressão.

Era sentimento demais para alguém conseguir suportar.

Quando vai ser a minha vez?

Quando é que eu vou poder pedir para não ser deixada?

Quem vai estar me abraçando?

Natasha Romanoff desistiu.

Deixou que teto e paredes viessem abaixo. Deixou que tudo se quebrasse em mil pedaços ao seu redor. Deixou que o mundo acabasse.

Meu irmão se foi.

Meu irmão, o que restava da minha família.

Eles venceram, e eu perdi.

Meu irmão e eu.

Uma parte de mim também nunca mais vai voltar.

Roubaram-no de mim por anos, e agora ele se foi.

Natasha fechou os olhos e deixou as lágrimas fluírem.

Elas escorreram pelo rosto, pelo pescoço, pelos cabelos dela.

Foram escorregando até pingar em cima da cabeça de Ava, aninhada em seus braços, mas a garota soluçava demais para notar.

E, se notasse, não ligaria.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA
ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

Certificado de óbito: Adolescente, menor falecido.

Nome: XXXXX

Idade: XXXXX

Sexo: XXXXX

Nacionalidade: XXXXX

Data de nascimento: XXXXX

Data: XXXXX

Local: XXXXX

Hora: XXXXX

Operação: XXXXX

Causa da morte: XXXXX

[EDITADO]



36 AVA

*Igreja de Todos os Santos de Montclair
Montclair, Nova Jersey*

A ORQUESTRA DA ESCOLA MONTCLAIR TOCOU TCHAIKOVSKY NO ENTERRO.

O lago dos cisnes.

A mãe de Alex Manor – ou melhor, a agente de campo veterana da S.H.I.E.L.D. que fazia o papel de mãe de Alex Manor – não conseguia parar de chorar.

Ela ficou com o rosto escondido no lenço por quase uma hora. Nesse dia, não estava de blusa de gatinhos. Fosse quem fosse, a atuação dela era bem convincente. Ava teve de admitir. Vai ver até uma agente acabava se apegando. E, considerando que se tratava de Alex, as lágrimas podiam de fato ser genuínas. O garoto sabia fazer as pessoas gostarem dele – era um de seus charmes.

Assim como a irmã sabe fazer as pessoas se afastarem dela.

Ava olhava para os bancos, procurando conter o choro. Mesmo usando óculos escuros emprestados, recusava-se a chorar ali. Não queria chorar na frente daquelas pessoas.

Esses estranhos.

A igreja estava lotada de alunos da escola, os mesmos rostos que, em seus sonhos, Ava via rindo. Era esquisito vê-los chorando. Somente o amigo de Alex – o melhor amigo de Alex –, Dante, parecia estranhamente composto.

Ele estava sentado em frente ao caixão, ao lado de outros cinco meninos sem nome e sem rosto, que Ava vira apenas no campeonato de esgrima.

Dante não tirava o braço dos ombros da irmã mais nova, que chorava.

Aquela é a Sofi.

Alex disse que ela se chama Sofi.

Ava estava sentada no último banco, ao lado de Natasha, que estava disfarçada, com peruca loira e óculos escuros gigantes que a faziam lembrar uma modelo parisiense cansada de viagens. Coulson, do outro lado, estava com a cara de sempre.

O homem parecia incapaz de demonstrar algo.

Tony Stark, relutante, preferira ficar em casa. De qualquer maneira, não haveria como explicar a presença de Tony Stark no enterro de um garoto qualquer dos subúrbios de Nova Jersey.

Steve Rogers enviara flores no formato da bandeira norte-americana, por respeito a Natasha. O mesmo fizera Pepper Potts. Bruce Banner, o último dos Vingadores, enviara apenas um recado num envelopinho branco. Natasha ainda estava com o papel na mão.

Ava olhou para o programa da cerimônia que tinha em mãos, no qual havia uma foto de Alexei usando sua jaqueta de esgrima, de espada em punho. Estava com o jeitinho de sempre, confiante e divertido, cheio de atitude e vida.

Ela tocou o fio branco da foto – a espada. A antiga bolsa de Alex estava largada, sem uso, no apartamento de Natasha. O equipamento de esgrima ela dera a Ava, pois nem mesmo ela suportara jogar tudo fora. Ava, por sua vez, não sabia como nem quando seria capaz de abrir aquela mala.

Talvez nunca.

O ar ficou preso na garganta.

Subitamente, a garota se flagrou de pé. Tinha que sair dali. Ela então deslizou para o corredor e desapareceu no estacionamento da igreja.

Foi lá que acabou dando de cara, horrorizada, com o carro fúnebre.

O carro fúnebre de Alexei.

O que o levaria ao cemitério, à sepultura.

Uma sepultura de verdade.

Onde ele ficaria, para sempre.

Não.

Não é verdade.

Não pode ser verdade.

Ava afundou na calçada e permitiu que as lágrimas finalmente comesçassem a cair. Ela tirou os óculos escuros, deixando que os olhos se ajustassem à luz. Por trás das lágrimas, teve uma familiar sensação de ardência, a mesma que sentia desde Istambul.

Sabia como estava sua aparência: a mesma boa e velha Ava, só que inevitavelmente mudada. Tudo estava diferente, e não era somente seu coração partido. Desde a detonação do O.P.U.S., suas pupilas faiscavam uma luz azul pulsante que ela não sabia como explicar. E a mudança não era apenas essa...

Você se foi, Alexei.

Você me deixou, e agora estou sozinha com tudo isso.

Não é justo.

Ava não sabia o significado de nada daquilo, não sabia como reagiria – a qualquer coisa que fosse – sem ele.

Sabia somente que tinha de tentar, por eles dois.

– A gente nunca acha que alguém que a gente conhece um dia vai andar num desses, né?

Era uma voz amigável.

De um desconhecido.

Ava apressou-se a limpar os olhos, pega de surpresa.

Ela se virou para olhar quem era e viu Dante Cruz sentado na calçada, ao lado dela. As mangas da camisa dele estavam enroladas até o cotovelo. Ele estava sem casaco. De olhos vermelhos. Andara chorando. Quando ele viu o rosto dela, ficou igualmente surpreso.

– É você – disse Dante. – O que está fazendo aqui?

– Como?

Ava ficou nervosa. Tentou se recompor, mas o coração martelava. Ela não tinha nada a dizer aos amigos de Alex, principalmente ao melhor deles.

Não na vida real.

Eu nunca participei da vida real dele.

– Sou Dante, amigo do Alex. Dante Cruz. E você é a garota da Filadélfia. De quem Alex estava a fim no campeonato.

Claro.

Isso é tudo o que ele sabe.

Ava ficou aliviada. E de coração partido.

– Meu nome é Ava. Ava Orlova. E não faço ideia do que você está falando.

– Não, não. Estou te reconhecendo. Foi você que ficou olhando para o Alex. Na última vez em que vi meu melhor amigo.

Ava não sabia o que dizer.

– Eu não...

– Eu contei à polícia sobre você, quando ele sumiu. Tentei fazer que fossem te procurar. Até descrevi seu rosto para o cara do retrato falado, na delegacia. Mas ninguém achou pista nenhuma.

– Não era eu.

– Então por que veio aqui?

– Alexei e eu éramos amigos. Eu... vou sentir muita falta dele também.

Dante parecia não acreditar.

– Alex. O nome dele é Alex. Você podia pelo menos falar o nome dele direito – disse o garoto, irritado, pegando Ava de surpresa de novo.

Ele olhou para ela. Quando o fez, exibiu cada pedacinho que tinha de filho de capitão da polícia. Um olhar obscuro, uma expressão que parecia exigir a verdade.

– Tá. Beleza – disse Ava. – Eu posso ter estado na Filadélfia.

O garoto, contudo, já sabia disso. Ele não precisava que ela admitisse. Parecia inconformado. Ava ficou apreensiva.

– Só me diga uma coisa, Ava. Se você não tivesse ido até ele no campeonato, se não tivesse chamado a atenção dele... meu melhor amigo ainda estaria vivo?

Ava não conseguiu responder. Não conseguiu dizer. Não conseguiu enfrentar.

Não Dante Cruz, dentre todos os outros.

O garoto fazia mais parte da família de Alex do que a própria Natasha. As lágrimas então abriram um ardido caminho até a fronte dos olhos de Ava.

Você sabe que a culpa é minha.

Claro que a culpa é minha.

Ele ainda estaria vivo se não tivesse me conhecido.

Se eu não tivesse sonhado com ele.

Se Natasha não o tivesse perseguido.

Se eu não tivesse tido acesso à mente dela, a cada passo que ela dava.

Tudo o que aconteceu foi por causa de uma de nós.

Natasha e eu.

As duas pessoas que o amaram mais que qualquer outra.

– Eu imaginei – Dante disse, amargamente. Ele se levantou, deixando Ava sozinha na calçada. – Tenho que voltar lá para dentro. Tenho um caixão para carregar e meu melhor amigo para enterrar.

Com o mais gélido dos olhares, Dante pendurou a jaqueta sobre o ombro.

– Sinto muito – disse Ava, arrasada. – Sinto tanto a falta dele...

Dante estava olhando, mas ela não conseguiu mais conter as lágrimas.

Nem tentou, desta vez.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

DD: O que espera que eu diga?

ROMANOFF: Minhas expectativas são espantosamente baixas, senhor.

DD: Não consigo decidir se você deve ser suspensa ou encarcerada.

ROMANOFF: O que eu mereço não é o mesmo que deve ser feito.

DD: Por sua causa, um garoto está morto.

ROMANOFF: Não é preciso me lembrar disso.

DD: Anotado. Mas saiba que só você é responsável pelas suas ações, agente. Comece a agir de acordo.

ROMANOFF: É o que sempre faço.

DD: Algo mais a dizer?

ROMANOFF: Não é o que tenho a dizer que importa, e sim o que tenho a fazer.

DD: Que é...?

ROMANOFF: Com todo o respeito, senhor, não é do seu governo.

DD: Terminou?

ROMANOFF: Ainda não. Vá se ferrar, senhor. Agora eu terminei.

DD: Mas isso é um absurdo, agente Romanoff... Talvez o absurdo dos absurdos... [agitação] Agente? Aonde você vai? Não pode dar as costas a um

agente federal!

*Onze meses
depois*



37 NATASHA

*Academia de Operações da S.H.I.E.L.D.
Edifício administrativo*

NATASHA ROMANOFF CRUZOU A ENTRADA PRINCIPAL DA ACADEMIA, limpando a neve de sua jaqueta de couro preta e parando somente em frente ao Mural do Valor, o memorial da agência clandestina, gravado em pedra, em homenagem aos que pereceram.

Ela prendeu o ar quando viu o nome dele. Foi como ver a própria lápide.
ALEXEI ROMANOFF.

Natasha refez o traçado das letras com o dedo, inclinando o rosto contra a pedra.

Faz quanto tempo, quase um ano?

Você não se foi.

Está rindo. Está aprendendo a andar de bicicleta. Correndo atrás de uma bexiga no zoológico de Moscou, todo coberto de neve. Brincando com um cachorro que pula até quase a altura da sua cabeça.

Ela fechou os olhos.

Alguma parte disso aconteceu mesmo? A nossa infância? Teve algo de real, além da Sala Vermelha? Algum dia eu vou saber?

O que restou do que me pertence?

E quanto do que pertence a eles continua enterrado na minha mente?

– Surpresa? – perguntou Coulson, atrás dela.

Natasha abriu os olhos, levando um susto, e afastou o rosto da parede.

– Não esperava. Ele não era agente. Não ainda.

– Teria sido um dos melhores, certamente. Mostrou que tinha muito potencial. Vai saber quantas vidas ele salvou em Istambul.

Natasha concordou, finalmente forçando-se a virar para ele.

– E Ava?

– Vem. Vou te mostrar.

Natasha espiava pela janela de uma porta qualquer, num corredor qualquer.

– Ela fala sobre o assunto?

– Não. A não ser que precise.

– Não está dando trabalho?

– Na verdade, está progredindo. É a melhor da sala em todas as disciplinas, agente Romanoff.

Natasha fitou o agente Coulson.

– E a... situação dela?

Ela não sabia muito bem como se referir à misteriosa eletricidade azul que percorria o corpo de Ava desde que o O.P.U.S. explodira, em Istambul. A garota havia recebido a maior parte da descarga elétrica, pois estava perto demais do raio da explosão.

Se Alex tivesse sobrevivido...

– Ava não perdeu a vivacidade, se é isso o que quer saber – disse Coulson. – Ainda não sabemos muito bem. Deixamos que ela passasse por experimentos no laboratório. Ela se equipou com duas espadas antigas que tinha, que agora são estendíveis e retráteis. Parecem ajudar a canalizar o poder.

As espadas de Alexei, pensou Natasha. As que ele lhe deu. Então não sou a única que não está conseguindo esquecer.

Natasha apenas assentiu.

– E?

Coulson deu de ombros.

– Digamos apenas que eu odiaria ser o cara a sofrer um ataque dela.

– E você mesmo a tem monitorado?

– Eu apareço de vez em quando, como prometi. Mas não sou só eu, sabe? Ela ainda conversa com a filha do taxista. Acho que a menina cuida do gato dela.

– Oksana.

Ele fez que sim.

– E Ava recebe uma ou outra ligação de Tony Stark. Parece que ele gosta de contar piadas.

Natasha fez cara de tédio. *Quem consegue entender por que Tony Stark faz as coisas que faz?*

– Mais alguma coisa? – ela perguntou.

– De vez em quando recebe uma carta de um garoto chamado Dante Cruz. Ele era...

– Amigo do meu irmão. Eu sei.

Natasha acompanhou Ava escalando uma parede de alpinismo, com o rabo de cavalo sacudindo atrás de si. Ela parecia não pesar um grama. E não ter limites. Nada podia contê-la.

Era como se a parede em frente a ela fosse a única coisa que importasse, a única coisa na qual ela tinha de pensar.

Ela não parece quase um ano mais velha. Parece quase um ano mais nova.

– Pode ir – disse Coulson.

Natasha entrou.

Uma dúzia de alunos da Academia – meninos e meninas – estava suspensa em cabos, descendo de rapel do alto teto do ginásio.

Ava girou no cabo, avaliando os alvos ao redor. Ela ergueu a perna e deslizou a arma para a mão, derrubando os alvos em torno dela sem nem piscar.

Ataque perfeito.

Foi somente então que Natasha percebeu que Ava não disparara um tiro sequer. A Glock que a garota segurava ainda crepitava com a luz azul clara. Pelo visto, a arma na mão de Ava funcionava como um aparelho de pulso eletromagnético, descarregando a energia da própria menina. Era quase como se ela fosse Zeus, disparando relâmpagos dos céus.

Natasha ficou impressionada.

– Viu o que eu disse? – Coulson comentou.

A agente não tirava os olhos de Ava.

– Ela está mesmo com muita vivacidade.

Com o soar de um aviso sonoro, os cabos restantes desceram até o chão – pousando os recrutas consigo.

Ava ergueu o pulso para comemorar.

– Isso aí!

Natasha a observou. A garota do rabo de cavalo cor de canela. Difícil de acreditar que era a mesma pessoa.

– Ela está pronta?

– Algo assim – disse Coulson. – Só se passaram onze meses, mas, como eu disse, ela é a melhor da turma.

– E os pesadelos?

– Melhoraram. Não cessaram, no entanto. Ela precisa de uma família, agente Romanoff. Uma equipe de apoio, algo mais do que uma amiga. Talvez você possa ajudar...

– Eu não tenho família – Natasha respondeu automaticamente.

Ava não havia notado a presença da agente até que outros alunos começaram a sussurrar, empolgados. Natasha Romanoff era a Viúva Negra, e, nas academias da S.H.I.E.L.D., os Vingadores eram mais do que celebridades.

Eram heróis.

Ava olhou para Natasha, e os olhos das duas se encontraram. Algo próximo a um sorriso surgiu nos lábios da garota.

Ela então se soltou do cabo, dando um pulo à frente – um giro completo em pleno ar – do mesmo modo que fizera na ponte, na Filadélfia.

Só que, desta vez, sem Alex.

Natasha assistiu a tudo do solo. O salto não lhe passara despercebido. Nem o recado.

Estou aqui. Estou me dando bem. Sei o que estou fazendo.

Não sou mais criança. A garotinha se foi.

Quando pousou no chão perante os agentes, a jaqueta que ela usava – um pouco fora do regulamento – se destacou. Era feita de Kevlar branco, de mangas compridas, colarinho alto e bem justa ao corpo. Pelo visto, era uma jaqueta antiga de esgrima, cortada e costurada para servir como uma luva.

Ava virou-se para pegar uma garrafa de água e, com isso, fez o coração de Natasha quase parar. Não era uma jaqueta qualquer que a garota usava. Era a jaqueta de Alexei. Letras de forma um pouco apagadas ainda formavam o nome MANOR nas costas dela.

No instante em que Ava foi em sua direção, Natasha reconheceu o familiar desenho bordado à mão e brilhantemente estampado no peito da jaqueta dela. Duas ampolhetas vermelhas em formato de cruz, compondo quatro reluzentes triângulos vermelhos que se encontravam no centro.

Natasha sorriu, apontando para o símbolo.

– Então, Viúva Rubra, hein? O nome tem feito sucesso?

Ava deu de ombros.

– Não tenho tanta pressa.

– Ah, é? De quanto tempo vai precisar? – Natasha mostrou-lhe um molho de chaves. – Olha, eu tenho um avião, e a S.H.I.E.L.D. tem uma base no Rio de Janeiro. Um velho amigo está com uma situação bem complicada fervilhando na América do Sul...

– E aí? – Ava perguntou, intrigada.

– E aí que eu devo uma a ele. E, claro, seria bom contar com apoio. Ou, pelo menos, enfim, com uma companhia para a viagem.

Coulson pareceu surpreso.

Natasha sorriu.

– O que me diz? Quer me ajudar a me livrar dessa dívida... Viúva Rubra?

Ava deu de ombros.

– Se você quiser – respondeu ela, finalmente, tirando sarro.

É como olhar num espelho, pensou Natasha. *Ou como ter uma sombra.*

Ela sorriu.

– Pegue suas coisas. Te espero lá fora.

Ava olhou esperançosa para Coulson.

Ele assentiu, e a garota desapareceu porta afora, antes que ele mudasse de ideia.

Garota esperta.

No momento em que Coulson acompanhava Natasha até a entrada da Academia, Ava já estava lá fora, debaixo da neve, ao lado de uma reluzente moto e com uma mala cheia do que Natasha suspeitava ser equipamento de espionagem.

E tremendo de frio.

Coulson apontou para a moto.

– Moto nova?

Natasha fez que não.

– Amanhã é aniversário de Ava. Esse é o presente dela.

– Ah – disse Coulson, sorrindo. – Bom, espero que desta vez você tenha se lembrado do cartão.

Natasha tirou um do bolso. Coulson tateou os bolsos em busca de uma caneta.

– Eu tenho aqui uma Montblanc de 1956, fonte...

– Já assinei e tudo. Usei uma BIC.

Ele riu.

– Pegue leve com ela.

Natasha ficou só olhando. Coulson suspirou.

– Tá bom. Peguei pesado.

Quando a agente ia partir, Coulson a segurou pelo braço.

– Ela pode não ser o seu irmão, agente Romanoff, mas ainda é o mais próximo que você vai chegar de ter uma irmã. Ou, quem sabe, uma amiga.

Natasha abriu a porta do avião. Seus lábios então se curvaram em algo similar a um sorriso.

– Sabe, isso é difícil para o emocional, Phill.

– Ah, é? – Ele sorriu. – Eu diria que é um começo, Natasha.

– Bom, sem dúvida não é o fim.

Dizendo isso, Natasha saiu para uma noite de muita neve.

ACESSO EXCLUSIVO S.H.I.E.L.D.

NÍVEL DE SEGURANÇA X

INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

REF: CASO S.H.I.E.L.D. 121A415

AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA

TRANSCRIÇÃO: DEPARTAMENTO DE DEFESA,
AUDIÊNCIAS DE INQUÉRITO DE MES

NOTA DO DIRETOR: Segue abaixo o primeiro arquivo existente atribuído ao caso 121A415.

COULSON: Agente Romanoff, está disponível para uma missão? O diretor Fury quer que você trabalhe sozinha nesta.

ROMANOFF: Estou um pouco ocupada. Cachorrinho novo.

COULSON: Peraí... Você arranhou um cachorro?

ROMANOFF: O que você acha?

COULSON: Certo. Precisamos de você em Odessa em doze. O MI6 tem dados sobre um SVR antigo que andamos rastreando.

ROMANOFF: Alvo?

COULSON: Pense nisso como uma chance de você se reconectar com um velho amigo. Ivan Somodorov.

ROMANOFF: Tenho tantos amigos quanto cachorros. Chego em seis.

COULSON: Nunca é tarde para fazer amigos, agente Romanoff.

ROMANOFF: Sempre é tarde.

COULSON: Você pode me chamar de Phill, por exemplo.

ROMANOFF: Romanoff desliga.

ARQUIVOS PARTICULARES:

QUADRO BRANCO

EXTRACONFIDENCIAL

DE: Romanoff, Natasha

PARA: Romanoff, Natasha

TESTEMUNHA: Coulson, Phillip

Eu, Natasha Romanoff, juro que, nesta data <<ver arquivo>>, pedi ao agente da S.H.I.E.L.D. Phillip Coulson que realizasse uma limpeza nível alfa seis no meu próprio córtex cerebral e no do meu único irmão vivo, Alexei Romanoff.

Eu, Natasha Romanoff, afirmo que tanto eu quanto meu irmão concordamos com esse procedimento, na esperança de esconder da Sala Vermelha os únicos membros sobreviventes de nossa família.

Eu, Natasha Romanoff, passo a guarda legal de Alexei Romanoff para o diretor da S.H.I.E.L.D., Phillip Coulson, logo após o procedimento de hoje. Todas as transações financeiras necessárias serão realizadas com os fundos da família Romanoff, administrada por Pepper Potts.

Eu, Natasha Romanoff, afirmo que facilitei o procedimento através de práticas adotadas durante meu treinamento de técnicas de Viúva Negra, na Sala Vermelha.

Eu, Natasha Romanoff, afirmo também que pedi ao diretor Coulson e à Srta. Potts que guardassem tudo em segredo, até de mim mesma.

Eu, Natasha Romanoff, afirmo que esta é minha vontade e meu testamento.
Juro por Deus.



AGRADECIMENTOS

COMO JÁ DISSE ANTES, ser convidada para escrever este livro deve ter sido a maior honra da minha vida. Jamais me esquecerei do momento em que recebi a ligação da minha agente, Sarah Burnes, que, por sua vez, tinha acabado de receber a ligação da minha futura editora, Emily Meehan. Eu estava na Itália, de pés descalços, na varanda, com um tomate na mão. Lembro que quase disse que faria de graça. Devemos dar os devidos créditos a Sarah, que ignorou essa parte.

Muito antes desse momento – e deste –, muitas pessoas deram sua contribuição para trazer Natasha Romanoff ao mundo. Stan Lee, junto de Don Rico e Don Heck, apresentou a Viúva Negra ao público em 1964, mas ela teve muitos, muitos autores desde então, e todos eles foram uma grande influência para este projeto. Sou fã de Marjorie Liu e Daniel Acuna, assim como de Nathan Edmondson e Phil Noto, editados por Ellie Pyle. Um trabalho incrível também foi feito pela equipe de criação de Natasha, nos Estúdios Marvel, sob a tutela de Kevin Feige, junto de Joss Whedon, Jon Favreau, Anthony Russo, Joe Russo, Zak Penn, Christopher Markus, Stephen McFeely, Ed Brubaker e Justin Theroux, que deram à Viúva Negra mais público e mais luz.

E, claro, agora é Scarlett Johansson que o mundo vê como Natasha Romanoff – e por direito. Eu mesma, quando escrevo, não posso evitar imaginá-la. A Natasha de Scarlett consegue, de algum modo, ser tanto uma humana com falhas quanto uma força a ser respeitada. Alguém que talvez se sinta mais confortável salvando o planeta do que a si mesma, mas não deixa de tentar fazer os dois. E se você comete o erro de subestimá-la, diminuí-la ou enquadrá-la num estereótipo? Ela vai usar isso contra você para pegar aquilo de que precisa – e dar com a sua cabeça e suas expectativas na parede. E, ah, sim, estamos falando de uma garota.

Muito bem.

O capítulo inaugural da aventura infantojuvenil da Viúva Negra foi moldado principalmente por duas mulheres especialmente criativas – duas (super-)heroínas para mim. Tenho uma dívida eterna para com a diretora editorial Emily Meehan, da Disney Hyperion, que fez um trabalho excelente ao editar este livro – junto de Elizabeth Schaefer – e que incitou aquele primeiro telefonema, naquele dia, na Itália. Ela é um grande talento e uma grande amiga. Também devo muito à diretora de conteúdo e desenvolvimento de personagens da Marvel, a singular e visionária Sana Amanat, que foi quem revisou nosso manuscrito do lado da Marvel e com quem é impossível não dar uma de tiete abertamente. Sana e Emily são aquela rara combinação do criativo com o vencedor: elas entendem do que fazem, entendem Natasha e entendem a mim. Estas páginas teriam sido radicalmente diferentes sem elas (e não num bom sentido!), assim como teria sido com os quadrinhos *teaser* da Viúva Rubra.

Além dessa sinergia simpática entre Emily e Sana, tenho que agradecer também a Andrew Sugerman, da Disney Consumer Products, e a Jeanne Mosure e Rich Thomas, da Disney Publishing, por juntarem um verdadeiro time dos sonhos para a estreia deste livro. Ao diretor de publicidade Seale Ballenger e à gerente de publicidade Mary Ann Zissimos, que fazem o

impossível diariamente. A Tim Retzlaff, Elke Villa e Marina Shults, do marketing, que criam os melhores produtos de merchandising. Ao diretor de arte Tyler Nevins, que supervisionou a nossa capa, incrivelmente perfeita, e ao ilustrador Alessandro Taini e ao designer de fontes Russ Gray, que se superaram, assim como o restante da equipe e da família Disney. Do lado da Marvel, cada conversa e colaboração foi um prazer, com Sana, Charles, Adri, Judy e até o próprio Axel Alonso.

Para a minha equipe, os agradecimentos vão, como sempre, para a minha incansável agente, Sarah Burnes, por ser não apenas esperta, mas também fiel e uma amiga, e a seu assistente, Logan Garrison, da Gernert Company. Obrigada também a Melissa de la Cruz, Michael Fletcher e Julie Scheina, por serem meus oráculos e minhas armas não-tão-secretas. (E Mike, que sua vida seja sempre um estouro!) A meus pacientes tradutores de russo, Abbey Gardner, Dr. Kevin Platt e Maria Grytsenko, que também foi minha expert em ucraniano. A Tori Hill e Shane Pangburn, meus mestres de mídia social, e a Joseph Moretti, pela maravilhosa foto da orelha do livro. Às amigas autoras Marie Lu, Cassie Clare, Brendan Sanderson e Rainbow Rowell, por concordarem em ler (ou pelo menos fingir que leram) todas estas páginas perto do fim dos prazos. A Damon Conn, por me emprestar seus gibis do Homem-Aranha, lá no passado. A 7 Studios, pelos dias malucos de Quarteto Fantástico, em que eu me flagro sempre pensando. A Kami Garcia, por ser minha Justiceira pessoal e minha primeira parceira no crime de escrever. A Veronica Roth, por me convencer a largar minhas árvores (tantas árvores!). A meu irmão de outra mãe, Rafi Simon (junto de Philip, Natalia e India), e a meu irmão da mesma mãe, Dave Stohl (junto de Ashly, Sara, Jake e Charlie). *Obrigada* já não deve nem mais ser a palavra mais adequada. A toda a minha tribo, um abraço gigante e cheio de amor – vocês sabem quem são! Levei muito tempo para me acercar de todos vocês, mas sou muito feliz por tê-los na minha vida.

Um obrigada especial para as Mulheres da Marvel, que botam para quebrar, tanto sob os holofotes quanto nos bastidores. Vocês estão realmente mudando o mundo. Que honra fazer parte desse grupo! À outra metade das Mulheres da Marvel, as centenas de rostos na multidão: não pensem que não as ouvimos. Vamos lutar por mudança – vocês são o motivo pelo qual este livro existe.

E, claro, os maiores e mais melados beijos vão para minha heroica #familianerd: Lewis, Emma, May e Kate Peterson, que são (junto de Kiki e Jiji) o motivo pelo qual me levanto todas as manhãs. Eu sei muito bem a felicidade que sinto, porque tenho vocês (*e a gatinha aqui não está brincando, não. Miau!*). Que garota sortuda eu sou!

M. Stohl
Maio de 2015



www.novoseculo.com.br



#Novo Século nas redes sociais

